

FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA



JUVENTUDE FRANCISCANA
DO BRASIL

JUVENTUDE FRANCISCANA

**FORMAÇÃO BÁSICA DA
JUFRA**

JUFRA
JUVENTUDE
FRANCISCANA
DO BRASIL

Novembro
1998

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL – JUFRA
SECRETARIADO FRATERO NACIONAL
SEDE – RECIFE / PE

ORGANIZADOR

Samir Cristino de Souza
(*Subsecretário da Formação Nacional*)

COLABORAÇÃO

Maria Verônica Avelino
(*Assistente Fraternal Nacional*)

APOIO

SECRETARIADO FRATERO NACIONAL:

Hoberdam José da Mota – Secretário Fraternal
Samir Cristino de Souza – Subsecretário da Formação
Maria Verônica Avelino – Assistente Fraternal
Fr. José Romildo Honorato – Assistente Espiritual Pastoral
Marcelo José da Silva – Subsecretário de Economia
Milena Tavares Sipahi – Subsecretária de Comunicação Social
Maria Clara do Nascimento Santana – Subsecretária de Mini e Micro
Sérgio Gomes de Oliveira – Subsecretário da COODHJUPE
Charles Bezerra do Nascimento – Subsecretário de Imprensa
Marcelo Brandão – Subsecretário da Área NE A1
Augustinha S. Mesquita – Subsecretária da Área NE A
Edmilson Santos Brito – Subsecretário da Área NE B
Marilene Auxiliadora dos Santos – Subsecretária da Área Centro Oeste
Sibele Bruti Paulon – Subsecretária da Área Sul

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS, 5

APRESENTAÇÃO, 6

I. ENCONTRO INICIAL DA FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA, 8

Sugestão de Programação do Encontro Inicial, 9

1. O que é Formação Básica da JUFRA, e qual o seu objetivo, 10
2. Encontre-se com você, 11
3. Espiritualidade Franciscana, 13
4. Ideal Franciscano de Vida, 14
5. Crises na Fraternidade, 16
6. Dinâmica de Reunião de Grupo Fraternal, 17
7. Compromisso Franciscano de vida, 18
8. Diretório das Mútuas Relações entre a OFS e a JUFRA no Brasil, 19
9. Diretrizes da Formação da JUFRA do Brasil, 20
10. Organograma de Funcionamento das Subsecretarias, 21

II. CONHECIMENTO DA FAMÍLIA FRANCISCANA, 23

Sugestões para Fazer Reunião da Fraternidade, 24

1. Francisco de Assis (1ª Ordem), 25
2. Clara de Assis (2ª Ordem), 28
3. Ordem Franciscana Secular (3ª Ordem), 32
4. Vivência do Carisma e dos Valores Franciscanos, 34
5. Conhecimento dos Escritos de São Francisco, 36
6. Regra como Fonte de Inspiração, 38
7. História da JUFRA, 40
8. Organização e Objetivos da JUFRA, 44
9. Conhecimento de Mini e Micro Franciscanos, 44
10. Documentos Básicos da JUFRA do Brasil 50
 - 1 - Manifesto da Juventude Franciscana, 50
 - 2 - Estatuto Nacional da JUFRA do Brasil, 53
 - 3 - Diretrizes da Formação da JUFRA do Brasil, 66
11. Diretório das Mútuas Relações Entre a OFS e a JUFRA no Brasil (D.M.R.), 72

TEXTOS COMPLEMENTARES

1. Fraternidade e Ecologia a partir dos Últimos, 80
2. A Integração do Feminino no Franciscanismo, 84
3. Santa Rosa de Viterbo, 87

III. CONHECIMENTO HUMANÍSTICO, 93

1. Vivência Grupal, 94
2. Dinâmica de Grupo Fraternal, 97
3. Liderança, 105
4. Os Problemas do Jovem no Mundo de Hoje, 110
5. Personalidade, 118

IV. CONHECIMENTO DA IGREJA, 123

1. Projeto de Deus, 124
2. Jesus Cristo e seu Projeto, 126
3. A Caminhada da Igreja, 132
4. A Igreja na América Latina, 139
5. A Igreja no Brasil, 143
6. O Jovem e a Igreja, 145
7. A Igreja e a Transformação Social, 149
8. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, 153
9. Estudo Básico da Bíblia, 154

V. CONHECIMENTO SÓCIO-POLÍTICO, 165

1. Estrutura dos Sistemas Econômicos, Políticos e Sociais, 166
2. Conhecimento da Realidade Brasileira, 170
3. Meios de Comunicação Social, 172
4. Dimensão Social do Evangelho, 175

TEXTOS COMPLEMENTARES

1. O Mundo em que Vivemos, 178
2. O Homem é um Ser Social, 181
3. O Homem é um Ser Político, 183

VI. APÊNDICE, 192

1. Estatuto da Assistência Fraternal a Juventude Franciscana do Brasil, 193
2. Roteiro para Eleição do Secretariado Fraternal Local, 198
3. Ritual para Celebração Eucarística do Compromisso do Jufrista, 199
4. Ritual para Celebração da Palavra do Compromisso do Jufrista, 201
5. Modelo de Ata de Fundação da Fraternidade, 205

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Deus, São Francisco e Santa Clara, pela luz que iluminou meu coração para empreender tamanho desafio que é assumir a formação da Juventude Franciscana do Brasil, diante de tantas dificuldades que esta missão exige.

Em segundo lugar, aqueles que acreditaram e contribuíram para a edição deste livro, principalmente as Missionszentrale der Franziskaner, na pessoa da Irmã Sônia Sturm, que através da sua ajuda generosa e providencial tornou acessível aos jovens da JUFRA do Brasil, uma formação comprometida com o Evangelho e o carisma franciscano.

Agradeço ainda, ao Frei Fernando Schnitker, OFM e ao Frei Afonso Schomaker, OFM Ministro da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, pela atenção carinhosa dada a Juventude Franciscana.

Por fim, à Ordem Franciscana Secular do Brasil, nas pessoas da sua Ministra Nacional, Aparecida Crepaldi e do Assistente Espiritual Nacional, Frei Alberto Beckhäuser, OFM pela solidária ajuda e orientação na elaboração deste livro e o apoio que sempre têm dado à Juventude Franciscana do Brasil.

APRESENTAÇÃO

O jovem é um ser social que está constantemente em relação com seus semelhantes, com a natureza, com todo o mundo que o cerca e também com Deus. O grupo é uma necessidade intrínseca à pessoa, nele ela vive e convive; nasce, amadurece, cresce, descobre, aprende, ensina, recria, multiplica. . .

A Juventude Franciscana que tem uma proposta de vivência cristã destinada a jovens que, por vocação ou carisma, se comprometem com um ideal de vida inspirado na espiritualidade franciscana; que tem estilo e características próprias. Tem como objetivo despertar o jovem para a vivência franciscana, levando-o a uma experiência de vida de fraternidade, criando condições para que viva o Evangelho no contexto da realidade atual, buscando a transformação da sociedade à luz do carisma franciscano.

Por isso, é com grande satisfação que apresentamos este livro, cuja finalidade principal é facilitar e orientar as fraternidades no desenvolvimento da sua formação e na realização plena de seus objetivos, enquanto jovens que acreditam num ideal de vida inspirado em São Francisco e Santa Clara de Assis.

Os temas aqui apresentados estão de acordo com as Diretrizes da Formação da JUFRA do Brasil aprovadas no IX CONJUFRA realizado em São Cristovão Sergipe, no ano de 1995. Eles procuram, com base na própria vivência e convivência e na reflexão, despertar a vocação do jovem para uma experiência mais profunda de fraternidade evangélica.

Além do conteúdo indicado nas Diretrizes da Formação que são: Conhecimento da Família Franciscana; Conhecimento Humanístico; Conhecimento da Igreja; Conhecimento Sócio-Político. Este livro trás também uma sugestão de programação e temas para o Encontro Inicial da Formação Básica e ao final um apêndice onde estão o Estatuto da Assistência Fraternal; um Roteiro para Eleição do Secretariado Local; dois modelos de Ritual do Compromisso do Jufrista e finalizando, um modelo de Ata de Fundação de Fraternidade.

Esperamos que todos possam aproveitar o máximo e, ao final, estarem dispostos a fazerem uma experiência franciscana de fraternidade e partilha da vida. Pois, está é a vida que nós jovens da JUFRA, apesar de nossa fragilidade, queremos viver.

Concluimos, reafirmando que cremos no Amor que vem de Deus, que está em nós, que está no nosso irmão, que está nas criaturas que nos rodeiam, e que nos conduz para uma visão otimista e esperançosa do mundo, do homem e da história. Guiados por Francisco e Clara de Assis, reafirmamos nossa vontade de seguir o caminho de Cristo. A ele, honra e glória pelos séculos. Amém! (M.J.F.)

Samir Cristino de Souza
Subsecretário da Formação Nacional da JUFRA

***ENCONTRO INICIAL DA
FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA***

SUGESTÃO DE PROGRAMAÇÃO PARA O ENCONTRO INICIAL DA FORMAÇÃO BÁSICA

SEXTA-FEIRA :

- 18:00 - Jantar
- 19:30 - Oração inicial
- 20:00 - Dinâmica de apresentação
- 20:30 - O que é Formação Básica da JUFRA e qual o seu objetivo
Escolha das Lideranças e distribuição de tarefas
Normas do encontro
- 22:30 - Oração final

SÁBADO :

- 6:30 - Despertar
- 7:00 - Café
- 8:00 - Oração da manhã
- 8:30 - Tema: Encontre-se com você
- 10:00 - Lanche
- 10:15 - Tema: Espiritualidade Franciscana
- 12:00 - Almoço
- 14:00 - Dinâmica de animação
- 14:30 - Tema: Ideal Franciscano de vida
- 15:30 - Tema: Dinâmica de Reunião de Grupo Fraterno
- 16:30 - Lanche
- 16:45 - Tema: Crises na Fraternidade
- 17:45 - Diretório das Mútuas Relações entre a OFS e a JUFRA
- 18:30 - Jantar
- 20:00 - Convívio fraterno
Dinâmica de relaxamento
- 23:00 - Bênção da noite

DOMINGO :

- 6:30 - Despertar
- 7:00 - Café
- 8:00 - Oração da manhã
- 8:30 - Tema: Diretrizes da Formação da JUFRA
- 9:00 - Tema: Compromisso Franciscano de vida
- 9:30 - Eleição do Secretariado Fraterno Local (Quando houver)
- 10:30 - Lanche
- 10:45 - Celebração do Compromisso do Jufrista
- 12:00 - Almoço (encerramento)

Obs.: Procurem trabalhar estes dias proporcionando, acima de tudo, uma vivência maior entre os participantes com dinâmicas de grupo e metodologia de acordo com o nível da fraternidade.

1. O QUE É FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA E QUAL O SEU OBJETIVO

A Formação Básica da JUFRA, é um período formativo que visa preparar o (a) jovem para assumir seu futuro compromisso de Jufrista diante de Deus e da comunidade. Deve ser precedido de um encontro de caráter informativo-formativo, chamado de Encontro Inicial.

Seu objetivo é despertar o (a) Jufrista para a vivência franciscana, levando-o a uma experiência de vida de fraternidade, criando condições para que viva o Evangelho no contexto da realidade atual, buscando a transformação da sociedade à luz do carisma franciscano (D.F.J.B.).

O Encontro Inicial será trabalhado em dois níveis:

1) **NÍVEL** : Conhecimento básico da vida de fraternidade; como se vive fraternidade; a que devemos renunciar; como serão as nossas relações de irmão para irmão na fraternidade; como enfrentar os problemas e dificuldades da fraternidade e dos jovens que dela participam; como fazer reuniões fraternas.

2) **NÍVEL** : Como será nossa prática apostólica na Igreja e na sociedade.

Em cada um desses níveis nós trabalharemos usando três dinâmicas: **pessoal, grupal e social.**

O QUE É DINÂMICA PESSOAL: por dinâmica pessoal entendemos o treinamento para a mudança de vida do jovem: desenvolvendo dons, talentos, capacidades. É também um momento de parada e revisão de vida. Francisco começou pela mudança de sua vida. Retirando-se aos poucos da vida vazia, recolhendo-se nos arredores de sua cidade (nas montanhas), onde se entregava a longos momentos de solidão total, no silêncio, na oração, na meditação. E começou a se tornar diferente daquilo que era.

DINÂMICA GRUPAL: é a dinâmica que treina para a convivência em fraternidade. Desenvolvendo lideranças, aprendendo a tratar as pessoas com caridade e ternura. Treina a capacidade de compreender as pessoas, de se comunicar, dialogar e amar, superando as dificuldades pelas quais nos tornamos causa de discórdia na convivência com os outros. É momento de abrir o coração para as relações de igualdade, justiça e amor para com todos. Acolhendo as novas idéias e escolhendo sempre o melhor para a fraternidade.

Francisco despertou em alguns colegas o desejo de se entregarem à mesma transformação: Bernardo e Silvestre foram os primeiros que deixaram aquela vida vazia e começaram uma vida diferente, buscando simplesmente viver com toda radicalidade o Evangelho de Jesus Cristo, numa vida profundamente fraterna, conforme uma regra que Francisco, por inspiração, havia escrito.

DINÂMICA SOCIAL: é a dinâmica que treina para o compromisso apostólico na Igreja e na sociedade em que vivemos. Com o objetivo de fazer acontecer o reino de justiça, amor, solidariedade e igualdade entre as mulheres e os homens.

Francisco e seus irmãos, partindo da profunda transformação de suas vidas em nível pessoal e grupal (fraternidade de menores), influenciaram na história da Igreja e do mundo, e os transformaram profundamente. Ainda hoje, continuam a exercer uma influência impressionante.

Quando um homem resolve verdadeiramente se transformar e leva essa resolução às vias de fato, começa a transformação do mundo.

2. ENCONTRE-SE COM VOCÊ

Passamos por momentos em nossas vidas que nos fazem parar e pensar. A vida é uma pergunta e uma resposta.

O ser humano necessita de encontrar respostas para sua vida. De onde viemos? O que estou fazendo aqui? Por que morrerei? O que existe depois da morte? Por que sofremos tanto? Por que uns são felizes e outros não? Por que pregamos tanto a paz e só fazemos guerra? Por que as pessoas se procuram, se buscam? Por que não são capazes de viverem sós? Tem a vida um sentido?

Todas essas perguntas que fazemos têm uma resposta, pois a vida é feita de perguntas e respostas. É na medida em que vou respondendo estas perguntas que me torno mais consciente de minha responsabilidade no mundo. Mas, para encontrar essas respostas é necessário um esforço pessoal. Uma reflexão dos acontecimentos de nossas vidas; da conversa construtiva; da boa leitura. Morrer sem responder essas perguntas é morrer irrealizado. É ter caminhado fora da vida. Enquanto que responder as perguntas é alcançar a realização pessoal, é caminhar para a perfeição.

Assim fez Francisco e Clara de Assis. Com eles aprendemos a parar e refletir sobre nós mesmos, aprendemos também a ser humildes e simples diante da vida. Homem e Mulher simples e livres, que tornaram a humanidade diferente, e muitos hoje tentam seguir seu caminho.

a) CONHEÇA-SE A SI MESMO

Em nós encontraremos as respostas.

Devemos procurar nos conhecer sempre e cada vez melhor.

Quando nós nascemos, recebemos toda marca do mundo em que vivemos, do pai, da mãe, dos irmãos, das relações com os amigos. E com tudo que nos cerca. Do amor, do carinho, da tristeza, da alegria, do equilíbrio, do desequilíbrio, da agressão, da repressão, de tudo que é bom e de tudo que é ruim. De tudo que é negativo, e positivo também. Não somos somente "eu". Somos o mundo que nos rodeia.

A família nos impõe um mundo de valores, costumes e conceitos. Um mundo que é mistura de bem e de mal, de verdades e mentiras. É nessa mistura que formamos o nosso corpo e nossa mente, nossas emoções e nossa vida.

Eu sou o mundo onde nasci. Como vou reagir diante deste mundo?

Diante deste mundo, posso dizer sim e posso dizer não ao meu passado. Chegou o momento de escolher. É o momento de pensar com a minha própria cabeça, sem esperar que os outros pensem por mim. Carrego em mim uma bagagem com coisas positivas e negativas, e posso decidir sobre elas.

Viver é programar-se. Programar a vida é responder as perguntas: O que desejo de minha vida? Como realizarei o meu desejo? Para que realizarei o meu desejo? Como posso programar o meu desejo mais profundo e ser feliz?

b) O DESEJO DO CORAÇÃO

O nosso coração quer ser amado.

Fomos criados para viver em comunhão. Viver esta palavra em todos os sentidos e satisfazer o desejo do nosso coração. Comunhão comigo mesmo, com o Universo, com os outros e com Deus.

Comunhão comigo mesmo : eu me gosto como sou. Gostar-me é aceitar-me. A comunhão comigo mesmo é o ponto de partida para todas as outras comunhões.

Viver em comunhão comigo mesmo é eliminar toda revolta, agressão pessoal, lamentação, insatisfação e toda mágoa com o passado.

Quando estou em briga comigo mesmo, projeto esta briga em todo o meu redor. Quando não me aceito, não aceito os outros nem o mundo. É necessário dialogar com o meu próprio Eu e enfrentar toda minha realidade pessoal. Só o diálogo faz com que todas as coisas em mim se tornem amigas e companheiras.

c) O SER HUMANO É RELAÇÃO

Temos que ter a consciência, acima de tudo, que somos seres de relação, não estamos sós, não vivemos sós, precisamos uns dos outros para viver, para ser feliz. Ninguém é feliz sozinho, sentimos

necessidade de partilhar a vida, ou seja, de manter relações. Apenas assim nos sentiremos realizados, do contrário estaremos vazios e na busca incessante de algo que nos complete. Somos parte de um todo e é nesse todo que nos realizamos.

O maior anseio do ser humano é comunicar-se, conviver e partilhar a vida, os dons e os bens. Este último é o mais difícil, porque vivemos numa sociedade de valores egoístas e individualistas, onde o ter tornou-se mais importante do que o ser.

Para o ser humano chegar à plenitude, precisa trabalhar quatro modelos principais: Deus, eu mesmo, o próximo e as criaturas. Como seria trabalhar o modelo Deus? Deus é Deus, ele não depende de mim. Já que eu existo, como encontro Deus? Uma criança não tem idéia de Deus, às vezes crescemos e não temos idéia de Deus. O caminho é refacionar o eu com Deus e vice-versa. Quem é Deus para mim? Quem sou eu para Deus? Ele sabe que eu existo? Pensa em mim? Qual o meu significado para Deus? Quanto mais perguntar, mais me encontro com Deus e, cada vez mais, teremos a consciência de que Deus está dentro de cada um.

O centro de tudo é o eu mesmo. Tem gente que tem medo de descobrir o Eu interior. O princípio da sabedoria é: conhece-te a ti mesmo. Tem gente que diz: eu sou orgulhoso. Significa que não conhece a si mesmo. A humildade não é negar os próprios valores, é conhecer a si mesmo. Quanto mais eu conheço o meu eu, mais ele vai melhorar. Para São Boaventura, o descobrir o eu mesmo é descobrir o próprio Deus.

O próximo são todas as outras pessoas que estão no mundo. Cada um de nós é sempre original, é sempre novo. É importante a relação do eu com o próximo. É preciso que nos cultivemos interiormente para deixar o outro crescer. Muitas vezes, colocamos barreiras e não deixamos o outro crescer. Temos que deixar a porta da experiência aberta, a possibilidade de se abrir é que faz a plenitude da pessoa.

Quem são as criaturas para mim? Quem sou eu para as criaturas? Muitos acham que tudo é seu: o que eu puder, pego para mim. Faço o que quero, eu sou o dono das criaturas. A solidariedade lembra que somos companheiros das criaturas. Francisco e Clara viveram de tal forma com as criaturas que pareciam ter voltado à inocência primitiva. Cabe a nós, jovens franciscanos, fazer acontecer este mundo de igualdade e fraternidade com todo o universo.

3. A ESPIRITUALIDADE DE FRANCISCO E CLARA

A palavra Espírito vem do latim *spiritum*, que significa sopro, vento, energia, impulso vital.

Espírito, em seu sentido originário, não é uma parte do ser humano diferente do corpo, mas sim uma expressão para designar a totalidade do ser humano enquanto energia, sentido e vitalidade. Espiritualidade significa viver segundo a dinâmica profunda da vida. Ela apresenta um lado **EXTERIOR** que é o conjunto de relações que se dirigem ao encontro, como homem e mulher, a sociedade e a natureza; produzindo solidariedade, respeito às diferenças, reciprocidade a partir dos outros. Possui também um lado **INTERIOR** que se realiza como diálogo com o eu profundo, com o mistério que nos habita e que chamamos Deus, mediante a contemplação, a interiorização e a busca do próprio coração. A espiritualidade une os dois lados num processo dinâmico, no qual vai se construindo a integridade da pessoa e sua integração com tudo que a cerca.

O CAMINHO DA CONTEMPLAÇÃO DE FRANCISCO E CLARA

Mestres na oração e contemplação, Francisco e Clara nunca perderam a oportunidade de ensinar seus irmãos a contemplar. Todo o caminho percorrido para chegar à contemplação passa pelo **olhar** e **pensar**. São as famosas três vias resumidas em **olhe, considere, contemple**.

É pelos olhos que eles abrem as portas para que as imagens vivas do Mistério Criador presente na natureza e nas pessoas, saiam de sua interioridade. É pelo **olhar** das coisas criadas que eles percebem a presença de Deus em tudo.

Quando nós pensamos, refletimos e consideramos a criação, é que percebemos a importância de cada coisa que existe e a necessidade de preservação e de viver em harmonia com todo o Universo, pois somos um todo orgânico, que depende um do outro para viver. E só quando conseguimos olhar bem e entrar nessa harmonia que é **considerar**, é que podemos chegar a **contemplar** e amar a criação, pois seremos iguais a Francisco e Clara : todos irmãos de tudo. Numa completa harmonia e respeito às diferenças.

Devemos fazer essa experiência de **olhar, considerar e contemplar** diariamente, como um exercício de conversão na nossa vida.

4. IDEAL FRANCISCANO DE VIDA

Creemos que, quando alguém realmente resolve mudar, aceita uma dinâmica de verdadeira transformação, de conversão segundo o Evangelho.

Para você começar a mudar, iniciando sua dinâmica **PESSOAL, GRUPAL e SOCIAL**, nós apresentamos o IDEAL FRANCISCANO DE VIDA, como dizia Francisco, a **regra de vida**. A Formação Básica da

JUFRA está toda aqui: se você viver o que agora apresentamos, você é franciscano. Mas se você não tentar viver isso, será perda de tempo.

O IDEAL FRANCISCANO DE VIDA será apresentado em cinco temas: amar até o fim, amar primeiro, fazer bem feito tudo o que for feito, fazer poucas coisas e constrói devagar o teu segredo.

AMAR ATÉ O FIM : Francisco nos deu o exemplo quando disse: "se a mãe ama e nutre o filho segundo a carne, quanto mais cada um de nós devemos amar e nutrir o nosso irmão".

Cada um de nós tem a idéia e a experiência do que significa o amor de uma mãe. Ele é terno, delicado, cuidadoso e responsável. É o amor que sabe dar carinho e sabe das nossas necessidades, é o amor que sabe dizer a palavra certa no momento certo, que ama o filho mesmo quando esse, por infelicidade, se torna ingrato, que compreende tudo e tudo perdoa no filho. Amar até o fim o outro, é assumir esse amor de mãe e vivê-lo em todos os lugares. É fazer pelo outro aquilo que você gostaria que o outro fizesse por você. E só colocamos em prática esse amor se a cada atitude nossa, a gente refletir se é para o bem ou para o mal do nosso irmão, ou do Universo.

AMAR PRIMEIRO: É nunca esperar que os outros tomem a iniciativa. É sempre tentar fazer alguma coisa, mesmo quando não é acolhido, é bom abrir-se quando todos andam fechados; é usar a alegria, o otimismo, o bom-humor, é ser carinhoso, atencioso quando os outros não o fazem. É também colaborar quando ninguém colabora, é assumir quando os outros se omitem. É ir em frente, mesmo quando não se tem apoio. Está é a filosofia de Francisco e Clara.

FAZER BEM FEITO TUDO O QUE FOR FEITO: É tentar fazer com perfeição qualquer coisa que seja necessário fazer, mesmo que sejam as coisas do dia-a-dia, como as tarefas de casa, da fraternidade etc. É fazer com bom-gosto, atenção e cuidado. É fazer também com amor, que você chega à perfeição. E para o FRANCISCANO é necessário fazer com muita alegria. Francisco e Clara descobriram a alegria do sofrimento, e tudo era feito com alegria, principalmente as coisas que, para nós, são um fardo pesado. Assim, devemos nós seguir-lhes o exemplo e fazer bem feito tudo o que for feito, com AMOR, PERFEIÇÃO e ALEGRIA.

FAZER POUCAS COISAS: O franciscano abraça uma vida simples e pobre, que consiste em viver preocupado com poucas coisas, o mínimo possível, só o necessário. Essa norma pede que você elimine de sua vida o que não é necessário. E lute contra a avareza, a cobiça e os desejos vãos. Nós devemos nos preocupar em fazer e ter somente o necessário para a nossa vida.

CONSTRÓI DEVAGAR O TEU SEGREDO: É aprender a viver e agir com calma, tranqüilidade, doçura, em ritmo sereno. Cada ação deve ser saboreada, interiorizada, realizada em paz. A ação não

deve tirar a paz contemplativa que o homem e a mulher conquistam quando abraçam a pobreza. Cada ação que fazemos é portadora de uma mensagem profunda, um segredo íntimo que construímos. precisamos realizá-la em paz, na calma, no silêncio, no domínio sobre nós mesmos.

Ao assumir esta proposta de vida para tentar vivê-la no dia-a-dia, o mais importante é tentar sempre. É começar sempre de novo, como ensina Francisco, e mesmo nas dificuldades que vão surgir, é preciso tentar e tentar sempre. Só assim você poderá realizar na sua vida esse ideal, como Francisco e Clara.

5. CRISES NA FRATERNIDADE

Na fraternidade, é normal que às vezes surjam tensões, discussões entre os irmãos. O grande sinal de integração fraterna está na capacidade da fraternidade superar a crise da melhor forma possível. Aproveitando inclusive, das mesmas para crescer mais ainda. Na fraternidade as crises podem surgir por vários problemas, mas cada fraternidade deve procurar identificar e resolver. Citaremos apenas algumas: **panelismo, caciquismo, machismo, fofuquismo e namorismo.**

PANELISMO: É o perigo que ameaça a fraternidade diante de outros grupos, ou perante novos jovens que desejam entrar na fraternidade. O panelismo destrói profundamente o senso de Igreja, de diversidade de carismas. Quanto mais o grupo é antigo em sua formação emocional e mental, tanto mais se opõe e cria rivalidades diante de outros grupos ou pessoas, e não acolhe bem os novos jovens que desejam entrar na fraternidade. Os jufristas devem ser formados para a alegria de ceder lugar aos outros. Essa abertura em ceder o lugar ao outro, deve vir cheia de disponibilidade, amor, delicadeza e respeito. Os novos que chegam, é como o pulmão sadio que respira ar novo e enche de vitalidade. Entendam os jufristas, que esta abertura para os outros grupos ou pessoas, esse criar um clima em que todos se sentem bem ao contato com a gente, é uma exigência séria do fraternismo Franciscano.

CACIQUISMO: Acontece quando os líderes ou quaisquer outros membros da fraternidade passam por cima das normas que regem a fraternidade, isto é: quando os subsecretários decidem programar algo sem dialogar previamente com o secretário fraterno e o conselho da fraternidade.

Quando os secretários ou subsecretários não explicam claramente para a fraternidade os projetos que pretendem executar, não deixando o grupo questionar e dar opiniões sobre as propostas, e não colocam em votação para que ao menos a metade mais um dos membros aprove. O ideal é conseguir o consenso de todos.

O caciquismo pode ter como causa também a omissão dos membros da fraternidade em assumir suas tarefas, ficando assim tudo nas mãos de uma só pessoa.

MACHISMO: É o comportamento dos rapazes em relação às moças. Na JUFRA, ambos os sexos precisam aprender a caminhar num clima de grande respeito, pureza de sentimentos, pensamentos e atitudes. Devem aprender a cultivar amizades e afetividades. São irmãos e irmãs que abrem, uns para os outros, os caminhos do amor fraterno. Isto é o que dá força à fraternidade. Mas, quando acontece o contrário, isso se torna motivo de crise e impasse sério.

FOFOQUISMO: A fofoca é a arma dos fracos. Aquele que nada fez na vida, precisa se compensar desta frustração destruindo o que os outros fazem. As coisas, então, são levadas de boca em boca, com a finalidade de diminuir, destruir, desmoralizar o outro. É o veneno da vida de uma fraternidade. Combatemos o fofocismo aprendendo a falar das coisas pela frente, face à face, com as pessoas que não gostam de participar de revisões de vida.

NAMORISMO: Problemas de namorados. Na JUFRA, à medida que os jovens forem se conhecendo, deixam de ser namorados e passam a ser irmãos e irmãs. Não podemos admitir na JUFRA o namorado que proíbe a sua namorada de relacionar-se com todos, dançar e conversar ou vice-versa. Também é muita imaturidade dos namorados que, nas reuniões, não se largam nunca, estão sempre perto um do outro, abraçados. Aconselhamos que antes de namorar, cuidem do coração e procurem cultivar amizades profundas. Essa reserva do coração nos jovens, embora custe sacrifícios, tem grande importância na preparação para o matrimônio. É o sacrifício dos corações com grande capacidade de amar.

6. DINÂMICA DE REUNIÃO DE GRUPO FRATERNO

Um grupo fraterno, entre outras coisas, precisa saber reunir-se e, em reunião, precisa saber conduzir um assunto de maneira ordenada, proveitosa, eficiente e racional.

Para a condução organizada de uma reunião de grupo fraterno, é necessário que os jovens saibam ouvir quando alguém fala, para que possam entender o que está sendo falado e poder dar a sua opinião de forma a ajudar na condução ou resolução do assunto. É necessário também o uso de lideranças de reunião. As principais lideranças são: **animador, explicitador, secretário, espiritualizador, recepcionista e cronometrista.**

ANIMADOR: A fraternidade precisa, antes de tudo, de alguém que lhe preste o serviço de condução da reunião, iniciando, encerrando, organizando, disciplinando, propondo, estimulando, anunciando

objetivos, fazendo questionamentos, passando a palavra a quem solicitar, buscando soluções para os impasses de maneira racional, coerente e sem perder muito tempo em discussões que não levam a nada. Uma fraternidade sem animador fica patinando no mesmo lugar, não evolui e as emoções tomam conta dos raciocínios. O bom animador leva a fraternidade a trabalhar em conjunto. O mau animador faz tudo sozinho e toma conta da reunião, só ele sabe, só ele decide.

EXPLICITADOR: O explicitador é alguém convidado para falar sobre determinado assunto. É alguém que tem algo a ensinar. Pode ser qualquer pessoa que é conhecedora de um determinado assunto e vem, convidado pela fraternidade, para fazer uma troca de experiências, pregar algum retiro, dar palestras ou treinamentos.

SECRETÁRIO: É alguém que durante a reunião ou explicitação faz todas as anotações necessárias para ficar registrado em ata. É muito importante anotar tudo o que foi discutido ou apresentado na reunião, pois forma-se assim um registro. É a história da fraternidade que é preservada para toda a vida.

ESPIRITUALIZADOR: É alguém que presta o serviço de criar um clima de oração. Aquele que convoca a fraternidade ao encontro com Deus através da música, da oração espontânea, da meditação da Palavra e prepara as celebrações da reunião. Sempre num clima de muita partilha.

RECEPCIONISTA: É alguém que prepara o local da reunião. Providencia para que o local seja acolhedor, agradável, harmonioso, limpo e bem arrumado. Acolhe os participantes, dando-lhes as boas-vindas e deixando todos à vontade. Está sempre à disposição dos irmãos (ãs) para servi-los no que precisar. Faz a apresentação dos novos participantes e visitantes. Fica sempre atento ao animador para resolver problemas de urgência. Está sempre alegre e chega sempre antes de todos.

CRONOMETRISTA: É alguém que cuida do tempo, do horário de toda a reunião. Negocia o tempo de cada assunto, advertindo discretamente que o tempo já se esgotou. A liderança é importante para que a reunião não se prolongue muito, tornando-se cansativa.

7. COMPROMISSO FRANCISCANO DE VIDA

O compromisso franciscano de vida é uma proposta feita àqueles que acreditam na importância de se comprometer com um ideal de vida. Não o fazemos àqueles que não acreditam nessa importância.

O compromisso franciscano de vida ou profissão franciscana consiste em três pontos essenciais : viver o evangelho de Jesus Cristo,

viver em fraternidade, viver na prática o ideal franciscano de vida. Ele inspirará sua vida cristã na Regra da OFS.

VIVER O EVANGELHO: Viver o Evangelho à maneira de Francisco e Clara é amar mais do que ser amado; compreender mais do que ser compreendido; acolher mais do que ser acolhido; consolar mais do que ser consolado; colaborar mais que esperar que os outros colaborem; levar amor onde há ódio; levar alegria onde há tristeza; pois é dando que se recebe; é perdoadando que se é perdoado, e é morrendo que se vive para a vida eterna! A maneira franciscana de ler o Evangelho lança o homem ao encontro de Deus, na adesão ao Cristo do Presépio e do Calvário, o Cristo da vida pública e da solidão do sacrário.

VIVER EM FRATERNIDADE: é a principal marca do franciscano. O franciscanismo nasce como fraternidade. E a fraternidade para o franciscano é o objetivo primeiro. É o nosso primeiro ideal.

VIVER NA PRÁTICA O IDEAL FRANCISCANO DE VIDA: É resumido em: **Amar até o fim!** Fazer pelo outro, aquilo que sua mãe faria por você.

Amar primeiro! É não esperar que os outros venham ao seu encontro. É você ir ao encontro do outro primeiro.

Fazer bem feito! Isto é, com perfeição, com amor e com alegria.

Constrói devagar o teu segredo! É viver a vida saboreando todos os momentos, sem pressa e com muita paz.

Fazer poucas coisas! É não querer abraçar o mundo de uma só vez. É ter poucas coisas, o necessário para se viver.

8. DIRETÓRIO DAS MÚTUAS RELAÇÕES ENTRE A OFS E A JUFRA NO BRASIL (D.M.R.)

INTRODUÇÃO

1. Após longa caminhada, a Ordem Franciscana Secular (OFS) e a juventude Franciscana (JUFRA) no Brasil, chegam felizmente a um acordo no tocante às mútuas relações e intercomunhão.
2. Este Diretório quer ajudar a concretizar nas Fraternidades de todos os níveis o mútuo relacionamento e cooperação entre a OFS e a JUFRA no Brasil.
3. As normas constantes neste Diretório inspiram-se no longo diálogo exercido entre as direções nacionais da JUFRA e da OFS, em especial no chamado "Acordo de Anápoles" (1984), aclarado pela Assembléia Nacional da OFS em Nova Iguaçu em 1985 e nas resoluções do VI CONJUFRA, realizado em São Luiz do Maranhão em fevereiro de 1986.

4. Toda esta caminhada que, infelizmente, ainda não chegou de maneira adequada às bases, foi aclarada e confirmada pelas novas Constituições Gerais da OFS, aprovadas pela Santa Sé a 8 de setembro de 1990.
5. Este Diretório apresenta, pois a todos os irmãos e irmãs da OFS do Brasil e aos Jovens da JUFRA, bem como aos respectivos Conselhos em todos os níveis os Documentos referentes ao mútuo relacionamento entre a OFS e a JUFRA para serem conhecidos, constatações deles tirados e normas concretas para serem seguidas.

9. DIRETRIZES DA FORMAÇÃO DA JUFRA DO BRASIL

DEFINIÇÃO :

As Diretrizes da Formação da JUFRA são orientações para as diversas etapas da caminhada formativa do (da) jufrista.

OBJETIVO GERAL :

Levar o (a) jufrista através das etapas da formação, a um aprofundamento e vivência dos valores humanos e cristãos, bem como a um discernimento, crescimento e compromisso com a vida franciscana secular e com a Igreja.

OBJETIVOS ESPECÍFICO :

As Diretrizes da Formação da JUFRA pretendem :

- a) Despertar e vivenciar o carisma franciscano secular;
- b) Levar o (a) jufrista a um compromisso de vida evangélica em fraternidade, segundo o carisma franciscano, criando condições para a profissão na OFS;
- c) Conscientizar o (a) jufrista para o espírito de oração que conduza à unidade entre fé e vida;
- d) Aprofundar a dimensão sócio-político-econômica, religiosa e cultural, capacitando o (a) jufrista a adquirir uma visão crítica da realidade e reconhecer-se como sujeito de transformação dessa realidade, tendo como referencial o Evangelho de Jesus Cristo;
- e) Conscientizar o (a) jufrista da necessidade de sua inserção no mundo, através da participação ativa, individual e coletiva na sociedade;

- f) Comprometer o (a) jufrista com o processo de renovação da OFS;
- g) Estreitar o relacionamento do (a) jufrista com sua família e das famílias entre si;
- h) Levar o (a) jufrista a inserir-se na Pastoral Orgânica da Igreja, dentro do espírito de comunhão e participação.

ETAPAS DA FORMAÇÃO:

a) A JUFRA do Brasil tem em suas Diretrizes da Formação as seguintes etapas: **FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA; ETAPA DA FORMAÇÃO FRANCISCANA e FORMAÇÃO DO JUFRISTA PROFESSOR.**

b) Compete ao Secretariado Fraternal Regional a preparação e execução do Encontro Inicial, bem como o acompanhamento de cada etapa da formação.

c) No caso de não haver um Regional estruturado, cabe à Subsecretaria de Área, com a colaboração do Regional da OFS, a preparação e execução do Encontro Inicial, bem como o acompanhamento de cada etapa da formação.

10.ORGANOGRAMA DE FUNCIONAMENTO DAS SUBSECRETARIAS

SECRETÁRIO FRATERNAL: É o animador geral da fraternidade. Suas funções são basicamente essas: reunir-se com o seu secretariado para elaborar planos, revisar condutas, discutir propostas com a fraternidade, manter sempre os assistentes (espiritual e fraternal) informados sobre a fraternidade, dialogar com cada irmão, ouvir, receber queixas, reivindicações, estar atento aos problemas de cada um, acalantar, animar, consolar, entusiasmar. O secretário deve conhecer a cada irmão da fraternidade, isto é, precisa se aproximar profundamente de cada irmão, com espírito de bondade, humildade, compreensão, carinho, respeito e atenção.

SUBSECRETARIA DE FORMAÇÃO: É a subsecretaria encarregada da formação do jufrista. Sua função é desafiar a fraternidade para o aprofundamento de estudos básicos que contribuam para sua formação integral. Convoca para cursos e treinamentos, promove momentos especiais de reflexão, fornecendo-lhes as fontes necessárias.

SUBSECRETARIA DE LITURGIA : É a subsecretaria que deve proporcionar à fraternidade, conhecimento e aprofundamento na vivência litúrgica e do jovem na Igreja. Sua função é dar subsídios e orientações na preparação e execução de celebrações litúrgicas, bem como

promover o engajamento nas equipes paroquiais de celebrações litúrgicas, bem como efetiva na vida litúrgica da comunidade.

SUBSECRETARIA DE FINANÇAS : É a função que deve encontrar formas de suprir as necessidades financeiras da fraternidade ou do Secretariado. Deve ser um subsecretário(a) responsável e competente, criativo e suficiente para encontrar meios adequados de arrecadar recursos. É responsável por toda contabilidade da fraternidade.

SUBSECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL : É a subsecretaria que estimula e desenvolve a comunicação, o intercâmbio e o relacionamento entre fraternidades distritais, regionais, nacional e demais organismos e/ou entidades. Sua função é divulgar a fraternidade, sua vida, experiência, acontecimentos. É sempre um elo de ligação entre fraternidade distrital, regional e nacional.

SUBSECRETARIA DE ESCRITURAÇÃO E ARQUIVO: É a subsecretaria encarregada da administração dos arquivos, livros de escrituração, pastas, documentos, fichários, atas, registros diversos e arquivamento da correspondência. Sua função principal é zelar para que a história da fraternidade ou do Secretariado fique registrada.

SUBSECRETARIA DE MINI E MICRO - FRANCISCANOS: É a subsecretaria encarregada de assessorar os grupos de Mini e Micro Franciscanos no que se refere a formação, organização, inserção, lazer, atividades diversas. É a subsecretaria encarregada de criar intercâmbio entre as fraternidades de Mini e Micro - JUFRA da região ou do Brasil.

COORDENADORIA DE DIREITOS HUMANOS, JUSTIÇA, PAZ E ECOLOGIA (COODHJUPE): É a subsecretaria responsável pela luta do direito e respeito à vida. Sua função é promover o apoio a manifestações de defesa do meio ambiente e preservação de todas as formas de vida, buscando informações, promovendo campanhas de conscientização, debates e conferências com autoridades, grupos e pessoas comprometidas e atuantes nessa área. Forma para a cidadania, o apostolado do leigo na Igreja e no mundo.

*CONHECIMENTO DA FAMÍLIA
FRANCISCANA*

SUGESTÕES PARA FAZER REUNIÃO DA FRATERNIDADE

1 - Para realizar bem as reuniões:

Cada jovem da fraternidade deve ser estimulado a sentir-se um animador de cada reunião e responsável por ela. Por isso, os diversos serviços devem ser assumidos nas reuniões por jovens diferentes.

Cuidados essenciais que se deve ter:

Ambiente: varrer o lugar, enfeitar com cartazes e mensagens de otimismo (equipe de recepção) etc.;

Coordenação: preparar junto com o animador da fraternidade o assunto a ser estudado: cuidando do material necessário e fazendo o grupo participar bem;

Memória: lembrar aos irmãos o dia da próxima reunião, relembrar o assunto principal da reunião anterior fazendo perguntas, usando cartazes ou de outra forma criativa. Relembrar também o compromisso assumido;

Animação: preparar brincadeiras para a reunião.

2 - Roteiro para reunião da fraternidade:

Colocamos aqui um roteiro que pode ser usado em todas as reuniões, ou mudado de acordo com a criatividade da equipe de coordenação.

- **Acolhimento** bem animado pela equipe de recepção;
- **Celebrar e rezar** com cânticos e orações criativas;
- **Memória** da reunião passada e revisão dos compromissos;
- **O Assunto a ser estudado** deve ser preparando utilizando várias dinâmicas: estudo em grupo, vídeo, encenações, gincana, GVGO, poesia, música, etc.;
- **Assumir um compromisso** concreto para a vida;
- **Lazer** bem animado com as brincadeiras preparadas, dinâmicas de grupo e um lanche fraterno;
- **Bênção final** com orações espontâneas e cânticos;
- **Despedida fraterna** com abraço da paz.

3 - Outras atividades:

A fraternidade deve ser criativa e organizar de vez em quando atividades para o grupo ou comunidade. Por exemplo:

- Fazer um mutirão para ajudar um necessitado ou a serviço da comunidade;
- Preparar uma dramatização para uma festa da padroeira;

- Estudar temas de acordo com o tempo da igreja;
- Visitar uma fraternidade próxima;
- Organizar grupos de teatro, dança e música;
- Realizar passeios e excursões. etc.
- Serviços pastorais: da criança, dos enfermos, carcerária, dos idosos da juventude, etc.

1. FRANCISCO DE ASSIS (1ª ORDEM)

Francisco nasceu em 1181 em Assis, pequena cidade da Úmbria, região de grande doçura e inspiração. Filho de um rico comerciante de tecidos, Pedro Bernardone, que trazia seus produtos de vários mercados europeus, especialmente da França (daí o nome de Francisco), era um representante típico da classe emergente, a burguesia comercial e monetária. Francisco era o cabeça de uma sociedade de jovens libertinos, entregues às cantigas, aos jogos e grandes banquetes. Irrequieto e extremamente sensível, serve de caixa de ressonância dos projetos que ocupavam a cabeça dos jovens na época. Francisco tenta realizar cada um deles: o projeto burguês de ser rico, o projeto feudal de ser nobre cavaleiro, o projeto religioso de ser monge. Cada projeto destes apresenta sua utopia, seu ideal de perfeição e heroísmo. Francisco tenta todos eles, quis ser rico como seu pai, experimentou ser cavaleiro nas Apúlias e ensaiou por breve tempo ser monge. Mas distancia-se de todos eles, pois nenhum lhe falava à profundidade e o entusiasmava. Entra em crise existencial percebida por todos da cidade. Faz-se penitente como tantos em seu tempo. Vive nas florestas vizinhas e nas cavernas entregue à oração e à busca. Até que descobre seu próprio caminho.

A *Legenda Perusina*, um dos textos mais fidedignos, relata um episódio da vida já adulta que revela a intuição original de Francisco. Estão os frades seguidores reunidos para discutir os caminhos da comunidade, entre os quais alguns intelectuais. Tomam como referência as regras experimentadas de Santo Agostinho, de São Bento e de São Bernardo. Dirigem-se ao cardeal Hugolino (posteriormente o papa Gregório IX) para que ele persuada Francisco a inspirar-se em tais exemplos a fim de ter uma vida religiosa bem ordenada. Francisco ouviu tudo. Depois, tomou o cardeal pela mão e o conduziu diante da assembléia. Proferiu estas memoráveis palavras, chave para entender o seu projeto de vida: "Irmãos meus, irmãos meus, Deus me chamou a caminhar a via da simplicidade e ma mostrou. Não quero, pois, que me nomeeis outras regras, nem aquela de Santo Agostinho, nem aquela de São Bernardo nem aquela de São Bento. O Senhor me revelou sua vontade de que fosse um *novo louco no mundo*: esta é a ciência à qual Deus quer que nos dediquemos". Morrem os heróis antigos, surge a criatividade e a novidade.

Aqui está o caminho próprio de São Francisco: fora dos sistemas vigentes, fora do sistema burguês emergente; fora do sistema feudal decadente; fora do sistema religioso-monacal, imperante. É louco (*pazzus*) somente para estes sistemas, que abandona. Ele segue seu próprio caminho que o faz, no dizer de seu biógrafo Tomás de Celano, "um homem de um século novo", de um paradigma novo. Seu projeto é "viver segundo a forma do santo Evangelho", como o resume em seu testamento. A regra que deixou reza: "a regra e vida dos frades menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo". As palavras que seguem são um acréscimo, exigido pelas instâncias de controle religioso em Roma: "vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade". Francisco chama a sua opção também de "a via da simplicidade", pois toma os Evangelhos simplesmente como os encontra e os vive sem glosa.

Mas falta-lhe o contexto concreto no qual dará corpo ao seu projeto. E ele surgiu assim: Certo dia, depois de muitos jejuns e orações, iluminou-se-lhe a alma. Os amigos perceberam as mudanças e o interrogaram. E ele falou na linguagem do enamoramento: "estou pensando em tomar uma esposa, uma incomparável princesa" (2 Celano, 7). Era a dama pobreza. Converteu-se aos pobres. Muda de lugar social, abandona sua classe de origem e opta pelos mais pobres dos pobres, os leprosos. Não fundou nenhum lazareto ou obra assistencialista. Ele mesmo vai morar no meio deles, cuida deles, acaricia-os e come da mesma escudela com eles (cf. 1 Celano 17; 2 Celano 9).

É a partir desta opção pelos pobres que descobre o puro Evangelho como boa notícia e o pobre por excelência, Jesus Crucificado.

Começa reformando materialmente igrejinhas e capelas em ruínas. Depois se dá conta de que o edifício espiritual da Igreja deveria ser reconstruído a partir da simplicidade, da pobreza e do Evangelho. Assume a vida evangélica e apostólica: vai pelos caminhos, sempre em pequenos grupos de seguidores, pregando aos que encontram, nos vicos, nas praças públicas e nos campos, em língua popular, os conteúdos do Evangelho. Um novo estilo de Igreja surge, não aquela imperial e feudal dos papas e bispos, nem da estabilidade do lugar dos mosteiros (típicas da vida monástica) mas aquela da "peregrinatio evangelii" (da peregrinação do Evangelho), que nasce nas bases, no meio do povo e dos pobres, que une fé e vida, contemplação e ação, trabalho e celebração.

Esse enraizamento popular do Evangelho se traduziu por uma reinvenção de símbolos religiosos: a celebração das missas fora das Igrejas, a recitação das horas canônicas no meio da natureza, a constante adoração eucarística nas igrejas, a representação do nascimento de Cristo pelo presépio, a meditação dos passos da paixão, da via-sacra e a leitura popular das Escrituras. Tudo isso foi introduzido pelo movimento pauperista franciscano. Importa recordar que São Francisco não foi um clérigo mas um leigo que, por sua conta e risco,

sem nenhum mandato institucional, mobilizou a base da cristandade e conferiu um novo rosto ao fenômeno cristão.

Em 1209 consegue do papa em Roma a aprovação do seu caminho, o que foi definitivamente confirmado em 1223. Nasce a Primeira Ordem Franciscana. Multidões o seguem, homens e mulheres, como Clara de Assis, sua amiga e confidente, que funda com ele a Segunda Ordem Franciscana das Clarissas. Os leigos, que vivem em suas profissões e que se fascinam por seu modo de ser, quiseram se associar e assim surgiu a Terceira Ordem Franciscana Secular.

Cortesia, carinho, ternura são marcas registradas de sua prática a mais inclusiva possível, como se mostra nos seus relacionamentos para com Deus e Cristo, ressaltando as dimensões da misericórdia, do presépio, da cruz, da Eucaristia, para com Clara, sua companheira de experiência espiritual, para com os irmãos a quem aconselha serem mães uns dos outros, para consigo mesmo, denominando-se efetivamente de Poverello (pobrezinho) e Fratello (irmãozinho), e para com os elementos da natureza, chamando-os a todos de irmãos e irmãs. Esta matriz espiritual constitui a chave para um relacionamento benfazejo. O ecológico se realiza neste tipo de atitude vivida de forma tão conseqüente e exemplar por São Francisco.

Ao tempo de sua morte, em 1226, já se contam mais de 20.000 franciscanos da Ordem I em quase toda a Europa.

PARA REFLETIR :

- 1) Quais os projetos que Francisco tinha para sua vida?
- 2) Quais os projetos que temos hoje para nossa vida?
- 3) De que forma podemos assumir o projeto Evangélico de Francisco e Clara?
- 4) Como nasceu a 1ª Ordem?
- 5) A partir do que foi refletido, tire uma ação concreta pessoal e comunitária para viver.

2. CLARA DE ASSIS (2ª ORDEM)

Clara, como personagem social, situa-se num momento crítico em que há rupturas e transformações na sociedade e na Igreja. O sistema feudal vive fases de estremecimento. As cidades estão em expansão e a burguesia emerge. Os nobres da Itália estão em franco declínio e as comunas entram em conflito entre si. A Igreja, desorientada perante a situação, continua a ver a si mesma e a sociedade a partir de sua própria riqueza e estrutura de poder. O mundo feudal desmorona, mas ela continua feudal, com suas posses, domínios e sistema de benefícios.

Em meio a essas mudanças sociais, nascem numerosos movimentos religiosos baseados no retorno à vida evangélica e apostólica, que acentuam a pobreza, a fraternidade, o testemunho e a pregação.

É este, resumidamente, o quadro do final do século XII e de todo o século XIII. É esta a época em que viveu Clara.

Italiana de Assis, na Úmbria, nasce em 1194. Filha dos condes Ortolana e Favarone de Offreduccio, vive a sua infância e juventude no seio de uma família de *maiores*.

Mas Clara, de seu lugar social da nobreza, está atenta à realidade dos menos providos, dos excluídos dos programas do sistema feudal: reparte às escondidas com os pobres até mesmo o que lhe serve de sustento.

Provavelmente entre os anos de 1202 e 1205 a família de Clara teve de se refugiar em Perúgia, durante a guerra entre as duas comunas rivais, Assis e Perúgia.

Embora seja uma das santas mais bem documentadas da hagiografia medieval, é muito difícil determinar o momento preciso em que, na sua juventude, Clara sentiu-se chamada a uma vocação diferente. O que se pode afirmar, com base nas fontes, é que o movimento franciscano, com seu ideal de vida pobre, teve um impacto sensível sobre ela. Em seu autêntico esforço de vida cristã, em seu idealismo, ela se sente tocada pela conversão de Francisco, filho do comerciante Pedro Bernardone.

Sua vocação, decididamente, será inspirada pelo nascente movimento. Porém, o novo caminho espiritual que Clara irá trilhar deverá traduzir seu ser feminino e se definirá, além disso, como próprio, original, único: marcadamente clariano.

A partir de 1210, Clara entra em contato pessoal com Francisco. Perfaz com ele uma longa jornada de encontros onde se aprofunda a partilha dos ideais. É uma relação de verdadeiros irmãos, numa reciprocidade profunda que converge no amor de Deus.

Amadurece sua decisão vocacional, que se conclui com a fuga do palácio da praça de São Rufino, na noite do domingo de Ramos de 1212, aos seus dezoito anos. Na capelinha de Santa Maria dos Anjos, Clara inicia um novo estilo de vida evangélica. Ali nasce a Ordem que

levará o seu nome, quando Francisco corta os seus longos cabelos louros, como sinal de sua consagração definitiva ao projeto que Deus tem para ela.

Depois de uma breve permanência em dois mosteiros beneditinos da Úmbria, onde enfrentou a revolta da família por causa de sua decisão (e igualmente de sua irmã Inês que a segue logo após), Clara muda-se para São Damião, um pequeno mosteiro fora dos muros e nas proximidades de Assis.

Ali passará os seus quarenta e dois anos restantes de existência. Enclausurada, pobre, define com seus próprios passos as pegadas que as suas irmãs e companheiras deverão seguir. Com efeito, atraídas pelo gesto da nobre, rica, bela Clara, muitas jovens da época escolhem viver como "menores" neste caminho novo iniciado por esta "nova líder das mulheres".

Os testemunhos dados no Processo de Canonização são riquíssimos e comoventes acerca da vivência de Clara em São Damião. Testemunham sua definida opção contemplativa inebriada de alegria, seu serviço humilde e terno, sua pobreza radical, enfim, sua fibra de mulher que soube lutar por aquilo a que se propôs.

Nos seus contatos com bispos, cardeais e papas, deixa-se entrever a sua personalidade firme e consciente de um chamado evangélico a desenvolver. Frente às insistentes instâncias para que venha a aceitar a atenuação de sua opção, que a levou na aventura da pobreza radical, permanece fiel à experiência inicial de sua vida religiosa, e continua lutando até o final da existência, quando vê assegurada, na aprovação de sua Regra, o carisma da pobreza absoluta.

Na história complexa das várias Regras vividas por Clara e por suas irmãs em São Damião desde 1212 até a aprovação da Regra própria em 1253, define-se com precisão e constância a presença de uma clausura austera. As Damianitas são conhecidas como "mulheres reclusas" e nos documentos da diplomacia eclesiástica esta denominação aparece pela primeira vez com as Clarissas, ratificando o que já era vivido anteriormente aos documentos, por Clara e suas companheiras. A clausura imposta a todas as comunidades femininas virá, só posteriormente, com a margem de quase um século de distância da experiência inicial das primeiras Clarissas.

Não há dúvida de que a vida de Clara foi realmente cheia de lutas. No seio de uma Igreja e de uma sociedade com seus profundos desafios, Clara deixou o vivo testemunho de alguém que opta pelo essencial, que faz uma mudança de lugar social e se põe entre os pequenos, vivendo como eles.

Esta troca, que se afirma como escolha sempre mais consciente e radical, tem conseqüências bem definidas para o seu contexto e vai influenciar grandemente a sua época. A Europa inteira é tocada pelo contágio de seu gesto e numerosas mulheres iniciam um tipo de vida inspirado naquele iniciado por Clara.

A força da personalidade de Clara encanta e ilumina. Isto porque traz a marca de uma profundidade e de um equilíbrio grandioso.

Clara demonstra ser, desde muito jovem, uma mulher firme e decidida. A determinação com a qual enfrenta oposições à sua decisão e posteriormente ao seu ideal de pobreza absoluta define estes traços de firmeza e decisão na psicologia clariana.

O seu perfil feminino, maternal e fraterno se delinea especialmente na sua capacidade extrema de compreensão, acolhimento, ternura, afeto. As fontes revelam em abundância suas atitudes e sua postura amorosa, atenta e serviçal. Coloca-se como serva humilde de suas irmãs, lava seus pés, serve-as à mesa, levanta-se à noite para cobri-las, atende ao cuidado das enfermas.

Em sua feminilidade autêntica, bonita e elegante, possuidora de uma sensibilidade profunda, soube crescer em maturidade psicológica, integrando a radicalidade do amor a Deus com as mais puras expressões do puro amor humano.

Saberá, em razão disto, doar com equilíbrio e inteireza, até o extremo de suas forças físicas e morais, as suas potencialidades a serviço do ideal de sua juventude.

Clara se encerra em São Damião e ali se alargam para ela as portas de uma longa noite de contemplação. Abre-se a entrada para o mistério de Deus: neste mistério se "enclausura" e nele transparece então algo que os sentidos podem captar. Deste mistério de escondimento em Deus, a clausura material é apenas um sinal.

Entre aqueles simples muros, aquelas paredes estreitas, Clara viverá a liberdade da intimidade plena com seu senhor. É ali que ela abraça o mundo, acolhe todas as suas necessidades e as eleva na oração.

Quando em 1220, após a morte martirial dos primeiros irmãos menores no Marrocos, Clara sente o impulso missionário de dar também a sua vida como testemunho e anúncio do Evangelho, tem-se a certeza de que esta é a evidência e expressão do ardor apostólico que permeava a sua experiência contemplativa. Torna-se claro o íntimo liame e a profunda conexão que transborda límpida: sua vocação contemplativa e missionária a um só tempo.

Clara não escreveu muito, mas suas idéias são profundas. Possui uma maneira extremamente ardorosa de expressar suas concepções, condizente com a sua cultura e inteligência. O seu estilo é pessoal, feminino, próprio. Inegavelmente, está ligado à experiência contemplativa. Clara é fluente e límpida na expressão de seu pensamento e vai direto ao essencial, não se detendo em meias medidas.

Seus escritos estão plenos do que ela foi e viveu; neles se revela, em cada frase ou palavra, a pedagoga, uma mulher de Deus. Seu tom exortatório, afetivo e profundamente humano traduzem uma experiência vivida no mistério da crescente plenitude que a faz despojada de toda segurança afora Deus.

A pedagogia de Clara como mestra espiritual, o segredo de sua vida de "sororidade" e contemplação, apresenta-se como a busca de um seguimento evangélico sempre mais autêntico e transparente. É a isto que ela orienta suas filhas e irmãs, que com ela partilham a existência pobre e cheia de fadigas e lutas. Educava-as com tal pedagogia e fazia-as progredir em tão delicado amor que não há palavras para exprimir toda a sua dedicação.

Abrir-se ao Espírito é o ponto de partida na via da contemplação: o itinerário de oração de Clara faz emergir esta verdade de modo evidente. Não é basicamente um método, mas unicamente experiência, vida vivida inteiramente com Deus. A oração de Clara é um olhar contínuo, tanto da mente como do coração, para Deus. Uma contemplação ativa, unida ao serviço aberto, despojado e à atitude de pobre frente ao Senhor. Traça um caminho de libertação dos condicionamentos humanos, para oferecer-se como um campo disponível à ação do Espírito.

Para se compreender o relacionamento de Clara com Francisco, importa considerar o sentido específico desta relação. Os termos do relacionamento não significam rompimento da ternura e do amor: Clara não tem receio de derramar sobre Francisco as primícias de seu afeto, porque é livre para o absoluto de Deus, e suas atitudes estão ordenadas a um amor maior.

Nesta relação transparece, portanto, uma limpidez em grau eminente. "Entre ambos existe amor e relações de ternura extraordinária, mas ao mesmo tempo uma transparência de intenções e convergência no amor de Deus contra toda e qualquer suspeita. Existe aí algo de misterioso, de eros e de ágape, de fascinação e de transfiguração".

Clara de Assis, "nova líder das mulheres", revela o seu itinerário humano e espiritual numa íntima conexão com a coragem profunda e dinâmica das mulheres novas da América Latina, em seu amor e na sua doação pelos pobres e pelo Cristo pobre.

A mesma opção definida pelo caminho da liberdade evangélica as une, superando oito séculos de distância. Clara é sinal profético para a mulher latino-americana, que redescobre a sua força de mulher evangelizadora quando, por amor de Jesus e dos irmãos, se faz uma entre os pequeninos, privilegiados e amados pelo Deus do Reino.

PARA REFLETIR :

- 1) Qual o contexto histórico do nascimento de Clara de Assis?
- 2) Como se revela a personalidade e a feminilidade de Clara?
- 3) Como nasceu a 2ª Ordem?
- 4) Após a reflexão do texto, que ações concretas tiramos para a nossa vivência diária?

3. ORDEM FRANCISCANA SECULAR - OFS (3ª ORDEM)

A pregação evangélica de São Francisco dirigiu-se a todos os homens e mulheres, também aquela maioria que recebe de Deus a vocação de assumir as responsabilidades da vida secular. Para todos os que sentiam o desejo de tomar a sério o Evangelho das bem-aventuranças nos seus lares, no trabalho profissional e nas relações sociais e civis, surgiu a terceira ordem para seculares.

Na grande obra de renovação de vida evangélica na Igreja, eles deveriam cumprir a missão de ser o fermento no meio da massa (Mt 13,33).

A primeira orientação dada por São Francisco é a Carta aos fiéis, de 1215, para clérigos (letrados da época), leigos, homens e mulheres. Hoje esta carta compõe o prólogo da Regra da OFS.

Sob o pontificado de Inocêncio III e, mais ainda, de Honório III, por iniciativa, principalmente, do Cardeal Hugolino, observa-se uma preocupação da Santa Sé por comunicar ao movimento penitencial uma maior coerência e até uma personalidade canônica definida, ao mesmo tempo que se tende a imunizá-lo contra o contágio da heresia. A verdade é que este movimento estava adquirindo caracteres de um fato novo sob a ação renovadora de São Francisco e de sua Ordem. O cristão leigo dos povoados italianos participava das aspirações de um cristianismo mais radical. E é precisamente esta nota de secularidade que distingue as fraternidades de inspiração franciscanas das anteriores (Lázaro Iriarte, OFMcap. História Franciscana, p. 538).

Duas coisas devemos salientar no conceito da Ordem Terceira: as características de uma Ordem e de uma escola.

1) Desde o início, a Igreja reconheceu-a como uma verdadeira Ordem, por ter ela nascido na mesma fonte e para o mesmo fim, quanto as duas primeiras Ordens de São Francisco.

2) Todas as três, segundo a inspiração do fundador, não deviam ter senão uma única finalidade que é o Santo Evangelho de Cristo e, todas as três deviam servir ao único fim de renovação da vida cristã na Igreja.

Tratava-se de um único movimento evangélico, em que as três ordens se completavam e se exigiam mutuamente.

A terceira Ordem Secular, era particularmente, imprescindível na grande obra de restauração da Igreja.

Esta penetração far-se-ia através de uma Ordem organizada pela própria Igreja, mas entregue por ela aos cuidados dos Frades Menores. Nesta Terceira Ordem, os leigos recebiam o duplo apoio: O cultivo do Espírito de São Francisco e a disciplina de uma vida comunitária de leigos numa fraternidade de irmãos.

3) A Ordem Franciscana Secular é uma escola, mas não é como as outras escolas para um tempo determinado até a entrega do diploma. Não. Ela é uma escola permanente, pois, o franciscano secular continua sempre um discípulo de Cristo.

É um cristão que vai toda a vida à escola de São Francisco para aprender a viver melhor o Evangelho. Esta escola não fica reservada a uma determinada idade. A tal sexo, a tal profissão, a tal classe social, a tal ambiente. Não. Todos tem acesso a esta escola de vida evangélica. O que lá se aprende é a vida ensinada pelo próprio Jesus Cristo no Evangelho e esta é uma só.

Há, porém, muitas escolas na Igreja que ensinam esta vida. Cada uma tem a sua maneira, seu método e seus caracteres distintos. A nossa escola é chamada franciscana, pois, inspira-se no espírito e na vida de São Francisco, o santo da alegria, da pobreza, da humildade e do amor. Tendo esse espírito o franciscano secular será sempre um apóstolo benquisto no próprio meio, irradiando o amor, a paz, a simplicidade evangélica de que ele se encheu na vida da fraternidade.

Levado pelo amor a Cristo e aos irmãos, ele ainda se porá a serviço das necessidades espirituais e materiais da comunidade, na medida de suas forças. Para não desanimar será necessário alimentar sempre a luz e reacender sempre o fogo do amor, freqüentando a escola do Santo Evangelho como discípulo de Cristo e de São Francisco.

ORGANIZAÇÃO

A OFS é organizada em Fraternidades Locais que são o núcleo mais importante de toda a organização. A Fraternidade Local é animada e dirigida por um Conselho e um Ministro.

As decisões mais importantes da Fraternidade são tomadas democraticamente com a participação de todos os irmãos(ãs) numa assembléia que chamamos de Capítulo.

O conjunto das Fraternidades Locais, representadas pelos seus respectivos Ministros, forma uma Fraternidade de nível superior chamada de Fraternidade Regional. Esta Fraternidade também é animada por um Conselho, Regional e um Ministro. A Assembléia, o Capítulo Regional é composto por todos os Ministros das Fraternidades Locais, junto aos seus Vices e Assistentes Espirituais.

O conjunto das Fraternidades Regionais, representadas por seus Ministros, forma uma Fraternidade de nível superior chamada de Fraternidade Nacional, que também é animada por um Conselho, Nacional e um Ministro. As decisões mais importantes são tomadas em conjunto por uma Assembléia ou Capítulo Nacional.

Por sua vez os Ministros Nacionais de cada nação participam de uma Fraternidade Internacional, com sede em Roma, na Itália, que é animada por um Conselho Internacional e um Ministro.

PARA REFLETIR :

- 1) Como nasceu a Terceira Ordem Franciscana ou OFS?
- 2) Por que a OFS é considerada como uma escola?
- 3) O que é uma Ordem?
- 4) Como a OFS está organizada?
- 5) Como nasceu a OFS de sua cidade?

4. VIVÊNCIA DO CARISMA E DOS VALORES FRANCISCANOS

Refletir sobre o franciscano no mundo de hoje é apresentar-se para diversos questionamentos que partem deste tema. Além disso cabe a todos uma crítica ao mundo de hoje, ao Brasil, a nossa estrutura de Igreja e de como ser franciscano nesta realidade.

Os estudiosos franciscanos acreditam que para ser fiel ao espírito de São Francisco é necessário primeiro estar atento para a realidade social, cultural, econômica, política e eclesial (Igreja) de nosso tempo. Atuar nestes campos com a força do carisma franciscano é um desafio para todo jufrista, mesmo porque vivemos numa sociedade cheia de divisões (ricos-pobres; opressores-oprimidos; etc.) que distanciamos da igualdade, da fraternidade e da justiça.

O ser franciscano assume dentro da Igreja o compromisso de estar ao lado e com os pobres numa caminhada de libertação. Quando se fala de libertação refere-se a ação de libertar o pobre da fome, das injustiças, da falta de escola, de saúde, de segurança, de emprego e de tudo que é motivo de dor nos dias atuais.

Então existem eixos que organizam a experiência franciscana no encontro com Jesus Cristo no mundo de hoje, vamos ver quais são:

1. Penitência : Trata-se de um elemento essencial da vida cristã e especialmente da vocação franciscana. Os franciscanos seculares são chamados de "irmãos e irmãs da penitência". Penitência aqui não no sentido que em geral se dá à palavra penitência, como mortificação, mas penitência no sentido bíblico, como "conversão", ou, como diz a Regra da OFS, como "uma radical transformação interior, que consiste em conformar o seu modo de pensar e de agir ao modo de pensar e agir de Cristo".

2. Pobreza : conforme a visão de São Francisco pobreza é a capacidade de dar e dar continuamente. Dar a si mesmo, dar seu

tempo, dar sua vida, dar seu amor. A pobreza não consiste apenas em não ter, isso é consequência. É deixar as coisas serem, respeitar, não colocar sob o nosso domínio, não possuir. A pobreza consiste em estar junto do outro, ser solidário, defendê-lo, ajudá-lo. No entanto o caminho franciscano é mais radical, busca identificação com o pobre. Vive com ele, sofre com ele.

3. Fraternidade : Francisco quer ser pobre para ser fraterno com todos. Ser irmão de todos pois todos são filhos de Deus. Irmão do pássaro, das estrelas, da água, do fogo, do homem e da mulher, irmão até das angústias, da dor e da morte. A fraternidade é consequência da pobreza. Na medida em que se vai acumulando coisas, vai se criando barreiras entre as pessoas, e já não podemos ser totalmente amigos, irmãos.

4. Minoridade : ser menor como pregava São Francisco não é um complexo de inferioridade nem a mania de estar sempre por baixo. Na verdade é tornar-se igual a todas as criaturas racionais e irracionais. A perspectiva é ser pequeno para entender a grandeza do outro na sua dignidade. Ser menor é estar a serviço, aberto ao diálogo, à comunhão, à misericórdia. Amar e suportar quem lhe persegue e igualar-se aos pobres e pequeninos.

5. Cortesia : o franciscano é cortês. Mas o que é isso ? Ser cortês é ser afável, educado, respeitar a todos mesmo que nos tratem mal. São Francisco dizia que devemos ser cortesões porque Deus é cortês, dá o sol e a chuva a justos e injustos e a mesma atenção a todos.

6. Eclesialidade : ser franciscano significa eclesialmente uma força a serviço, uma vontade pobre, fraterna, menor, cortês e fiel à Igreja nos distintos problemas, em tudo na vida. Estar inserido nos meios populares enfrentar os conflitos sociais e assumir o processo de libertação na América Latina.

7. Apostolicidade : esta característica é fundamental no carisma franciscano. Quem está possuído do Evangelho, não pode guardá-lo só para si, deve transmiti-lo.

Francisco também envia seus confrades dois a dois, dando testemunho de pobreza, de oração e fraternidade. O nosso apostolado de Cristãos Franciscanos, deve ser exercido pelo testemunho de uma vida fraterna, de alegria, de paz, de otimismo e de oração. Deve ser um apostolado corajoso, voltado para os mais necessitados, os mais humildes, os "leprosos" e por fim todas as realidades. Amar sem distinção e por este amor universal e cósmico, cristificar nossa realidade e o mundo.

O jovem franciscano, deve ser o mais audacioso, o mais corajoso, o que menos amor próprio tem na divulgação da mensagem

evangélica no seu ambiente de estudo, trabalho, família, grupo de amigos, etc. Desta forma ele é um evangelizador.

PARA REFLETIR :

- 1) Faça uma análise da vivência pessoal, grupal e do apostolado da fraternidade.
- 2) Qual a nossa disponibilidade para realizar tarefas que nos são solicitadas ?
- 3) Qual o testemunho que damos na comunidade ?
- 4) A partir da reflexão do texto qual será a nossa prática pessoal e comunitária ?
- 5) Quais os principais valores franciscanos para você ?

5. CONHECIMENTO DOS ESCRITOS DE SÃO FRANCISCO

A maioria das biografias de São Francisco datam de uma época em que os seus filhos - já então divididos em várias tendências - se empenhavam com grande paixão pela reta forma de sua vida. Cada uma dessas tendências teimava em apresentar o seu próprio conceito de vida franciscana como o único certo e válido, ou seja, como correspondente à figura do santo. Neste sentido os escritos do santo nos prestam uma contribuição nunca assaz estimada, pois no caso é ele mesmo quem nos fala direta e pessoalmente. O trato carinhoso com esses escritos possibilita-nos sempre de novo obter uma imagem nítida da personalidade viva de São Francisco. A interpretação perseverante e paciente dos escritos do santo nos ajudará a resolver muitos enigmas que ainda envolvem a sua pessoa, esclarecer e retificar muitas opiniões dúbias e imprecisas que a deturpam.

Poder-se-ia estranhar, à primeira vista, que justamente dos escritos de São Francisco nos foi conservado tanto, pois ele gostava de designar-se como homem de poucas letras. Acontece, porém, que ele mesmo, em repetidas exortações, dera motivos para manuseá-los com carinho. Cotejem-se para tanto os capítulos finais da maior parte dos seus escritos: o santo costumava prevenir ali que não se modifique o conteúdo e exorta a fazer cópias, divulgá-las, guardá-las bem e gravá-las na memória. Estamos pois longe de errar ao admitirmos que São Francisco atribuía pessoalmente grande importância aos seus escritos. Os seus filhos cumpriram fielmente as orientações de seu pai. Passados

uns trinta anos após a sua morte, foi compendiada a primeira coletânea de seus escritos num códice manuscrito ainda existente. No decurso dos decênios seguintes estas coletâneas tornaram-se sempre mais completas. Mais tarde, infelizmente, foram incluídos alguns escritos que certamente não são da autoria de São Francisco. Nos últimos decênios, quando refloresceu a moderna pesquisa sobre São Francisco, tratou-se de separar o joio do trigo, mesmo com relação aos escritos tradicionalmente atribuídos ao santo, tanto assim que podemos dispor hoje em dia, nas obras reconhecidas como autênticas, duma base segura para tentar atingir o pensamento original do santo patriarca.

Está acima de qualquer dúvida que São Francisco sabia ler e escrever o que para a época de então não era nada comum. Provam-no os autógrafos do santo ainda existentes.

Certamente Francisco ditou a maioria de suas obras a irmãos peritos na arte da escrita. Ele mesmo o confirma com relação à Regra Não-bulada, quando diz no Testamento (cap. 4º): "E o fiz escrever". O mesmo está comprovado quanto às "cartas de saudação e exortação" e a carta a Santo Antônio. Quanto ao breve Testamento, se diz expressamente que Francisco mandou vir o irmão sacerdote Benedito de Piratro para ditar-lhe o texto, mas de forma que nem lhe fornece o texto definitivo. Dá-lhe simplesmente as idéias, para que a seguir o irmão lhes imprimissem o conveniente cunho literário.

Estes são os escritos considerados de São Francisco : Admoestações, O Cântico do Irmão Sol, Bilhete para Frei Leão, Carta a Santo Antônio de Pádua, Carta a todos os clérigos, Carta I,II a todos os custódios, Carta aos fiéis (primeira e segunda recensão), Carta a Frei Leão, Carta a um ministro dos frades menores, Carta a toda Ordem dos Frades Menores, Carta aos governantes dos povos, Exortação ao louvor do Senhor, Paráfrase à oração do Senhor, Forma de vida para as irmãs de Santa Clara, Fragmentos de outra Regra Não-bulada, Orações de louvor a serem recitadas em todas as horas canônicas, Ofício da Paixão do Senhor, Oração diante do Crucifixo, Regra Bulada da Ordem dos Frades Menores, Regra Não-bulada da Ordem dos Frades Menores, Regra para os eremitérios, Saudação à Mãe de Deus, Elogio das Virtudes, Testamento, Última vontade escrita a Santa Clara e Opúsculos ditados.

PARA REFLETIR :

- 1) Qual a importância de conhecer os Escritos de São Francisco ?
- 2) Ler e refletir os escritos e as biografias, e tirar algo de concreto para a sua vida e da fraternidade.

6. REGRA COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO

"Memoriale Propositi"

A primeira menção dos Irmãos da Penitência como corporação organizada acha-se na Bula de Honório III ao Bispo de Rimini (16 de dezembro de 1221), encarregando-o de protegê-los contra as autoridades civis que pretendem forçá-los a tomar as armas, sob o juramento, em defesa do município. De 1221 data a primeira redação do "Memoriale Propositi", que vem sendo considerado como a "primeira regra" da Ordem da Penitência de inspiração franciscana. Foi feita a revisão do texto em 1228. Ela foi confirmada e defendida por Gregório IX em 1230.

A Regra de Nicolau IV (1289)

Em 1284, o visitador Caro de Florença compôs uma Regra que o papa franciscano Nicolau IV, pela bula de 18 de agosto de 1289, impôs a todos os irmãos e irmãs da penitência, "presentes e futuros". A bula reconhecia São Francisco como o Fundador da Ordem da Penitência. A regra deixava quase intacto o texto do memorial de 1228, dispondo-o numa forma mais ordenada. O papa fez acrescentar à Regra de Caro uma disposição pela qual, para o futuro, todos os "visitadores e informadores" deviam pertencer aos frades menores. A Ordem da Penitência ficava, assim, sob a direção da Primeira Ordem. Outra bula de Nicolau IV, de 1290, impunha a todos os membros da Ordem da Penitência de todo o mundo a aceitação dos Menores como visitadores e procuradores e dava como razão o fato histórico de ter sido São Francisco o fundador.

Misericors Dei Filius (1883)

Leão XIII, ainda como bispo de Perusa havia impulsionado, por todos os meios, a expansão da Ordem Terceira em todas as paróquias de sua diocese; este entusiasmo aumentou ao escalar o solo pontifício. Aproveitando a oportunidade do sétimo centenário do nascimento de São Francisco, publicou, em 1882, a encíclica "Auspicato Concessum" que se constituiu um ardente elogio da Ordem Terceira e cálida exortação a propagá-la por toda parte.

O clarividente pontífice, todavia, prevendo que a velha instituição franciscana nunca chegaria a ser uma imponente força universal, agrupando todos os seculares de boa vontade, se não adaptasse às exigências da vida moderna o espírito que lhe deu origem, decidiu modificar a regra. Não se tratava apenas de modernizá-la, mas principalmente de fazê-la apta para acolher maior número de pessoas.

A nova Regra foi promulgada mediante a constituição apostólica "Misericors Dei Filius" de 30 de maio de 1884. O texto consta de três capítulos seguidos de outros três, em forma de apêndice, com as indulgências e os privilégios dos Terceiros. Mantém da antiga Regra, em forma simples, o que pode amoldar-se à vida de todo cristão fervoroso, e modifica ou completa tudo o que nela parecia antiquado ou excessivamente rígido.

Por isso é considerado o Papa renovador da Ordem Terceira. Estabelece um ano de noviciado (artigo 4º), acentua o caráter da profissão; dá um aspecto menos clerical às orações penitenciais e recomenda a Ordem Terceira a Bispos, Padres e Leigos. A hierarquia acolheu docilmente os apelos do Pontífice, o entusiasmo propagou-se entre o povo cristão e, em pouco tempo, os Terceiros chegaram a somar aproximadamente 450 mil.

Seraphicus Patriarcha - Papa Paulo VI - 1978

Por ocasião do Concílio Vaticano II, que pôs em plena luz a vocação do leigo na Igreja e orientou as organizações leigas, de compromisso cristão e de apostolado para uma autonomia progressiva, também sentiu-se a necessidade de reconhecer a Fraternidade Franciscana Secular. O passo mais importante, porém, foi a redação da nova Regra e Vida para a Ordem Terceira, com a colaboração de expoentes terceiros de todo o mundo. Esta Regra, que substituiu a de Leão XIII, foi aprovada por Paulo VI, com a bula de 24 de junho de 1978, de conteúdo profundamente franciscano, e genuinamente evangélico. No prólogo o retorno às fontes: Carta aos Fiéis que estabelece governo Próprio. Mantém a assistência dos quatro ramos da Família Franciscana.

É adaptada à Igreja. A Arquiconfraria dos Cordígeros de São Francisco, criada por Sixto V, em 1585, na basílica de Assis, que gozou de grande aceitação no século XVII sob o impulso dos conventuais, proporcionou, em nossos tempos, um recurso para integrar as crianças na Família Franciscana, antes da idade canônica de ingresso na Ordem Terceira.

A Regra da OFS

Capítulo I. Somos Igreja, dentro dela está a Família Franciscana e nesta a Ordem Franciscana Secular.

A Família Franciscana se subdivide em: Primeira Ordem, 1209: OFM, OFMcap., OFMConv ;

Segunda Ordem - 1212: Clarissas.

Terceira Ordem Secular - 1221: OFS, JUFRA, SEARA, PFF (Pequena Família Franciscana), (FSFS, Fraternidade Sacerdotal Franciscana Secular).

Terceira Ordem Regular - 1250: TOR (Irmãs e Irmãos).

Capítulo II. A forma de vida = Observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo o exemplo de São Francisco de Assis.

Capítulo III. A Vida em Fraternidade: Fraternidade Local, Regional, Nacional e Internacional.

A Fraternidade Local é a unidade mais importante na estrutura da OFS, nela se desenvolve a vocação franciscana, base para a vida apostólica na Igreja.

No Brasil, a Fraternidade nacional tem sua sede no Rio de Janeiro e a Fraternidade Internacional em Roma, na Itália.

PARA REFLETIR :

- 1) Quais as três primeiras Regras da OFS e por quem foram escritas?
- 2) Qual a Regra que está em vigor?
- 3) Como está dividida a Regra da OFS?
- 4) Qual a importância da Regra da OFS para a JUFRA?

7. HISTÓRIA DA JUFRA

A Terceira Ordem Franciscana, como movimento leigo, sempre teve a preocupação de expandir seu carisma não somente entre os adultos mas também entre adolescentes e jovens.

O Papa Sixto V, franciscano da I Ordem, em novembro de 1585, em Assis, instituiu a arquiconfraria dos Cordígeros para adolescentes de 9 a 14 anos de idade.

Cordígero é todo aquele que, por devoção, usa o cordão franciscano, costume dos que canonicamente professavam numa das três Ordens fundadas por São Francisco de Assis. Os Cordígeros costumavam usá-lo, embora não pertencessem canonicamente a nenhuma destas Ordens.

Em 1922, Pio XI exortou as crianças a se fazerem Cordígeros e, nesta escola, a se prepararem para ingressar mais tarde na grande família da Ordem Franciscana Secular, vivendo a vida cristã à maneira do jovem Francisco de Assis.

Na época os que desejavam ingressar nos Cordígeros, de ambos os sexos, assumiam o compromisso de serem apóstolos no ambiente familiar, colegial e social.

Os objetivos da vida cordígera eram:

- Aderir a Cristo dentro da espiritualidade franciscana;
- Colaborar com Deus na consagração do mundo;

- Desenvolver e orientar todas as capacidades e aptidões positivas da criança;
- Alimentar no adolescente o espírito de fraternidade cristã e de serviço.

Tudo isso levava o adolescente a assumir compromissos sérios e a usar de meios que o ajudassem a ser fiel às tarefas do Cordígero. Na sua vida tinha de assumir atitudes concretas que o distinguissem como franciscano, por isso era convidado a ser: alegre, simples, puro, forte, bondoso e generoso.

Os Cordígeros eram considerados integrantes da grande família franciscana, participando de sua espiritualidade comunitária, e por causa disso tinham a oportunidade de realizar-se plenamente como pessoa humana e cristã.

Através do movimento dos Cordígeros, a Ordem I e a OFS visavam envolver os adolescentes e os jovens em uma vida evangélica mais compromissada, sobretudo nessa faixa etária tão bela e ao mesmo tempo importante e delicada. Desse modo profeticamente antecipava os desejos atuais da Igreja quando afirma, dizendo: "Apresentar aos jovens o Cristo vivo, como único salvador, para que evangelizados, evangelizem e contribuam como em resposta de amor a Cristo, para a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação" (Puebla, 1166).

A OFS, com sua experiência com os Cordígeros, sentiu a necessidade de organizar e oferecer algo mais adequado aos adolescentes que iam crescendo no movimento e não podiam ingressar e professar na Ordem por causa da falta da idade canônica e, ao mesmo tempo, permanecer num movimento de adolescentes.

"Até 1950, na Ordem Franciscana Secular, os jovens confundiam-se com os adultos no estilo e nas características de vivência no mistério da mesma vocação secular". Homens e mulheres entravam na Ordem a partir de 15 anos de idade e todos observavam o mesmo itinerário evangélico do carisma e pastoral da OFS.

Foi justamente a partir de 1950, no Congresso Internacional de Roma, que os jovens presentes manifestaram o desejo de se organizarem em grupo próprio, em harmonia e sintonia com a psicologia de sua idade, sua maneira de ser, suas aspirações e ao mesmo tempo que respondesse às exigências e às aspirações dos tempos.

Foi nesse ano que nasceu a JUFRA mundial no sentido jurídico. Já antes desse compromisso mundial houve várias tentativas isoladas, experiências de alguns anos, porém não reconhecidas oficialmente. A partir do congresso de Roma, a JUFRA foi recebendo organização no âmbito nacional de vários países, como: Itália, Espanha, Suíça, Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Venezuela e mais tarde também o Brasil.

Estendeu-se também pela Ásia e África. Em pouco tempo tornou-se um movimento mundial distinto da OFS, na sua organização e

dinâmica de conduzir a descoberta do carisma franciscano no meio dos jovens de hoje.

Mais tarde surgiu a necessidade de incluir no conselho Internacional da OFS um representante da JUFRA, para facilitar o relacionamento e não perder a perspectiva e os horizontes do carisma franciscano secular, que por via de regra é essencial e vital para o andamento e caminhada do movimento e, sobretudo, dentro das novas experiências que a JUFRA estava fazendo.

A JUFRA NO BRASIL

As experiências mais antigas de uma JUFRA brasileira situam-se na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, lá pelos idos de 1946. Também em Petrópolis, Rio de Janeiro e Taubaté, Estado de São Paulo, foram feitas experiências que no passar do tempo desapareceram. Em 1954, em Belém do Pará, o Capuchinho Frei Alfredo Longhi organiza uma JUFRA que se torna conhecida em toda capital paraense pelo seu dinamismo e organização. Muitos jovens tornaram-se verdadeiros líderes de vida cristã franciscana, que ainda hoje são recordados com muita saudade e admiração. A JUFRA de Belém é uma das poucas que perseveraram até hoje através das novas gerações. Também na década dos anos cinquenta há conhecimento de uma JUFRA bastante florescente em Luzerna, no Estado de Santa Catarina.

O Capuchinho paranaense Frei Eurico de Melo, depois de uma temporada de estudo em Roma, volta ao Brasil entusiasmado pelas experiências da JUFRA da Itália e começa aqui no Brasil uma experiência, com características próprias à realidade brasileira.

Frei Eurico, depois de um longo trabalho de preparação, em outubro de 1967 inicia oficialmente com um grupo em Ponta Grossa, na paróquia capuchinha do Bom Jesus e o denomina de JUFRA "Paz e Bem". No ano seguinte surgiu um novo núcleo na paróquia de São Cristovão, também em Ponta Grossa, Paraná.

A experiência de Ponta Grossa aos poucos tornou-se conhecida e admirada pelo testemunho e dinamismo dos jufristas. Por isso a OFS nacional convida a JUFRA de Ponta Grossa a enviar um representante seu à reunião anual do Conselho Nacional da OFS de obediência Capuchinha - na época ainda eram separadas - que aconteceu em janeiro de 1971, na cidade de Recife, Pernambuco.

A jufrista Ivone Berszoz, de Ponta Grossa, esteve presente a esse encontro, onde participou também o Ministro Geral dos Capuchinhos, Frei Pascoal Riwalski que, ao ouvir com admiração o depoimento da experiência positiva de Ponta Grossa pela jufrista Ivone, pediu que se organizasse melhor e fosse estendida a todo o Brasil. A jovem Ivone Berszoz, nesta reunião, foi nomeada Presidente Nacional da JUFRA do Brasil, voltando a Ponta Grossa com o encargo de organizar uma Equipe Nacional provisória para desenvolver um trabalho de expansão para todo o país.

A essa altura o interesse da OFS pela JUFRA começou a fazer-se sentir; por isso deu grande apoio a esse primeiro grupo de Ponta Grossa e pediu que todos os regionais do Brasil fossem visitados com o intuito de tornar a JUFRA uma realidade com organização nacional.

Após a reunião de Recife, Ivone voltou ao Paraná e comunicou o ocorrido nas decisões do Conselho Nacional da OFS aos jufristas. A partir disso, Frei Eurico de Mello e seus jovens de Ponta Grossa lançaram mãos à obra, num trabalho incansável de organização e planejamento para responder ao pedido da OFS quanto à implantação da JUFRA em âmbito nacional.

A primeira preocupação da Equipe Nacional provisória foi redigir um DOCUMENTO BÁSICO, que lhe daria o direcionamento para uma JUFRA unificada no Brasil.

A segunda preocupação foi a Formação dos futuros jufristas. De fato foi traçado um plano de formação que abrangeria três etapas: TBJ (Treinamento Básico da JUFRA), TIF (Treinamento de Iniciação Franciscana), e o TRF (Treinamento de Renovação Franciscana). Cada uma destas etapas com seu tirocínio de aprofundamento. Feito esse trabalho, logo foi divulgado, enviado a todos os regionais da OFS e aos núcleos de JUFRA já existentes.

Em seguida Frei Eurico e alguns jufristas percorreram o Brasil, dando treinamentos a jovens e Assistentes nos diversos Regionais, visando preparar formadores locais, elementos idôneos para uma formação sólida e segura aos futuros jufristas do Brasil.

A experiência foi válida porque serviu para conhecer as outras realidades culturais do Brasil, colhendo pareceres e opiniões dos outros, os quais serviram de enriquecimento aos planos de formação que devem levar em conta justamente as realidades culturais de cada região.

A JUFRA do Brasil começou a tornar-se realidade e a criar corpo, crescendo e expandindo-se em cada Regional da OFS. De fato, em fevereiro de 1972, num Congresso Nacional para Assistentes e Dirigentes Regionais da JUFRA e OFS, estiveram presentes dez Regionais. Somente o Maranhão - Pará esteve ausente.

Tudo isso deu um grande impulso à organização e expansão da JUFRA no Brasil. A partir daí a JUFRA começou a organizar-se melhor em cada Regional, aumentando sempre mais o número de jovens que simpatizavam com o carisma de Francisco de Assis.

Cada Regional começou a ter o seu Secretariado Executivo, com seus Assistentes independentes da organização da OFS, isso devido à dinâmica e ao conteúdo de formação da própria JUFRA.

PARA REFLETIR :

- 1) Quem foram os Cordígeros?
- 2) Como surgiu a JUFRA no Brasil?
- 3) O que você sabe sobre a história de sua Fraternidade? Comente.

8. ORGANIZAÇÃO E OBJETIVOS DA JUFRA

A Juventude Franciscana (JUFRA) é uma proposta de vivência cristã destinada a jovens que, por vocação ou carisma, se comprometem com um ideal de vida inspirado na espiritualidade franciscana. Como tal, a JUFRA, no âmbito da Ordem Franciscana Secular (O.F.S.), faz parte da grande Família Franciscana.

A JUFRA, tem estilo e características próprias. Por isso, nessa fraternidade de Jovens, os jufristas assumem todos os deveres e, por conseguinte, gozam de todos os direitos inerentes ao compromisso franciscano de vida secular.

O seu objetivo é despertar o jovem para a vivência franciscana, levando-o a uma experiência de vida de fraternidade, criando condições para que viva o Evangelho no contexto da realidade atual, buscando a transformação da sociedade à luz do carisma franciscano e da Regra da OFS.

Quem pode participar? A JUFRA destina-se a jovens que desejam conhecer e vivenciar o ideal franciscano de vida em toda a sua dimensão humana e cristã.

Para melhor alcançar seus objetivos a JUFRA, atende às determinações da Igreja católica Apostólica Romana e às determinações pastorais para a América Latina.

A JUFRA organiza-se em vários níveis:

- 1) **Local:** unidade básica de vivência, onde o jufrista recebe formação cristã e franciscana, preparando-se para a inserção no meio onde vive e para o Compromisso de jufrista, e se desejar, a Profissão na Ordem Franciscana Secular (OFS).
- 2) **Distrital:** cidade, paróquia ou diocese, onde se agrupam várias fraternidades da JUFRA.
- 3) **Regional:** conjunto das fraternidades de um ou mais Estados.
- 4) **Área:** agrupamento geográfico das regiões da JUFRA.
- 5) **Nacional:** conjunto de todas as regiões da JUFRA do Brasil.

9. CONHECIMENTO DE MINI E MICRO FRANCISCANOS

As fraternidades de MICRO e MINI Franciscanos, são formadas por pré-adolescentes e adolescentes, respectivamente, que podem ter de 8 até 11 anos completos (Micro) e de 12 até 14 anos (Mini), que após

participarem do Encontro Inicial da MICRO e MINI JUFRA, desejam conhecer a vida de São Francisco e Santa Clara.

Chamamos esses grupos de fraternidade, ou seja, grupo de irmãos. A partir do Encontro Inicial, os pré-adolescentes e os adolescentes fazem uma proposta de viverem como irmãos.

Os MICRO e MINI Franciscanos, devem fazer um planejamento, retiros espirituais e encontros conjuntos com a OFS e a JUFRA. As fraternidades de MICRO e MINI Franciscanos devem ser acompanhadas por irmãos da JUFRA que chamamos de Subsecretários de MICRO e MINI Franciscanos. Se possível devem também ter um Assistente Fraterno e um Assistente Espiritual, que pode ser um frade da 1ª Ordem ou da TOR, uma freira ou um padre diocesano.

Os MINI Franciscanos, tem uma coordenação que podemos chamar também de Secretariado Fraterno: onde temos os seguintes coordenadores:

SECRETÁRIO FRATERNO: aquele que anima toda a fraternidade. É o responsável por manter toda a fraternidade unida.

SUBSECRETÁRIOS:

- a) **De Liturgia:** coordena os momentos de oração; está atento para a perseverança da fé de cada um da fraternidade.
- b) **De Lazer:** coordena os momentos de lazer e fortalece os laços de irmãos entre os membros da fraternidade.
- c) **De Economia:** cuida para que a fraternidade tenha os recursos financeiros necessários para manter os encontros.
- d) **De Comunicação Social:** coordena e cuida do arquivo das correspondências, registros e atas e a comunicação com outras fraternidades, grupos, aniversariantes e encaminha cartões em datas importantes.

PARA REFLETIR:

- 1) Com que idade pode-se participar dos MICRO e MINI Franciscanos?
- 2) Qual a importância de se ter uma fraternidade de MICRO e MINI Franciscanos?
- 3) Quem são as pessoas que acompanham os MICRO e MINI Franciscanos?

A) ORIENTAÇÕES PARA O ENCONTRO INICIAL DOS MICRO FRANCISCANOS

1 - Do Objetivo:

Despertar o pré-adolescente para a vida de fraternidade e para o conhecimento do franciscanismo, levando-o a participar da vida da Igreja.

2 - Dos Responsáveis:

A responsabilidade do Encontro Inicial dos Micro Franciscanos é do Secretariado Fraternal Regional e Local da JUFRA.

3 - Pré-requisitos:

Idade mínima: 8 anos.

Idade máxima: 11 anos.

4 - Do Roteiro:

Deve ser de caráter informativo/recreativo contendo necessariamente:

Oração;

Objetivos;

Conhecimento mútuo;

Dinâmica de Reunião;

São Francisco;

Santa Clara;

Valores Franciscanos;

Lazer e dinâmicas de entrosamento;

JUFRA;

Micro Franciscanos;

Eleição do Secretariado Executivo Local;

Celebração Eucarística.

5 - Da Duração:

Distribuído em dois dias ou a critério da fraternidade local e Regional.

6 - Do Tempo de Formação:

O tempo de Formação dos Micro Franciscanos, corresponde ao período de auto-conhecimento, relacionamento inter-pessoal e conhecimento do franciscanismo que o micro franciscano deve participar.

A duração é até o pré-adolescente alcançar a idade para realizar o Encontro Inicial do MINI Franciscano.

7 - Do Conteúdo da Formação do MICRO Franciscano:

O conteúdo da Formação do Micro Franciscano deverá ser intercalado com outros assuntos de acordo com as necessidades locais.

1) Introdução Humanística:

A história de minha família;
Minha família e os Sacramentos;
Problemas de minha família;
Alegrias de minha família;
A importância de minha família;
Escola - Companheirismo e vivência em grupo;
Lazer - Exercícios de Dinâmicas de Grupo;
Namoro;
Personalidade.

2) Introdução Franciscana:

História de São Francisco;
História de Santa Clara;
História de Santa Rosa de Viterbo
Santos Franciscanos;
Valores Franciscanos;
Devoções Franciscanas;
Família Franciscana;
A JUFRA no Brasil.

3) Introdução Religiosa:

Batismo;
Crisma;
Eucaristia;
Penitência;
Ordem;
Unção dos Enfermos;
Matrimônio;
Jesus Cristo;
Maria;
Os Apóstolos;
Celebrações de Natal e da Páscoa.

B) ORIENTAÇÕES PARA O ENCONTRO INICIAL DE MINI FRANCISCANOS

1 - OBJETIVO:

Despertar o adolescente para a vivência fraterna em grupo através do conhecimento do Franciscanismo, do Cristianismo e da Família Franciscana, levando-o a atuar numa fraternidade de Mini Franciscano.

2 - DOS RESPONSÁVEIS:

O Secretariado Regional da JUFRA e a fraternidade de JUFRA local, se existir. Na falta destes, compete ao Secretariado Fraternal Nacional da JUFRA.

3 - PRÉ-REQUISITOS:

Idade mínima: 12 anos.

Idade máxima: 14 anos.

4 - DO ROTEIRO:

Deve ser de caráter formativo e informativo contendo necessariamente os seguintes assuntos:

- Oração;
- Objetivos do encontro;
- Conhecimento mútuo;
- Dinâmica de Grupo;
- Vida de São Francisco;
- Vida de Santa Clara;
- Valores Franciscanos;
- Jesus Cristo;
- JUFRA;
- Família Franciscana;
- Mini Franciscanos;
- Eleição do Secretariado Executivo Local
- Celebração Eucarística.

5 - DA DURAÇÃO:

A duração do Encontro Inicial do Mini Franciscano, deve ser distribuído em dois (02) dias.

6 - DO TEMPO DA FORMAÇÃO:

Este é o tempo posterior ao Encontro Inicial do Mini Franciscano, onde a fraternidade local deve promover atividades de auto conhecimento, relacionamento interpessoal e conhecimento do franciscanismo, conforme orientação do Regional.

7. DO CONTEÚDO DO TEMPO DA FORMAÇÃO:

Apresentamos abaixo as orientações de conteúdo mínimo para esse tempo, podendo cada fraternidade local incluir outros temas, de acordo com suas necessidades.

a) Formação Humana

O adolescente na vida familiar;
A escola e o adolescente;
Amizade;
Vivência grupal;
Dinâmicas de grupo;
Liderança - quem é líder ?
Personalidade do adolescente;
Namoro;
Afetividade e sexualidade;
Doenças sexualmente transmissíveis - DST;
O adolescente e os contra-valores da sociedade;
Nossa vida e os meios de comunicação social.

b) Formação Franciscana

São Francisco de Assis;
Santa Clara;
Santa Rosa de Viterbo;
Vida em fraternidade;
Francisco e a natureza;
JUFRA e a sua história;
Manifesto da JUFRA;
Família Franciscana;
Devoções Franciscanas.

c) Formação Religiosa - Eclesial

Jesus Cristo;
Maria;
Igreja;
Crisma;

Sacramentos;
Celebração Eucarística;
Oração;
Evangelhos;
Bíblia;
Comunidade Paroquial;
A importância da vocação religiosa.

10 . DOCUMENTOS BÁSICOS DA JUFRA DO BRASIL

1- MANIFESTO DA JUVENTUDE FRANCISCANA

INTRODUÇÃO :

Em nome do Nosso Senhor Jesus Cristo, este documento contém o Manifesto da Juventude Franciscana do Brasil.

Nós, jovens jufristas, cremos no amor que é a essência da vida, que se exprime de maneira vertical, no relacionamento com Deus, que colocamos acima de tudo e, de maneira horizontal, no relacionamento com os irmãos, de modo especial com os empobrecidos e oprimidos (I Jo 4,20-21).

Queremos viver este compromisso de vida no contexto da Igreja da América Latina e da realidade presente, com seus grandes desafios à fé cristã, guiados pela vida e pela mística que São Francisco de Assis viveu, no cumprimento de nossa missão de leigos da Igreja.

01- Cremos que o AMOR é total, universal, permanente, prático, alegre, sacrificado, puro, humilde, generoso, sincero e compreensivo, e constitui o TUDO, ao redor do qual nos propomos construir com entusiasmo um mundo mais humano, onde haja fraternidade, justiça e paz.

02 - Cremos no Deus de Amor que deixou sua condição divina e encarnou-se na condição humana, na pessoa de Jesus de Nazaré. Ele que continua em nosso meio como enviado do Pai, animando a Igreja com o Espírito Santo e oferecendo sua palavra como caminho, verdade e vida.

03 - Cremos no Cristo pobre, humilde e crucificado que se identifica com os empobrecidos, marginalizados e oprimidos de nossa sociedade.

04 - Acreditamos e propomos o Ideal Franciscano de Vida como forma atual de viver o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e de

fazer presentes e efetivos no mundo os verdadeiros valores cristãos, oferecendo uma visão própria e adequada de Deus, de Cristo, da Igreja, do Homem e do Mundo, manifestados de modo sublime na vida do seráfico Pai São Francisco de Assis.

05 - Queremos fundamentar nossa espiritualidade franciscana na experiência profunda do Deus vivo, de Jesus Cristo e seu projeto de vida sob a ação do Espírito Santo, fonte de vida e de toda atividade libertadora, e em Maria - modelo dos cristãos - Mãe do Redentor, jovem, mulher, forte e corajosa.

06 - Queremos viver os valores franciscanos da alegria, do minorismo, do fraternismo e da inserção no mundo, pois acreditamos que o franciscanismo tem seu fundamento na capacidade do cristão em assumir plenamente o irmão e deixar-se assumir plenamente por ele.

07 - Queremos cultivar a fé, a esperança, a caridade e a participação nos sacramentos da Igreja, adequando nossa vida ao Evangelho e trazendo o Evangelho para vida, pois cremos que, somente desta forma, chegaremos a ser irmãos, construtores da autêntica fraternidade entre os homens.

08 - Queremos cultivar uma atitude eclesial profunda e sincera, com o propósito de participar e contribuir para o crescimento da Igreja - povo de Deus em marcha - construindo o Reino nos caminhos da História.

09 - Queremos ser uma presença consciente, desafiadora, na realidade onde vivemos, captando nela os anseios e busca de libertação, para sermos agentes na construção de uma nova sociedade. O mundo, cabe a nós salvá-lo ou perdemos-nos com ele.

10 - Queremos viver na solidariedade afetiva e efetiva com os pobres e humildes, defendendo com amor e coragem, sua dignidade humana e cristã, num espírito de comunhão em prol da libertação.

11 - Queremos dar ao mundo testemunho eloquente de pobreza evangélica, através de uma atitude de austeridade de vida, que afasta de nós qualquer luxo e sensualidade que insulta a miséria e a fome de nossos irmãos.

12 - Queremos colocar em comum aquilo que somos. Para tanto comprometemo-nos a manter constante contato em mútua comunicação de tudo que se relacione com nossa vida de jovens, nossas aspirações, pesquisas e experiências, refletindo em comum o lugar e a responsabilidade que nos cabe no mundo.

13 - Comprometemo-nos a viver, na JUFRA, a fraternidade, e, guiados por este propósito, participar ativamente da vida de nossa fraternidade, buscando assim, acompanhar e sustentar mutuamente nossa caminhada.

14 - Declaramos nosso propósito de construir a unidade e de combater, em nós mesmos e no mundo todo o individualismo e fechamento em si, com o objetivo de fazer acontecer a fraternidade universal, tomando parte com todos os irmãos na "construção da civilização do Amor".

15 - Declaramos a nossa firme vontade de construir a justiça e a paz a nível pessoal, familiar, social e político, inspirando-nos nas exigências cristãs da caridade.

16 - Propomo-nos lutar, com todas as forças, contra as situações alienadoras e egoístas da exploração, do prazer, do consumismo e da violência, e, aquilo que dá sentido a vida : a certeza da presença de Deus Justo e Bom no Mundo.

17 - Como testemunhas apostólicas, propomo-nos tomar consciência dos grandes problemas do mundo, de suas causas, aprofundando o estudo das correntes de pensamento, cultura e política. Temos consciência de que isso exige de nós oração, leitura sistemática do Evangelho, participação e engajamento na Igreja.

18 - Assumimos as Diretrizes Pastorais da Igreja, concretizando-as através do nosso engajamento, comprometendo-nos a ser voz profética que anuncia a libertação integral do homem e denuncia todo abuso de poder e qualquer violência à vida e a dignidade da pessoa humana.

CONCLUSÃO :

Esta é a vida que nós jovens da JUFRA, apesar de nossa fragilidade, queremos viver. Concluímos, reafirmando que cremos no Amor que vem de Deus, que está em nós, que está no nosso irmão, que está nas criaturas que nos rodeiam, e que nos conduz para uma visão otimista e esperançosa do mundo, do homem e da história. Guiados por Francisco e Clara de Assis, reafirmamos nossa vontade de seguir o caminho de Cristo. A ele, honra e glória pelos séculos. Amém!

PARA REFLETIR :

- 1) Qual a proposta do Manifesto da Juventude Franciscana?
- 2) É possível viver essa proposta?
- 3) A partir da reflexão do texto que compromisso você assume na sua fraternidade?

2 - ESTATUTO NACIONAL DA JUFRA DO BRASIL

CAPÍTULO I

DA NATUREZA, DENOMINAÇÃO, OBJETIVOS, SEDE E FORO

Art. 1º - A Juventude Franciscana do Brasil, denominada JUFRA, é formada por aqueles jovens que se sentem chamados pelo Espírito Santo para fazer, em fraternidade, a experiência de vida cristã, à luz da mensagem de São Francisco de Assis, aprofundando a própria vocação no âmbito da Ordem Franciscana Secular (CC.GG. da OFS, art. 96.2).

§ 1º - Constitui-se, para tanto, em uma associação civil de direito privado, regida pelo Código Civil e por este Estatuto, de caráter e objetivos exclusivamente religiosos, educacionais e sociais, sem fins lucrativos e sem objetivos político-partidários, com personalidade distinta da dos seus associados.

§ 2º - Considera-se como sede e foro da JUFRA a cidade/comarca em que se encontra domiciliado o Secretário(a) Fraterno(a) Nacional, até que a JUFRA venha a ter sua sede própria e fixa.

Art. 2º - A JUFRA, cujo tempo de duração é indeterminado, tem por principais objetivos religiosos, educacionais e sociais:

1 – levar o jovem a um compromisso de vida evangélica, em Fraternidade segundo o carisma franciscano, inserindo-o na caminhada da JUFRA como leigo comprometido criando condições para a fundação de uma Fraternidade canônica da OFS ou ingresso numa Fraternidade já existente;

2 – despertar para o compromisso de vida, inserido nas realidades presentes no contexto da Igreja no Brasil e na América Latina;

3 – motivar a vivência dos valores franciscanos: conversão evangélica, contemplação ou vida de oração, pobreza em espírito, fraternidade, apostolado e inserção no mundo;

4 – desenvolver, conforme seja possível, ações educacionais e sociais.

Art. 3º – Na realização de seus objetivos, a JUFRA:

1 - tem a Regra da OFS como documento de inspiração para o crescimento de sua vocação cristã e franciscana, tanto individualmente como em grupo;

2 - adapta-se às Linhas Básicas Internacionais da OFS para a JUFRA, às Constituições Gerais e ao Estatuto Nacional da OFS do Brasil;

3 - assume as diretrizes gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil e as da Igreja na América Latina;

4 - inspira-se também no *Manifesto da JUFRA do Brasil* e em seus outros documentos.

CAPÍTULO II

DOS ASSOCIADOS, SUA ADMISSÃO E INTEGRAÇÃO NA JUFRA

Art. 4º - A JUFRA compreende associados de quatro níveis distintos:

- 1 - Baby Franciscanos (Infância);
- 2 - Micro Franciscanos (pré-adolescentes);
- 3 - Mini Franciscanos (adolescentes);
- 4 - Jufristas (jovens: de 15 - 30 anos).

Art. 5º - A admissão dos associados é feita através de inserção pessoal espontânea ou por convite, em uma Fraternidade local. Concretiza-se com a participação na formação básica, respectivamente, dos Baby Franciscanos, Micro Franciscanos, Mini Franciscanos, e da JUFRA.

Parágrafo único - As Fraternidades de Baby, Micro e Mini Franciscanos, se regem por Regulamentos próprios, adaptados a sua faixa etária, elaborados e aprovados pela JUFRA Nacional, dando-se ciência dos mesmos à OFS do Brasil na fase de sua elaboração.

CAPÍTULO III

DOS DIREITOS E DEVERES DOS ASSOCIADOS

Seção I: Dos Direitos

Art. 6º – São direitos dos jufristas:

- 1 - receber formação humana, cristã e franciscana, conhecimentos sobre a história da Igreja e sobre a influência que o franciscanismo secular exerceu e deve exercer na sociedade;
- 2 - votar e ser votado para funções da JUFRA, desde que, pelo menos percorrendo a formação básica, esteja comprometido com a caminhada;
- 3 - aceitar funções de direção da JUFRA, em espírito de serviço e colaboração, para a completa realização dos objetivos da Juventude Franciscana, previstos neste Estatuto.

Seção II: Dos Deveres

Art. 7º - São Deveres dos jufristas:

- 1 - participar dinamicamente das atividades da Fraternidade local, de Congressos, Assembléias e Encontros de formação, conforme os níveis;
- 2 - comprometer-se com a implantação dos Baby, Micro e Mini Franciscanos e da JUFRA, e assumir a formação em todas as Etapas, segundo Diretrizes de Formação da JUFRA do Brasil;
- 3 - não tomar qualquer deliberação em nome da JUFRA, sem a devida anuência do órgão competente;
- 4 - cumprir, dentro dos prazos previstos, com as contribuições financeiras regularmente fixadas pela JUFRA;
- 5 - observar e cumprir o que determina o presente Estatuto.

CAPÍTULO IV

DA ORGANIZAÇÃO, DO GOVERNO E DA ADMINISTRAÇÃO

Seção I: Da Organização

Art. 8º - A JUFRA do Brasil se organiza em Fraternidades de vários níveis:

1 - LOCAL - unidade básica de organização e vivência, na qual o jufrista recebe formação cristã e franciscana, passando a viver plenamente o carisma franciscano de seu compromisso de vida, inserido em seu grupo social, caminhando naturalmente para a OFS;

2 - REGIONAL - organismo social e unidade territorial que agrupa Fraternidades de um ou mais Estados da Região, conforme o artigo seguinte;

3 - NACIONAL - organismo social e unidade territorial, que agrupa todas as Fraternidades da JUFRA do Brasil.

§ 1º - A ÁREA, como consta do artigo seguinte, é um simples Agrupamento geográfico das Regiões da JUFRA e tem como seu(sua) Coordenador(a) um(a) Subsecretário(a) Nacional para a Área.

§ 2º - O DISTRITO, que também não constitui uma Fraternidade, é simples subdivisão territorial da Região, como elemento auxiliar de administração e coordenação; tem como seu(sua) coordenador(a) um(a) Subsecretário(a) Regional para o Distrito como seu porta voz, integrante do Secretariado Fraterno Regional.

Art. 9º – São Áreas e Regiões da JUFRA do Brasil e seus respectivos Estados:

ÁREA	REGIÃO	ESTADOS
Norte	Norte 1	Amazonas, Roraima e Acre
	Norte 2	Pará e Amapá
Nordeste A	Nordeste A1	Maranhão
	Nordeste A2	Ceará e Piauí
	Nordeste A3	Paraíba e Rio Grande do Norte
Nordeste B	Nordeste B1	Pernambuco e Alagoas
	Nordeste B2	Sergipe
	Nordeste B3	Bahia
Sudeste	Sudeste 1	Minas Gerais
	Sudeste 2	Rio de Janeiro e Espírito Santo
	Sudeste 3	São Paulo
Sul	Sul 1	Paraná
	Sul 2	Santa Catarina
	Sul 3	Rio Grande do Sul
Centro Oeste	Centro	Distrito Federal, Goiás e Tocantins
	Oeste	Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia

Parágrafo único - Com a criação de novas Regiões obedecer-se-á à seqüência da numeração da respectiva Área, a ser aprovada pelo CONJUFRA.

Seção II : Do Governo

Art. 10 - São órgãos de administração e de governo da JUFRA nos diversos níveis:

- 1 - Congresso Nacional e Regional;
- 2 - Assembléia Local;
- 3 - Secretariado Fraternal Nacional, Regional e Local.

DO CONGRESSO NACIONAL (CONJUFRA)

Art. 11 – O Congresso Nacional (CONJUFRA) ou Assembléia Geral Nacional é o órgão máximo da JUFRA com poderes de legislar, deliberar e eleger. Reúne-se, em caráter ordinário, a cada três anos e, em caráter extraordinário, a qualquer tempo, tratando-se, neste caso, exclusivamente da matéria da convocação.

§ 1º – O Congresso Nacional ordinário é convocado pelo(a) Secretário(a) Fraterno(a) Nacional, com antecedência mínima de seis meses. Aos Regionais será encaminhado, com antecedência mínima de seis meses, o material a ser discutido no Congresso e a indicação do lugar e local, dia e hora de sua realização.

§ 2º – A convocação extraordinária do Congresso Nacional da JUFRA, será feita pelo(a) Secretário(a) Fraterno(a) Nacional, por decisão majoritária do Secretariado Fraterno Nacional, ou a pedido escrito de dois terços dos membros do CONJUFRA com direito a voto ou ainda por determinação deste Estatuto. Com a convocação, a ser feita com antecedência mínima de seis meses, será encaminhada a pauta das matérias a serem examinadas e as demais indicações.

§ 3º – O Congresso Nacional ordinário ou extraordinário será preparado nas bases regionais com o objetivo de reunir os jufristas em torno dos problemas que os afligem a partir de uma visão crítica da realidade para que as decisões a serem tomadas sejam fruto de uma reflexão coletiva e organizada.

§ 4º – O CONJUFRA ordinário ou extraordinário será instalado em primeira convocação com a presença de 2/3 (dois terços) dos convocados e, em segunda convocação, uma hora depois, com a presença da maioria dos que devem ser convocados com direito a voto.

§ 5º – As decisões do CONJUFRA, quando se trata de eleições ou de outros assuntos, são válidas se, achando-se presente a maioria dos que devem ser convocados, se elegeu ou aprova por maioria absoluta dos presentes.

Art. 12 – São atribuições do Congresso Nacional:

- a) - avaliar e direcionar a caminhada da JUFRA;
- b) - definir as Diretrizes da Formação;
- c) - traçar Diretrizes para os seus organismos;
- d) - eleger o(a) Secretário(a) Fraterno(a);
- e) - solicitar o Assistente espiritual à Primeira Ordem ou à TOR e o Assistente Fraterno à OFS, indicando nomes;

- f) - eleger os(as) Subsecretários(as) Nacionais para as Áreas com prévia indicação das respectivas Áreas;
- g) - eleger os membros da Comissão de Contas;
- h) - aprovar o Regimento Interno da Fraternidade Nacional e outros regulamentos.

Parágrafo único – No Congresso Nacional e também Regional ordinário será composta uma Comissão de Contas, formada por 3 (três) congressistas com conhecimento do assunto, aprovados pela Assembléia, para analisarem a prestação de contas do triênio do(a) Secretário(a) Fraterno(a) e formularem parecer conclusivo.

Art. 13 – Participam do CONJUFRA com direito a voz e voto:

- a) - Secretário(a) Fraterno(a) Nacional mais dois membros do Secretariado Nacional da Jufra;
- b) - Subsecretários(as) Nacionais para as Áreas;
- c) - Secretários(as) Fraternos(as) Regionais, mais dois membros do seu Secretariado;
- d) - Subsecretários(as) de Formação Nacional e Regionais;
- e) - Ministro(a) Nacional da OFS e dois representantes do Conselho Regional da OFS onde se realiza o CONJUFRA;
- f) - Assistentes Espirituais Nacional e das Regiões da Área onde se realiza o CONJUFRA;
- g) - Assistentes Fraternos Nacional e Regionais.

§ 1º – O membro titular impossibilitado de comparecer ao CONJUFRA, para o qual foi convocado, far-se-á representar mediante delegação escrita e expressa, justificada por seu(sua) Secretário(a) Fraterno(a) Regional, sendo vedados, porém, o substabelecimento e a acumulação.

§ 2º – Todo outro jufrista e irmão da OFS da Região, onde se realiza o CONJUFRA tem direito a participar do CONJUFRA, quando lhe será facultado o uso da palavra ou não, porém, sem direito a voto.

DO SECRETARIADO FRATERNO

Art. 14 – O Secretariado Fraterno, nos vários níveis, é o órgão executivo, dirigente e representativo da respectiva Fraternidade da JUFRA.

§ 1º - O mandato das funções em nível Nacional é de três anos; o dos níveis Regional e Local fica a critério do respectivo nível, não podendo, porém, ultrapassar os três anos. Em todos os níveis, permite-se apenas uma reeleição.

§ 2º - No intervalo entre um CONJUFRA eletivo e o seguinte, cabe ao Secretariado Fraterno tomar as decisões necessárias ao bom andamento da JUFRA, de acordo com as diretrizes deste Estatuto e dos CONJUFRA's, apresentando, em seu relatório final, a relação, as razões e os resultados das mesmas ao CONJUFRA, que sobre elas deve se manifestar.

Art. 15 - O Secretariado Fraterno nos vários níveis, se compõe das seguintes funções básicas, devendo ter o(a) Secretário(a) Fraterno(a) Nacional, preferencialmente 21 (vinte e um) anos e que tenha iniciado a *Etapa de Formação Franciscana*, conforme as *Diretrizes de Formação da JUFRA do Brasil* :

I - No Secretariado Fraterno local são funções básicas:

- a) - o Secretário(a) Fraterno(a), eleito pela Fraternidade Local;
- b) - seis Subsecretários(as), eleitos pela Assembléia eletiva local, a saber: de Formação, de Baby, Micro e Mini Franciscanos, de Comunicação Social, de Ação Evangelizadora, de CODHJUPE (Coordenadoria de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Ecologia) e de Finanças.

II - No Secretariado Regional são funções básicas:

- a) o(a) Secretário(a) Fraterno(a), eleito(a) pelo CORJUFRA ou Congresso Regional;
- b) seis Subsecretários(as), escolhidos(as) pelo(a) Secretário(a) Fraterno(a) Regional, a saber: de Formação, de Baby, Micro e Mini Franciscanos, de Comunicação Social, de Ação Evangelizadora, de CODHJUPE (Coordenadoria de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Ecologia) e de Finanças;
- c) representante da JUFRA no Conselho Regional da OFS, de preferência, jufristas professos na OFS;
- d) o Assistente Fraterno e um Assistente Espiritual do Conselho Regional da OFS, ou seus delegados;
- e) subsecretários(as) regionais para os Distritos, propostos pelos irmãos e irmãs convocados(as) das Fraternidades dos respectivos Distritos e confirmados pelo CORJUFRA.

III - No Secretariado Nacional são funções básicas:

- a) - o(a) Secretário(a) Fraterno(a), eleito(a) pelo CONJUFRA Nacional;
- b) - seis Subsecretários(as) Nacionais para as Áreas, proposto(as) pela Área e confirmados(as) no CONJUFRA;
- c) - seis Subsecretários(as), a saber: de Formação, de Baby, Micro e Mini Franciscanos, de Comunicação Social, de

- Ação Evangelizadora, de CODHJUPE (Coordenadoria de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Ecologia) e de Finanças;
- d) - assessores para relacionamento com a CNBB, a Família Franciscana e outros.

§ 1º – Também integram o Secretariado de cada nível:

- a) um Assistente Espiritual, solicitado a um Ministro Provincial da Ordem I ou da TOR, de acordo com o Estatuto para a Assistência Espiritual à OFS/JUFRA;
- b) na falta de um Assistente religioso franciscano, pode ser indicado pelo Ministro Provincial outro sacerdote diocesano ou religioso, ou ainda, uma religiosa franciscana ou não, como Assistente ou animador(a), com a anuência do respectivo Superior ou Superiora;
- c) um (a) Assistente Fraternal(a) pedido(a) à OFS e designado(a) pelo competente Conselho, de acordo com o Estatuto para o Assistente Fraternal.

§ 2º – Conforme a necessidade podem ser criadas outras assessorias, extinguindo-se, porém, com o fim do mandato do Secretariado.

§ 3º - As funções de □□Secretário(a) Fraternal(a) Nacional ou Regional serão preenchidas, preferencialmente, por juristas professos na OFS, de acordo com orientação do Conselho Internacional da OFS (CIOFS)

§ 4º - Em caso de vacância do(a) Secretário(a) Fraternal(a) Nacional ou Regional verificada no decorrer do mandato, até dois terços do total, os demais membros do respectivo Secretariado, convocados pelo(a) Subsecretário(a) para a Área ou para o Distrito, em que se localiza a sede do respectivo Secretariado, em reunião extraordinária, a fim de elegerem um(a) Secretário(a) substituto(a) para completar o mandato.

§ 5º - ocorrendo a vaga depois de dois terços do mandato, um Subsecretário, respectivamente para a Área ou para o Distrito, assumirá a função pelo prazo restante, por indicação dos membros do Secretariado Fraternal Nacional ou Regional, juntamente com os(as) respectivos(as) Subsecretários(as) para as Áreas ou para os Distritos, em reunião extraordinária.

§ 6º - a nível local, a substituição do(a) Secretário(a) Fraternal(a) será definida em Assembléia extraordinária eletiva, dentro de um mês.

§ 7º - São atribuições do(a) Secretário(a) Fraternal Nacional, como Coordenador(a) da JUFRA:

- a) - cumprir e fazer cumprir este Estatuto e as decisões dos CONJUFRAS;
- b) - coordenar as atividades jufristas nas diversas Regiões do Brasil, em entendimento constante com os(as) Subsecretários(as) Nacionais para as Áreas;
- c) - convocar o Congresso Nacional da JUFRA, ordinário e extraordinário;
- d) - convocar e presidir as reuniões do Secretariado Fraternal Nacional;
- e) - representar a JUFRA ou delegar representante junto a organismos da Igreja, da Família Franciscana e da Sociedade Civil;
- f) - representar a JUFRA do Brasil ou delegar representante junto a organismos da Igreja da Família Franciscana e da Sociedade Civil;
- g) - representar a Jufra do Brasil ativa e passivamente, em juízo ou fora dele, ou delegar tal atribuição em caso concreto;
- h) - nomear, em portaria, os Subsecretários de Serviços e os Assessores que, por decisão do secretariado fraternal se fizerem necessários;
- i) - promover CONJUFRAS, seminários, conferências, ciclos de palestras, simpósios, congressos e cursos diversos de interesse dos jufristas;
- j) - administrar a sede do secretariado fraternal e despachar o expediente do Secretariado;
- k) - autorizar despesas e assinar, juntamente com o subsecretário de Finanças, cheques bancários e outros documentos econômicos ou financeiros;
- l) - prestar contas das despesas realizadas mediante demonstrativos contábeis pertinentes;
- m) - exercer outras atribuições pertinentes.

§ 8º - O trabalho dos Subsecretários(as) da Ação Evangelizadora e da CODHUPE deve ser realizado em colaboração com os respectivos Responsáveis Nacionais e Regionais da OFS, da Família Franciscana, entre outros.

CAPÍTULO V

DO PATRIMÔNIO, DA CONTABILIDADE E DO ORÇAMENTO

Art. 16 – O patrimônio da Fraternidade da JUFRA Nacional é constituído dos bens móveis e imóveis de sua propriedade e daqueles que venham a ser adquiridos e doados por terceiros, o que se aplica às Fraternidades da JUFRA dos demais níveis.

Parágrafo único – O patrimônio das Fraternidades da JUFRA, nos diversos níveis, só poderá ser vendido ou negociado em casos especiais por decisão do respectivo Congresso ou Assembléia extraordinários, com a aprovação de pelo menos 2/3 (dois terços) dos membros com direito a voto.

Art. 17 – A contabilidade da JUFRA é regida pela legislação em vigor no país e disciplinada por normas estabelecidas pelos Congressos. O orçamento é elaborado pelo Secretariado Fraterno, que atenderá às recomendações do Conselho de Contas do último CONJUFRA ou CORJUFRA.

Parágrafo único – O ano financeiro coincide com o ano civil.

Art. 18 – A receita da JUFRA, nos diversos níveis, será constituída de:

- 1 – contribuição do jufrista associado, que é definida em Congresso;
- 2 – doações recebidas de entidades religiosas, filantrópicas e empresas em geral;
- 3 – promoções efetuadas para arrecadação de fundos;
- 4 – outras fontes legais de receita, quando for necessário.

CAPÍTULO VI

DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 19 – O exercício de qualquer função no Secretariado Fraterno de qualquer nível é inteiramente gratuito e aos seus associados de qualquer categoria não serão distribuídas rendas e eventuais doações

ou quaisquer parcelas do patrimônio, que será rigorosamente aplicada na prestação de seus serviços apostólicos, formativos e sociais.

Art. 20 - Qualquer proposta de alteração ou reforma deste Estatuto, em todo ou em parte, apresentada pela maioria do Secretariado Fraterno Nacional ou subscrita no mínimo por um terço dos integrantes do CONJUFRA com direito a voto, será submetida, juntamente com o parecer do Secretariado Fraterno Nacional, à deliberação de um CONJUFRA extraordinário, expressamente convocado para este fim, o qual, pelo voto da maioria dos que o integram, poderá aprová-la.

Art. 21 - A extinção de personalidade jurídica da JUFRA do Brasil pode ocorrer:

1 - Por decisão, tomada em Congresso Extraordinário, pela maioria de 2/3 (dois terços) dos votantes, ou quando tenha sido verificada a impossibilidade de realizar as finalidades previstas em seu Estatuto e tal situação tiver sido reconhecida pelo órgão de nível imediatamente superior.

2 - Por dissolução automática, em virtude de:

- a) redução a cinco membros com capacidade de voto ativo;
- b) disposição legal, civil ou eclesiástica, neste sentido;
- c) sentença judicial transitada em julgado.

Parágrafo único - Em caso de extinção de uma Fraternidade Regional ou Local, seus bens passam para a Fraternidade de nível imediatamente superior. A nível Nacional, os bens ficarão sob a guarda do Conselho da Ordem Franciscana Secular do Brasil, até que se reconstitua o Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA do Brasil.

Art. 22 - Quando as hipóteses do artigo anterior se referirem a Fraternidades de nível menor, compete ao Secretariado imediatamente superior, promover o processo de extinção ou tomar as providências cabíveis para salvaguardar os interesses da JUFRA e o cumprimento do que for de direito.

DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Art. 23 - Este Estatuto da JUFRA do Brasil, como seu Estatuto Civil, substitui o *Esquema Funcional* vigente até o presente CONJUFRA, podendo ser utilizado pelas Fraternidades dos vários níveis, como seu próprio Estatuto, naquilo que couber.

Parágrafo único – Em virtude da unidade estrutural da JUFRA, cada Secretariado Regional até dois anos da aprovação deste Estatuto e de acordo com as suas condições específicas deverá elaborar e promulgar seu próprio Estatuto, se ainda não o possuir, ou adaptá-lo à inclusão das disposições e orientações deste Estatuto.

Art. 24 – O atual Secretariado Fraternal Nacional elaborará até o 11º CONJUFRA o seu regimento interno tendo como base o *Esquema Funcional*, fazendo a devida atualização, quando o apresentará para estudo, o qual conterá as normas de seu funcionamento, as atribuições dos Subsecretários e Assessores, condensando as práticas existentes ou renovando-as, e o mais que for necessário para um bom e exato cumprimento deste Estatuto e das normas superiores que regem a JUFRA.

§ 1º - Este Estatuto, em caráter experimental ou definitivo ou quando reformado, deve ser apresentado ao Conselho Nacional da OFS e à Presidência do CIOFS para aprovação.

§ 2º - Este Secretariado Fraternal Nacional, em exercício, promoverá o competente registro do Estatuto, na forma da lei.

Art. 25 – Este Estatuto, aprovado no III Congresso Nacional Extraordinário da JUFRA do Brasil, realizado em Brasília, DF, em 15 de fevereiro de 1999, entra em vigor, experimentalmente, até a realização do 12º (décimo segundo) CONJUFRA, quando poderá ser revisado, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, DF, 15 de fevereiro de 1999.

3 - DIRETRIZES DA FORMAÇÃO DA JUFRA DO BRASIL

1 - DEFINIÇÃO:

As Diretrizes da Formação de JUFRA são orientações para as diversas etapas da caminhada formativa do (da) jufrista.

2 - OBJETIVO GERAL:

Levar o (a) jufrista através das etapas da formação, a um aprofundamento e vivência dos valores humanos e cristãos, bem como a um discernimento, crescimento e compromisso com a vida franciscana secular e com a Igreja.

3 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

As Diretrizes da Formação da JUFRA pretendem :

a) Despertar e vivenciar o carisma franciscano secular;

b) Levar o (a) jufrista a um compromisso de vida evangélica em fraternidade, segundo o carisma franciscano, criando condições para a profissão na OFS

c) Conscientizar o (a) jufrista para o espírito de oração que conduza à unidade entre fé e vida;

d) Aprofundar a dimensão sócio-político-econômica, religiosa e cultural capacitando o (a) jufrista a adquirir uma visão crítica da realidade e reconhecer-se como sujeito de transformação dessa realidade tendo como referencial o Evangelho de Jesus Cristo;

e) Conscientizar o (a) jufrista da necessidade de sua inserção no mundo, através da participação ativa, individual e coletiva na sociedade;

f) Comprometer o (a) jufrista com o processo de renovação da OFS;

g) Estreitar o relacionamento do (a) jufrista com sua família e das famílias entre si;

h) Levar o (a) jufrista a inserir-se na Pastoral Orgânica da Igreja, dentro do espírito de comunhão e participação.

4 - ETAPAS DA FORMAÇÃO :

a) A JUFRA do Brasil tem em suas Diretrizes da Formação as seguintes etapas: FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA; ETAPA DA FORMAÇÃO FRANCISCANA e FORMAÇÃO DO JUFRISTA PROFESSOR.

b) Compete ao Secretariado Fraternal Regional a preparação e execução do encontro inicial, bem como o acompanhamento de cada etapa da formação.

c) No caso de não haver um Regional estruturado, cabe à Subsecretaria de Área, com a colaboração do Regional da OFS, a

preparação e execução do encontro inicial, bem como o acompanhamento de cada etapa da formação.

FORMAÇÃO BÁSICA DA JUFRA

1 - DEFINIÇÃO:

É um período formativo que visa preparar o (a) jovem para assumir seu futuro compromisso de jufrista diante de Deus e da comunidade, inspirado (a) na Regra da OFS. Deve ser precedido de um encontro de caráter informativo-formativo.

2 - OBJETIVO:

Despertar o (a) jufrista para a vivência franciscana, levando-o a uma experiência de vida de fraternidade, criando condições para que viva o Evangelho no contexto da realidade atual, buscando a transformação da sociedade à luz do carisma franciscano.

3 - DURAÇÃO:

Um ano, podendo ser prorrogado por mais um ano a critério do secretariado Executivo Local (cf. EENN 4, 1-OFS).

4 - DESTINAÇÃO:

Destina-se a jovens, com idade mínima de 15 (quinze) anos que, por índole e por carisma, se comprometem a conhecer e vivenciar o ideal de vida franciscana em toda a sua dimensão humana e cristã.

5 - CONDIÇÕES:

Para participar desta etapa formativa exige-se: ser batizado (a) e ter participado de um período de preparação.

6 - DO ENCONTRO INICIAL :

- a) É um encontro de caráter informativo-formativo;
- b) O encontro inicial deverá ser encerrado com o "Compromisso do Jufrista", conforme o Ritual elaborado pelo Secretariado Fraterno da JUFRA do Brasil.

7 - CONSIDERAÇÕES:

- a) O Secretariado Fraterno Regional da JUFRA deverá envolver nesta formação os assistentes fraternos e pastorais de nível local e

regional da JUFRA, bem como os Conselhos das fraternidades locais e regionais da OFS.

b) O Secretariado Fraternal Regional da JUFRA tenha como procedimento normal enviar ao Secretariado Fraternal Nacional da JUFRA, a cópia das Atas de Admissão à Formação Básica da JUFRA das fraternidades locais de JUFRA, no prazo de 30 dias.

8 - CONTEÚDO:

a) Conhecimento da Família Franciscana

- 1 - Organização e Objetivos da JUFRA;
- 2 - Ordens Franciscanas;
- 3 - Documentos Básicos e DMR;
- 4 - Vivência do Carisma Franciscano;
- 5 - Valores Franciscanos;
- 6 - Conhecimento de Micro e Mini - JUFRA;
- 7 - Regra como fonte de inspiração;
- 8 - Conhecimento dos Escritos de São Francisco.

b) Conhecimento da Igreja

- 1 - Projeto de Deus;
- 2 - Jesus Cristo e seu Projeto;
- 3 - A caminhada da Igreja;
- 4 - A Igreja na América Latina;
- 5 - A Igreja no Brasil;
- 6 - Ação Pastoral da Igreja;
- 7 - O jovem e a Igreja;
- 8 - Igreja e a transformação social;
- 9 - Estudo Básico da Bíblia.

c) Conhecimento Humanístico

- 1 - Vivência Grupal;
- 2 - Dinâmica de Grupo;
- 3 - Liderança;
- 4 - Os problemas do jovem no mundo de hoje;
- 5 - Personalidade.

d) Conhecimento sócio-político

- 1 - Estrutura dos sistemas econômicos, políticos e sociais;
- 2 - Conhecimento da realidade brasileira;
- 3 - Meios de comunicação social;
- 4 - Dimensão social do Evangelho.

ETAPA DA FORMAÇÃO FRANCISCANA

1 - DEFINIÇÃO:

É um período de adequada e intensa formação franciscana que visa levar o (a) jufrista a um conhecimento mais profundo e a uma vivência concreta de vida franciscana secular. Inicia-se com um Encontro de caráter formativo.

2 - OBJETIVO:

Levar o (a) jufrista a participar da vida de fraternidade e a interiorizar a espiritualidade franciscana, estimulando-o (a) a professar na OFS como realização de sua vocação.

3 - DURAÇÃO:

Dois anos, podendo ser prorrogada por mais um ano.

4 - DESTINAÇÃO:

Destina-se a jovens que tenham realizado a etapa formativa anterior.

5 - CONDIÇÕES:

Para participar desta etapa formativa é necessário ter participado da Formação Básica da JUFRA e ter vivência eclesial e franciscana.

6 - DO ENCONTRO INICIAL:

- a) É um encontro de caráter formativo;
- b) O encontro inicial deverá ser encerrado com o Rito de Admissão à OFS, conforme está prescrito no Ritual da OFS.

7 - DA PROFISSÃO:

a) Terminada a Etapa da Formação Franciscana os (as) interessados (as) deverão pedir a Profissão da Regra da OFS a um Conselho Local ou Regional da OFS a quem cabe decidir sobre a Profissão dos (as) novos(as) irmãos(ãs). Uma vez aceitos(as), deverão professar a Regra conforme o Rito de Profissão do Ritual da OFS (CCGG 39, 41, 42, 43, e 96. 4; DMR 15,2-e).

b) Ao final da Etapa de Formação Franciscana os (as) jufristas farão normalmente a Profissão, cabendo ao Secretariado Fraternal Local,

de comum acordo com o Conselho da OFS Local, definir a forma da Profissão, se definitiva ou temporária, para todos (as) os (as) jufristas da fraternidade.

8 - CONSIDERAÇÕES:

O Secretariado Fraterno Regional da JUFRA tenha como procedimento normal enviar ao Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA cópias das Atas da Profissão, no prazo de 30 dias.

9 - CONTEÚDO :

LINHAS GERAIS :

Aprofundamento dos Sacramentos;

História da Salvação;

Fé;

Aprofundamento dos Valores Franciscanos;

Contexto Histórico de São Francisco de Assis;

Escritos de São Francisco (Testamento, Admoestações, Cartas de São Francisco, Regra não Bulada);

CCGG;

A Secularidade;

Maturação da Vocação;

Participação na Liturgia das Horas;

Experiência concreta de Serviço e Apostolado (CCGG 40, 1);

Regra da OFS.

FORMAÇÃO DO(A) JUFRISTA PROFESSOR(A)

1 - DEFINIÇÃO:

É um período formativo que se inicia com a profissão temporária da Regra da OFS, visando manter o (a) jufrista num processo de renovação franciscana constante, preparando-o (a) para a profissão definitiva.

2 - OBJETIVOS:

a) Levar o (a) jufrista a um compromisso maior com o Carisma Franciscano, possibilitando a Profissão definitiva na OFS;

b) Manter o (a) jufrista professo (a) na OFS num processo formativo constante;

c) Promover o progressivo desligamento do (a) jufrista professo (a) do âmbito e da liderança da JUFRA;

d) Promover a progressiva inserção fraterna do (a) jufrista no âmbito do grupo de irmãos (ãs) professos (as) na fraternidade de OFS (CCGG 34; 97, 2; DMR III, 17).

3 - DURAÇÃO:

Três (03) anos.

4 - DESTINAÇÃO:

Destina-se aos (às) jufristas professos (as) temporários (as) na OFS que ainda participam simultaneamente do âmbito da JUFRA e da OFS.

5 - CONDIÇÕES:

Ter participado da Etapa de Formação Franciscana e realizado a Profissão temporária da Regra na OFS.

6 - DA RENOVAÇÃO DA PROFISSÃO:

A renovação da profissão ocorrerá anualmente por ocasião de um retiro.

7 - DA TRANSIÇÃO:

Ao final da Formação do (a) Jufrista Professo (a), o (a) jufrista passa a freqüentar integralmente o Programa da Formação Permanente dos (as) irmãos (ãs) professos (as) oferecido pela fraternidade local da OFS, garantindo essa formação permanente nas fraternidades de OFS. O (a) jufrista professo (a) definitivo (a) tem plena liberdade de continuar participando da vida da fraternidade de JUFRA.

8 - CONSIDERAÇÕES:

a) A responsabilidade pelo planejamento e execução da Formação do (a) Jufrista Professo (a), bem como pelo acompanhamento da formação, é do Secretariado Fraterno Regional da JUFRA e do Conselho Local ou Regional da OFS.

b) O Secretariado Fraterno Regional deverá remeter ao Secretariado Fraterno Nacional as cópias das Atas das Profissões, no prazo de 30 dias.

9 - CONTEÚDO:

- a) Visão teológica de Cristo, de Francisco, da Igreja e da sociedade;
- b) Leitura e vivência da Palavra de Deus;
- c) Observe-se o que está prescrito nas Diretrizes de Formação da OFS;
- d) Temas que a Fraternidade achar conveniente ou que a realidade exigir.

PARA REFLETIR :

- 1) O que significa Diretrizes da Formação da JUFRA do Brasil?
- 2) De acordo com as Diretrizes como está dividida a Formação da JUFRA do Brasil?
- 3) Na sua Fraternidade você dá prioridade à Formação? Por que?

11 - DIRETÓRIO DAS MÚTUAS RELAÇÕES ENTRE A OFS E A JUFRA NO BRASIL

INTRODUÇÃO

1. Após longa caminhada, a Ordem Franciscana Secular (OFS) e a Juventude Franciscana (JUFRA) no Brasil, chegam felizmente a um acordo no tocante às mútuas relações e intercomunhão.

2. Este Diretório quer ajudar a concretizar nas fraternidades de todos os níveis o mútuo relacionamento e cooperação entre a OFS e a JUFRA no Brasil.

3. As normas constantes neste Diretório inspiram-se no longo diálogo exercido entre as direções nacionais da JUFRA e da OFS, em especial no chamado "Acordo de Anápolis" (1984), aclarado pela Assembléia Nacional da OFS em Nova Iguaçu em 1985 e nas resoluções do VI CONJUFRA, realizado em São Luiz do Maranhão em fevereiro de 1986.

4. Toda esta caminhada que, infelizmente, ainda não chegou de maneira adequada às bases, foi aclarada e confirmada pelas novas Constituições Gerais da OFS, aprovadas pela Santa Sé a 8 de setembro de 1990.

5. Este Diretório apresenta, pois a todos os irmãos e irmãs da OFS do Brasil e aos Jovens da JUFRA, bem como aos respectivos Conselhos em todos os níveis os Documentos referentes ao mútuo relacionamento entre a OFS e a JUFRA para serem conhecidos; Constatações deles tirados e Normas concretas para serem seguidas.

I- OS DOCUMENTOS

6. A Assembléia (Capítulo) Nacional de Anápolis, em 1984, referindo-se de modo especial à Juventude Franciscana, dizia:

"A Assembléia tomou conhecimento com alegria, dos diversos movimentos de Juventude Franciscana, animados pela Ordem I e pela OFS. Todos eles são considerados caminhos válidos de ingresso na Família Franciscana".

7. Sobre a validade do Itinerário de Formação para a JUFRA, afirma especificamente o seguinte:

"O Itinerário de Formação para a JUFRA (agora, Diretrizes da Formação da JUFRA do Brasil, é considerado válido como meio de ingresso na Ordem Franciscana Secular, observadas as seguintes condições:

a) Que a respectiva Fraternidade local ou regional da OFS se responsabilize pelo processo de formação;

b) Que se garanta, durante a formação, especificamente na 2ª etapa (TIF), e seu tirocínio (agora, Etapa da Formação Franciscana), o estudo da Regra da OFS, com o acompanhamento de um membro credenciado pela Fraternidade Local ou Regional.

c) Recorre-se ao Conselho Regional, onde não houver Fraternidade local. Em caso de dúvida, deve-se seguir o que prescreve o art. 23 da Regra (cf. Paz e Bem, julho/ agosto de 1984, p. 106)".

8. A proposta analisada e aceita pelo Conselho Nacional é a seguinte:

1. A OFS aceita como válido para o Postulado ou Período de Iniciação, o primeiro treinamento ou Treinamento Básico da JUFRA (TBJ) com seu tirocínio (agora, Formação Básica da JUFRA).

2. A OFS aceita como tempo de Formação para admissão à Profissão, o segundo treinamento ou Treinamento de Iniciação

Franciscana (TIF) com seu tirocínio subsequente (agora, Etapa da Formação Franciscana), observadas as seguintes condições:

a) Que durante o tirocínio do segundo treinamento (agora, Etapa da Formação Franciscana) se estude a Regra da OFS;

b) Que este estudo da Regra seja feito sob orientação de algum professo da OFS;

c) Que, feito isso, os candidatos, aceitos por um Conselho Local, professem numa Fraternidade, conforme o art. 23 da Regra; ou, feito isso, os candidatos aceitos pelo Conselho Regional, professem, constituindo uma nova Fraternidade, conforme o art. 23 da Regra.

9. A Juventude Franciscana, reunida no VI Congresso Nacional em São Luiz, MA, em fevereiro de 1986, ratificou o seu desejo de ser OFS.

"Em vista disso declara :

1. Que seu Itinerário Evangélico de Formação (agora, Diretrizes da Formação da JUFRA do Brasil) enquanto engajamento na OFS, tem o objetivo de levar o Jufrista à Profissão;

2. Concorde com a Profissão na OFS conforme a Regra da OFS;

3. Jufrista, após o TRF (Treinamento de Renovação Franciscana) tem a plena liberdade de opção em fazer a Profissão ou permanecer na JUFRA;

4. Aceitas as condições do documento de Anápolis (feito pela JUFRA e OFS) para professar na Ordem Franciscana Secular;

5. A sua disposição de cultivar o bom relacionamento existente entre a JUFRA e a OFS em seus diversos níveis;

6. Salienta que qualquer atrito, surgido no decorrer da caminhada, está relacionado com posições pessoais de membros da JUFRA ou da OFS e não de posições coletivas no Movimento ou na Ordem".

10. As novas Constituições Gerais da OFS aprovadas pela Santa Sé dedicam um título especial a Juventude Franciscana:

a) **ARTIGO 96**

1. A OFS, por força de sua própria vocação, deve estar disposta a comunicar a sua experiência de vida evangélica aos jovens que se sentem atraídos por São Francisco de Assis e a procurar os modos adequados a apresentar a eles.

2. A Juventude Franciscana (JUFRA), como é entidade nestas Constituições, pela qual a OFS se considera particularmente

responsável, é formada por aqueles jovens que se sentem chamados pelo Espírito Santo para fazerem, em Fraternidade, a experiência da vida cristã, à luz da mensagem de São Francisco de Assis, aprofundando a sua vocação no âmbito da Ordem Franciscana Secular.

3. Os membros da Juventude Franciscana consideram a Regra da OFS como documento de inspiração para o crescimento de sua vocação cristã e franciscana, tanto individualmente como em grupo. Depois de um conveniente período de Formação, ao menos de um ano, confirma esta opção com um compromisso pessoal diante de Deus e na presença dos irmãos.

4. Os membros da JUFRA que desejam emitir a Profissão na OFS atenham-se a quanto está previsto na Regra, nas Constituições e no Ritual da OFS.

5. A Juventude tem organização própria, específica, e métodos de Formação adequados às necessidades do mundo juvenil e da sua pedagogia, segundo as realidades existentes dos diversos países. Quando a JUFRA de um determinado país pretende estabelecer seu próprio ESTATUTO, este deve ser apresentado pelo Conselho Nacional da OFS para ser aprovado pelo CIOFS.

6. A JUFRA como integrante da Família Franciscana, solicita aos Superiores Religiosos e aos responsáveis seculares assistência espiritual, pastoral e fraterna.

b) ARTIGO 97

1. A OFS buscará os meios mais oportunos para promover a vitalidade e a difusão da JUFRA. Estará junto dos jovens para encorajar e procurar formas de os ajudar a progredir em sua caminhada de desenvolvimento humano e espiritual.

2. Para promover uma estreita comunhão entre a OFS, os responsáveis pela JUFRA a nível internacional, nacional e no imediatamente inferior, sejam jovens franciscanos seculares professos.

3. Um representante da JUFRA, que deve ser franciscano secular professo, seja designado a fazer parte do Conselho da OFS nos vários níveis; analogamente um representante da OFS, designado pelo respectivo Conselho, faça parte do conselho da JUFRA no mesmo nível. Também o Conselho da Fraternidade Local, onde existe uma fraternidade de JUFRA, que não tenha membros professos, convida um representante desse grupo para participar das atividades do Conselho, porém, sem direito a voto.

II - CONSTATAÇÕES A PARTIR DOS DOCUMENTOS

11. As Constituições Gerais da OFS vieram lançar nova luz sobre o relacionamento entre a OFS e a JUFRA:

1) A OFS interessa-se por muitos tipos de grupos de jovens e tem a obrigação de promovê-los a todos.

2) Existe um grupo de Jovens Franciscanos chamado JUFRA pelo qual a OFS se sente particularmente responsável.

3) Pela aprovação das Constituições Gerais da OFS, a Santa Sé concede uma personalidade própria à JUFRA em plano mundial, reconhecendo-a como integrante da Família Franciscana e ligada à OFS quanto à assistência espiritual e sua promoção.

4) A OFS tem como compromisso a Profissão da Regra. A JUFRA vincula-se à Regra como fonte de inspiração de vida Cristã e Franciscana, tendendo porém à Profissão da Regra da OFS.

5) O Jufrista pode emitir a Profissão na OFS. Neste caso, deve observar o que se prescreve na Regra, nas Constituições Gerais e no Ritual da OFS.

6) A JUFRA goza de organização própria específica e métodos de formação adequada à necessidade do mundo juvenil e de sua pedagogia.

7) A JUFRA é reconhecida como integrante da Família Franciscana. Tem, por isso assistência espiritual por parte da Ordem I, chamada assistência pastoral e por parte dos responsáveis da OFS, chamada assistência fraterna.

8) Jovens Franciscanos Seculares professos sejam os promotores da estreita comunhão entre a OFS e a JUFRA em todos os níveis.

9) Jovens Franciscanos sejam integrantes dos Conselhos da OFS e haja Franciscanos Seculares das Fraternidades como membros dos Conselhos da JUFRA.

10) Os Conselhos Locais da OFS convidem jovens da JUFRA, onde não houver professos para participar dos Conselhos, porém, sem direito de voto.

11) A OFS e a JUFRA tem organizações próprias porém ligadas por profunda intercomunhão.

12) A JUFRA do Brasil sente-se ligada à OFS, com quem sempre deseja caminhar. O jufrista caminhará para a OFS, não necessariamente, mas na medida em que se sentir vocacionado a viver esta forma de vida como vocação por toda vida através da Profissão na OFS.

III - NORMAS CONCRETAS

13) A OFS em todos os níveis, deve promover a vida franciscana entre jovens, dando atenção especial à JUFRA pela qual é especialmente responsável, segundo as Constituições Gerais aprovadas pela Santa Sé.

14) Para que a caminhada da JUFRA com a OFS progrida sempre mais, as Fraternidades Locais criarão espaço para os jovens no acolhimento, seja na dinâmica das reuniões, seja garantindo-lhes tarefas concretas dentro da Fraternidade, os membros das Fraternidades sejam mentalizados no sentido de que a Fraternidade não precisa ser monolítica em sua organização, pois pode ser organizada de diversas formas, inclusive em grupos, para melhor cultivar a vida fraterna (cf. Regra, n.21c). Os jovens, por sua vez, sejam incentivados a acolherem os mais velhos e procurarão colocar-se a serviço dos idosos e enfermos, bem no espírito de São Francisco e do Evangelho.

15) Quanto às etapas de Admissão à Ordem, observe-se o seguinte:

1. Os Conselhos da OFS reconheçam e aceitem como válido para o período de Iniciação (Postulado) a Formação Básica da JUFRA.
2. Os Conselhos locais das Fraternidades ou Conselho Regional, reconheçam como tempo de Formação (Noviciado para Admissão à Profissão, a Etapa de Formação Franciscana, observada as seguintes condições:

a) Que durante a Etapa de Formação Franciscana da JUFRA se estude a Regra e as Constituições da OFS.

b) Que este estudo da Regra seja feito sob a orientação de algum membro professo da OFS, designado pelo Conselho Local, ou, respectivamente, pelo Conselho Regional.

c) Que neste tempo de Formação, o candidato à Profissão participe de alguma forma da vida da Fraternidade, a critério do Conselho local.

d) O início do tempo de Formação (Noviciado), que deve levar pelo menos dois anos, pode iniciar-se no Encerramento do Encontro Inicial da Etapa da Formação Franciscana da JUFRA. Para definir bem o tempo de Formação, convém que o seu início se faça por um Rito de Admissão e pela inscrição numa Fraternidade, conforme o Ritual da OFS.

e) Que, feito isso, os candidatos, aceitos por um Conselho local, professem numa Fraternidade, conforme o artigo 23 da Regra, seguindo o Ritual da Ordem; ou, feito isso, os candidatos aceitos pelo Conselho Regional, professem, constituindo uma nova Fraternidade, conforme o art. 23 da Regra e das Constituições Gerais.

16) Quanto à Profissão temporária ou imediatamente definitiva, observe-se o que se prescreve no Ritual da Ordem, ou seja, normalmente se fará logo a Profissão definitiva; caso se queira fazer preceder a definitiva pela Profissão temporária a ser renovada dois anos seguidos em torno da mesma data, isto seja definido pelo Conselho da Fraternidade local e comunicado ao Conselho Regional ! (Ritual, n.21).

17) Uma vez professo numa Fraternidade, o jovem, cumprindo suas obrigações para com a Fraternidade a que pertence, poderá continuar participando do grupo de JUFRA dentro do espírito da Regra que prevê uma organização da Fraternidade em grupos.

18) Os Conselhos da OFS, em todos os níveis, cuidem de ter como membro um jovem professo da JUFRA.

19) Os Conselhos da JUFRA, em todos os níveis, cuidem de ter como membro um professo de uma Fraternidade da OFS designado pelo respectivo Conselho como Assistente Fraternal. Este irmão ou irmã, seja o elo entre a Fraternidade e a JUFRA, exercendo a assistência espiritual fraterna.

20) Mesmo onde houver grupos de JUFRA sem jovens professos, os Conselhos das Fraternidades locais da OFS convidem um dos jovens dos Grupos de JUFRA para participar do Conselho, porém, sem direito de voto.

21) Estando os grupos de JUFRA ligados a uma Fraternidade local da OFS e através dela à Ordem I ou TOR, na nomeação de assistentes da JUFRA, haja um diálogo com o respectivo Conselho da OFS.

22) A assistência fraterna por parte da OFS será dada através do irmão ou irmã designada a integrar o Conselho da JUFRA, sem dispensar a ação do Conselho local, especialmente do (a) Ministro (a).

23) A OFS e a JUFRA pedem que os Religiosos da Ordem I e da TOR tomem conhecimento e respeitem a profunda ligação que existe entre a OFS e a JUFRA.

24) A OFS e a JUFRA desejam, juntos realizar o que foi expresso numa das opções do I Congresso latino-americano da OFS e JUFRA (Bogotá, 2-6 de agosto de 1985):

"Considerando que na América Latina a maioria de seus habitantes são jovens e que este Continente foi chamado "o Continente da esperança", fazemos estas opções:

A OFS acolhe com alegria e esperança a Juventude Franciscana (JUFRA) e se compromete a caminhar com os jovens franciscanos, acompanhando-os com o testemunho de uma vocação vivida com alegria e ajudá-los em sua Formação;

A JUFRA, que constitui para a OFS e para a Igreja uma riqueza, pela generosidade e a criatividade própria dos jovens, compromete-se a

colaborar ativamente na evangelização dos jovens da América Latina e a comunicar a outros jovens sua visão franciscana da vida;

Ambas, a OFS e a JUFRA, comprometemo-nos a aceitar-nos mutuamente; a trabalhar unidos através do intercâmbio de experiência e iniciativas e a dar uma demonstração de amor e de fraternidade aos nossos povos".

25) Assim unidos e caminhando juntos, a OFS e a JUFRA, auxiliados pelos irmãos da Ordem I e da TOR, querem contribuir para a construção da "Civilização do Amor, que foi proposta com insistência como objetivo a todos os homens e que nós Franciscanos sentimos como ideal de vida".

PARA REFLETIR :

- 1) Como surgiu o Diretório das Mútuas Relações entre OFS e JUFRA?
- 2) Quais os artigos das Constituições Gerais da OFS que se referem a JUFRA e o que eles dizem?
- 3) Quais as normas concretas do Diretório?
- 4) Como anda a relação da sua fraternidade de JUFRA com a OFS?
- 5) O que deve melhorar no relacionamento entre sua fraternidade de JUFRA com a OFS?
- 6) O que você se compromete a fazer para praticar as normas concretas do Diretório?

TEXTOS COMPLEMENTARES

1. FRATERNIDADE E ECOLOGIA A PARTIR DOS ÚLTIMOS

Todas as biografias sobre São Francisco escritas nos anos que seguiram a sua morte em 1226 (Tomás de Celano, São Boaventura, A legenda dos três companheiros, A legenda Perusina, O Espelho da Perfeição e outros) são unânimes a testemunhar "a amigável união que Francisco estabelecia com todas as coisas" (1 Boaventura VIII, 1). O mais antigo biógrafo, Tomás de Celano (1229), conta: "enchia-se de inefável gozo todas as vezes que olhava o Sol, contemplava a Lua e dirigia o seu olhar para as estrelas e o firmamento... Quem pode imaginar a alegria transbordante de seu espírito ao contemplar a beleza das flores e a variadíssima constituição de sua formosura bem como a percepção da fragrância de seus aromas ... Quando encontrava flores, pregava-lhes como se fossem dotadas de inteligência e as convidava a louvar ao Senhor. Fazia-o com terníssima e comovedora candura; exortava à gratidão os trigais e os vinhedos, as pedras e as selvas, a planura dos campos e as correntes dos rios, a beleza das hortas, a terra, o fogo, o ar e o vento. Finalmente, dava o doce nome de irmãs e irmãos a todas as criaturas, de quem, por modo maravilhoso e de todos desconhecido, adivinhava os segredos, com quem goza já da liberdade e da glória dos filhos de Deus" (1Celano, 81-82).

O universo de São Francisco é mágico e perpassado de terníssimo afeto e devoção a todas as coisas.

O autor do Espelho da Perfeição comenta: "sentia-se arrastado para as criaturas com um singular e entranhado amor" (n. 113). Consequentemente andava com reverência por sobre as pedras em atenção Àquele que a si mesmo se havia chamado de pedra; recolhia dos caminhos as lesmas para não serem pisadas pelos homens; dava mel e vinho às abelhas no inverno para que não morressem de frio e de fome (2 Celano, 165). Certa feita pretendeu persuadir o imperador a editar um decreto que no dia de Natal os homens alimentassem generosamente as aves, o boi, o asno e os pobres, por respeito ao Filho de Deus que neste dia se fez nosso irmão maior (Espelho da Perfeição, c. 114). A fraternidade não é só humana, é cósmica. Por isso "amava os animais, os répteis, os pássaros e as outras criaturas sensíveis e insensíveis".

Havia perto da cela de Francisco, sobre uma figueira, uma cigarra que cantava com suavidade. Certo dia disse ele bondosamente: "cigarra, minha irmã, vem aqui; e ela como se tivesse razão foi logo para sua mão; e ele: canta, minha irmã cigarra, canta, louva alegremente o criador; e ela começou a cantar e não parou enquanto ele, juntando seus louvores ao da cigarra, não a mandou de volta para o seu lugar" (2 Celano, 171).

"Tinha tão entranhado amor pelas criaturas" (Espelho da Perfeição, 113) que estas o compreendiam e estabeleciam uma relação de simpatia e fraternidade, uma vez "que as criaturas irracionais eram capazes de reconhecer o seu afeto para com elas e pressentir o seu carinho" (1 Celano, 59).

Aqui transparece um outro modo de ser-no-mundo, diferente da modernidade. Este está *sobre* as coisas para possuí-las e dominá-las, aquele, de São Francisco, é junto com elas para amá-las e conviver com elas como irmãos e irmãs em casa. As próprias angústias e dores, "não as conhecia com o nome de penas, mas com o de irmãs" (2 Celano, 165). A própria morte é saudada de irmã que nos conduz para a vida (no cântico ao irmão Sol). O universo franciscano nunca é morto nem as coisas estão jogadas aí, ao alcance da mão possensora do ser humano, ou justapostas uma ao lado da outra, sem interconexões entre elas. Tudo compõe uma grandiosa sinfonia cujo maestro é o próprio Deus. Todas são animadas e personalizadas; por intuição descobriu o que sabemos atualmente por meio da experiência, que todos os viventes somos irmãos e irmãs por possuímos o mesmo código genético. Francisco experimentou misticamente essa consangüinidade. Todos con-vivemos na mesma casa paterna e materna. Porque somos irmãos e irmãs, nos amamos, e jamais se justifica a violência entre os familiares.

Por esta razão e com grande coerência Francisco proibia que os irmãos cortassem as árvores pela raiz, na esperança de que elas brotassem de novo. Mandava os jardineiros que deixassem um cantinho de terra, livre, sem cultivar, para que aí pudessem crescer as ervas todas (também as daninhas), pois "elas também anunciam o formosíssimo Pai de todos os seres" (2 Celano, 165). Pedia também que nas hortas, onde os frades cultivavam verduras e hortaliças, se reservasse uma parte para o plantio de flores e de ervas aromáticas: "a fim de evocar a todos quantos as contemplassem a suavidade eterna".

São Boaventura, em sua biografia de Francisco, o diz bem: "Em qualquer objeto admirava seu autor e em todos os acontecimentos reconhecia o Criador... Nas coisas formosas admirava o Formoso e no bom o sumo Bem. Buscava em todas as partes e perseguia o Amado pelas pegadas impressas nas criaturas e de todas formava uma como que escada para chegar ao trono divino... Cheio da maior comoção ao considerar a origem comum de todas as coisas, dava a todas as criaturas, por mais desprezíveis que fossem, o doce nome de irmãs, pois sabia muito bem que todas tinham como ele a mesma origem" (Legenda Maior, VIII,6).

Uma antiga lenda, transformada em canção popular na Úmbria até os dias de hoje, bem revela esta inclusividade do amor ecológico de São Francisco: "Um dia disse Francisco ao Senhor, entre lágrimas:

*Eu amo o sol e as estrelas
Amo Clara e suas irmãs,*

*Amo os corações dos homens
E todas as coisas belas,
Senhor, perdoa-me
Porque só a Ti eu deveria amar.
Sorrindo o Senhor respondeu:
Eu amo o sol e as estrelas
Amo Clara e suas irmãs,
Amo os corações dos homens
E todas as coisas belas.
Meu caro Francisco,
Não precisas chorar
Que tudo isso eu amo também".*

Mas há um terceiro fator, responsável pela confraternização com todos os elementos: a radical pobreza. A pobreza assim como a entende São Francisco, não reside somente em não ter coisas, porque o ser humano sempre tem, seu corpo, sua mente, sua roupa, seu estar-no-mundo. Pobreza essencial é um modo de ser pelo qual homem / mulher deixam as coisas serem; renunciam a dominá-las, a submetê-las e a serem objeto da vontade humana de poder. Abdica de estar sobre elas para colocar-se ao pé delas. Tal atitude exige uma ascese imensa de despojamento do instinto de posse e de satisfação do desejo. A pobreza essencial constitui a caminhada singular de São Francisco vivida no lugar físico dos pobres. Aí ele tentou simplesmente ser, com os pobres, livre de tudo. O místico Mestre Eckhart chamaria isso de disponibilidade completa, total despreendimento, perfeita centração no outro e não em si, liberdade de e para.

A posse cria obstáculos à comunicação entre as pessoas e com a natureza, porque pela posse dizemos sempre "isto é meu", "aquilo é teu" e assim nos dividimos. Ela representa os interesses humanos, vale dizer, aquilo que se interpõe entre as pessoas e a natureza. Quanto mais radical, mais a pobreza aproxima o ser humano da realidade nua e crua; mais lhe permite uma experiência global e uma comunhão sem distância, no respeito e na reverência da alteridade e da diferença. A fraternidade universal resulta desta prática de pobreza essencial. Sentia-se verdadeiramente irmão e irmã porque podia acolher as coisas sem interesse de posse, de lucro e eficiência. Pobreza torna-se sinônimo de humildade essencial. Esta não é uma virtude entre outras mas uma atitude pela qual o ser humano se coloca no chão (húmus = chão, terra), junto às coisas. Nesta posição pode reconciliar-se com todas as coisas e inaugurar uma democracia verdadeiramente cósmica.

São Boaventura chega a afirmar que Francisco, "pela amigável união que estabeleceu com todas as coisas, parecia ter voltado ao primitivo estado de inocência matinal..." (*Legenda Maior*, VIII, 1). Após um longo exercício de busca da pobreza essencial, nascia em seu coração o paraíso perdido, paraíso terrenal que deve ser construído pela história da humanidade, da solidariedade, do entranhado amor a tudo e a

todos. São Francisco mostrou a possibilidade e o seu caminho de realização.

A expressão mais completa do modo de ser ecológico de São Francisco se encontra no *Cântico do Irmão Sol*, uma das jóias da poesia ocidental e da mística da natureza. Este cântico, revela o extraordinário feito espiritual de São Francisco, a completa reconciliação com o céu e a terra, com a vida e a morte, com o universo e Deus.

Esta postura permite a convivência com todas as diversidades. A democracia cósmica se transforma em democracia humana e espiritual, atenta para a inserção dos mais pobres e marginalizados. Esta sintonia foi pressentida e vivida por São Francisco. A ecologia (ciência do bem viver na casa planetária comum) transforma-se em ecosofia (sabedoria do bem viver entre todos os existentes).

Curiosamente a novidade deste modo de ser foi captada imediatamente pelos contemporâneos de São Francisco. Os biógrafos não se cansam de dizer: "ele parecia um homem de outro mundo "... o novo evangelista dos últimos tempos "... nova luz no céu "... uma aurora que se estende sobre as trevas "... o novo homem que o céu deu ao mundo". O historiador J. Lortz o chama de "o santo incomparável", o ensaísta Adolf Holl o chamou de "o último cristão" e muitos outros "o primeiro depois do único (Jesus Cristo)". Todos eles recolhem seu significado que ultrapassa o espaço religioso do cristianismo ou o espaço cultural do ocidente.

Para concluir nada melhor do que transcrever um famoso texto de adeus de São Francisco que se encontra conservado num manuscrito do século XVII no sacro convento do monte Alverne.

Francisco deixa o monte Alverne depois de fazer aí um retiro espiritual de 40 dias. Um falcão, todas as manhãs, diz a Lenda, o acordava da caverna para as horas canônicas (2 Celano, 168). Ao terminar seu encontro espiritual, comovido deixa seu adeus enternecedor:

"Adeus, adeus, adeus, Frei Masseo! Adeus, adeus, adeus, Frei Ângelo! Adeus, adeus, adeus, Frei Silvestre! Frei Iluminado! A paz esteja convosco, diletíssimos filhos meus, adeus! *Afasto-me de vocês de pessoa, mas fica aqui meu coração.* Vou partir agora com Frei Ovelhinha de Deus (Frei Leão)... e para cá não voltarei. Vou daqui, e vocês, adeus, todos vocês! Adeus caríssimo irmão falcão: eu te agradeço pelo amor com que estiveste a meu serviço, adeus! Adeus, grande rochedo, já não voltarei para ver-te. Adeus, adeus, adeus, rocha, tu me acolheste em tuas entranhas de modo que o demônio por meio de ti foi confundido! Adeus, Santa Maria dos Anjos, a ti, Mãe do Verbo Eterno, eu recomendo estes meus filhos".

E o Espelho da Perfeição guarda ainda esta memória: "enquanto nosso querido pai pronunciava estas palavras, nossos olhos derramavam rios de lágrimas. E ele se afastou também chorando, levando consigo nossos corações e deixando-nos órfãos..." (124).

E na curva da estrada, onde se via pela última vez o Alverne, Francisco desceu do burrinho, ajoelhou-se em direção ao monte e atirou-lhe o último adeus: "Adeus, monte de Deus, monte santo, monte florescente, monte fecundo, monte em que Deus quis habitar; adeus, monte Alverne. Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo te abençoe; fica na paz, pois já não nos veremos".

Francisco deixou seu coração no coração do mundo para poder estar no coração de todos os que buscam uma nova aliança de cordialidade com todas as coisas.

PARA REFLETIR :

- 1) Qual a atitude de Francisco diante da natureza e das coisas e qual é a nossa?
- 2) Como poderemos ter uma relação mais fraterna com a natureza e as coisas?
- 3) Que atitudes concretas a partir do texto você tira para sua vida?

2. A INTEGRAÇÃO DO FEMININO NO FRANCISCANISMO

A psicologia moderna, a partir de Jung, afirma que o homem tem em si dois elementos constitutivos, o masculino e o feminino, o animus e a anima. Da integração desses dois elementos na psique humana depende o equilíbrio da personalidade de alguém. Para ser equilibrado, o homem tem que integrar o feminino e a mulher tem que integrar o masculino.

Francisco integrou muito bem o feminino em sua personalidade. E quando orientou o amor materno como modelo para o amor entre os irmãos, mesmo sem o saber, ele estava oferecendo aos irmãos um poderoso meio de saúde e de equilíbrio psíquicos, porque lhes propunha formas concretas de integração do feminino.

De fato, ele não se envergonhava do feminino. Com muita naturalidade ele se considerava "mãe dos frades". Numa carta a Frei Leão, por exemplo, ele mesmo se coloca na posição de mãe: "Assim te falo, meu filho, como mãe..." (Ct Le 2). Aliás, São Boaventura várias vezes faz alusão ao coração materno de Francisco. É comum encontrar na biografia de sua autoria expressões como estas: "Francisco parecia ter carinho de mãe", "ele os gerava todos os dias, como uma mãe, em Cristo" (LM 8,1).

Tomás de Celano narra um episódio em que um frade simplesmente chama Francisco de mãe. Querendo mostrar as chagas de São Francisco a outro frade, Frei Pacífico combinou com ele que pediria a mão de Francisco para beijar. Neste momento ele lhe mostraria a

chaga. Frei Pacífico pediu então a bênção: "Abençoa-nos, mãe caríssima, e dá-me a mão para beijar!". Mais tarde, Francisco descobriu o logro e chamou a atenção de Frei Pacífico sobre o aborrecimento que este lhe causara. Ao que Frei Pacífico perguntou: "Que aborrecimento te causei, mãe caríssima?" (2Cel 137). Deste episódio pode-se inferir que havia um certo costume de se chamar Francisco de mãe.

Outro episódio que mostra como Francisco integra com naturalidade o feminino: Francisco andava por um caminho, quando viu à beira da estrada três mulheres pobrezinhas que o saudaram: "Bem-vinda, Senhora Pobreza!" A essa saudação, Francisco encheu-se de inefável alegria, porque não havia nenhuma saudação que mais lhe agradasse do que esta (2Cel 93; LM 7,6).

Um dos indicativos de que o feminino está integrado na personalidade é quando é assimilado na linguagem, quando não se tem vergonha de expressá-lo em palavras. A linguagem de Francisco é rica em expressões do feminino. Como já se viu acima, o amor materno é expresso em termos que não deixa a menor sombra de dúvida quanto a integração do feminino. Podemos dizer sem exagero que Francisco, ao propor o amor materno como parâmetro para o relacionamento dos irmãos, estava escolhendo a melhor forma de valorizar o feminino.

Além do exemplo do amor materno, outros exemplos nos mostram como a linguagem de Francisco assimilou definitivamente o feminino. Vejamos alguns:

a) Francisco chamava os frades de mães.

A Regra para os Eremitérios começa com estas palavras: "Aqueles que quiserem viver como religiosos em eremitérios não sejam mais de três ou, no máximo, quatro irmãos. Dois deles sejam as mães e tenham dois ou ao menos um por filho" (Re Er 1).

Francisco, nesta Regra, quando trata do relacionamento dos frades do eremitério, só emprega essa terminologia "mãe-filho", do princípio ao fim.

b) Francisco chamava de mãe aquele que tinha cargo na Ordem.

O primeiro biógrafo afirma que Frei Elias, vigário do santo, fora escolhido por Francisco como mãe. Deste modo compreende-se que Francisco desejava que os cargos na Ordem fossem assumidos dentro do mesmo espírito de relacionamento mãe-filho. Ministros, custódios e guardiães são mães para com os irmãos entregues a seus cuidados.

c) Os frades e todos aqueles que fazem penitência, para Francisco, são mães de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Assim ele se expressa na Carta aos Fiéis: "E todos aqueles homens e mulheres que assim agirem... verão repousar sobre si o Espírito do Senhor e ele fará neles sua morada permanente, e eles serão filhos do Pai Celeste, cujas obras fazem. E eles são esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo... Somos mães, se com amor e consciência pura e sincera o trazemos em nosso coração e em nosso corpo e o damos à luz por obras santas que sirvam de luminoso exemplo aos outros" (1CtFi 48. 49. 53.).

Trata-se evidentemente de uma linguagem simbólico-mística, mas é uma linguagem que integra de forma real o feminino no que é mais próprio do feminino, isto é, a ação de gestar e dar à luz.

d) Numa parábola, Francisco se identifica com a mulher, mãe de muitos filhos. Francisco contou ao Papa a parábola de uma mulher pobrezinha que morava no deserto. Um rei se apaixonara por ela e com ela tivera muitos filhos. Quando os filhos cresceram, ela lhes disse que não deviam se envergonhar da pobreza, pois eram filhos do rei. Quando os filhos se apresentaram ao rei, este, vendo neles a sua semelhança, os recebeu com alegria e os constituiu seus herdeiros.

Com esta parábola, Francisco se compara à mulher pobre do deserto, cujos filhos são os frades. O rei é o Filho de Deus, com quem os frades, pela pobreza, são parecidos (LTC 50-51).

Digna de nota é a naturalidade com que Francisco expressa o feminino em sua linguagem.

e) A galinha preta do sonho.

Estando Francisco muito preocupado em proteger a Ordem, pois "lobos enraivecidos estavam contra o pequeno rebanho". Francisco teve o seguinte sonho: "Viu uma galinha pequena e preta parecida até com uma pomba, que tinha penas nas pernas e mesmo nos pés. Seus pintinhos eram sem número e a rodeavam por toda parte, sem poderem juntar-se todos sob suas asas". Francisco mesmo interpretou seu sonho: "Essa galinha preta sou eu, pequeno e moreno por natureza. Os pintinhos são os frades, que se multiplicaram em número e santidade, a quem não bastam minhas pobres forças para defender da maldade dos homens e da oposição das más línguas... Por isso vou recomendá-los à Santa Igreja Romana..." (LTC 63).

A profunda amizade existente entre Francisco e Clara é o que se pode chamar de relacionamento equilibrado entre duas pessoas de sexo diferente. Os estudiosos de franciscanismo são unânimes em considerar Clara como "expressão feminina" do franciscanismo, "imagem feminina do ideal de Francisco", "imagem de Francisco", "versão feminina da vida segundo a forma do Santo Evangelho", "expressão de Francisco em seu rosto feminino". De fato Francisco e Clara são como as duas faces de uma moeda que, de modo perfeitamente equilibrado, nos apresentam o modo masculino e o modo feminino de viver o Evangelho, modos diferentes, mas com o mesmo amor, com a mesma paixão, com a mesma intensidade, com a mesma radicalidade.

Exatamente nisto está o equilíbrio da amizade destas duas pessoas: eles eram faces de uma mesma moeda, eles eram respectivamente expressões masculina e feminina do mesmo Evangelho. O ponto de equilíbrio não estava colocado em um dos dois, mas no Evangelho, realidade superior que atraía a ambos. Não era um quem atraía o outro, mas, no dizer da *Legenda de Santa Clara*, "O Pai dos espíritos atraía a ambos, embora de modos diversos" (LSC 5).

Francisco amava Clara e vice-versa. Amavam-se com ternura, cheios de cuidados um pelo outro. Mas esse amor mútuo era superado

pelo amor que ambos tinham por Deus, por Jesus Cristo, pelo Reino. Este é o segredo do relacionamento equilibrado de Francisco com Clara.

Nos escritos de Santa Clara é evidente o seu relacionamento filial para com São Francisco. Ela se refere a ele quase sempre com o apelativo "nosso pai Francisco" (Reg. Cl. 1,3). Em nenhum lugar dos seus escritos, Clara se refere a ele com o apelativo de irmão. Ora, esta linguagem traduz o relacionamento e tipo de afeto que ligava Clara a Francisco. E Francisco, por sua vez, tratava Clara como senhora, como dama.

Não só a linguagem das palavras mostra esse relacionamento. Também a linguagem onírica, que deixa fluir os símbolos do inconsciente para o consciente, apresenta a Clara o que significa a realidade Francisco. Como narra uma testemunha no *Processo de Canonização*, Clara sonhou que Francisco a amamentava ao peito (Pro. Can. , III, 29). Amamentar ao peito é símbolo do amor materno que nutre, que sustenta e dá a vida, que dá de sua própria vida. Assim Clara via Francisco: um agricultor que tinha para com a sua plantinha não só um sentimento paterno, mas também o cuidado materno.

PARA REFLETIR :

- 1) Como Francisco integrou o feminino em sua personalidade?
- 2) Como se deu o relacionamento de Clara com Francisco?
- 3) Como poderemos integrar o masculino e o feminino em nós?

3. SANTA ROSA DE VITERBO

Rosa apareceu no fim da primeira metade do Século XIII. Os primeiros 30 anos deste século tinham sido marcados pela pessoa e mensagens de São Francisco. Iniciara-se um profundo retorno ao Evangelho.

A realidade social fora marcada, em muitos sentidos, pelos franciscanos leigos, de 3ª. Ordem de São Francisco.

Assim mesmo, nos meados do século XIII, a Igreja precisou sofrer muito, especialmente da parte dos imperadores germânicos que, de defensores natos da Igreja e do Papa, tornaram-se os seus opressores.

O exército da Germânia, sob o comando de Frederico II, invadiu os Estados Pontifícios, e o Papa teve que ir para o exílio. Foi para Lião. Na França.

Neste contexto, sete anos após a morte de São Francisco, aparece a figura carismática de Rosa de Viterbo.

Rosa nasceu em 1233. Sabe-se que seus pais se chamavam João e Catarina, sem saber o sobrenome. Eram ambos de vida fervorosa, e transmitiram à filha o exemplo da verdadeira vivência religiosa.

A família era pobre, tendo uma casinha bem modesta, onde moravam. Sabe-se que desde pequena Rosa era meiga e dócil.

Até os 17 anos nada de documentado se sabe sobre a vida dela. Nesta idade já ficaram conhecidas a sua mortificação e vida de oração. E sabe-se também que gostava muito de ajudar os pobres.

Naquele tempo não se podia nem imaginar uma moça ou senhora se projetar na sociedade. O lugar da mulher era "em casa" ! Mas Rosa já se tornara conhecida na cidade, e chamava a atenção e admiração pelo seu exemplo de vida.

Aos 17 anos ficou gravemente enferma, parecendo estar muito próxima da morte. Entrou numa estranha agonia, em que teve certas visões ou delírios. Ouviu uma espécie de mensagem de Nossa Senhora, que lhe pedia para inscrever-se na Ordem Terceira (OFS).

Assim que se restabeleceu da doença, procurou uma certa senhora Zita, que parece ter sido Ministra de uma fraternidade da O.F.S. Com ajuda desta senhora, Rosa foi admitida na Ordem Terceira na Igreja de Santa Maria del Pódio.

Em seguida, ela se retirou para uma celazinha, de que fez o seu eremitério. Mas não a deixaram no silêncio por muito tempo. Muita gente ia procurá-la para conversar com ela.

Em Viterbo grassava naquela época, e muito espalhada, uma heresia chamada dos "Patarenos". Fora introduzida, no fim do século anterior, por um certo Pedro Lombardo.

Os "patarenos" ensinavam vários erros: negavam ao Papa a autoridade de legítimo sucessor de São Pedro; que só se salvavam aqueles a quem eles (os patarenos) impunham as mãos; que os sacerdotes não tinham o poder de absolver os pecados e transubstanciar o pão e vinho em Corpo e Sangue de Cristo; que ninguém daqueles que crêem na Igreja de Roma se salvaria.

Frederico II, o imperador, nomeou dois desses hereges como chefes da cidade de Viterbo: Pedro, o Maldito, e João de Orte.

Rosa, no seu esconderijo, rezava para que a cidade ficasse livre desse mal. Mas a heresia ganhava terreno e os chefes ficavam cada vez mais atrevidos.

Certo dia a jovem meditava sobre os sofrimentos de Cristo crucificado, que morreu para salvar todos os homens. De repente sentiu dentro dela um fortíssimo impulso missionário! Sai corajosamente de seu eremitério, empunhando o crucifixo numa das mãos, e conclamando o povo à conversão e à penitência.

O povo acorreu em massa e muitos se converteram. Acontecia até que alguns hereges iam procurá-la para zombar dela, e acabavam voltando convertidos.

Rosa pregava pelas ruas, pelas praças e pelas casas. Ocupava-se nessa pregação durante o dia todo. Mas, de noite voltava ao seu retiro e se entregava a prolongadas horas de oração. Inclusive, fazia muitas mortificações, conhecidas naquela época, para conseguir a conversão dos pecadores.

Os hereges, porém, não perderam tempo. Vendo que muitos se convertiam e voltavam à Igreja, imaginaram um jeito de afastar a pregadora, que lhes atrapalhava o sucesso. Começaram a persegui-la, caluniá-la e atacá-la diretamente.

No dia 4 de dezembro de 1250 o prefeito de Viterbo, Mainetto de Bovolo, apoiado pelo próprio imperador, expulsou Rosa da cidade. Ela, juntamente com seus pais, tiveram de ir para o exílio.

Foram para Soriano, onde ela continuou o seu ritmo de vida de oração e vida de apóstola. Mas por um período bem curto, pois no dia 13 de dezembro morreu Frederico II. O Papa voltou para Roma (saindo de Lião) e os hereges perderam os seus postos de chefia em Viterbo.

Rosa iniciou a sua volta, indo primeiro para Vitorquiano, a três milhas de Viterbo. No início de janeiro de 1251 ela voltou para a sua cidade, indo morar de novo em sua casa. Foi recebida com triunfo pelo povo!

Sabe-se que ela foi ao mosteiro das Clarissas, pedir para ser monja. Não foi aceita, sob a alegação de que o mosteiro estava cheio. Mas de fato era porque se dizia que a jovem era uma "visionária" e "fanática".

No dia 6 de março de 1251 ela morreu, não se sabendo praticamente nada sobre os seus últimos dias.

Poucos meses depois de sua morte, o papa Inocêncio IV mandou iniciar o processo de canonização de Rosa.

Em 1258 o papa Alexandre IV, exumou e transferiu o corpo de Rosa para o Mosteiro das Clarissas, que recebeu o nome de Mosteiro de Santa Rosa de Viterbo. E, a partir dessa data, ela começou a ser venerada como santa, com aprovação da Igreja.

Podemos dizer, tranquilamente, que não é comum uma jovem ser santa aos dezoito anos. Santidade de vida não é milagre pré-fabricado, mas conquista pessoal, de quem colabora com a graça de Deus.

E podemos também dizer que Rosa é exemplo e modelo em dois sentidos: na vivência interior e no apostolado. Desde a sua adolescência costumava entregar-se a longas orações, no silêncio do seu quarto. E também muito cedo se tornou uma apóstola que impressionou a todos que a conheceram.

Vamos descobrir vários aspectos do exemplo de Rosa em que ela é um dos mais belos modelos para os jovens de todos os tempos.

Sabemos que ninguém se torna fecundo em seu trabalho sem ter profundidade interior. Nisto Rosa foi um exemplo. Dedicava todos os dias longas horas à meditação e oração silenciosa, escondida, no seu quarto.

Sabe-se também que praticava uma ascese muito severa. Um autor conta assim:

"Encerrada, pois, na mesma estreita celinha, duplicou as suas antigas austeridades. O seu jejum era contínuo, e sempre de ervas cruas, misturadas com cinza. Usava por cama a terra nua, e de uma pedra por cabeceira. Uma simples túnica era todo o seu hábito, com que, apesar do rigoroso frio passava a maior parte da noite aos pés do Crucifixo na sua cela, e quase todo o dia diante do altar do Sacramento na igreja" (Santuário Doutrinal, pág. 433).

É impressionante que uma moça de 17 anos enfrente, com toda coragem, os mais preparados líderes dos hereges e até filósofos. Sem se esquecer que naquela época mulher não aparecia em público, muito menos para pregar.

Rosa, na sua fé imperturbável, e na segurança de sua sabedoria, enfrentava tranqüilamente os seus adversários. Vejamos o que os autores falam da apóstola juvenil:

"A conversão dos hereges e cismáticos, ainda é mais difícil que a dos maiores pecadores: ela, com um crucifixo na mão, com os pés descalços, e os cabelos soltos, entrou em disputa com aqueles ímpios; e o fez com tanta precisão, sobre matérias de controvérsia, arguindo-os com tal eficácia, e viva força, que muitos deles fizeram abjuração pública dos seus erros. E os que eram mais obstinados cederam o campo de batalha, retirando-se da cidade com a confusão de serem vencidos por uma pessoa do sexo feminino, e de poucos anos" (idem, pág. 430).

O termômetro de todo verdadeiro apóstolo é a humildade. Quando a pessoa começa a gloriar-se com seu trabalho, é sinal de que o interesse próprio e o orgulho estão entrando. O verdadeiro espírito apostólico faz o Cristo crescer nos irmãos, e nunca faz o seu cartaz próprio. A humildade é a força dos apóstolos.

"Deus, por seus altos fins, costuma, algumas vezes, eleger os ignorantes para confundir os sábios, valer-se dos fracos para suplantarem os fortes, e usar dos que nada tem para destruir o que é maior, na opinião do mundo" (idem, pág. 431).

Como seguidora do ideal de São Francisco, imitou-o de perto e com muita radicalidade. Levou a pobreza até as últimas conseqüências. Seu traje era simples, andava descalça, dormia no chão e jejuava freqüentemente.

Esta pobreza, juntamente com sua natureza meiga, fizeram dela a franciscana simples, transparente, alegre, comunicativa e tranqüila.

"Rosa não saía jamais da sua primeira simplicidade. Estava tão penetrada e persuadida do seu íntimo, que se julgava inferior ao mais vil bichinho da terra" (idem, pág. 433).

Santa Rosa de Viterbo é uma dessas santas que se impõem por seu modo de SER. Por sua vida simples e encantadora.

Não deixou obras escritas, que a poderiam fazer conhecida através das gerações. O que a fez ser conhecida até hoje, é unicamente a sua santidade de vida.

Isto facilita, para os jovens de hoje, imitarem o seu exemplo. Para isso não se precisa fazer pesquisas, mas ser como ela foi: uma vida cristã autêntica, uma franciscana alegre, uma apóstola entusiasmada, uma mulher tranqüila e bem feminina e, numa palavra, uma santa conforme o Evangelho ensina.

Santa Rosa de Viterbo é a padroeira da JUFRA, para que os jovens franciscanos leigos de hoje imitem o seu exemplo. Sejam, pelo menos um pouco do que ela foi.

Sua festa celebra-se agora no dia 04 de setembro. Dia da transladação do seu corpo para a Igreja de Santa Maria das Rosas. Chamada também de Igreja de Santa Rosa.

PARA REFLETIR :

- 1) Quais os valores vivenciados por Santa Rosa de Viterbo?
- 2) Quais as dificuldades que ela enfrentou para viver o Evangelho?
- 3) Quais as heresias pregadas pelos patrenos no tempo de Santa Rosa?
- 4) Que exemplos de Santa Rosa você pode viver hoje na sua fraternidade e no mundo?

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- AVELINO, Maria Verônica. *História da JUFRA na XIIª Região (RN/PB)*. 2ª edição, Natal. 1996.
- BOFF, L. *Ecologia, Grito da Terra Grito dos Pobres*. S. Paulo: Ática, 1995.
- CADERNOS FRANCISCANOS 12. *O Feminino no Franciscanismo*. Petrópolis: CEFEPAL. 1991.
- CADERNOS FRANCISCANOS 14. *Franciscanos Falam do Feminino*. Petrópolis: CEFEPAL, 1992.
- DOCUMENTOS BÁSICOS. *Juventude Franciscana*. 1ª edição, 1989.
- EQUIPE XIIª REGIÃO (RN/PB). *Módulo São Francisco de Assis*, Natal, 1991.
- GARAGIOLA, J. D. OFM. *Juventude Franciscana (20 anos de História no Brasil)*. Petrópolis: CEFEPAL. 1991.
- PLENTZ, Urbano Frei. *Cadernos Franciscanos - Santa Rosa de Viterbo*. Belo Horizonte: CEFEPAL DE MINAS. 1980
- NOTAS DE AULA. *Encontro de Espiritualidade Franciscana*. CEFEPAL, Petrópolis, 1994.
- SEC. EXEC. NACIONAL DA JUFRA DO BRÀSIL. *Formação da JUFRA do Brasil 1ª Etapa*. Campo Grande / MS, 1994
- SILVEIRA, I.OFM. REIS, O. *São Francisco de Assis (Escritos e Biografias)*. Petrópolis: CEFEPAL, 1988.

CONHECIMENTO HUMANÍSTICO

1. VIVÊNCIA GRUPAL

A) O QUE É GRUPO?

O grupo é uma realidade social possível com base em forças naturais do ser humano. Os seres humanos se agrupam, de modo geral, por vários motivos que agora vamos expor, levando em conta uma dessas cinco fontes de atração interpessoal :

1. **Afetividade Sexualizada:** Duas pessoas de sexo diferente se unem para as alegrias da vida conjugal. É o grupo dos namorados, dos noivos, dos esposos. É o grupo conjugal. A força que os une é o afeto sexualizado.
2. **Consangüinidade:** Aqueles que nascem do grupo conjugal, sentem entre si um tipo de atração que os une de maneira muito forte. A força é o sangue comum. É o grupo familiar: irmãos e irmãs, pais e filhos, avós e avós.
3. **Afinidade:** Pessoas, mesmo de sexo diferente, sentem-se atraídas por um sentimento que não é o sexo nem o sangue. Com base nesse sentimento, formam o grupo de *amizade*, que nasce da *afinidade*. Os que possuem afinidades entre si são pessoas cujas "vibrações psíquicas" vibram num mesmo ritmo. Por isso sentem-se atraídas umas para as outras por uma força poderosíssima, profundamente coesiva, que é a *amizade*. Formam o grupo dos *amigos*.
4. **Raça e pátria:** A experiência de pátria e de raça também se transforma em força coesiva que une pessoas. Pessoas de mesma pátria, sobretudo quando se encontra em pátria estranha, sentem profunda força que as une entre si.
5. **Interesses:** Pessoas cujos interesses são comuns, de igual modo, tendem a se aproximarem e se agruparem. Os que gostam do esporte unem-se aos que sentem o mesmo gosto. Os que gostam da arte procuram os que praticam a arte. Os que trabalham na mesma firma, na mesma industria, etc., unem-se e convivem, embora essa seja uma forma de união entre pessoas muito superficial.

Todos esses cinco tipos de agrupamentos entre pessoas derivam de forças naturais que nascem com os seres humanos.

B) O QUE É GRUPO FRATERO

O Grupo Fraternal é entendido como um conjunto de pessoas que:

- a) São interdependentes na tentativa de realização de objetivos comuns;
- b) Visam a um relacionamento interpessoal e fraterno.

A tentativa de realização desses objetivos cria, no grupo fraterno, um processo de relação entre pessoas que se influenciam reciprocamente.

Num grupo fraterno, cada uma das pessoas ajuda as outras e é apoiada por elas, mas também surgem dificuldades causadas pelos membros, quer diretamente, quer por projeção sobre os outros de seus problemas pessoais.

C) O DESENVOLVIMENTO DE UM GRUPO FRATERO

A democracia caracteriza-se por depositar confiança no grupo. O desenvolvimento de nossa fraternidade depende de um processo democrático.

Acredita-se que os seguintes suportes são fundamentais para uma confiança no desenvolvimento de uma fraternidade:

1. Os grupos fraternos têm, dentro do alcance de suas capacidades, a faculdade de:

- a) reconhecer, definir e resolver seus problemas comuns;
- b) satisfazer suas necessidades comuns;
- c) trabalhar conjuntamente.

2. A ação do grupo fraterno está baseada no consenso geral do grupo, conseguido mediante a participação de todos os seus integrantes, de comum acordo e com suas aptidões diferenciais para contribuir.

Acredita-se que as atividades dos grupos fraternos são mais aceitáveis e produtivas quando se desenvolvem pelo grupo como um todo do que quando é apenas a opinião de um só indivíduo ou de um subgrupo.

3. A produtividade do grupo fraterno pode melhorar muito mediante esforços, tanto da totalidade de seus membros como dos elementos, individualmente, para:

- a) melhorar as capacidades de relacionamento interpessoal;
- b) desenvolver melhor a dinâmica de grupo;
- c) valorizar continuamente os serviços para alcançar os objetivos esperados.

D) POR QUE NOS REUNIMOS

Quando participamos de um grupo fraterno, nos comprometemos a ser solidários com os objetivos de nosso grupo, a participar de reuniões. Isso nos leva a tomar uma consciência mais nítida para assumir e desempenhar os objetivos do grupo, mesmo que estejamos em desacordo parcial com os métodos ou meios de ação.

As reuniões nos permitem :

- a) trocar nossas idéias e experiências com os outros membros da fraternidade;
- b) participar ativamente da vida de nossa fraternidade;
- c) comprometer-nos pessoalmente com os serviços e resultados de decisões tomadas em equipe;
- d) assumirmos o meio em que estamos inseridos para uma formação coletiva e uma vida fraterna.

E) O JOVEM DENTRO DO GRUPO FRATERNAL

A participação num grupo fraterno leva o jovem a :

1. Adotar determinada atitude em relação a outros membros do grupo, deixando de lado certos aspectos pessoais.

2. Desempenhar relações sociais horizontais que implicam igualdade de condições.

3. Perceber que, cada pessoa é particular :

- pelo seu modo de pensar;
- pelas suas percepções;
- pela sua própria natureza.

4. Sentir que o grupo fraterno se estrutura em torno de lideranças.

O grupo fraterno é um lugar de crescimento e de amadurecimento pessoal e comunitário. Seria errado buscar no grupo fraterno uma compreensão de fracassos na vida familiar e ou afetiva. O grupo é um lugar e são pessoas que podem nos ajudar para juntos buscarmos soluções, mas não compensações. No grupo fraterno, deve haver intercomunicação de experiências e vivências. A personalidade do grupo cresce, na medida em que se intercomunica vivencialmente.

Na vivência grupal, devemos salientar mais o "nós", esquecendo um pouco do "eu", somente assim ela será um grupo integrativo, uma fraternidade onde o principal é o irmão.

Somos um grupo franciscano de jovens que quer a fraternidade por opção. Toda a nossa caminhada deve então ser questionada em cada passo, em cada ação, para sentirmos se estamos respondendo a este chamado à fraternidade.

Procure colocar em prática o *minorismo*, que é, espírito de serviço pronto, humilde e disponível. Isto é também fundamental para a nossa vida franciscana. Não há fraternidade sem minoridade. O grupo fraterno deve estar sempre disposto a servir e o seu campo principal de serviço, é o próprio ambiente onde ele vive, as necessidades do meio. O pobre, o sofredor, o abandonado, o perseguido e o oprimido, são os nossos irmãos que merecem todo o nosso cuidado e o nosso esforço.

No contexto grupal, cada um situa-se no grupo a partir de sua função, que é o seu canal de participação, de treinamento, e de exercício de fraternismo, de minorismo e da inserção no mundo. O grupo como um todo, deve sentir-se situado, vivo e atuante dentro do franciscanismo e numa comunidade onde habita.

Os principais valores a serem treinados na fraternidade são: a disponibilidade, a simplicidade, a amizade, a alegria, a fraternidade e outros valores que o grupo fraterno sinta ser importante treinar.

Os contra valores a evitar são principalmente : O *caciquismo* - modo de ser daqueles que pisam por cima das normas que regem a fraternidade, que planejam por conta própria, não consultam ninguém, decidem pelo grupo, não dão explicações. *Machismo* - modo de ser onde se exagera a afirmação do masculino. A última palavra, palavra decisiva, fazendo impor-se a força masculina. *Fofoquismo* - é a arma dos covardes, que não tem coragem de enfrentar o irmão "face a face", ficam inventando conversas nas costas dos outros. É causa de desmoronamento de muitas fraternidades. *Namorismo* - gente que proíbe que seu namorado(a) se relacione com os outros, etc. .

2. DINÂMICA DE GRUPO FRATERO

COMO A JUFRA SE REÚNE :

Um grupo fraterno, entre outras coisas, precisa saber reunir-se, e, em reunião, precisa saber conduzir um assunto de maneira ordenada, proveitosa, eficiente, racional. Ao saber reunir-se denominamos *Dinâmica de Reunião*.

No âmbito da dinâmica de reunião um grupo fraterno tem suas exigências elementares, sua maneira de fazer uma boa reunião. Trataremos aqui das exigências fundamentais para se fazer uma boa reunião:

1. **ANIMADOR :** O grupo fraterno , antes de tudo, precisa de alguém que lhe preste o serviço de iniciar e encerrar a reunião, organizando, disciplinando, propondo objetivos, estimulando a participação de todos no questionamento e na manifestação de opiniões, comandando os demais líderes, facultando a palavra aos que a solicitam, buscando soluções para impasses diversos, cuidando do grupo para que proceda de maneira racional, coerente, lógica, e sem perder tempo.

Sem o animador o grupo não inicia a reunião, ou termina a reunião, ou durante a reunião, todo mundo pode falar ao mesmo tempo, ou então só falam os "linguargados" e os tímidos ficam calados, ou então não se procede de maneira ordenada, não se evolui, fica-se patinando no mesmo lugar, ou as emoções tomam conta dos raciocínios.

- a) Animador é aquele que anima a reunião;
- b) Distribui o uso da palavra, quando esta não está com outro líder;
- c) Estimula e controla a participação de todos especialmente quando se trata de questionar um assunto ou opinar sobre o mesmo;
- d) Evita dispersão de tempo e atenção;
- e) Mantém o grupo dentro da pauta em estudo;
- f) Toma providências para que tudo funcione e ande ordenadamente;
- g) Fica atento, em especial aos demais líderes, ajudando-os, quando necessário, em especial ao recepcionista e cronometrista;
- h) O bom animador fala alto e devagar, pensa baixo e depressa

2. RECEPCIONISTA : O grupo precisa de alguém que cuide de seu bem estar, do sentir-se à vontade, descontraído, que providencie pelas necessidades mais simples dos participantes. O serviço do recepcionista não aparece tanto, mas é de fundamental importância. Que faz o recepcionista?

- a) Prepara o lugar da reunião. Providencia para que o lugar seja acolhedor, agradável, harmonioso e confortável. A sala deve estar bem arrumada, arejada, limpa, etc. ;
- b) Acolhe os participantes de maneira informal a medida em que vão chegando ao local da reunião. Isto supõe que o recepcionista chegue antes ao local. Acolhe os participantes de maneira formal quando a reunião começa;
- c) Cuida do bem estar dos participantes, atende-os em suas necessidades: material didático, água, etc., acolhe os que chegam atrasados;
- d) Faz apresentação dos novos participantes, dos visitantes, coloca-os a vontade;
- e) Durante a reunião fica atento ao animador, e procura resolver os problemas de emergência;
- f) Procura desinibir, quebrar o gelo, cria ambiente de integração grupal;
- g) Despede os participantes, convida-os para a próxima reunião facultando a palavra aos que tiverem avisos ou comunicações.

3. **CRONOMETRISTA:** O grupo precisa de alguém que lhe preste o serviço de cuidar do tempo, do horário, administrar a distribuição do tempo com inteligência, equilíbrio, bom senso, de acordo com a importância das coisas e as possibilidades dos participantes. Compete ao cronometrista :

- a) Administração geral do tempo;
- b) Negociar o tempo a ser empregado pelos titulares das lideranças. Planeja a distribuição do tempo de acordo com o seguinte roteiro :

1. Animador
2. Espiritualizador
3. Explicitador
4. Questionamento
5. Opiniões
6. Comentários
7. Conclusão
8. Cochicho
9. Outros titulares, se houver: memória, recreador, sensibilizador, futurólogo, condecorador, biógrafo, etc.
10. Avaliador
11. Monitor
12. Próxima programação

- c) No início da sessão apresenta o planejamento elaborado, pede emendas e submete a proposta a aprovação do grupo;
- d) Se for solicitado, e se ele mesmo, o cronometrista, julgar oportuno, pede prorrogação de tempo.
- e) Adverte discretamente, os titulares das lideranças, quando o seu tempo está para terminar, em especial se tratando do explicitador.

4. **ESPIRITUALIZADOR :** O grupo fraterno precisa de alguém que lhe preste o serviço de criar um clima de encontro com Deus. Porque para sermos fraternos, é necessário que estejamos abertos a uma relação com Deus através da experiência da oração pessoal e comunitária. O Espiritualizador, é aquele que conduz o grupo a criar uma disposição para oração. O Espiritualizador pode levar o grupo a este clima, de diversas formas, tais como :

- a) Fazendo uma prece em nome dos participantes;
- b) Convidando os participantes a recitarem uma prece;
- c) Convidando o grupo ao canto religioso;
- d) Fazendo uma meditação sobre determinado tema;
- e) Convidando algum membro a fazer uma prece pelo grupo;

- f) Recitação de Salmos, texto bíblico, leitura de livros de orações franciscanas;
- g) Celebração Eucarística, Adoração ao Santíssimo, etc. .

5. **SECRETÁRIO** : O grupo constrói a sua história e para isso precisa de alguém que registre o conteúdo e acontecimentos de cada reunião. Ao secretário compete :

- a) Ler a programação de lideranças para a reunião;
- b) Registrar o conteúdo, sucintamente, e demais acontecimentos e compromissos resultantes da reunião;
- c) Planejar a próxima reunião distribuindo as lideranças.

6. **LIDERANÇAS DE CULTIVO** : Podem não ser programadas numa reunião. Servimo-nos das mesmas como recursos secundários, embora muito preciosos. Ajudam o grupo a crescer. Além das diferenças fundamentais, podemos sempre introduzir uma ou outra dessas lideranças de cultivo. São elas:

- a) **MEMÓRIA**: Útil nas reuniões de estudo. A liderança procura fazer o grupo lembrar o que foi estudado. Apresenta resumos, faz perguntas, etc.;
- b) **MONITOR**: É o técnico em dinâmica grupal. Aperfeiçoa e completa o trabalho do avaliador. Intervém sempre que o grupo, por si só não consegue superar seus impasses;
- c) **CONDECORADOR**: Observa o esforço dos participantes, anota progressos feitos e distribui prêmios, medalhas, elogios;
- d) **BIÓGRAFO**: Entrevista os novos participantes do grupo, apresentando a biografia dos mesmos, para que todos os desconhecidos sejam conhecidos;
- e) **SENSIBILIZADOR**: Procura conduzir o grupo a desenvolver os cinco sentidos, sendo sensível a realidade que nos cerca, ao ambiente, às pessoas, e outros detalhes;
- f) **RECREADOR**: Deve descontrair o grupo com brincadeiras, cantos, jogos, etc... Serve-se da recreação como meio de integração. Organiza comemorações, musicas, encenações, etc. ;
- g) **MURALISTA**: Expõe em quadro mural fatos de interesse do grupo, podendo este ser de caráter formativo, informativo e até mesmo humorístico;
- h) **AVALIADOR**: Observa o desempenho das lideranças durante a reunião. Analisa o desempenho de cada um, anotando falhas, acertos, dando sugestões para melhorar.

MÉTODO VER, JULGAR E AGIR :

I - CONCEITO:

O método VER, JULGAR e AGIR, é um instrumento de análise da realidade bem antiga e muito simples; parte da observação da realidade e, depois de uma reflexão sobre os acontecimentos, volta para uma ação mais consciente e eficiente. É simplesmente a explicação de um processo de decisão da mente humana.

Foi descoberto e sistematizado pelo Cardeal CARDJIN, fundador dos Movimentos "Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Universitária Católica (JUC) e Juventude Estudantil Católica (JEC), na Década de 50.

O Método VER, JULGAR e AGIR é, portanto, o método que usamos para chegar a uma decisão sobre os pequenos e grandes problemas comunitários, sociais e econômicos, políticos e religiosos que enfrentamos em nossa vida.

II - JUSTIFICATIVA:

Para que um Grupo Fraterno funcione bem, três processos são fundamentais :

1. OBJETIVO ou IDEAL grupal;
2. A COESÃO ou consenso e união;
3. Uma METODOLOGIA de FORMAÇÃO NA AÇÃO.

É a METODOLOGIA DE FORMAÇÃO NA AÇÃO que aqui, destacamos. Isto porque precisamos evitar cair nos erros que comumente levam ao enfraquecimento de qualquer fraternidade, quais sejam :

1. *erro de formar para agir* : pensam que primeiro precisam se formar para agir, o que raramente leva a um engajamento;
2. *O erro de viver na ação* : partem de atividades e vivem no ativismo. Mas a atividade que fica só na atividade, sem reflexão, não tem força porque o homem é mais do que ação.

O Método VER, JULGAR e AGIR, é pois, o instrumento com o qual trabalharemos a relação fé e ação como dois momentos de um mesmo processo que, assim integrados, constituem a prática do Jovem Franciscano.

III - FINALIDADES DO MÉTODO:

1. Desenvolver uma pedagogia de FORMAÇÃO NA AÇÃO;
2. Formar o senso crítico;
3. Formar líderes cristãos que se engajem na transformação dos seus meios específicos: escola, bairro, trabalho, família, etc.
4. Educar para a liberdade;
5. Ligar a religião com a vida;
6. Chegar a decisões certas na vida diária;
7. Organizar encontros de conscientização;
8. Elaborar documentos;
9. Avaliar o engajamento e caminhada de grupos fraternos;
10. Resolver o problema de reuniões sem rumo. Ex.: elaborar subsídios, desenvolver temas livres, etc.

IV - O MÉTODO PARTE POR PARTE :

IMPORTÂNCIA DO VER :

VER

(ANALISAR, PERCEBER, LEVANTAMENTO DA REALIDADE)

1. Se não existe preocupação em conhecer a realidade, consequentemente não existe engajamento. O Manifesto da JUFRA diz: "sejamos presença consciente, desafiadora, na realidade onde vivemos, captando nela os anseios e busca de libertação, para sermos agentes na construção de uma nova sociedade. O mundo, cabe a nós salvá-lo ou perdermo-nos com ele". (Manifesto da JUFRA, Parágrafo 09)
2. Aprendemos a trabalhar com fatos concretos da realidade em que estamos inseridos, e não com a subjetividade, quando esta é um mundo individual e que muitas vezes não corresponde à realidade.

ESTRUTURA DO VER:

1. Coloca-se o TEMA ou FATO significativo : em primeiro lugar, coloca-se o tema, o problema ou afirmação.

- a) A partir de um TEMA: cada um deve colocar fatos de sua experiência relacionados com o tema;
 - b) A partir de um FATO: deve colocar fatos sobre o tema ou fato mais significativo.
2. Causas: não basta sentir que as coisas vão mal e que a vida está difícil. É preciso saber o "POR-QUÊ". Esta parte do MÉTODO é de grande importância porque se não acertamos as causas, na hora do agir, não conseguimos resultados satisfatórios.
 3. Conseqüências: nesta parte do método procura-se aprofundar as conseqüências para a pessoa, para sua classe social, para sua família, para sua fraternidade.

JULGAR

A palavra JULGAR aqui tem o sentido de analisar para descobrir o que está certo e o que está errado e depois partir para uma ação que transforme o que está errado. Significa analisar todo o terreno preparado pelo VER, à luz da visão franciscana da realidade. JULGAR significa perceber o que está ajudando ou impedindo aos seres humanos se tornarem irmãos e se libertarem. Significa JULGAR:

- a) À luz da Fé (do Evangelho e documentos da Igreja);
- b) À luz da experiência de vida;
- c) À luz das Ciências Humanas (Sociologia, Psicologia, Filosofia, História etc.).

AGIR

A discussão deve concluir com pistas para a ação. E partindo de uma opção libertadora, a ação do grupo fraterno tem que ser transformadora em cima das coisas levantadas na primeira etapa do método.

TIPOS DE AÇÃO : A solução proposta pode ser :

- a) CURTO prazo;
- b) MÉDIO prazo;
- c) LONGO prazo.

PLANEJAR: As decisões de muitos grupos fraternos nunca chegam a ser executadas porque falta um PLANEJAMENTO. As decisões são tão gerais que já se sabe de antemão que as propostas de ação são só "fantasias". Para que o grupo fraterno execute uma ação concreta é

preciso montar um projeto com todos os seus detalhes. Assim um PLANEJAMENTO deve ter os seguintes elementos :

1. O QUE? Ação a ser realizada;
2. PARA QUE? Objetivo (deixar claro o que se quer);
3. POR QUE? Justificativa;
4. COMO? Distribuição de tarefas, pessoas responsáveis, coordenação geral, comunicação;
5. PRAZO? Curto, Médio ou Longo prazo;
6. MEIOS MATERIAIS A SEREM USADOS. Local, data, condições, etc. ;
7. DATA DE COBRANÇA E AVALIAÇÃO DA AÇÃO PARA GARANTIR A CONTINUIDADE. Esta é uma parte muito importante, que não deve ser esquecida, sem a qual o planejamento falha completamente. É a cobrança e a avaliação, que devem ser feitas na reunião seguinte. Através da Avaliação, o grupo fraterno vai acertando cada vez melhor os seus passos e aprimorando a sua ação.

CELEBRAR: É o momento de festejar os avanços, as limitações e desafios. É o que alimenta a fé e dá forças para resistir na caminhada.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES :

Cada pessoa da fraternidade é diferente. O conjunto constitui a harmonia das partes. Como no arco-íris. Veja em cada pessoa uma tonalidade do mesmo. Desfrute deste encanto.

Os seres humanos buscam mundos novos, na imensidão do cosmos ... E não conseguem descobrir a alegria de conviver aqui, na "TERRA"...

As grandes guerras começam no íntimo das pessoas; nos conflitos pessoais de alguém. Começemos por aqui a campanha da PAZ.

AVALIAÇÃO DA FRATERNIDADE:

A fraternidade de JUFRA deverá fazer revisão / avaliação da vida em fraternidade periodicamente, devendo este período ser estabelecido pelos irmãos participantes locais.

Para se fazer uma avaliação pode se utilizar das mais variadas dinâmicas, porém, recomendamos que se utilizem do método : VER, JULGAR e AGIR, atentando para todos os aspectos da vida em fraternidade, tais como :

- a) Cumprimento do planejamento da fraternidade, ver sugestões para mudança;
- b) Relacionamento entre irmãos;
- c) Participação na comunidade de fé e na comunidade social;
- d) Participação na vida das famílias dos irmãos;
- e) Relacionamento com a OFS e com os Frades Franciscanos;
- f) Trabalho do Secretário Fraternal Local e suas subsecretarias;
- g) Outros (a critério da fraternidade local).

A correção fraterna aqui chamada de avaliação tem como finalidade estabelecer novos critérios para o crescimento da fraternidade e volta aos ideais franciscanos. "para que no fim de cada discussão, não haja vencidos ou vencedores, mas sim irmãos". (Oração da Fraternidade - Devocionário Franciscano)

SE VOCÊ ...

Se VOCÊ procurar viver bem com todos, tratar as pessoas como gente, diz sempre a verdade, perdoa os que lhe fazem mal;

Se VOCÊ sabe descobrir o que há de bom em cada pessoa, em cada dia, em cada situação, experimenta a alegria de servir e comunica essa alegria aos demais;

Se VOCÊ está voltado para os outros, especialmente para os mais necessitados e divide com eles o que você tem, o que você é, VOCÊ ESTÁ CONSTRUINDO UM MUNDO IRMÃO, VOCÊ ESTÁ FAZENDO O AMOR EXISTIR NO MUNDO.

3. LIDERANÇA

O sentido da dinâmica de grupo fraterno está em criar espaços para que a pessoa humana possa desabrochar, a caminho de sua plenitude; espaços onde se busque ultrapassar as formas de relacionamento marcadas pela máscara, pelos mecanismos inconscientes, pela agressividade, pela competição e pela dominação. Isto só poderá acontecer através da EXPERIÊNCIA DO OUTRO, através da vivência grupal, num clima de liberdade, de aceitação, de diálogo, de encontro, de comunicação, de comunhão.

Para desenvolver uma boa dinâmica de grupo fraterno é preciso conhecer sobre LIDERANÇA, pois as energias fabulosas que são armazenadas nos agrupamentos tomarão os rumos da comunicação, da cooperação e da integração, ou então do conflito, da agressividade e da

desagregação, dependendo do *tipo de comando ou liderança que neles se exerce*.

1. CONCEITO DE LIDERANÇA :

Significa influenciar pessoas ou grupos de forma profunda provocando modificações de atitudes, idéias de valores espontânea e conscientemente. Portanto, o líder influi na personalidade colaborando com o seu desenvolvimento ou, negativamente, bloqueando esse desenvolvimento.

A MODIFICAÇÃO COMO PROCESSO ESPONTÂNEO E CONSCIENTE :

ESPONTÂNEO é quando conseqüência de motivação recebida, contrário da imposição autoritária.

CONSCIENTE no sentido de tomarmos conhecimento.

O líder, principalmente Franciscano, não deve ser aquele que dirige um grupo como se tivesse dirigindo um automóvel, levando-o para onde sua vontade quer. É preciso que ele sinta o grupo, o acompanhe, atento para suas possibilidades e necessidades; esteja capacitado a despertar no grupo fraterno o conhecimento desses fatores, sem exercer imposição. Tomar consciência do que se passa à nossa volta e dentro de nós é garantia de um caminhar seguro para a maturidade.

2. COMO SURGE UMA LIDERANÇA :

- a) *Explicação Psicológica* : liderança não nasce feita, em geral é questão de oportunidade e de preparação adequada; sem isto, surgirão crises as mais diversas. Todas as pessoas tem condições de exercerem alguma liderança. Há, no entanto, pessoas que desenvolvem este dom, outras não conseguem fazê-lo. Assim, é verdade que todos nós, com a devida preparação e motivados por um ideal que valha a pena, podemos liderar.
- b) *Explicação Sociológica* : A liderança é aquela pessoa capaz de juntar pessoas em torno de si, onde trabalha e discute com elas democraticamente. Esta liderança tem capacidade de juntar as idéias e formar uma idéia comum (chegar ao consenso) e tornar o grupo coeso. Isto favorecerá uma ação conjunta e bem pensada.

3. TIPOS DE LIDERANÇA :

- a) *Liderança Autocrática*: O líder deseja principalmente ser obedecido pelo grupo. É ele que determina a política.

administrativa e considera que a responsabilidade da decisão deve caber a uma pessoa somente.

- b) *Liderança Democrática*: O líder procura ouvir as idéias e sugestões do grupo fraterno, consultando e conversando com todos. Os componentes do grupo são motivados no sentido de estabelecerem a política administrativa do grupo fraterno. A atribuição do líder é mais de um moderador de opiniões.
- c) *Liderança Livre*: O líder é mais ou menos uma seção de informações. Ele faz o seu papel dentro da atividade do grupo. Está sempre a mão, especialmente para dar informações e fornecer explicações. Exerce controle quase nulo.

4. QUALIDADES DO LÍDER :

I - *Ambição e Ideal* : Ambição aqui dirigido não mais ao nosso "EU" mas ao "OUTRO" ; torna-se meta profunda, IDEAL CRISTÃO que estimula as nossas atitudes, que estimula o desenvolvimento do nosso potencial, a nossa liderança.

II - *Competência* : O líder precisa "ESTAR POR DENTRO" do assunto e do ambiente. Saber das aspirações, dos desejos e dos sonhos do grupo. Saber o que o grupo quer, e ter CAPACIDADE para conduzir o grupo nesse sentido. Evidentemente, torna-se primordial que o líder mantenha um aprimoramento permanente, a fim de desenvolver cada vez mais a sua competência. Enfim, recorrer a tudo que lhe possa ser útil no sentido de aumentar sua competência.

III - *Visão* : Estando mais senhor de si, das coisas e dos fatos, o líder poderá possuir melhor visão de conjunto e de particularidades. O sentido de unidade, por exemplo, decorre da visão global. E a visão do particular favorecerá a compreensão de determinados empecilhos a essa unidade, e dos fatores que deverão ser esclarecidos, estimulados, criticados.

IV - *Iniciativa* : O líder necessita possuir capacidade de "PARTIR PARA AÇÃO", de estimular esta ação no grupo. Ele "PUXA" o grupo fraterno, muitas vezes; outras, "EMPURRA". Iniciativa ao percorrer novos caminhos, criatividade em função de novos caminhos, em função do próprio grupo. Cumprir as normas gerais, os objetivos básicos, sem fazer deles uma cartilha de bitolamento.

V - *Serenidade* : Auto-controle, é saber enfrentar os obstáculos e emergências com a devida calma e segurança, mesmo quando existe certa dose de incerteza.

VI - *Segurança* : Evidentemente um líder inseguro, não pode estar sereno. Ele deve conhecer suas possibilidades, suas limitações, bem como as do grupo. Necessita estar bem alicerçado em sua capacidade, em sua fé, em seu ideal. Um líder inseguro perde terreno e pode, mesmo, gerar insegurança.

VII - Confiança: Precisamos confiar nos outros. Não conhecemos tudo, não somos capazes de tudo. Precisamos acreditar na capacidade do grupo. A desconfiança pode traduzir insegurança ou medo anormal do fracasso. O líder não deixa que outros façam porque, no fundo, não acredita na capacidade deles. Como, então, fazer com que o grupo cresça?

VIII - Simpatia: Não quer dizer viver sorrindo, tentando ser agradável; é compreender o grupo, as pessoas. Um grau mais avançado da simpatia será a EMPATIA (um estado de identificação profunda entre duas pessoas, em que uma pessoa se sente tão dentro da outra que chega a perder temporariamente a sua própria identidade).

IX - Autenticidade: Exige um padrão mestre que corresponda ao que pregamos, uma coerência vivencial onde transpareça, inclusive, o esforço de correção, de crescimento. Também está no que o líder deve ser na realidade, não pode aparentar, usar máscaras. Se possui personalidade agressiva, deverá aprender a controlar essa agressividade, canalizando-a para que favoreça o exercício da liderança; mas não poderá bancar o tímido. O lema é: MELHORAR, SIM; ILUDIR, NUNCA.

X - Comunicação: é de suma importância que saibamos nos comunicar e, na maior parte das vezes, o líder de grupos se comunica através da expressão verbal. Além disso, esse tipo de comunicação não se restringe às palavras; todo nosso ser pode se comunicar, através do olhar, dos gestos, das atitudes, do tom de voz, da postura. Nas palavras de D. HELDER CÂMARA (O Deserto é Fértil):

"Que toda palavra nasça da ação e da meditação.

Sem ação ou tendência à ação ela será apenas teoria que se juntará ao excesso de teoria que estão levando os jovens ao desespero.

Se ela é apenas ação sem meditação ela acabará no ativismo sem fundamento, sem conteúdo, sem força.

Presta honras ao Verbo divino, servindo-te da palavra, de forma a recriar o mundo".

5. FUNÇÕES DO LÍDER :

O ato de influir profundamente provoca laços de responsabilidade do líder para com seus liderados. Durante o período que estiver na liderança, este assume responsabilidades que o levam a algumas obrigações:

- a) *Previsão:* PERSPICÁCIA = capacidade de "ver mais longe", "mais a fundo". Maior capacidade de analisar os fatos, de interpretá-los.

RAPIDEZ DE RACIOCÍNIO = na medida em que vamos treinando nossa capacidade intelectual, vamos adquirindo a capacidade de tomar decisões rápidas, de momento, em função de situações de emergência.

IMAGINAÇÃO = na medida em que vamos enfrentando situações, problemas, vamos treinando para descobirmos soluções adequadas, novas. Não podemos reagir da mesma forma, sempre, perante os mesmos fatos; ou não saberemos reagir perante fatos novos.

b) Planejamento: Está intimamente ligado à previsão, que é mais raciocínio, mais teoria. O planejamento é algo mais prático, é mais atividade. **É A ARTE DE PROJETAR, ESTABELECEMOS HOJE O QUE SERÁ FEITO AMANHÃ.**

O Planejamento exige quatro preocupações, a saber :

I - Objetivos: É preciso fixarmos bem o que queremos. Objetivo impreciso, ação imprecisa.

II - Escolha dos Meios: Possui critérios que dependerão dos objetivos a serem alcançados, quer se trate de pessoas, quer de grupos. Além de se poder contar com as alternativas que são item importante para o bom planejamento.

III - Controlar a Situação: O planejamento em si, não assegura resultado positivo. É preciso que a liderança esteja alerta observando os passos do grupo e das pessoas.

IV - Avaliação: Parar, é uma forma de caminhar mais depressa. Se soubermos parar com a finalidade de refletir, de rever, de analisar objetivos e etapas, dificuldades eventuais, necessidades inesperadas, necessidades de correções, acabamos ganhando tempo e evitando desgastes inúteis. É aconselhável fazermos avaliações periódicas. E a avaliação final é necessária, mesmo que tudo tenha corrido às mil maravilhas.

c) Defesa : A liderança que pode prever deve estar apta a defender o grupo fraterno e seus companheiros contra riscos físicos ou morais.

d) Preparação : O líder tem a obrigação de preparar o grupo fraterno no sentido de assumir as tarefas propostas. Deve prepará-las, inclusive, para assumirem a liderança do grupo ou de outros grupos, quando oportuno. O treinamento gradativo, a confiança depositada nos elementos, a divisão de trabalho, o encargo de tarefas mais complexas, são formas de preparação. Assim, os componentes do grupo fraterno irão assumindo, gradativamente, suas posições de engajamento na Igreja e na sociedade.

Concluimos lembrando que todo o trabalho com nossas lideranças possui a intenção de formar líderes Franciscanos para Evangelizar, ou seja, **LEVAR O OUTRO A PERCEBER DEUS PRESENTE NA EXPERIÊNCIA DIÁRIA DA VIDA**, promovendo o seu

crescimento global e a sua libertação no Cristo, orientando-o a viver conforme o evangelho; é fazer e levar os outros a fazerem do mundo objeto de integração, inserindo-o no processo de amorização.

Em síntese, LIDERANÇA CRISTÃ é trabalho de despertar e conduzir o homem para Deus e para tudo o que dele recebeu. É fazer com que o outro descubra o verdadeiro amor, o Deus que se encontra inserido em cada um de nós e no mundo.

4. OS PROBLEMAS DO JOVEM NO MUNDO DE HOJE

A juventude é um dos grupos mais numerosos da sociedade Latino Americana. Tem um rosto bem concreto: mulheres e homens; indígenas, negros, mestiços e brancos; estudantes, trabalhadores e desempregados, sendo a maioria empobrecida e sofrida. A juventude é vítima de interesse de pessoas e grupos. É vista, apenas, como consumidora e executora, não como sujeito ativo na construção da sociedade e da Igreja.

O Modo de Ser Jovem

Os jovens (de 15 a 24 anos) são 19% da população brasileira em 1992 e só podem ser entendidos a partir da sociedade onde vivem e de seu momento histórico. O modo de ser jovem depende, fundamentalmente, de sua família, das condições sócio-político-econômicas e das transformações culturais que os envolvem. E por juventude entende-se, a etapa da vida na qual se deveria desenvolver o conjunto de potencialidades práticas, intelectuais, psicológicas, afetivas, espirituais e morais do homem. Ou seja, idade de transição, de definições e maturação das grandes opções.

Os jovens não são todos iguais. É difícil falar-se em juventude brasileira diante da diversidade de situações. O que há em comum é a idade e o fato de terem pouco espaço na sociedade. Há grande diferença, por exemplo, entre um jovem do interior e um da capital; entre um jovem do sul e um do nordeste, de um de cidade média e de uma metrópole. Do ponto de vista social, a maior diferença é estabelecida pela situação da classe social à qual pertence o jovem.

É preciso levar em conta o contexto em que vive o jovem hoje. A economia passou a ser o grande valor para o homem moderno e ocupa lugar central na sociedade. Com isto, tornaram-se importantes todos os meios para adquirir maior domínio, maior capacidade, maior controle. No Brasil a modernização na economia e na produção agravou a questão social. Aumentaram as desigualdades sociais, criando novos mecanismos de acumulação de riqueza excluindo deste processo a maioria da população.

Além das grandes transformações no campo econômico, com repercussões na ordem política, cultural e religiosa com evidente agravamento da questão social, o jovem recebe influência da família, da escola, dos Meios de Comunicação Social e das diferentes culturas, locais onde mora e da classe social a que pertence.

O Jovem como Pessoa

A pessoa no seu desenvolvimento passa por várias fases. Em cada uma delas precisa alcançar metas físicas, espirituais, mentais, e sociais e ser capaz de executar algumas tarefas. Começando a se desenvolver, o adolescente busca seu espaço, quer se afirmar na família e no seu grupo. Precisa estabelecer, neste período, o seu papel como pessoa humana.

A juventude é, essencialmente, fase de negação, de crise e de crítica. Os jovens exigem coerência dos outros, mesmo sem tê-la. Revisam todos os valores que lhes forem ensinados na infância, com freqüência recusando-os e negando-os. Contestam toda e qualquer autoridade e o que está estabelecido. A imagem que pode ajudar a compreender a juventude é a imagem de alguém que, para arrumar o armário, depois de acrescentar algumas gavetas e prateleiras, tirasse tudo de dentro, jogasse no chão e fosse, aos poucos, recolhendo o que parece ter valor e sentido.

A busca de si mesmo, a negação e a recusa do que lhe parece convencional, a contestação, a falta de esperança transparecem em agressividade e insegurança. Com a percepção aguçada, sensíveis a tudo que os rodeia, os jovens são capazes de viver grandes amizades, grandes paixões e, proporcionalmente, grandes decepções. Além disso, sua recente descoberta do mundo faz com que se angustiem com os dramas, as misérias, as tristezas. Sonham muito e buscam o prazer. Querem se sentir úteis, mas não sabem como. Querem se organizar, mas não têm paciência. Querem ser gente e se sentem nada.

Nesta fase de mudanças, há necessidade da companhia e amizade de jovens da mesma idade, com interesses e aspirações semelhantes. Quanto mais afinidade o jovem encontrar no grupo, tanto mais condições terá de enfrentar as pressões dos adultos e da sociedade. É na relação com os outros que o jovem se descobre pessoa responsável, capaz de decisões e sujeito da própria história. Por tudo isso, a juventude é momento de buscar o novo: valores, referências, projetos e relações.

O Jovem e a Afetividade

A afetividade e a sexualidade são aspectos importantes na vida do jovem. Distúrbios na vida afetivo-sexual poderão impedir ou comprometer o amadurecimento da personalidade, desencadeando

processos doentios de regressão ou fixação. O jovem entra num processo perturbador da descoberta do próprio corpo, dos sentimentos e emoções. Vive a descoberta do outro sexo com todos os apelos conseqüentes: atração, excitação, necessidade irreprimível de relacionamentos interpessoais. Tudo isso é experimentado de maneira traumaticamente confusa, se não houver um acompanhamento cordial, que facilite a descoberta de um sentido: a libertação e a integração pessoal e social.

O jovem, hoje, vive num contexto de prazer e "curtição" incentivado pelo sistema social vigente. Ele se vê envolvido numa rede de satisfações falsas e superficiais, reproduzindo nas relações sexuais as relações sociais de exploração e dominação. Ao descobrir seu corpo, as informações se restringem exclusivamente a conhecimentos fisiológicos e biológicos que, por si só, nunca poderão dar o sentido real e completo do sexo.

Os Meios de Comunicação Social acentuam o sentido do prazer pelo prazer, do "amor livre", através das novelas e dos anúncios comerciais. Incentivam relacionamentos superficiais e imaturos. O corpo da jovem mulher é apresentado como objeto de consumo e prazer. Uma das conseqüências disto, é que das 15 milhões de crianças que nascem por ano no Brasil, 1 milhão são filhas de adolescentes.

A família, a escola e mesmo a comunidade eclesial imprimiram, por vezes, uma educação afetivo-sexual separando os processos biofísicos da sexualidade humana do resto da pessoa. Dificultaram, assim, uma compreensão mais justa e exata da sexualidade. Ela não foi compreendida como uma dimensão essencial, orientada por um profundo sentido de diálogo, comunicação e enriquecimento mútuo, projeto no qual o prazer sexual e a redescoberta do corpo têm um significado peculiar e indispensável.

São poucos os jovens que conseguem estabelecer no namoro um tempo de conhecimento, crescimento e experiência de amor recíproco, buscando no casamento a vivência a dois, estabelecendo novas relações e que seja sinal de um projeto novo de sociedade.

Está acontecendo uma redescoberta e valorização do corpo como 'expressão dos sentimentos e afetos, como beleza, prazer, instrumento de comunicação com os outros, com a natureza e com Deus.

O Jovem e a Família

As relações familiares se alteram rápida e profundamente com as transformações na sociedade, no mundo da produção e da cultura. Para sobreviver, a maioria das famílias se vê obrigada a ingressar ativamente no mundo do trabalho. Não só o marido, mas também a mulher e os filhos têm que trabalhar garantindo o pão de-cada-dia. Com isso trazem para casa, além dos 'reduzidos salários, também os

problemas das realidades em que vivem. As constantes migrações, a dificuldade de se conseguir moradia, o empobrecimento e o desemprego vão gerando a desagregação de muitas famílias brasileiras.

Mesmo quando a família se mantém, o jovem não encontra, muitas vezes, condições reais para o diálogo e apoio. Igualmente, não encontra espaço para amadurecer a sua afetividade, seu relacionamento com os outros, o exercício de sua cidadania e sua vida religiosa. No relacionamento familiar prevalece o "machismo": o homem é o chefe da casa e tem mais direitos que a mulher. Para os mais pobres a moradia não favorece o convívio saudável. Todos lutam pelo espaço físico. Os jovens e os pais procuram ficar o máximo de tempo fora de casa.

O jovem, então, que vive momentos de procura e auto-afirmação, não tem na família acompanhamento nem experiência comunitária - de partilha e co-responsabilidade. Passa mais tempo fora que dentro, aprende mais com o grupo de amigos na escola, no trabalho e através dos meios de comunicação. Os pais não conseguem acompanhar a linguagem e as novas idéias dos filhos e se calam ou entram em conflito com eles.

A diferença de visão de mundo faz surgir conflitos entre as gerações, desentendimentos, brigas. Tudo isso leva à aversão pela estrutura familiar e à dificuldade em assumir papéis adultos e formar famílias estáveis. Essa situação negativa facilita a concepção em que se admitem relações sexuais separadas dos laços e compromissos familiares. Jovens afirmam ser donas do seu corpo, da sua vida. Querem o filho, mas não necessariamente o casamento e a família.

O suicídio, que vem aumentando seus índices entre os jovens, em muitos casos, é provocado pela falta de apoio da família, principalmente nas situações de grandes desajustes, desemprego, gravidez ou uso de drogas.

O Jovem e a Educação

Com relação à educação formal, ou escolaridade, encontramos situações bastante diversificadas; jovens que só estudam; jovens que estudam e trabalham; jovens que não podem estudar devido à crescente miséria e marginalidade na qual se encontram.

A escola nem sempre considera os jovens no momento em que vivem. Exige-se deles estar horas seguidas sentados, em silêncio, enquanto atravessam momentos de profunda vitalidade e movimento. A preocupação maior é com a ordem e a disciplina, esquecendo-se dos problemas familiares, da incerteza e dificuldade em definir a vida e a profissão.

A escola torna-se mera transmissão de saber acumulado, acentuando, em suas relações, a competição, em detrimento da solidariedade. O individualismo e o consumismo, a passividade e a uniformidade, que ignoram o pluralismo de situações e cultura dos

jovens. Os currículos são a críticos e defasados da relação de classe social dos jovens, tornando-se simples veículos da transmissão de técnicas e conhecimento. Pouco tem contribuído para o exercício consciente da cidadania dos jovens e, menos ainda, para formação de classe. Forma-se apenas o cidadão consumista. E não se incentivam os jovens a participarem sequer de suas próprias organizações, como os grêmios estudantis.

O descaso e abandono da educação pelas sucessivas políticas governamentais levam às escolas públicas ao sucateamento. Faltam bons professores, giz, bibliotecas e laboratórios, agravando a situação nas periferias e zonas rurais... A escola particular vive situações críticas para manter seu padrão. Em geral as administrações públicas, em todos os níveis, aplicam pouco do orçamento para a educação, e boa parcela é aplicada na burocracia, demonstrando o pouco valor que se dá a esta questão.

Constata-se ligeira melhoria no quadro de alfabetização da juventude. 77,6% dos jovens do campo e 93,7% dos jovens urbanos são semi ou completamente alfabetizados. Infelizmente, o sistema de alfabetização perpetua a alienação, a dominação e a opressão. O sistema educacional funciona como autêntico funil. Das crianças que têm acesso ao 1º. grau, só 13% têm acesso ao 2º. grau e só 0,6% dos jovens do meio rural e 7% dos jovens da cidade vão para a universidade.

Há, contudo, escolas que desenvolvem o espírito e a ação de grupo, fortalecendo os processos solidários de convivência e de trabalho, a partir do contexto social em que estão inseridas, sensíveis às lutas que se travam na sociedade, por mais solidariedade e justiça.

Os inúmeros movimentos populares têm sido instâncias de educação para o jovem. Possibilitam a formação da consciência crítica, criam canais para modificar as relações sociais. Esses movimentos têm tido um papel estratégico na construção de um novo projeto de nação e constituem um novo espaço de educação do jovem. As Comunidade Eclesiais de Base, as Pastorais Sociais e a Pastoral da Juventude têm se organizado para oferecer soluções alternativas libertadoras diante do quadro da realidade educacional.

O jovem universitário não está mais tão presente na sociedade brasileira, como ator político social, quanto esteve na década de 60. A universidade é um mundo fechado sobre si mesmo. A vida do povo é freqüentemente apenas assunto interessante de pesquisa. Dentro dela o jovem universitário quer sobreviver e fazer carreira. O seu diploma de estudo superior torna-se instrumento de controlo social que lhe assegura as melhores oportunidades sociais. É a credencial que distingue o indivíduo da massa.

O Jovem e a Sociedade

O processo de modernização e de inovação tecnológica em

nosso país está privilegiando apenas algumas camadas sociais. A maioria dos jovens, como do povo brasileiro, está fora deste processo. Os últimos dados não indicam nenhuma mudança nesse quadro de crescente disparidade de renda. As grandes camadas populares continuam sem atendimento em suas necessidades básicas. Isso se confirma pela crescente disparidade de renda, sendo o país a 8ª economia mundial é um dos últimos situados com relação aos indicadores sociais. A juventude, grande parte da população, não escapa das conseqüências desta situação.

A falta de terra para quem nela trabalha, a inadequada política agrícola e o sonho acalentado pelos meios de comunicação provocam o esvaziamento do campo e o conseqüente "inchaço" das cidades. Não tendo dinheiro suficiente, os migrantes vão morar em favelas e vilas irregulares, onde faltam os serviços básicos: água, esgoto, escola, saúde e transporte. Nas grandes cidades, a maior porcentagem de jovens e crianças está nas periferias e nas zonas centrais deterioradas.

A violência no Brasil começa no campo: é a violência do governo e dos latifundiários contra os posseiros, os indígenas, os sem-terra, os líderes dos trabalhadores rurais, os bóias-frias. Na cidade há a violência institucionalizada pelos policiais contra os pobres, principalmente os negros. Há, também, a violência policial de grupos de extermínio. Toda essa violência é decorrente da marginalização social e da miséria. A maior parte dos presidiários são jovens. A mulher é vítima da violência física e sexual em casa e nas ruas. Há mais de 8 milhões de crianças e adolescentes abandonados. Outros 30 milhões são desamparados.

A prostituição é um jogo sujo, hoje, nas ruas e esquinas das cidades brasileiras. A jovem envolvida é atingida mental e fisicamente, enquanto o jovem se embrutece para nem sequer sentir a culpa moral que carrega. São muitas as causas que geram a prostituição: machismo, desintegração da família, sobrevivência, promiscuidade, os meios de comunicação que promovem o erotismo, a pornografia e o prazer. A prostituição é também favorecida pela dupla moral que impera na sociedade e afeta as famílias.

O uso e o tráfico das drogas cresceu muito nos últimos anos. Tanto os jovens pobres, quanto os ricos se drogam e participam da rede de tráfico. Existem muitas causas para que um jovem comece a se drogar: O medo, o vazio existencial, a falta de perspectivas para sua vida, o desafio da sobrevivência, a revolta contra sua situação, e até mesmo o desejo de aventuras e sensações alucinantes.

Há muitos tipos de drogas. Desde as drogas "leves" e legalizadas como o álcool e o fumo, até drogas "pesadas" como a heroína, LSD, cocaína, crake e maconha. Algumas causam dependência física, outras dependência psíquica ou as duas juntas. Dificilmente o jovem entra ou sai sozinho da droga. Geralmente, vai no embalo do grupo ou do ambiente de shows. Precisa de ajuda, apoio e compreensão para se libertar.

O racismo e os preconceitos estão muito presentes em nossa sociedade. Não apenas contra os negros, mas também os indígenas e os jovens das classes populares. Os índios são vistos como preguiçosos ou folclóricos. Os de classes populares como assaltantes e criminosos, principalmente os da raça negra. Há também a marginalização do jovem homossexual e do aidético.

A história mostra que o jovem, quando se une a outros jovens, torna-se a força mais dinamizadora da sociedade. Assim, a juventude, como grupo social e liderada por jovens comprometidos, é capaz de forçar a sociedade a realizar mudanças a curto prazo. Foi o que aconteceu em Paris em 1968, quando os estudantes exigiram reformas nas universidades e na sociedade, e chegaram a abalar o forte governo do general De Gaulle.

Nos Estados Unidos fizeram o governo parar com a guerra do Vietnã e, no Brasil, na década de 50, os estudantes reforçaram a criação da Petrobrás. Na mobilização pelas "Diretas Já", em 84, e no processo Constituinte, de 1988, sua participação foi decisiva. Estes mesmos jovens estão nos movimentos sociais, na luta pela terra, defesa dos direitos humanos, no transporte e emprego... E há ainda a lembrar a participação dos jovens nos recentes acontecimentos na China na Coreia e no Brasil com o afastamento de Collor.

O mesmo acontece na Igreja : quem fermentou a renovação dos anos 50 e 60 foram os jovens, principalmente os da Ação Católica Especializada. Hoje, jovens dinamizam a liturgia, a catequese, as romarias, as CEBs, comunidades e paróquias, e participam de movimentos apostólicos. Muitos jovens surgidos de movimentos e pastorais assumem militâncias fundamentais nos vários organismos sindicais e movimentos populares e alternativos. Infelizmente, muitos destes jovens acabam se afastando da vida eclesial por falta de autocrítica e por falta de acolhimento e de espaço na própria Igreja.

O Jovem e o Mundo do Trabalho

A injusta distribuição de renda faz com que os jovens e muitas crianças tenham que ingressar no mercado de trabalho para sobreviverem e ajudarem na manutenção de suas famílias. Sem experiência e sem capacitação profissional, cerca de 1 milhão de jovens entram a cada ano no mercado de trabalho, sujeitando-se a qualquer tipo de serviço e salário e aumentando a quantidade de pessoas concorrendo ao mesmo emprego. Isso colabora para o aumento do exército de desempregados, favorecem o aviltamento dos salários, a pressão dos patrões contra a organização no mundo do trabalho. Os mais velhos sentem-se cada vez mais ameaçados pela presença dos jovens e, ao invés de relações solidárias, acirra-se a competitividade.

Dentro deste quadro a situação da jovem trabalhadora é gritante, principalmente da jovem negra. 40% dos jovens que trabalham são mulheres e estão mais sujeitas às dificuldades do mercado de trabalho. ao sair da estrutura de dominação machista da família, entram para estruturas machistas no emprego - o patrão, o chefe, o companheiro de trabalho. São submetidas a testes de gravidez antes de serem admitidas e a programas de esterilização. Caso fiquem grávidas, muitas vezes, são dispensadas. As casadas tem mais dificuldade em conseguir emprego. As jovens trabalhadoras exercem as mesmas funções que os homens, mas recebem salários mais baixos. São submetidas muitas vezes a perseguições sexuais precisando escolher entre serem objetos sexuais dos superiores ou ficarem desempregadas.

O Jovem e a Política

Os jovens do começo dos anos 60 estiveram em várias frentes : movimento hippie, músicas de protesto e lutas sociais. A União Nacional de Estudantes (UNE), juntamente com os vários grupos da Ação Católica e os Sindicatos fizeram ouvir a sua voz: formaram o chamado "poder jovem" para lutar por mudanças na sociedade e para conscientizar os mais pobres de que eles eram explorados e deveriam reagir e se organizar. A repressão violenta dos militares depois do golpe de 1964 acabou com os sonhos juvenis. Várias organizações de jovens estão, hoje, em processo de rearticulação.

Hoje a escola deixou de ser lugar referencial para organização política da juventude. Grande parte não estuda, e se estuda trabalha em outros períodos. "Os jovens brasileiros são os que menos estudam e mais cedo entram no mercado de trabalho". Pode-se constatar um quadro paradoxal quanto à participação política da juventude: a maioria dos jovens não participa de partidos políticos, associações de bairro, movimentos populares, abaixo-assinados. No entanto, a maior parte das pessoas que participam de grandes manifestações políticas são jovens.

Segundo pesquisas de opinião, os jovens são os que se sentem mais marginalizados nas decisões políticas, mas também, os que têm maior vontade de participar. A sua presença nas atividades não institucionalizadas de intervenção na vida pública - tais como assinar manifestos, abaixo-assinados, freqüentar reuniões de associações de bairro ou manifestações de rua - tende a ser tão ou mais significativa do que as dos mais velhos.

A conquista de voto aos 16 anos foi resultado da mobilização da juventude. Ela representa um importante espaço de participação política e de responsabilidade no exercício da cidadania. Ao mesmo tempo há o perigo de manipulação e desilusão devido à prática política clientelista e cartorial. Esta prática tem gerado apatia e descrédito na juventude, pois os partidos deixaram de organizar seu público, discutir com ele as políticas alternativas, abdicando de suas funções propriamente

educativas. A participação consciente através do voto exige educação política. É exercendo este direito que se aprende.

5. PERSONALIDADE

Todos nós já ouvimos falar, provavelmente muitas vezes, em "PERSONALIDADE". Ou é um pai que, orgulhoso, diz que seu filho tem uma personalidade "forte", ou alguém que, ressentido, diz que seu colega "não tem personalidade".

O que estas pessoas estariam querendo significar com esta palavra? Pode ser que o pai esteja dizendo que seu filho exerce uma influência marcante sobre os amigos dele e a outra pessoa, quem sabe, está afirmando que o colega não sustenta suas opiniões em todas as situações.

O que parece comum, nestes exemplos, e também sempre que a palavra personalidade é usada na linguagem informal, é a referência a um atributo ou característica da pessoa, que causa alguma impressão nos outros. Isto também é válido quando se ouve falar em "personalidade tímida" ou "agressiva", etc.

Este significado implícito é derivado, provavelmente, do sentido etimológico da palavra.

Personalidade se origina da palavra latina "PERSONA", nome dado à máscara que os atores do teatro antigo usavam para representar seus papéis ("per-sona" significa "soar através").

O sentido original do termo está, pois, bastante relacionado ao sentido popular porque se refere à aparência externa, à impressão que cada um causa nos outros.

A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

A configuração única da personalidade de um indivíduo desenvolve-se a partir de fatores genéticos e ambientais.

Os fatores genéticos exercem sua influência através da estrutura orgânica e do processo de maturação. Os fatores ambientais incluem tanto o meio físico como social e começam a influenciar a formação da personalidade já na vida intra-uterina.

No mesmo instante em que o óvulo é fecundado, isto é, no momento da concepção, o ser humano recebe a totalidade de sua herança genética. Nada poderá ser acrescentado. Mas a partir do momento da fecundação, este projeto de indivíduo se encontra necessariamente sob a influência de um ambiente, o útero materno, habitat primário dos mamíferos. Portanto, do ponto de vista da genética, nem tudo aquilo com que nascemos é hereditariedade.

Personalidade e Hereditariedade

Hereditariedade é a transmissão de caracteres dos pais aos seus descendentes através de seus genes. Os genes (ou gens) são estruturas minúsculas encontradas nos cromossomos, presentes nos núcleos das células.

As células humanas, segundo as últimas pesquisas, têm 46 cromossomos dispostos em 23 pares. As células germinativas (espermatozóide e óvulo) contêm apenas um membro de cada par, de modo que, quando se unem e formam o zigoto, completam novamente os 23 pares.

Assim na formação de cada novo indivíduo, exatamente a metade dos cromossomos vêm do pai e a outra metade da mãe.

TEORIA PSICANALÍTICA DE FREUD

A partir do estudo do comportamento anormal, usando o estudo de caso, Freud constrói uma sistemática e bem acabada teoria para explicar a personalidade normal e anormal.

Para Freud, a personalidade é composta por três grandes sistemas: o *id*, o *ego* e o *superego*.

Id - O *id* é a única fonte de toda energia psíquica (libido). É de origem orgânica e hereditária. Apresenta a forma de instintos inconscientes que impulsionam o organismo. Há dois tipos de instintos: de vida, tais como fome, sede e sexo; e os de morte, que apresentam a forma de agressão.

O *id* não tolera a tensão. Se o nível de tensão é elevado, age no sentido de descarregá-la. O princípio de redução de tensão, pela qual o *id* opera chama-se princípio do prazer. O *id*, no entanto, não conhece a realidade objetiva, por isso não pode satisfazer as necessidades do organismo. Surge, então, o *ego*.

Ego - Existe porque são necessárias transações apropriadas com o mundo objetivo da realidade. O *ego* opera pelo princípio da realidade.

Para realizar suas funções, isto é, procurar satisfazer objetivamente as necessidades do *id*, o *ego* tem o controle de todas as funções cognitivas como perceber, pensar, planejar e decidir.

Superego - É o representante interno das normas e valores sociais que foram transmitidas pelos pais através do sistema de castigos e recompensas impostos à criança.

Com a formação do *superego*, o controle dos pais é substituído pelo autocontrole. O *superego* nos pune (através do remorso, do sentimento de culpa) quando fazemos algo de errado, e também nos

recompensa -(sentimos satisfação, orgulho) quando fazemos algo meritório.

As principais funções do *superego* são: inibir os impulsos do *id* (principalmente os de natureza agressiva e sexual) e lutar pela perfeição.

De uma maneira geral, o *id* pode ser considerado o componente biológico da personalidade, o *ego*, o componente psicológico e o *superego* o componente social.

Os três sistemas da personalidade não devem ser considerados como manequins independentes que governam a personalidade.

Cada um deles tem suas funções próprias, seus princípios, seus dinamismos, mas atuam um sobre o outro de forma tão estreita que é impossível separar os seus efeitos.

O comportamento do adulto normal é o resultado da interação recíproca dos três sistemas, que, em geral, não colidem e nem têm objetivos diversos.

Níveis de Consciência

Um conteúdo mental qualquer pode estar, para Freud, em um dos três níveis de consciência: *Consciente*, *Pré-consciente* e *Inconsciente*.

O consciente - inclui tudo aquilo de que estamos cientes num determinado momento.

O pré-consciente - (ou sub-consciente) se constitui nas memórias que podem se tornar acessíveis a qualquer momento, como, por exemplo, o que você fez ontem, uma fórmula matemática, o seu endereço anterior, etc. É uma espécie de "depósito" de lembranças à disposição quando necessárias.

No Inconsciente - estão elementos instintivos e material reprimido, inacessíveis à consciência e que podem vir à tona num sonho, num ato falho ou pelo método da associação livre.

Existe uma relação entre os três sistemas da personalidade e os três níveis de consciência.

A personalidade, à medida que se desenvolve, enfrenta uma série de problemas e situações novas às quais se deve adaptar ou com as quais deve conviver. Estes problemas geram estados psicológicos conhecidos com o nome de *Conflitos*, *Frustrações* e *Ansiedades*.

Alguns imaginam que a diferença entre a pessoa normal e a anormal reside no fato de que as primeiras não têm os problemas citados acima, enquanto as últimas, sim. Isso, contudo não é verdade. Os conflitos, as frustrações e as ansiedades estão presentes na vida de todo e qualquer ser humano. Até determinado grau, esses problemas são inerentes à vida e indicam até normalidade. Independentemente de quem somos e da quantidade e qualidade de nossas energias psíquicas, haverá sempre motivos não satisfeitos, barreiras a superar, escolhas a fazer, adiamentos a tolerar e objetos e situações a temer.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- CNBB - *Manual da Campanha da Fraternidade*. São Paulo: Editora Salesiana. 1992.
- FRITZEN, S. J. *Relações Humanas Interpessoais*. Petrópolis: Vozes. 1992.
- MINICUCCI, A. *Técnicas do Trabalho de Grupo*. São Paulo: Atlas. 1992.
- Sec. Exec. Nac. da JUFRA - *Formação da JUFRA do Brasil, 1ª Etapa*. 1994.
- Sec. Exec. Reg. da JUFRA XIIª Região - *Curso de Formação, Metodologia, liderança e Dinâmicas de Grupo*. 1991.
- PISANE, E. M. *Psicologia Geral*. 8ª Ed. Porto Alegre: Vozes. 1989.

CONHECIMENTO DA IGREJA

1. PROJETO DE DEUS

A Constituição Dogmática *LUMEN GENTIUM* sobre a Igreja, nos consagra estas maravilhosas palavras sobre o Projeto que Deus realizou e realiza na sua Igreja, Povo de Deus.

O Plano do Pai Eterno Acerca da Salvação Universal

O Pai Eterno, por libérrimo e arcano designio de sua sabedoria e bondade, criou todo o universo. Decretou elevar os homens à participação da vida divina. E, caídos em Adão, não os abandonou, ofereceu-lhes sempre os auxílios para a salvação, em vista de Cristo, o Redentor, "que é a imagem de Deus, o primogênito de toda a criatura" (Col 1,15). A todos os eleitos o Pai, desde a eternidade, "conheceu e predestinou a serem conformes à imagem de seu Filho, para que ele fosse o primogênito entre muitos irmãos" (Rom 8,29). Assim estabeleceu congregar na santa Igreja os que crêem em Cristo. Desde a origem do mundo a Igreja foi prefigurada. Foi admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na antiga aliança. Foi fundada nos últimos tempos. Foi manifestada pela efusão do Espírito. E no fim dos tempos será gloriosamente consumada, quando, segundo se lê nos santos Padres, todos os justos desde Adão, "do justo Abel até o último eleito", serão congregados junto ao Pai na Igreja universal (*LUMEN GENTIUM*, 1,2).

As Várias Imagens da Igreja

No Antigo Testamento a revelação do Reino se propõe muitas vezes sob figuras. Da mesma forma também agora nos é dado a conhecer a natureza íntima da Igreja por várias imagens. Tiradas quer da vida pastoril ou da agricultura, quer da construção ou também da família e dos esposais, são preparadas nos livros dos profetas.

A Igreja é um *redil* do qual Cristo é a única e necessária porta (Jo 10,1-10). É também a grei da qual o próprio Deus renunciou ser o pastor (cf. Is 40,11; Ex 34,11 ss). Suas ovelhas, embora governadas por pastores humanos, são contudo incessantemente conduzidas e nutridas pelo próprio Cristo, o bom Pastor e Príncipe dos pastores (cf. Jo 10,11; 1Ped 5,4), que deu sua vida pelas ovelhas (cf. Jo 10,11-15).

A Igreja é a *lavoura* ou o campo de Deus (1Cor 3,9). Nesse campo cresce a oliveira antiga, cuja raiz santa foram os Patriarcas e na qual foi feita e se fará a reconciliação dos Judeus e dos Gentios (Rom 11,13-26). Ela foi plantada pelo celeste Agricultor como vinha eleita (Mt 21,33-43 par.; cf. Is 5,1 ss). Cristo é a verdadeira vide, que dá vida e

fecundidade aos ramos, quer dizer, a nós que pela Igreja permanecemos n'Ele e sem o Qual nada podemos fazer (Jo 15,1-5).

Com freqüência a Igreja é chamada também *construção* de Deus (1Cor 3,9). A si mesmo o Senhor se comparou a uma pedra que os construtores rejeitaram mas que se tornou a pedra angular (Mt 21,42 par.; cf. At 4,11; 1Ped 2,7; Sl 117,22). Sobre esse fundamento a Igreja é construída pelos Apóstolos (cf. 1Cor 3,11). Dele recebe firmeza e coesão. Essa construção recebe vários nomes: casa de Deus na qual habita a sua *família*, morada de Deus no Espírito (Ef 2,19-22), tenda de Deus entre os homens (Apoc 21,3) e principalmente *templo* santo, que, representado em santuários de pedra, é louvado pelos santos Padres e, não sem razão, comparado na Liturgia com a Cidade santa, a nova Jerusalém. Pois nela quais pedras vivas somos edificados nesta terra (1Ped 2,5). E João contempla esta cidade que, na renovação do mundo, desce do céu, de junto de Deus, adornada como uma esposa ataviada para o seu esposo (Apoc 21,1 ss).

A Igreja é chamada também "Jerusalém celeste" e "nossa mãe" (Gál 4,26; cf. Apoc 12,17). É ainda descrita como a *esposa* imaculada do Cordeiro imaculado (Apoc 19,7; 21,2 e 9; 22,17). Cristo "amou-a e por ela se entregou, para santificá-la" (Ef 5,26); associou-a a Si por uma aliança indissolúvel e incessantemente "a nutre e dela cuida" (Ef 5,29); tendo-a purificado, a quis unida e sujeita a Si no amor e na fidelidade (cf. Ef 5,24); enfim cumulou-a para sempre de bens celestes para que compreendamos a caridade de Deus e de Cristo para conosco, que ultrapassa todo o conhecimento (cf. Ef 3,19). Enquanto, pois nesta terra a Igreja peregrina longe do Senhor (cf. 2Cor 5,6), considera-se exilada e assim busque e saboreie as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus, onde a vida da Igreja está escondida com Cristo em Deus, até que apareça com seu Esposo na glória (cf. Col 3,1-4). (LG 1,6)

Nova Aliança e Novo Povo

Em qualquer época e em qualquer povo é aceito por Deus todo aquele que O teme e pratica a justiça (cf. At 10,35). Aproveu contudo a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituir-los num povo, que O conhecesse na verdade e santamente O servisse. Escolheu por isso a Israel como o Seu povo. Estabeleceu com ele uma aliança. E instruiu-o passo a passo. Na história deste povo de Deus se manifestou a si mesmo e os desígnios da Sua vontade. E santificou-o para Si. Tudo isso, porém, aconteceu em preparação e figura para aquela nova e perfeita aliança que se estabelecerá em Cristo, e para transmitir uma revelação mais completa através do próprio Verbo de Deus feito carne. "Eis virão dias, diz o Senhor, em que eu farei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá... Gravarei a minha lei nas suas entranhas, e a

escreverei nos seus corações e serei o seu Deus e eles serão o Meu povo... Todos me conhecerão, desde o menor até o maior, diz o Senhor" (Jer 31,31-34). Foi Cristo quem instituiu esta nova aliança, isto é, o novo testamento em seu sangue (cf. 1Cor 11,25), chamando de entre judeus e gentios um povo, que junto crescesse para a unidade, não segundo a carne, mas no Espírito, e fosse o novo Povo de Deus. Na verdade os que crêem em Cristo, os que renasceram não de semente corruptível mas incorruptível pela palavra do Deus vivo (cf. 1Ped 1,23), não da carne mas da água e do Espírito Santo (cf. Jo 3,5-6), são finalmente constituídos "em linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido... que outrora não eram, mas agora são povo de Deus" (1Ped 2,9-10). (LG 2,9; § 24).

Como Israel segundo a carne, que peregrinava no deserto, já é chamado Igreja de Deus (2 Esdr 13,1; cf. Num 20,4; Dt 23,1 ss), assim o novo Israel que, caminhando no presente tempo, busca a futura cidade perene (cf. Heb 13,14), também é chamado Igreja de Cristo (cf. Mt 16,18). Pois o próprio Cristo adquiriu-a com o seu sangue (cf. At 20,28), encheu-a de seu Espírito e dotou-a de meios aptos de união visível e social. Deus convocou e constituiu a Igreja – comunidade congregada daqueles que, crendo, voltam seu olhar a Jesus, autor da salvação e princípio da unidade e da paz – a fim de que ela seja para todos e para cada um o sacramento visível desta salutífera unidade. Devendo estender-se a todas as regiões da terra, ela entra na história dos homens, enquanto simultaneamente transcende os tempos e os limites dos povos. Andando, porém, através de tentações e tribulações, a igreja é confortada pela força da graça de Deus prometida pelo Senhor, para que na fraqueza da carne não decaia da perfeita fidelidade, mas permaneça digna esposa de seu Senhor e, sob a ação do Espírito Santo, não deixe de renovar-se a si mesma, até que pela cruz chegue a luz que não conhece o ocaso (LG 2,9; §26).

2. JESUS CRISTO E SEU PROJETO

A Missão e o Múnus do Filho

Veio portanto o Filho, enviado pelo Pai. Foi n'Ele que, antes da constituição do mundo, o Pai nos escolheu e destinou a sermos filhos adotivos, porquanto foi de seu beneplácito restaurar n'Ele todas as coisas (cf. Ef. 1,4-5 e 10). Para cumprir a vontade do Pai, Cristo inaugurou na terra o Reino dos céus, revelou-nos seu mistério e por sua obediência realizou a redenção. A Igreja, ou seja o Reino de Cristo já presente em mistério, pelo poder de Deus cresce visivelmente no mundo. Este começo e crescimento são ambos significados pelo sangue e pela água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado (cf. Jo 19,34) e preanunciadas pelas palavras do Senhor acerca de sua morte na cruz: "E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim" (Jo

12,32). Exerce-se a obra de nossa redenção sempre que o sacrifício da cruz, pelo qual Cristo nossa Páscoa foi imolado (1Cor 5,7), se celebra sobre o altar. Ao mesmo tempo a unidade dos fiéis que constituem um só corpo em Cristo (cf. 1Cor 10,17) é significada e realizada pelo sacramento do pão eucarístico. Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, que é a luz do mundo, do qual procedemos, por quem vivemos e para quem tendemos (LG 1,3).

O Reino de Deus

O mistério da santa Igreja manifesta-se na sua fundação. Pois o Senhor Jesus iniciou sua Igreja pregando a boa-nova, isto é, o advento do Reino de Deus prometido nas Escrituras havia séculos: "Porque completou-se o tempo e o Reino de Deus está próximo" (Mc 1,15; cf. Mt 4,17). Este Reino manifesta-se lucidamente aos homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo. Pois a palavra do Senhor é comparada à semente, semeada no campo (Mc 4,14): os que a ouvem com fé e são contados no número da pequena grei de Cristo (Lc 12,32) receberam o próprio Reino; depois, por sua própria força a semente germina e cresce até o tempo da messe (cf. Mc 4,26-29). Também os milagres de Jesus comprovam que o Reino já chegou à terra: "Se expulso o demônio pelo dedo de Deus, certamente é chegado a vós o Reino de Deus" (Lc 11,20; cf. Mt 12,28). Sobretudo, porém, o Reino é manifestado na própria Pessoa de Cristo, Filho de Deus e Filho do homem, que veio "para servir e dar a sua vida em redenção por muitos" (Mc 10,45).

Mas como Jesus, que padeceu a morte na cruz pelos homens, ressuscitou, apareceu como constituído Senhor e Cristo e Sacerdote para sempre (cf. At 2,36; Heb 5,6; 7,17-21) e derramou sobre Seus discípulos o Espírito prometido pelo Pai (At 2,33). Por isso a Igreja, enriquecida com os dons de seu Fundador e observando fielmente Seus preceitos de caridade, humildade e abnegação, recebeu a missão de anunciar o Reino de Cristo e de Deus, de estabelecê-lo em todos os povos e deste Reino constituiu na terra o germe e o início. Entrementes ela, enquanto cresce paulatinamente, anela pelo Reino consumado e com todas as suas forças espera e suspira unir-se ao seu Rei na glória (LG 1,5).

A Igreja Corpo Místico de Cristo

O Filho de Deus, na natureza humana unida a si, vencendo a morte por sua morte e ressurreição, remiu e transformou o homem numa nova criatura (cf. Gál 6,15; 2Cor 5,17). Ao comunicar o Seu Espírito, fez de Seus irmãos, chamados de todos os povos, misticamente os componentes de Seu próprio Corpo.

Nesse corpo difunde-se a vida de Cristo nos crentes que, pelos sacramentos, de modo misterioso e real, são unidos a Cristo morto e glorificado. Pelo batismo configuramo-nos com Cristo: "Com efeito em um só Espírito fomos batizados todos nós para sermos um só corpo" (1Cor 12,13). Esse rito sagrado representa e realiza com a morte e ressurreição de Cristo: "Com Ele fomos sepultados pelo batismo para [participarmos] da morte"; mas si "fomos feitos uma coisa com Ele na semelhança de sua morte, sê-lo-emos igualmente na de sua ressurreição" (Rom 6,4-5). Participando realmente do Corpo do Senhor na fração do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós. "Sendo um só o pão, todos os que participam deste pão único formamos um só corpo" (1Cor 10,17). Assim tornamo-nos todos membros desse Corpo (cf. 1Cor 12,27), "cada um, membros uns dos outros" (Rom 12,5).

Mas como todos os membros do corpo humano, embora muitos, formam contudo um só corpo, assim também os fiéis em Cristo (cf. 1Cor 12,12). Também na edificação do corpo de Cristo há diversidade de membros e de funções. Um só é o Espírito que, para utilidade da Igreja, distribui Seus vários dons segundo suas riquezas e as suas necessidades dos ministérios (cf. 1Cor 12,1-11). Entre esses dons avulta a graça dos Apóstolos à cuja autoridade o próprio Espírito submete até os carismáticos (cf. 1Cor 14). O mesmo Espírito, unificando o corpo por Si e Sua força e pela conexão interna dos membros, produz e estimula a caridade entre os fiéis. Por isso, se um membro sofre, todos os membros padecem com ele; ou se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele (cf. 1Cor 12,26).

A Cabeça deste corpo é Cristo. Ele é a imagem de Deus invisível e n'Ele foram criadas todas as coisas. Ele é antes de todos. E todas as coisas n'Ele subsistem. Ele é a cabeça do corpo que é a Igreja. Ele é o princípio, o primogênito dentre os mortos, de maneira que tem a primazia em todas as coisas (cf. Col 1,15-18). Pela grandeza de Seu poder domina as coisas do céu e da terra. E por Sua supereminente perfeição e operação enche todo o corpo das riquezas de Sua glória (cf. Ef 1,18-23).

É necessário que todos os membros se conforme com Ele, até que Cristo seja formado neles (cf. Gál 4,19). Por isso somos inseridos nos mistérios de Sua vida, com Ele configurados, com Ele mortos e com Ele ressuscitados, até que com Ele reinemos (cf. Filip 3,21; 2Tim 2,11; Ef 2,6; Col 2,12; etc.). peregrinando ainda na terra, palmilhando em Seus vestígios na tribulação e na perseguição, associamo-nos às Suas dores como o corpo à Cabeça, para que padecendo com Ele sejamos com Ele também glorificados (cf. Rom 8,137).

D'Ele "todo o corpo, alimentado e ligado pelas juntas e ligaduras, aumenta no crescimento dado por Deus" (Col 2,19). Ele mesmo distribuiu continuamente os dons dos ministérios no seu corpo que é a Igreja, através dos quais, pela força derivada d'Ele, nos prestamos mutuamente

os serviços para a salvação de tal forma que, vivendo a verdade na caridade, em tudo crescamos n'Ele que é a nossa Cabeça (cf. Ef 4,11-16, grego).

Para que n'Ele incessantemente nos renovemos (cf. Ef 4,23), deu-nos de Seu próprio Espírito, que, sendo um só e o mesmo na Cabeça e nos membros, de tal forma vivifica, unifica e move todo o corpo que Seu ofício pôde ser comparado pelos santos Padres com a função que exerce o princípio da vida ou a alma no corpo humano.

Cristo ama a Igreja como Sua Esposa, tornando modelo do marido que ama sua mulher como seu próprio corpo (cf. Ef 5,25-28); mas a Igreja está sujeita à sua Cabeça (ib. 23-24). "Porque n'Ele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Col 2,9), enche com Seus dons divinos a Igreja que é Seu corpo e Sua plenitude (cf. Ef 1,22-23), para que ela se desenvolva e chegue à completa plenitude de Deus (cf. Ef 3,19).

O Espírito Santificador da Igreja

Consumada pois, a obra que o Pai confiara ao Filho realizar na terra (cf. Jo 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes afim de santificar perenemente a Igreja para que assim os crentes pudessem aproximar-se do Pai por Cristo num mesmo Espírito (cf. Ef 2,18). Ele é o Espírito da vida ou a fonte de água que jorra para a vida eterna (cf. Jo 4,14; 7,38-39). Por Ele o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até que em Cristo ressuscitem seus corpos mortais (cf. Rom 8,10-11). O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo (cf. 1Cor 3,16; 6,19). Neles ora e dá testemunho de que são filhos adotivos (cf. Gál 4,6; Rom 8.15-16 e26). Leva a Igreja ao conhecimento da verdade total (cf. Jo 16,13). Unifica-a na comunhão e no ministério. Dota-a e dirige-a mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos. E adorna-a com Seus frutos (cf. Ef 4,11-12; 1Cor 12,4; Gál 5,22). Pela força do Evangelho Ele rejuvenesce a Igreja, renova-a perpetuamente e leva-a à união consumada com seu Esposo. Pois o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: "Vem" (cf. Apoc 22,17).

Desta maneira aparece a Igreja toda como "o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (LG 1,4).

O Senso da Fé e os Carismas no Povo Cristão

O Povo santo de Deus participa também do múnus profético de Cristo, pela difusão de seu testemunho vivo, sobretudo através de uma vida de fé e caridade, e pelo oferecimento a Deus do sacrifício de louvor, fruto de lábios que confessam o seu nome (cf. Heb 13,15). O conjunto dos fiéis, ungidos que são pela unção do Santo (cf. 1Jo 2,20-27), não

pode enganar-se no ato de fé. E manifesta esta sua peculiar propriedade mediante o senso sobrenatural da fé de todo o povo quando, "desde os Bispos até os últimos fiéis leigos, apresenta um consenso universal sobre questões de fé e costumes. Por este senso da fé, excitado e sustentado pelo Espírito da verdade, o Povo de Deus – sobre a direção do sagrado Magistério, a quem fielmente respeita – não já recebe a palavra de homens, mas verdadeiramente a palavra de Deus (cf. 1Tess 2,13); apega-se indefectivelmente à fé uma vez para sempre transmitida aos santos (cf. Jud 3); e, com reto juízo, penetra-a mais profundamente e mais plenamente a plica na vida.

Não é apenas através dos sacramentos e dos ministérios que o Espírito Santo santifica e conduz o Povo de Deus e orna de virtudes, mas, repartindo seus dons "a cada um como lhe apraz" (1Cor 12,11), distribui entre os fiéis de qualquer classe mesmo graças especiais. Por elas os torna aptos e prontos a tomarem sobre si os vários trabalhos e ofícios, que contribuem para renovação e maior incremento da Igreja, segundo estas palavras: "A cada um é dada a manifestação do Espírito para utilidade comum" (1Cor 12,7). Estes carismas, quer eminentes, quer mais simples e mais amplamente difundidos, devem ser recebidos com gratidão e consolação, pois que são perfeitamente acomodados e úteis às necessidades da Igreja. Os dons extraordinários, todavia, não devem ser temerariamente pedidos, nem deles devem presunçosamente ser esperados frutos de obras apostólicas. O juízo sobre sua autenticidade e seu ordenado exercício competem aos que governam a Igreja. A eles em especial cabe não extinguir o Espírito, mas provar as coisas e ficar com o que é bom (cf. 1Tess 5,12 e 19,21). (LG 2,12)

Universalidade ou Catolicidade do Único Povo de Deus

Todos os homens são chamados a pertencer ao novo Povo de Deus. Por isso este povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os tempos, para que se cumpra o desígnio da vontade de Deus. No começo deus formou uma só natureza humana e enfim decretou congregar seus filhos que estavam dispersos (cf. Jo 11,52). Foi para isso que deus enviou Seu Filho, a Quem constituiu herdeiro de todas as coisas (cf. Heb 1,2), para que Ele fosse Mestre, Rei e Sacerdote de todos, Cabeça do novo e universal povo dos filhos de Deus. Para isso Deus enviou enfim o Espírito de seu Filho, Senhor e Fonte de vida. É Ele que congrega toda a Igreja, cada um e todos os crentes. É Ele o princípio de unidade na doutrina dos Apóstolos, na fração do pão e nas orações (cf. At 2,42, grego).

Assim, pois, o único Povo de Deus estende-se a todos os povos da terra, recebendo de todos eles seus cidadãos para fazê-los cidadãos de um Reino com índole não terrestre mas celeste. Pois todos os fiéis dispersos pela terra estão em comunhão com os demais no Espírito

Santo, e assim "aquele que ocupa a sede de Roma sabe que os da Índia são membros seus". Não sendo, porém, o Reino de Cristo deste mundo (cf. Jo 18,36), também a Igreja ou o Povo de Deus que conduz a este reino, nada subtrai ao bem temporal de qualquer povo, até pelo contrário fomenta e assume, enquanto bons, as capacidades, as riquezas e os costumes dos povos. Assumindo-os, purifica-os, reforça-os e eleva-os. Pois sabe que deve colher com aquele Rei a Quem os povos foram dados em herança (cf. Sl 71[72],10; Is 60,4-7; Apoc 21,24). Este caráter de universalidade que condecora o Povo de Deus é um dom do próprio Senhor, pelo qual a Igreja Católica, eficaz e perpetuamente, tende a recapitular toda a humanidade com todos os seus bens sob Cristo Cabeça, na unidade do Seu Espírito.

Em virtude desta catolicidade cada uma das partes traz seus próprios dons as demais partes e a toda a Igreja. Assim o todo de cada uma das partes aumentam, comunicando entre si todas as riquezas e aspirando a plenitude na unidade. Daí resulta que o Povo de Deus não é só a reunião dos diversos povos, mas em sua estrutura interna é também composto de várias ordens. Pois há diversidade entre seus membros, quer de ofícios, enquanto alguns exercem o sagrado ministério a bem de seus irmãos; quer de condição e modo de vida, enquanto um maior número, no estado religioso, tendendo à santidade por um caminho mais estreito, estimula os irmãos com seu exemplo. Por isso também na comunhão eclesial há legitimamente Igrejas particulares gozando de tradições próprias, permanecendo íntegro o primado da Cátedra de Pedro, que preside a assembléia universal da caridade, protege as legítimas variedades e ao mesmo tempo vigia para que as particularidades não prejudiquem a unidade, mas antes estejam a seu serviço. Daí finalmente, entre as diversas partes da Igreja há vínculos de íntima comunhão com relação às riquezas espirituais, aos operários apostólicos e aos subsídios temporais. Os membros do Povo de Deus são chamados à comunhão dos bens, e também de cada uma das Igrejas valem as palavras do Apóstolo: "O Dom que cada um houver recebido, ponde-o a serviço dos outros como bons administradores da multiforme graça de Deus" (1 Pd 4,10).

Todos os homens, pois, são chamados a esta católica unidade do Povo de Deus, que prefigura e promove a paz universal. A ela pertencem ou são ordenados de modos diversos quer os fiéis católicos, quer os outros crentes em Cristo, quer enfim todos os homens em geral, chamados à salvação pela graça de Deus (LG 2,13).

A Índole Missionária da Igreja

Como o Filho foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos (cf. Jo 20,21), dizendo: "Ide, pois, e fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai do Filho e do Espírito

Santo, ensinando-os a observar tudo quanto eu vos mandei. E eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo" (Mt 28,18-20). Este solene mandamento de Cristo de anunciar a verdade salvadora, a Igreja o recebeu dos Apóstolos com ordem de cumpri-lo até os confins da terra (cf. At 1,8). Por isso faz suas as palavras do Apóstolo: "Ai... de mim se não evangelizar!" (1Cor 9,16). E por isso continua incessantemente a enviar os pregadores, até que as Igrejas nascentes sejam plenamente constituídas e continuem elas mesmas o trabalho de evangelizar. Pois pelo Espírito Santo é ela compelida a cooperar, para que efetivamente se cumpra o plano de Deus, que constituiu Cristo como princípio de salvação para todo o mundo. Pregando o Evangelho, a Igreja atrai à fé e à confissão da fé os ouvintes, dispõe-nos ao batismo, arranca-os da escravidão do erro e incorpora-os até à plenitude. A Igreja trabalha de maneira tal que tudo o que de bom se encontra semeado no coração e na mente dos homens ou nos próprios ritos e culturas dos povos, não só não desapareça, mas seja sanado, elevado e aperfeiçoado para a glória de Deus, confusão do demônio e felicidade do homem. Por sua parte, incumbe a cada discípulo de Cristo o dever de disseminar a fé. Se qualquer um pode batizar os que crêem, compete contudo ao sacerdote realizar a edificação do Corpo de Cristo pelo sacrifício eucarístico, cumprindo as palavras de Deus que falou pelo profeta: "Do nascer do sol até o ocaso, é grande meu nome entre as nações, e em todo lugar se sacrifica e oferece ao meu nome uma oblação pura" (Mal 1,22). Assim a Igreja reza e trabalha ao mesmo tempo, para que a plenitude do mundo todo entre no grêmio do Povo de Deus, Corpo do Senhor e Templo do Espírito Santo. E em Cristo, Cabeça de todos, se dê toda honra e glória ao Criador e Pai de todas as coisas (LG 2,17).

3. A CAMINHADA DA IGREJA

A SITUAÇÃO DO POVO NO IMPÉRIO ROMANO

Quadro histórico: Os imperadores de 33 a 81 d.C.

- Quando Jesus morreu, o imperador romano era Tibério, e Pôncio Pilatos era o procurador na Palestina. Tibério reinou até o ano 37, quando morreu.
- Depois subiu ao poder Calígula. Queria ser adorado como um Deus e pretendia colocar sua estátua no Templo de Jerusalém, para que fosse adorado pelos judeus. Não conseguiu realizar o seu projeto. Morreu em 41.
- O próximo imperador foi Cláudio. Apesar de ser mais tolerante, baixou um decreto em 49, expulsando os judeus de Roma. No meio dos expulsos estavam o casal Áquila e Priscila. Eles deixaram Roma

e foram morar em Corinto, onde encontraram Paulo, formando uma equipe de pastoral (At 18,2). Cláudio morreu em 54.

- O Sucessor de Cláudio foi Nero, que ficou famoso na história das primeiras comunidades cristãs. Espalhou em todo o império romano o culto ao imperador. Exigiu ser adorado como Deus. Considerava-se grande artista. Em 64 compôs uma peça e achou que ela deveria ser cantada diante de uma cidade em chamas. Mandou queimar parte da cidade de Roma e acusou os cristãos de terem praticado tal ato. Foi aí que começou a primeira perseguição organizada aos cristãos. Em 64 Nero baixou um decreto que proibia ser cristão. Quem insistisse era preso, torturado ou mandado para um estádio de espetáculos. A perseguição dos cristãos terminou com a morte de Nero em 68.
- Nesse tempo, Vespasiano estava na Palestina lutando contra os judeus. Ao saber da morte de Nero, voltou a Roma e assumiu o poder, apoiado por seu exército. Morreu em 79.
- Tito substituiu seu pai Vespasiano. Foi ele quem, na guerra contra os judeus, destruiu o Templo de Jerusalém, no ano 70. Tito reinou até o ano 81. O livro dos Atos dos Apóstolos foi escrito aí pelo ano 80, durante o reinado de Tito.

a) *A história sagrada continua nas comunidades*

A Igreja estava se espalhando pelo mundo. Nascida no seio do judaísmo, parecia estar sempre mais longe do mundo dos hebreus.

Nos anos 80 e 85, já tinham morrido os grandes apóstolos. Surgiam então muitas perguntas para uma comunidade formada, em sua maioria, por pagãos convertidos.

Serão, de fato, as comunidades de hoje continuação do antigo povo escolhido por Deus, de que nos fala o Antigo Testamento ?

As comunidades de hoje continuam a caminhada de Jesus, que nunca se separou do mundo dos judeus ?

Em seu livro, cuja a primeira parte é o Evangelho e a segunda, os Atos dos Apóstolos, Lucas responde a essas perguntas. Procura mostrar que a História Sagrada continua.

Jesus é o Messias. O Espírito Santo animou os apóstolos para serem "testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra" (At 1,8). Em sua missão, eles criaram comunidades inicialmente em Jerusalém, e em seguida em todos os lugares.

Assim, as atuais comunidades cristãs estão ligadas intimamente ao povo do Antigo Testamento e a Jesus.

As comunidades estavam enfrentando outros problemas. De um lado, os judeus consideravam os cristãos como hereges e traidores. De outro lado, aumentavam a oposição dos romanos para com os cristãos.

O Império Romano dava liberdade a todas as religiões.

A única condição era que todos respeitassem os deuses romanos e prestassem culto ao imperador.

O imperador era considerado um Deus, acima e dono das leis.

A religião encobria desse jeito a mais dura opressão.

Os romanos começaram a considerar perigosos os cristãos, quando descobriram que esse grupo de homens e mulheres se declarava inimigo dos deuses de sua pátria e do culto ao imperador. O perigo aumentava, pois os cristãos estavam se espalhando pelo mundo e a religião e o culto do imperador eram o elo de união de todos os povos sob o império.

A nova seita criava então uma fenda, uma rachadura no edifício compacto do império. Por isso, os cristãos, que não aceitavam o culto aos deuses e ao imperador, eram considerados ateus e subversivos da "ordem imperial".

Pedro e Paulo foram condenados e mortos por isso.

Surgia então o problema: como ajudar os cristãos nessa situação?

Além disso, o fervor da primeira comunidade às vezes diminuía e os cristãos deixavam-se seduzir por Satanás (At 5,3).

O livro dos Atos dos Apóstolos é para todos os tempos e muito atual para o nosso. Devemos lê-lo de uma vez, com o mesmo interesse com que lemos as recordações de nossa família, pelas quais compreendemos de onde viemos e por que viemos.

Diante da situação em que se encontrava a comunidade, Lucas proclama que Deus continua presente nas comunidades cristãs. Deus, no Antigo Testamento, acompanhou o povo hebreu; em seguida manifestou-se plenamente na vida, morte e ressurreição de Jesus.

Hoje, continua com sua ação presentes nas comunidades, que nasceram da fé no Ressuscitado. Os fatos que são contados, as atividades dos apóstolos mostram que o plano de Deus está se realizando.

No centro da pregação dos apóstolos está Cristo Jesus.

Ele é a grande notícia que muda a história dos homens.

Os primeiros cristãos lembravam-se de Jesus-homem de Nazaré, e acreditavam que ele é o filho de Deus, cuja volta estavam aguardando.

Os Atos nos apresentam muitos personagens.

Os que acreditam, que compõem a base da comunidade, são pessoas bem definidas, como Ananias, Safira, Barnabé, e muitos outros.

Desde o começo encontramos de tudo: bons e ruins. Pessoas que chegaram à comunidade respondendo com generosidade ao convite de Deus; outras que chegaram com interesses diferentes; outras que, depois do primeiro entusiasmo, desanimaram...

Os que acreditaram são chamados cristãos, isto é, partidários de Cristo, o ungido por Deus para libertar os homens e as mulheres.

São chamados também discípulos, isto é, aqueles que querem seguir, imitar o modo de vida de Jesus. Pois ao anúncio da boa nova devem corresponder a mudança de vida e o entrosamento na comunidade.

Fiéis, porque acreditaram, arriscaram sua vida, confiando em Cristo.

É usado também o nome de irmãos, que evidencia o tipo de relacionamento na comunidade.

Na comunidade existem os responsáveis. São os doze, os sete diáconos e muitos outros. São pessoas com caráter e mentalidade diferentes. Basta pensar em Pedro, João, Paulo, Tiago. Mas todos eles tem algo em comum. São "homens que entregaram suas vidas para o serviço a comunidade de Cristo" (At 15,26).

Homens que produzem o estilo, a maneira de viver, de pregar, de sofrer e de morrer de seu Mestre. Homens e mulheres que, apesar das dificuldades e perseguições, enxergam para onde vai a caminhada da Igreja, do mesmo jeito que Moisés, pois "foi pela fé que deixou o Egito, sem temer o furor do rei, e resistiu como se visse o invisível" (Hb 11,27).

Estevão já vê a Igreja de Cristo, não como parece, com suas dificuldades, limites, mas como é, em sua grandeza e beleza que lhe vêm de Cristo. Por isso sente que vale a pena escolher o caminho da perseguição e da morte, para chegar até lá.

Outro personagem dos Atos é a Igreja, a assembléia dos homens e das mulheres libertados em torno de Jesus Cristo ressuscitado. É formada pelas bases e pelos responsáveis.

Os apóstolos, testemunhas da ressurreição, exercem a autoridade, que é serviço, e são os chefes da comunidade de maneira colegial, juntamente com os presbíteros e os anciãos...

A estrutura da assembléia muda conforme as circunstâncias e as necessidades.

Continuamente se fala das situações em que se encontravam as comunidades: crescimento, perseguição, crise, dispersão e reconfirmação da fé. Fala-se de suas atitudes: alegria nas perseguições, amor, comunhão fraterna dos bens, ajuda mútua, união, campanha em favor dos que estão necessitados, hospitalidade, coragem, abertura de coração e de horizontes, sem discriminação cultural ou racial.

A oração tem papel muito importante na vida das primeiras comunidades.

A comunidade permanece diante de Deus para compreender sua vontade, para encontrar sua própria identidade, para cumprir a vontade de Deus.

Essa imagem da vida dos primeiros cristãos é apresentada as Igrejas de todos os tempos como ideal, modelo e estímulo.

Sem dúvida, o personagem principal, determinante, é o Espírito Santo. É a força que gera a comunidade cristã.

O Espírito Santo está presente e influencia toda a vida e a expansão da Igreja primitiva. Ele muda o relacionamento das pessoas.

Faz com que as pessoas se entendam, superando as divisões mesquinhas, o racismo, os preconceitos. Para ser cristão não é preciso abandonar a própria cultura. A Igreja é a humanidade nova, contrária à torre de Babel, pois nasce da ação do Espírito (At 2,1-12).

O Espírito Santo dá testemunho de Jesus. Nele, Cristo continua presente.

Ele acompanha a ação da Igreja. Em clima de oração e reflexão sobre a palavra de Deus, a comunidade percebe, pela influência do Espírito, que deve levar a missão para fora da Palestina (At 13,1-3).

O Espírito incentiva os cristãos a se tornarem livres das leis e das ordens das autoridades para obedecer só a Deus (At 5,29-32).

O Espírito provoca a abertura da Igreja aos pagãos (At 10,34-48).

Satanás também está presente. É o opositor, aquele que divide, que semeia discórdias, desconfianças, atrasos na comunidade.

À medida que o evangelho penetra a vida das pessoas e dos povos, provoca problemas, tensões e conflitos.

Conflitos que vêm de fora da Igreja e que provocam a paixão de Pedro e João (At 4-5; 12,3-19), de Estevão (At 6-7), de Tiago (At 12,2).

A paixão de Paulo começa no cap. 9 e continua em toda sua vida, tornando-se mais explícita nos caps. 21-28.

Mas os conflitos surgem também na Igreja. Depois de ter sido apresentada como ideal, a comunidade descobre que está bastante distante daquele ideal. Porque há pessoas, como Ananias e Safira, que não querem se arriscar até o fim no seguimento de Cristo (At 5,1-11).

Porque aparecem preferências de uns diante dos outros (At 6,1).

Porque aparece inveja. Lendo o cap. 9, percebemos que Saulo é afastado de Jerusalém para que se salve, mas também porque sua presença era marcante demais e criava nos outros a inveja. Por isso, os Atos continuam, no v. 31: "As Igrejas, então, gozavam de paz em toda a Judéia, Galiléia e Samaria..."

Afastado Saulo, o homem que cria problemas, a Igreja pode se organizar melhor!

Surgem conflitos porque aparecem maneiras diferentes de encarar as coisas.

Em Antioquia, a maneira de apresentar a mensagem cristã é contestada pelos que exigem que a nova mensagem seja continuidade do judaísmo (At 15,1-2).

Surgem conflitos porque aparecem personalidades diferentes. Paulo discute violentamente com Barnabé sobre a participação de Marcos e o resultado é que os dois amigos se separam (At 15,36-40).

Paulo critica publicamente Pedro pela sua maneira ambígua de agir (Gl 2,11-14).

O livro dos Atos não lembra só o que aconteceu com os primeiros cristãos. Quer que os cristãos de hoje, em suas comunidades, percebam que neles a história sagrada continua. Continua no meio das dificuldades e dos conflitos, cada dia tentando viver a partilha dos bens para construir a nova sociedade, sob a orientação do Espírito.

b) De Jerusalém para Roma

Missão na Palestina (At 1, 1-9, 43)

Lucas se preocupa logo em apresentar o grupo dos doze apóstolos.

Eles receberam a missão de continuar a atividade de Jesus. A descida do Espírito Santo incentiva os apóstolos a levar adiante a mensagem. O progredir na mensagem será o assunto do livro. A figura central desta parte é Pedro, que se apresenta como porta-voz e representante dos doze.

No início, os discípulos de Jesus permanecem no meio dos judeus: "freqüentavam assiduamente o Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo" (At 2,46-47).

A comunhão de bens que praticavam (At 4,32-35) respondia ao desejo de tomar a sério as palavras de Jesus formando comunidade nova, com autêntica vida em comum.

Mas esse projeto não foi à frente. Um dia foi a fraude de Ananias e Safira, que ocultaram parte de sua fortuna, ao declarar a doação à comunidade (At 5, 1-11).

Outra vez foi a queixa dos judeus que vinham de fora e falavam grego, contra os judeus da Palestina, porque "no serviço cotidiano, diziam eles, eram esquecidas as suas viúvas" (At 6,1).

Para resolver essas dificuldades, a comunidade, que no início era tão espontaneamente unida, criou sua organização, instituindo os sete diáconos (At 6,2-6).

A missão até a extremidade da terra (At 10, 1-28,31)

Até então, a nova comunidade se parecia mais com uma seita dos judeus, amarrada a Jerusalém. O Espírito desamarra o nó. Pedro, a pedra, um dos doze, hebreu de estrita observância, de que ninguém podia duvidar, recebe o chamado para introduzir na comunidade nada menos que um oficial romano: Cornélio (At 10,1-48).

Pedro passa por cima das leis judaicas sobre o puro e o impuro.

Admite no seio do cristianismo toda uma família pagã, sem obrigá-la a passar pelo caminho estreito da disciplina judaica.

O nó que amarrava Pedro e a Igreja de Jerusalém é desamarrado.

Deste jeito, Lucas responde às interrogações das comunidades que tinham sido fundadas por Paulo: o plano de Deus continua nas comunidades cristãs.

O Espírito Santo, que estava presente nos primeiros discípulos, hoje é derramado sobre essas comunidades. Por isso aqueles homens continuam o povo de Deus, são filhos de Abraão.

Acompanhando a leitura dos Atos, percebemos, porém, que essa abertura encontra obstáculos.

A figura central dessa segunda parte é Paulo, que se apresenta como líder da equipe missionária, fora da Palestina.

A perseguição dos judeus contra Estevão e os cristãos de língua grega fez com que esses últimos se dispersassem, deixando Jerusalém.

Muitos foram para Antioquia, uma das grandes cidades do Império Romano.

Os cristãos de língua grega, chegando a Antioquia, dirigiram-se a todos, sem exigir nenhum tipo de adesão aos ritos dos judeus.

A notícia dessa novidade chegou à comunidade de Jerusalém, ainda bastante amarrada ao judaísmo.

Foi enviado para Antioquia um homem de confiança, Barnabé. Ele, ao ver as coisas operadas por Deus, "alegrou-se e exortava a todos a se manterem fiéis ao Senhor, de coração sincero. Pois era homem bom, e cheio do Espírito Santo e de fé. Pelo que, grande multidão se converteu ao Senhor" (At 11,23-24).

Em seguida, foi buscar Saulo e o levou para Antioquia, onde ficaram um ano "e instruíram grande número de pessoas" (At 11,26).

Agora se forma novo tipo de Igreja-asmbléia. Os componentes pertencem a ambientes diferentes e com origens diferentes.

O que criava entre eles a união era a condição de "cristãos", ou seja, de discípulos, de seguidores do Cristo Ressuscitado.

Partindo de Antioquia, Paulo anda por toda a Ásia Menor e depois pela Grécia e finalmente chega a Roma.

Ele quer formar grupos novos, a "Igreja".

Os membros da nova comunidade não moram juntos, não vivem a partilha dos bens. Essa era a grande novidade, pois entre os judeus não era fácil dizer onde começava a comunidade de fé e onde a unidade de raça ou de cultura.

A insistência de Paulo em criar comunidades com pessoas de diferentes classes, origens, culturas e raças trazia em si um germe revolucionário.

Uma comunidade, uma Igreja onde há escravos e livres, exploradores e explorados, não poderá manter-se nessa situação. Tenderá a superar essas diferenças tão chocantes.

Sem dúvida, é possível manter a aparência de uma instituição religiosa com pessoas de diferentes classes, origens, culturas e raças, mas isso só quando os de baixo não têm acesso às decisões, quando não existe verdadeira comunidade.

E nós temos assistido, em nossa história, a instituições religiosas onde tudo era bem separado. Havia igrejas para homens livres e igrejas para escravos; igrejas para brancos e igrejas para negros; irmandades para patrões, outras para operários, outras para empregados...

Paulo era consciente deste germe revolucionário do cristianismo.

Por isso queria que os novos cristãos não se agrupassem: gregos com gregos, judeus com judeus, escravos com escravos, homens livres com homens livres...

A Igreja, como povo de Deus, não é uma alternativa aos modelos de sociedade, que aparecem em todos os tempos e em todo o lugar.

A fé cristã critica e questiona as escolhas sociais, políticas e econômicas, mas ninguém pode reduzir a riqueza do evangelho a nenhum modelo, por mais libertador que ele seja.

Os cristãos aprenderam a lição de Paulo.

No século II, na Carta a Diogneto, assim são apresentados os cristãos: "Os cristãos não se distinguem dos outros homens pela terra, pela língua ou pelos costumes. Não habitam cidades próprias, não se distinguem por idiomas estranhos, não levam vida extraordinária. Habitam suas pátrias, mas como estrangeiros. Participam de tudo como cidadãos, mas tudo suportam como estrangeiros. Qualquer terra estranha é pátria para eles; qualquer pátria, terra estranha... Para resumir numa palavra, o que é a alma do corpo, são os cristãos no mundo".

Os Atos terminam com a prisão de Paulo. Chegando a Roma, o cristianismo se tornou, de fato, universal.

"Paulo ficou dois anos inteiros na casa que havia alugado. Recebia todos os que vinham procurá-lo, anunciando o Reino de Deus e ensinando o que se refere a Jesus Cristo com firmeza e sem impedimentos" (At 28, 30-31).

4. A IGREJA NA AMÉRICA LATINA

Os grandes modelos de Igreja herdados do passado:

a) *A Igreja voltada para dentro*

Existe ainda na América Latina, embora cada vez com menor intensidade, uma prática de Igreja voltada quase exclusivamente para dentro. Esta Igreja se entende como a exclusiva portadora da salvação para os homens; atualiza o gesto redentor de Jesus mediante os sacramentos, a liturgia, a meditação bíblica, a organização da paróquia ao redor de tarefas estritamente religioso-sagradas. O Papa, o bispo e a

estrutura hierárquica da Igreja em geral constituem os eixos organizadores da compreensão da Igreja; ela é essencialmente clerical no sentido de que sem o clero, ordenado no sacramento da ordem, nada de decisivo pode acontecer na comunidade. Cultivam-se a tradição, a exatidão das fórmulas ortodoxas oficiais e a fixação canônico-jurídica da liturgia com os fiéis. O mundo não possui consistência teológica; deve ser convertido, pois somente na mediação da Igreja alcança a graça.

Do mundo ela é alheada, porquanto se sente fora dele, embora em função dele. Isto não implica que a Igreja se organize no mundo; pelo contrário, dado que somente por ela passam a salvação e o sobrenatural, criam-se obras que vêm sob o título explícito de "católico": sindicatos cristãos, escolas católicas, imprensa religiosa, universidades católicas etc. Por essas iniciativas se garante a presença de Deus dentro do mundo.

b) A Igreja do antigo pacto colonial

A América Latina foi missionada dentro de um determinado modelo de Igreja, aquele próprio do Padroado. Segundo este modelo a Igreja se faz presente no mundo mediante um pacto com o Estado, que provê todas as necessidades da Igreja e garante seu funcionamento. Trata-se da relação entre hierarquias, a civil com a religiosa. Igreja nessa acepção é simplesmente sinônimo de Hierarquia. Com a queda do regime de Padroado e a emergência dos vários Estados republicanos, o modelo se reajustou e ganhou nova versão. A Igreja se aproxima das classes dominantes que controlam o Estado e organiza suas obras no seio ou a partir dos interesses das classes dominantes: assim os colégios, as universidades, os partidos cristãos etc. Evidentemente trata-se de uma visão do poder sagrado articulado com o poder civil. A Igreja dá a sua interpretação a esse pacto: ela quer servir o povo e as grandes maiorias pobres; estes são carentes, não têm meios, instrução, participação. Para ajudá-los, a Igreja se aproxima daqueles que efetivamente têm condições de ajudar, que são as classes abastadas. Educa-lhes os filhos para que, imbuídos do espírito cristão, libertem os pobres. Nesta estratégia se criou uma vasta rede de obras assistenciais.

c) A Igreja como sacramento da salvação: a modernização da Igreja

Os últimos 50 anos marcaram as sociedades latino-americanas com a aparição de uma burguesia industrial dinâmica, nacionalista e modernizadora. A tarefa urgente consistia em superar o atraso técnico em que nos encontrávamos mediante uma rápida modernização de toda estrutura produtiva. O espantinho que precisava ser exorcizado era o subdesenvolvimento.

A Igreja participou ativamente desse programa desenvolvimentista. Ocorreu uma inusitada abertura da Igreja ao mundo. Os problemas principais não eram os doutrinários (combate à penetração protestante e ao secularismo do estado) e litúrgico-disciplinares, mas os ligados à sociedade: justiça, participação, desenvolvimento integral para todos. A Igreja participou nos últimos 50 anos em todos os grandes debates em torno da educação, do desenvolvimento econômico, da formação de sindicatos e da reforma agrária. O secular emergia como valor teológico.

O Vaticano II elaborou a teologia adequada a tais práticas de Igreja, por um lado legitimando-as criticamente.

A Igreja mesma se modernizou em suas estruturas, adaptadas à mentalidade funcional da modernidade, secularizou-se em muitos de seus símbolos, simplificou a liturgia e tornou-a adequada ao espírito do tempo. O discurso da Igreja se fez mais profético no sentido de denunciar os abusos do sistema capitalista e a marginalização do povo. Neste nível não apresentava uma perspectiva alternativa, mas reformista. Não pedia, outro tipo de sociedade, mas mais participação nesta que aí está dentro do sistema liberal moderno de capitalismo avançado e tecnológico.

Que futuro é destinado a este modelo de Igreja? Reconhecemos que este é o modelo mais vigente na América Latina. Praticamente a grande maioria assimilou o Vaticano II e fez a virada que se exigia em termos de mentalidade teológica (teoria) e de presença no mundo (prática). Os intelectuais, antes em sua grande maioria anticlericais, agora passaram a ter na Igreja uma aliada. Os Vários movimentos como Cursilhos de Cristandade, Movimento Familiar Cristão, Movimento Carismático e outros deste gênero têm como endereçados primeiros os grupos bem situados na sociedade. A Igreja tentará evangelizá-los a partir dos valores e da ótica própria da modernidade.

A emergência de um novo modelo: a Igreja a partir dos pobres

d) *Uma Igreja que nasce da fé do povo*

O compromisso político nasce da própria reflexão da fé que exige mudança. Mesmo quando se fazem análises sobre os mecanismos da opressão nunca está ausente a fé, como horizonte de compreensão, como mística poderosa para a ação e como ponto de chegada para todo o agir humano. A comunidade não se transforma numa célula política. Ela é aquilo que é: lugar da reflexão da fé e de sua celebração. Mas ao mesmo tempo é o lugar onde se ajuízam eticamente, à luz de Deus, as situações humanas. A comunidade cristã e a comunidade política não são dois espaços fechados, mas abertos, por onde circula o cristão: na comunidade cristã, este celebra e alimenta sua fé; aí ele ouve a palavra de Deus, que o envia para o compromisso para com seus irmãos; na

comunidade política age e atua ao lado de outros, realizando concretamente a fé e a salvação; aqui ele escuta a voz de Deus que o chama a expressar-se na comunidade cristã. Tanto um espaço quanto o outro vêm recobertos pela realidade do Reino de Deus, que se realiza, embora sob signos diferentes, num e noutro espaço.

Primeiramente a comunidade eclesial de base significa mais que um instrumento mediante o qual a Igreja atinge o povo e o evangeliza. É uma forma nova e original de se viver a fé cristã, de se organizar a comunidade ao redor da palavra, dos sacramentos (quando é possível) e dos novos ministérios exercidos por leigos (mulheres e homens). Há uma nova distribuição do poder na comunidade, muito mais participado, evitando-se toda centralização e dominação a partir de um centro de poder. A unidade fé-vida, Evangelho-libertação se dão concretamente sem o artifício de difíceis mediações institucionais; propicia-se o surgimento de uma rica sacramentalidade eclesial (a Igreja toda como sacramento), com forte criatividade nas celebrações, com um sentido profundo do sagrado, próprio do povo. Está em curso uma verdadeira eclesiogênese, a Igreja nascendo da fé dos pobres.

Por outro lado, a comunidade eclesial é o lugar de exercício da democracia real do povo, onde tudo é discutido e decidido junto e se aprende o pensamento crítico.

Por detrás destas práticas vige uma eclesiologia que encontra nas categorias Povo de Deus, *koinonia*, profecia, *diakonia* seus eixos estruturadores. Este tipo de Igreja supõe aquilo que se cristalizou em Puebla: uma opção preferencial pelos pobres. Importa compreender o exato sentido desta opção. Trata-se de privilegiar os pobres (sem exclusivismo) como o novo sujeito histórico emergente que vai preferentemente realizar o projeto cristão no mundo. Os pobres aqui não são compreendidos apenas como aqueles que possuem carências; eles as têm, mas possuem também força histórica, capacidade de mudança, potencial evangelizador. A Igreja acede a eles diretamente; não passa pela mediação do Estado ou das classes hegemônicas. Por isso aqui não se trata mais de uma Igreja para os pobres, mas de uma Igreja de pobres e com os pobres. A partir desta opção e inserção nos meios pobres e populares é que a Igreja define sua relação para com os demais estratos sociais. Ela não perde sua catolicidade; dá-lhe um conteúdo real; dirige-se a todos, mas a partir dos pobres, de suas causas e de suas lutas. Daí ser a temática essencial desta Igreja a mudança social na direção de uma convivência mais justa, direitos humanos, interpretados como direito das grandes maiorias pobres, justiça social, libertação integral, passando principalmente pelas libertações sócio-históricas, serviço concreto aos deserdados deste mundo etc.

As categorias Povo de Deus e Igreja-comunhão permitem redistribuir melhor o poder sagrado dentro da Igreja, obrigam a redefinir o papel do bispo e do padre, permitem que surjam novos ministérios e um novo estilo de vida religiosa encarnada nos meios populares. A

Hierarquia é de mero serviço interno e não constituição de uma classe que abre caminho para uma divisão interna no corpo eclesial. É nessa direção que caminha a esperança e se define o futuro mais promissor da Igreja latino-americana.

Em conclusão podemos dizer: há distintas práticas eclesiais no continente; cada qual com sua imagem de Igreja, algumas prolongando a tradição do cristianismo colonial, outras adaptando-se aos novos fatos históricos, especialmente diante da necessidade de inserção mais profunda dentro do sistema capitalista, outras mais críticas postulando mudanças que vão contra a corrente dominante mas que se ligam organicamente ao rio subterrâneo e profundo dos anseios de libertação dos pobres. Elas convivem e compõem a vitalidade da mesma Igreja de Cristo que vive e sofre seu mistério pascal na periferia das grandes nações e das veneráveis Igrejas européias. Mas sua voz fala cada vez mais alto e pode ser ouvida no coração do centro. Estimamos que elas representam um chamado a toda Igreja para que seja mais evangélica, mais serviçal e mais sinal da salvação que interpenetra, como dom de Deus, todos os tecidos humanos. Elas encarnam o que deve ser. E o que deve ser tem força histórica invencível.

5. A IGREJA NO BRASIL

A Igreja católica sempre foi no Brasil um fator decisivo na formação de nossa identidade social.

De 1950 a 1988 podemos discernir quatro grandes fases: A primeira se estende de 1950 a 1965: é a Igreja-grande-instituição que se renova e impõe a todo o corpo eclesial a renovação.

a) *A modernização da instituição eclesial (1950 - 1965)*

No primeiro momento, como se disse, ocorreu a reforma mais no nível da Igreja-grande-instituição; foi induzida de fora, especialmente pelos novos documentos emanados de Roma, sob Pio XII, sobre a liturgia, a exegese, a catequese, e ensaiados nos países do norte europeu e de lá transferidos para cá. Esta renovação não atingiu a estrutura de poder na Igreja, antes ela se viu reforçada; o clero é mais ilustrado na reta doutrina, disciplinado e coeso funcionalmente. A partir disso se entendem as campanhas de esclarecimento contra o espiritismo, a maçonaria, as seitas, a religiosidade popular, feitas totalmente dentro dos critérios de uma teologia ilustrada e clerical. Foi em 1955, no Brasil, que se criou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o que propicia elaborar uma Pastoral de Conjunto e reforçar enormemente o corpo episcopal. A Igreja-grande-instituição revela sensibilidade pelo grave problema social: suas propostas são, todavia,

moralizantes e proclamatórias; endossa o projeto governamental desenvolvimentista e oferece-lhe colaboração.

Na segunda, de 1962 a 1970, é a Igreja-na-base a portadora da renovação; aflora uma dinâmica qualitativamente diversa daquela da Igreja-grande-instituição. São movimentos mais ou menos paralelos.

b) O caminho da desalienação (1962 - 1970)

O segundo momento (1962 / 70) vem marcado pelo interesse de muitos da Igreja-grande-instituição nos problemas concretos do país, lidos na ótica própria de um país subdesenvolvido. Os vários grupos, como a JOC, JUC, JIC, AP, ACO, e outros, começaram a aprofundar a análise do sistema, detectando o mecanismo gerador do subdesenvolvimento como associação e dependência dos grandes centros hegemônicos do império capitalista. Esta teoria exigia práticas não mais desenvolvimentistas, mas libertárias. Estabelecem-se as bases mínimas para um projeto histórico de base popular (Ação Popular). O sujeito histórico de tal discurso não é mais a Igreja-grande-instituição, mas o laicato, apoiado por sacerdotes e assistentes comprometidos. Acabam como força de Igreja que ainda não consegue comprometer-se com algo mais do que o puro desenvolvimento dentro da mesma estrutura vigente.

Fracassada a experiência da Igreja com os setores médios (JOC, JUC etc.), iniciou-se um trabalho lá onde certamente deveria ter começado antes: nas bases populares. Muitos da Igreja-instituição (padres, religiosos) passaram a viver mais para o povo e não poucos com o povo e até como povo. Surgiram comunidades populares de base, onde predomina a característica popular. Nascidas da Igreja-grande-instituição, as CEBs elaboraram sua autonomia própria, dentro de uma maneira própria de ser Igreja, de organizar os ministérios, de distribuir a palavra e de fazer a síntese entre fé e vida. A reflexão nas CEBs não se reduz a uma totalização para dentro, mas se abre ao exercício da razão crítica, desocultando os mecanismos geradores de sua pobreza. Percebe, ao nível da fé, a iniquidade social como pecado que contradiz o projeto histórico de Deus. Ensaia, ao nível de grupo, uma prática libertadora.

Na terceira, de 1968 a 1980, nota-se o esforço de uma convergência e de uma integração na dinâmica renovadora e inovadora que pervade toda Igreja. A instituição apoia as bases, consolidando seus avanços, e as bases conferem novo sentido à instituição, dando-lhe nova funcionalidade.

c) A convergência e o compromisso com os empobrecidos (1968 - 1980)

Nesta terceira fase nota-se uma decidida convergência da Igreja-instituição com a Igreja-de-comunidades. Foi nos grupos brasileiros de

reflexão e calcada sobre as práticas populares que se elaborou a base daquilo que se chama hoje de Teologia da Libertação. As causas dos posseiros expulsos de suas glebas, dos indígenas expulsos de seus territórios e ameaçados em sua sobrevivência, dos operários explorados e impedidos de se organizar em sindicatos livres foram assumidas por grande parte dos bispos. Em 1968 D. Cândido Padin elabora rigorosa crítica à Doutrina da Segurança Nacional à luz da Doutrina Social da Igreja. Em 1973 um grupo de bispos e religiosos do Nordeste, liderados por D. Helder Câmara, lança um documento, *Eu ouvi os clamores do meu povo*, do mais alto teor profético e denunciatório, numa época de dura repressão política sob o mais sinistro governo de nossa história, aquele do Gen. Médici.

A assim chamada Igreja que nasce da fé do povo não é inimiga da instituição; cardeais, bispos e padres assumiram este movimento do povo que se reúne e faz Igreja. A Igreja tem sido uma grande pedagoga na formação de uma democracia participativa e popular. Destes cristãos novos se espera uma valiosa contribuição na gestação de uma sociedade brasileira aberta, democrática e socializante.

Na quarta, de 1980 a 1995, dá-se a consolidação da Igreja popular, cujo sujeito principal de sua constituição é o próprio povo. Este elabora um novo projeto de sociedade e, dentro dele, um novo modelo de Igreja.

d) A consolidação da Igreja popular (1980 - 1995)

O fruto melhor da opção da Igreja pelos pobres é a opção que os pobres foram lentamente fazendo pela Igreja. Mais e mais fica claro que a Igreja se constitui numa aliada confiável das lutas populares. Os movimentos populares contam com a participação atuante de grupos cristãos que formam sua consciência crítica e os motivos de seu engajamento no seio das Comunidade Eclesiais de Base. Do conjunto destas iniciativas populares sobre o signo cristão está emergindo uma Igreja de cunho popular, cujo sujeito principal de sua constituição é o próprio povo. Já não é mais a massa sem projeto nem lutas específicas. É um povo que resulta de organizações que elaboram um novo projeto de sociedade e, dentro dela, um novo modelo de Igreja. Esse povo, se transforma em povo de Deus quando ilumina pela fé sua própria realidade e aceita Deus como uma realidade decisiva em suas vidas.

O importante nesse novo modelo de Igreja é constatar que o povo penetrou na Igreja, e converteu muitos de seus bispos, ajudou a fazer a cabaça dos teólogos e obrigou os religiosos e religiosas a assumirem um novo perfil. O leigo já não é leigo no sentido da clássica distribuição social do trabalho religioso, mas um membro da Comunidade Eclesial que assume sua responsabilidade no tocante à vida interna da comunidade e ao compromisso de transformação da sociedade. Essa Igreja popular, teologicamente, representa uma expressão histórica,

latino-americana, do conceito bíblico "Povo de Deus". Finalmente, significa uma riqueza nossa à totalidade do Cristianismo.

6. O JOVEM E A IGREJA

Geralmente, o jovem brasileiro é místico e possui um jeito todo especial de se relacionar com Deus, sem se ligar necessariamente às instituições religiosas. Há jovens abertos a todas as experiências, recolhendo o que lhe interessa de todas as religiões, com as quais entram em contato. Misturam elementos das religiões cristãs e africanas, das seitas e filosofias esotéricas. Sentem-se atraídos pelos valores de paz, de bem-estar pessoal, segurança, integração com o universo e iluminação interior. "Eles não recorrem a esta ou àquela, mas a esta e àquela experiência religiosa. Não há proselitismo, mas sincretismo, sem preocupação de dissimular".

Alguns, embora provenientes de famílias de prática religiosa, rejeitam a religião por influência de ambientes e culturas onde o sentido religioso é substituído pelos ídolos do prazer, do poder, do lucro e do consumismo. Muitos jovens são indiferentes à religião, porque nasceram em famílias e contextos culturais onde os valores e o sentido da vida são estranhos à dimensão religiosa.

Outros afastam-se porque a luta pela sobrevivência é tão desumana e injusta que os valores religiosos não têm significado em sua experiência de vida. E há uns poucos que se mostram sensíveis ao fenômeno religioso mas não ultrapassam a religiosidade superficial, emotiva, milagreira, com curas e ameaças de castigo divino.

Finalmente, há jovens empenhados em várias confissões cristãs. Aprofundam o mistério cristão, procuram coerência de vida manifestando-a no compromisso apostólico, na generosidade de múltiplos serviços e vocação, na busca da justiça e fraternidade e num sentido dinâmico e vivo de pertença às suas comunidades de fé.

A Igreja sempre demonstrou interesse e abertura para com os jovens. No passado, isso se realizou através de congregações marianas, catecismo, escola católica, apostolado leigo, vicentinos. Mais próximo de nós, no Brasil, a Igreja evangelizou os jovens sobretudo através da Ação Católica. Os jovens católicos se organizaram a partir de seu ambiente social e do trabalho: Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Universitária Católica (JUC).

Nunca será demais recordar a importância desse momento para a Igreja e o Brasil. As lideranças leigas no Brasil de hoje são ainda fruto da Ação Católica. Muitos bispos, religiosos(as), monges descobriram sua vocação e a alimentaram a partir da Ação Católica. Também a história social e política do Brasil cresceu a partir da organização e envolvimento

dos jovens cristãos da AC na política, nos sindicatos urbanos e rurais e no movimento estudantil.

Não é de se admirar, portanto, que o golpe militar de 64 reprimisse duramente os jovens cristãos da AC. Muitos foram presos, torturados e mesmo mortos. Infelizmente, nem sempre a Igreja os defendeu e acolheu como devia. Isso levou a Hierarquia a terminar com a experiência da AC no Brasil em 1966. Só conseguiram sobreviver alguns pequenos grupos da JOC.

No momento da forte vigilância e repressão política, a partir dos anos 70, os jovens foram evangelizados sobretudo através de grupos inspirados na metodologia de cursilhos de cristandade. Metodologia de encontros, com testemunho pessoal e forte impacto emocional. Hoje, existe uma grande massa de jovens que vai à missa e outras celebrações, sem maior comprometimento com a Igreja, e sem que a Igreja os atinja e os forme em maior profundidade.

Os jovens que participam ativamente na Igreja são catequistas, estão nas equipes de preparação para a Crisma, nas equipes de liturgia, nas CEBs, nas pastorais sociais e na juventude. O momento de preparação para a Crisma tem sido, em muitos lugares, ocasião privilegiada para a formação e inserção dos jovens na comunidade eclesial. Igualmente a pastoral pré-matrimonial, realizadas em quase todas as paróquias e assumida por casais da Pastoral Familiar, tem proporcionado ocasião de evangelização e engajamento.

As opiniões dos jovens sobre a Igreja e seu papel na sociedade são muito divergentes. Alguns acham que ela se identifica com o Papa, os bispos, os padres. Para esses a Igreja quer dizer missa, sacramentos, normas. por outro lado, há os que percebem a Igreja como povo se organizando, se conscientizando e dando testemunho de fé e disponibilidade com ações coerentes, conseqüentes e corajosas. Os jovens que pensam assim são muito críticos, quando percebem que alguns segmentos da hierarquia são muito autoritários e incoerentes, ligados à classe dominante, longe do povo pobre.

Os jovens não se sentem sujeitos na Igreja. Percebem-se como "tarefeiros" a serviço dos adultos e dos padres. Estes, muitas vezes, revelam-se autoritários e clericalistas, tendo uma visão preconceituosa em relação à juventude. Afirmam que os jovens são inconstantes, revoltados e querem mudar tudo. Alguns padres chegam a impedir a existência de grupos de jovens. Os jovens sentem que, em geral, a Igreja está acomodada e não vai ao seu encontro. A juventude busca uma Igreja com rosto jovem, dinâmica, ardorosa na evangelização e sensível aos anseios de libertação dos pobres e oprimidos.

Participam com alegria e satisfação nas celebrações que falam a sua linguagem, seu ritmo e apresentam os símbolos de sua vida. Contudo, muitas vezes, para eles a missa é monótona e repetitiva. O sermão é vazio, desligado da vida e dos problemas concretos, parecendo uma continuação das repressões e coerções paternas.

A juventude entra em conflito por não entender a visão dualista do ser humano que muitos segmentos da Igreja apresentam: o elemento espiritual é nobre, enquanto as manifestações do corpo são inferiores e pecaminosas. Esta visão dualista leva a reduzir a afetividade ao nível da sexualidade e esta à genitalidade, tornando-se repressora e neurotizante, aliada a uma prática de reconciliação pouco sadia. Nesse contexto os jovens rejeitam a confissão, vários aspectos da moral sexual, não vendo valor e até rejeitando o matrimônio e a vida consagrada no celibato.

Na juventude engajada na comunidade eclesial a relação com a Igreja se dá hoje em três vertentes: os movimentos, os grupos isolados e a Pastoral Orgânica.

Os movimentos têm origens e características diversas. Podem ser vistos em dois grandes grupos: os movimentos apostólicos e os movimentos eclesiais. Entre os movimentos apostólicos existem aqueles que já de longa data reúnem jovens em torno do ideal de associações voltadas para o testemunho e ação caritativa social, por exemplo, como os grupos jovens da Legião de Maria e dos Vicentinos. Outros inspirados pelos movimentos dos cursilhos e de Casais, se apoiam na preocupação de formar o jovem através de encontros de fins de semana, entre eles: FLC, Emaús, Shalom, CJS, TLC e os ligados a movimentos familiares. Estes têm como característica a busca permanente de engajar os jovens em alguma ação apostólica em nível paroquial ou nas periferias pobres. Há também os que nasceram da Ação Católica e continuam com a sua proposta e métodos, como o MJU e JOC.

Mais recentemente surgiram outros movimentos mais abrangentes, alguns na Europa, outros nos Estados Unidos. Estes movimentos, com maior ou menor intensidade, se difundiram pelo mundo inteiro, tendo com isso um cunho internacional. Entre estes está o movimento "Gen", ligados aos Focolares, outros, mais recentes, como os Carismáticos, dão relevo à oração. Variando de movimento para movimento, e às vezes de lugar para lugar, alguns se adaptaram mais à realidade local, outros continuam vinculados aos países de origem.

Os grupos isolados são geralmente pertencentes a paróquias ou colégios católicos. Buscam oferecer espaço para que os jovens se reúnam, oferecendo-lhes clima festivo e reflexão de temas variados procurando despertá-los para algum apostolado.

O trabalho com a juventude sofre modificações. A opção de Puebla pelos pobres e jovens orienta e ajuda essa perspectiva. Aos poucos, a Pastoral da Juventude se organiza em nível paroquial, regional e nacional dentro da organização e dos princípios da CNBB.

A Pastoral de Juventude (PJ) é o nome empregado para designar o conjunto orgânico da ação da Igreja entre os jovens, tendo nos próprios jovens, protagonistas de sua evangelização e evangelização de outros jovens; os grupos de base como instrumento pedagógico; a espiritualidade encarnada fazendo a síntese fé-vida como

motor e marco teórico próprio, como elemento de unidade. Num constante processo de amadurecimento e revisão das experiências, a PJ vai se constituindo, a partir da prática refletida em cursos, encontros e assembléias paroquiais, diocesanos, regionais e nacionais.

Ao lado de inúmeros frutos e avanços, a Pastoral da Juventude enfrenta desafios como a falta de adultos comprometidos com o serviço à juventude, falta de recursos humanos e materiais, de um plano mais sistemático de formação que atenda ao despertar, iniciar e acompanhar os jovens na fé.

Os conflitos na Igreja, a desconfiança em relação aos jovens, a falta de opção por uma Pastoral Orgânica e de um planejamento pastoral em muitas dioceses, a impaciência e vanguardismo de líderes jovens, o paralelismo dos movimentos, são alguns dos desafios a enfrentar. Normalmente cobra-se mais da Pastoral da Juventude que de outros setores, sem levar em conta o contexto social e eclesial que dificulta a evangelização dos jovens.

7. A IGREJA E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Num ponto estamos todos de acordo, os do Sul e os do Norte: vivemos atualmente uma crise radical. Trata-se de uma crise de civilização, quer dizer, uma crise do sentido global de nossa existência neste mundo.

Como a Igreja pode ajudar a humanidade a sair bem do século XX para podermos iniciar o século XXI com mais esperança?

Como está a situação da humanidade que vive no Hemisfério Sul? O relatório recente da United Nations Development Programm (UNPD) forneceu os seguintes dados:

- mais de um bilhão de pessoas (três vezes mais que a população da comunidade européia) vive em absoluta pobreza;
- cerca de novecentos milhões de adultos não sabem ler nem escrever;

- cerca de dois bilhões de pessoas não têm água potável;

- cem milhões estão sem teto;

- oitocentos milhões vivem permanentemente famintos;

- 150 milhões de crianças, abaixo de cinco anos, são mal nutridas;

- catorze milhões de crianças morrem anualmente antes de completar cinco dias de seu nascimento (Fonte: UNDP, Human Development Report, 1990, N. York, Oxford, Oxford Univ. Press, 1990).

Outros relatórios de organismos internacionais (FMI, Banco Mundial) dizem:

A dívida externa dos países pobres era em 1991 da ordem de um trilhão e trezentos bilhões de dólares. Entre 1983-1990 foram mandados dos países pobres para os países ricos capitais da ordem de

450 bilhões de dólares. Isso equivale a dois planos Marshall completos, plano que reconstruiu a Europa da catástrofe da segunda guerra mundial. Por estes mecanismos se entende por que os países ricos nos últimos trinta anos triplicaram sua riqueza enquanto diminuíram em um quarto o volume de trabalho.

Na década de 80 os países da América Latina transferiam para fora cerca de duzentos bilhões de dólares como pagamento dos juros de suas dívidas que somam, ao todo, quatrocentos bilhões de dólares.

Quem ajuda quem? É o mundo às avessas. Os pobres ajudam os ricos. Os países ricos não precisam mais investir nos países tecnicamente subdesenvolvidos. Basta cobrar-lhes as dívidas. As economias e as exportações dos países pobres são de antemão hipotecadas para o pagamento da dívida externa.

Segundo a FAO, os 5% mais ricos da América Latina aumentaram, nos últimos 10 anos, suas riquezas em 8%, enquanto os 75% pobres da população ficaram 13% mais pobres. Quer dizer, o buraco entre ricos e pobres aumentou em 21%. A situação se agrava ainda mais pelo processo de mundialização, processado sob o signo do capital mundial.

A mundialização produz uma grande ligação entre as coisas. Pelo mundo todo, os mesmos valores do sistema global, as mesmas tendências culturais, o mesmo estilo de consumo. A virulência do mercado está destruindo as culturas indefesas. Tudo fica monótono e igual no centro do Rio, no centro do México, no centro de Paris, ao centro de Nova York e ao centro de Berlim.

A mundialização transforma tudo num imenso Big Mac, o mesmo estilo de hotéis, de vestuário, de filmes, de vídeos, de música, de programas de TV.

Passa-se a convicção de que não existe alternativa a este modelo de sociedade. Qualquer alternativa é impossível, principalmente, porque os poderes atuais não a querem e têm suficiente poder para destruí-la (veja-se por exemplo a Nicarágua e o bloqueio à Cuba).

Rumo a uma nova aliança

Para superarmos a crise precisamos elaborar um novo sonho e articular um novo sentido de vida. Na linguagem religiosa, diríamos, precisamos de uma nova espiritualidade, de um encontro novo com o Sentido Fundamental da vida e da história, decifrado como o Mistério do mundo, a Razão da evolução. Numa palavra, Deus.

Faz-se necessário uma nova religião, no sentido profundo desta palavra. Quer dizer, faz-se necessário algo que re-liga tudo, um sentido tão abrangente que possa servir de fio condutor com o qual possamos costurar todas as experiências, todos os saberes, todas as tradições espirituais, todas as políticas, todas as formas de humanização e

possamos constituir uma realidade planetária una e diversa, dinâmica e incluyente.

O capitalismo criou uma cultura do *EU* sem o *NÓS*. O socialismo criou uma cultura do *NÓS* sem o *EU*. Agora precisamos da síntese que permita a convivência do *EU* com o *NÓS*. Nem individualismo nem coletivismo, mas democracia social e participativa. Precisamos fazer uma autocorreção com referência à concepção do ser humano, à integração do feminino e à aliança com a natureza. Daí pode nascer a nova espiritualidade e o fio que tudo re-liga.

Em que medida o cristianismo ajuda a construir o século XXI

Como a Igreja ajuda nesta imensa tarefa de reconstrução do sentido humano de nossa convivência? Que contribuição oferece para uma espiritualidade verdadeiramente englobante, junto com outras tradições espirituais da humanidade, ajudando a gestar um sentido novo de viver?

Antes de mais nada, devemos reconhecer, que o cristianismo é cúmplice da crise atual. Ele reforçou com práticas históricas, com textos bíblicos e com outras doutrinas a ideologia do ser humano, senhor e dominador da criação.

Também a forma como o cristianismo socialmente se organizou, centralizando o poder nas mãos dos clérigos, excluindo as mulheres e marginalizando os leigos, faz com que ele seja parte da crise atual e não, sozinho, sua pretensa solução.

O gesto do líder indígena da Bolívia, Ramiro Reynaga, por ocasião da visita do Papa àquele país em 1985, é simbólico para toda uma linha de pensamento crítico. Ele entregou ao Papa uma carta na qual, em nome dos indígenas, dizia: "Nós, índios dos Andes e da América, decidimos aproveitar a sua visita para devolver-lhe a sua Bíblia, porque em cinco séculos ela não nos deu nem amor, nem paz, nem justiça. Por favor, Santidade, tome de novo sua bíblia e devolve-a a nossos opressores, porque eles necessitam de seus preceitos morais mais do que nós. Desde a chegada de Cristovão Colombo, se impôs à América, com força, uma cultura, uma língua, uma religião e valores próprios da Europa. A espada espanhola que de dia atacava e assassinava o corpo dos índios, de noite se convertia em cruz que atacava a alma índia". O Papa nada pôde dizer. Teve uma atitude digna: chorou.

Hoje se as Igrejas não tomam a sério os povos crucificados não sei o que falam, quando falam da cruz, do Cristo crucificado e da Ressurreição do Crucificado. Se não ouvirem o grito dos oprimidos do mundo, como poderão ouvir a voz de Deus que as escrituras dizem ser o Deus do grito, o Deus da vida que escuta o clamor dos escravos do Egito, as lamúrias dos exilados da Babilônia e o gemido de cada coração que sofre?

Se não dermos centralidade à questão dos pobres e miseráveis do mundo em nossas reflexões e da nossa prática cristã não salvaremos o cristianismo do cinismo e ratificaremos sua irrelevância histórica. Finalmente somos discípulos de um pobre, de um prisioneiro político, de um condenado à morte, de um crucificado, Jesus de Nazaré.

Devemos aliviar a dor dos que estão na cruz, devemos tirá-los da cruz e, por fim, apoiá-los em sua ressurreição.

É neste contexto que nós cristãos nos lembramos de nossas origens, também de excluídos e crucificados. O Deuteronômio nos recorda: "Meu pai era um arameu sem patria" (26,5). No primeiro e segundo milênio antes de Cristo, arameu não designava um povo, mas pessoas, de diversas origens, marginalizadas da ordem vigente na Mesopotâmia, na Palestina e no Egito. Vagavam errantes em busca de trabalho. Os hebreus eram um subgrupo marginal desse grupo maior dos arameus. Foram escravizados no Egito. É deles que o Exôdo se refere quando faz Deus dizer: "eu ouvi o grito de aflição diante dos opressores... desci para libertá-los" (Ex 20,2). E Deus se revela como "Deus dos hebreus" portanto, dos excluídos e oprimidos que anseiam por sua libertação (Ex 20,2).

Ora, esta opção de Deus pelos hebreus de ontem e de hoje, portanto, pelos excluídos se opõe frontalmente à atual lógica de exclusão da sociedade mundial. Deus inclui todos, a partir dos "hebreus" de todos os povos, a partir dos condenados da terra.

A Igreja pode ajudar na construção de uma democracia social, de uma economia e uma política diferentes. Uma política como ato amoroso de busca comum do bem comum humano e cósmico. Devemos passar de uma economia do crescimento ilimitado para uma economia do suficiente para todos. Anualmente se aplicam, mesmo depois da guerra fria, três trilhões de dólares para a máquina de morte, das armas atômicas e químicas. Com esse dinheiro se poderia dar casa, comida, saúde educação e lazer a toda humanidade. Por que não o fazemos?

Tirar o povo da cruz é importante. Mais importante ainda é criar as condições de ressurreição. Ressuscitar um povo é associar-se a ele para que possa conviver em paz com outros povos, poder desenvolver-se consoante seus ideais humanitários, expressar sua alma nos códigos de sua cultura e sentir-se também pela fé e pela oração amigo e Povo de Deus.

Como nós cristãos, nossas Igrejas, articulamo-nos para conferir esta esperança aos povos? Tomando a sério a opção pelos pobres. Optar pelos pobres e optar pelas maiorias da humanidade, por sua tragédia, por suas esperanças. Ao fazer-se Igreja dos pobres, a Igreja se torna mais verdadeira, porque mais seguidora do Pobre Jesus. Nos pobres e marginalizados, a Igreja é diretamente Igreja dos pobres. Nos outros, que não são pobres, mas que fizeram uma opção solidária pelos pobres ela se torna, por implicação, Igreja dos pobres.

A opção pelos pobres e marginalizados constitui hoje o critério de universalidade e credibilidade do cristianismo. Em razão desta opção, as Igrejas centrais devem ser mais proféticas. Devem pensar menos em sua identidade e em seus interesses corporativos e ocupar-se mais com o homem comum e os crucificados da história. É servindo-os, representando a causa dos condenados junto aos formuladores das políticas de ajuda e junto à opinião pública que elas constroem sua identidade.

Para os cristãos, não há excluídos. Todos estão debaixo do arco-íris do amor do Pai-Mãe. Os distantes são feitos, por essa opção, próximos. E os próximos, irmãos e irmãs.

Esse é um cristianismo de libertação, pois se soma às outras expressões da fé, sem secundarizá-las e, na intenção, sem oprimi-las ou destruí-las. Realiza o sonho de Jesus e de todas as pessoas verdadeiramente religiosas: não adorar-se-á Deus nem em Garizim, nem em Jerusalém, nem em Roma, nem em Meca, mas em espírito e verdade (Jo 4,23). E tanto mais será em espírito e verdade quanto mais a adoração se unir ao compromisso de libertação dos oprimidos e excluídos da história e da natureza. Essa é a liturgia agradável a Deus (Mc 6,7; Mt 23,23), porque resgata a união da família humana que é a família de Deus e lhe dá condições de ser livre e de poder se relacionar na amizade e no amor.

8. DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora são uma resposta da Igreja, no Brasil, aos desafios de sua missão, que é EVANGELIZAR.

Mais que as anteriores, estas Diretrizes foram pensadas e formuladas fazendo da EVANGELIZAÇÃO a prioridade real e o eixo central da ação da Igreja, procurando assim atender ao apelo missionário da "Redemptoris Missio", da IV Conferência Geral do Episcopado latino-americano em Santo Domingo, do Ano Missionário e do V Congresso Missionário latino-americano. A própria ação pastoral, entendida como cuidado das comunidades cristãs já sólidas e maduras, foi orientada para a formação de evangelizadores e, de certo modo, subordinada à missão de anunciar o Evangelho e de testemunhá-lo diante daqueles que não estão vitalmente inseridos na comunidade eclesial.

A NOVA EVANGELIZAÇÃO exige, como sabemos, que ela seja nova em seu ardor, em seus métodos e em sua expressão. A complexidade e a mobilidade da sociedade atual nos impõem um esforço redobrado de compreensão das aspirações dos homens e mulheres de hoje e um empenho generoso e firme no anúncio da boa nova

evangélica. Esta preocupação anima nossas Diretrizes e se apresenta a nós como um grande desafio.

Temos certeza de que poderemos responder a esse desafio, unindo ao empenho generoso e à lucidez do olhar, a disposição de procurar a colaboração de todos, especialmente dos que buscam conosco os valores da verdade, da liberdade e da justiça. Confiamos principalmente na docilidade ao ESPÍRITO, PROTAGONISTA DA EVANGELIZAÇÃO, ao qual nos renovamos o nosso pedido, pela intercessão de Maria, Mãe da Igreja, do dom do discernimento, para que nossos planos humanos não se afastem do coração de Deus e realizem sua vontade de vida plena para todos.

Pelo fato do documento Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, ser um documento que é modificado de quatro em quatro anos, colocamos aqui apenas uma introdução. Para um estudo mais completo, se faz necessário, utilizar o documento referente ao período em que estamos vivendo.

9. ESTUDO BÁSICO DA BÍBLIA

A primeira etapa: o Antigo Testamento

A palavra "Bíblia" vem do grego "biblos", que significa "livro". Daí o diminutivo "biblion" = livrinho, que no plural fica "Bíblia".

O próprio nome da Bíblia nos diz que ela é o LIVRO por excelência. Mas é um livro feito por muitos livros.

A Bíblia está dividida em duas grandes partes: o Antigo Testamento (que se abrevia AT) ou Velho Testamento; o Novo Testamento (que se abrevia NT). Correspondem às duas grandes etapas da história do Povo de Deus: a Antiga Aliança (antes de Jesus) e a Nova Aliança (a partir de Jesus).

A Bíblia é uma coleção ou uma biblioteca. Ela contém 73 livros de épocas e de estilos diferentes. O Antigo Testamento contém 46 livros; O Novo Testamento contém 27 livros; ao todo 73 livros.

O Pentateuco

Os primeiros 5 livros do Antigo Testamento são chamados "Pentateuco". É uma palavra grega que significa "cinco livros". Esses 5 livros são também chamados "TORÁ" (=Lei) porque contêm a Lei da Antiga Aliança. Os livros do Pentateuco são:

Gênesis (Gn) = o livro que traz reflexões sobre as origens do mundo, do homem, do pecado, do Povo de Deus;

Êxodo (Ex) = a saída. Reflete sobre a saída do povo hebreu do Egito sob a liderança de Moisés;

Levítico (Lv) = se chama assim porque traz as leis do culto e as obrigações dos sacerdotes e levitas;

Números (Nm) = se chama assim porque começa com a contagem do Povo de Israel;

Deuteronômio (Dt) = segunda lei. É o livro que relata novamente a promulgação da lei da Aliança. Convida à conversão e fidelidade.

Livros Históricos:

São 16 livros que narram histórias do povo e seus líderes, como, por exemplo, Josué, Juizes, Samuel, os Reis.

Algumas edições da Bíblia reúnem os quatro livros de Samuel e Reis sob o único título de "Livro dos Reis". Assim: O 1º. Livro de Samuel = O 1º. Livro dos Reis; O 2º. Livro de Samuel = O 2º. Livro dos Reis; O 1º. Livro dos Reis = O 3º. Livro dos Reis; O 2º. Livro dos Reis = O 4º. Livro dos Reis. Nessas edições, o 1º. e o 2º. Livro das Crônicas são chamados: 1º. e 2º. Livro dos Paralipômenos.

Livros Sapienciais:

Ou de SABEDORIA. São 7 livros. Neles encontramos a expressão da sabedoria e dos sentimentos do povo: ditados, poesias, cantos, orações, etc.

São eles: Jó, Salmos, provérbios, Eclesiastes (Coélet), Cântico dos Cânticos, Sabedoria, Eclesiástico (Sirácida).

Livros Proféticos:

São 18 livros. Trazem a vida e a mensagem dos profetas. São eles: Isaías, Jeremias, Lamentações, Baruc, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Como foi conservado e multiplicado o AT?

Naquela época se escrevia em folhas de Papiro (depois costuradas para formar rolos) ou em pedaços de couro ou pergaminho (depois ajuntados em forma de livro). O texto original era copiado muitas vezes.

Conhecemos hoje muitas cópias desses antigos manuscritos. Eles transmitiram o texto hebraico do Antigo Testamento e suas traduções mais antigas, gregas e latinas. Só no século XV as Bíblias começaram a ser impressas e aí se introduziu a divisão em capítulos e versículos, que usamos até hoje.

Como procurar um texto

Os livros da Bíblia estão divididos em capítulos e versículos para facilitar a procura e a citação de uma frase.

Quando você lê, por exemplo, a indicação "Ex 5,12", o primeiro número indica o capítulo. Neste caso, é o livro do Êxodo, capítulo 5. O número depois da vírgula indica o versículo. Neste caso, é o versículo 12.

Na bíblia, o número dos capítulos está indicado com um número grande; os versículos com números bem pequenos.

A segunda etapa: os livros do Novo Testamento

Como já vimos, o livro lido nas primeiras comunidades cristãs era o Antigo Testamento. O Novo Testamento ainda não estava escrito. Jesus não escreveu nem mandou escrever nada. Nem os apóstolos e discípulos tinham gravador para registrar as palavras de Jesus.

Os apóstolos começaram a pregar. Transmitiam oralmente o que Jesus tinha feito e ensinado. Daqui e dali surgiram resumos. Tais resumos serviram de base para os Evangelhos que foram escritos mais tarde, a partir do ano 70, ou pouco antes.

Nas comunidades cristãs também se refletia sobre o ensinamento dos apóstolos e alguns deles, principalmente Paulo, colocaram por escrito suas orientações através de "cartas" ou "epístolas".

Assim surgiram os livros do Novo Testamento.

Os Evangelhos:

São os 4 livros que vêm logo no começo do nosso Novo Testamento.

A palavra "Evangelho" quer dizer: BOA NOVA, Boas notícias. Os Evangelhos proclamam como BOA NOVA que Jesus é o Cristo o Salvador. Narram as ações e palavras de Jesus, mas do jeito como diversas comunidades cristãs as refletiram.

Assim temos, nos 4 Evangelhos, pontos de vista diferentes sobre a vida e a mensagem de Jesus.

Os autores dos Evangelhos são considerados Mateus, Marcos, Lucas e João. Eles colocaram por escrito tradições vindas desde os apóstolos e reflexões das comunidades cristãs. Por isso, eles são chamados evangelistas.

Atos dos Apóstolos:

É um livro escrito por Lucas, o autor do 3º. Evangelho.

Este livro narra a vida dos Apóstolos, especialmente de Pedro e Paulo, suas atividades e sua pregação, desde a ressurreição de Jesus até a chegada do Evangelho à Capital do Império, Roma.

Descreve também um pouco da vida das primeiras comunidades cristãs, para apresentá-las como modelo a ser seguido também pelos cristãos de outras épocas.

Cartas de São Paulo:

São atribuídas a Paulo 14 cartas.

Delas, 9 são dirigidas a comunidades cristãs. Paulo fundava comunidades e, de vez em quando, voltava para ajudá-las, animá-las e resolver problemas. Quando não podia ir pessoalmente, enviava umas longas cartas.

As 9 cartas dirigidas a uma comunidade são: Carta aos Romanos, Duas Cartas aos Coríntios, Carta aos Gálatas, aos Efésios, aos Filipenses, aos Colossenses e Duas Cartas aos Tessalonicenses.

Seguem as 3 cartas chamadas "Cartas Pastorais". Estas cartas não são dirigidas a comunidades, mas a seus líderes ou "pastores". Daí o nome de "Cartas Pastorais". São elas : A primeira e segunda carta a Timóteo, A carta a Tito.

Há ainda uma carta dirigida a um cristão, chamado Filêmom.

A última é uma carta dirigida, em geral, aos Hebreus. Esta e, provavelmente, algumas das outras cartas não foram escritas por Paulo pessoalmente, mas por discípulos dele.

As cartas que São Paulo escreveu pessoalmente, são mais antigas que os Evangelhos. A mais antiga é a primeira carta aos Tessalonicenses, escrita em 51, que é também o mais antigo livro do NT.

Paulo morreu em 64 (ou 67), antes que fosse escrito o primeiro evangelho, que foi o de Marcos.

Epístolas Católicas:

Ainda há 7 cartas ou epístolas "católicas". São chamadas assim porque não se dirigem a uma pessoa ou a uma determinada comunidade, mas a todas as Igrejas cristãs. (Católico significa universal). Estas cartas são: Carta de São Tiago, Duas cartas de São Pedro, Três cartas de São João e carta de São Judas.

Apocalipse:

Este livro é atribuído a João.

"Apocalipse" significa "revelação".

O autor deste livro deseja sustentar a fé dos primeiros cristãos e encorajá-los a suportar com firmeza as primeiras perseguições, principalmente as de Nero e Domiciano, imperadores romanos.

O autor usa uma linguagem simbólica, mas que é entendida pelos cristãos. Assim descreve a derrota dos perseguidores e a vitória final de Cristo.

Não é um livro de "mistérios", nem anuncia desgraças para os cristãos. Pelo contrário, é um livro que conforta e dá coragem. O Apocalipse é o último livro da Bíblia.

Como procurar um texto:

A procura dos textos, capítulos e versículos, se faz como no AT. Exemplo: 1Cor 13,4-6 é a primeira carta aos Coríntios, capítulo 13, versículos de 4 a 6.

Perguntas que surgem para quem vai ler a Bíblia

A Bíblia é a palavra de Deus. Mas em canto nenhum da Bíblia, Deus colocou a sua assinatura. Nunca ninguém viu o Espírito Santo em ação, para inspirar ou mover alguém a escrever.

Daí nasceram várias perguntas na nossa cabeça. Muita gente se pergunta: Como foi que aquele povo descobriu que Deus é o autor da Bíblia? O que quer dizer que a Bíblia é a palavra "inspirada" de Deus? Foi Deus mesmo que pegou caneta e papel para escrever? O pessoal que escreveu a Bíblia sabia que estava escrevendo a palavra de Deus? Como foi mesmo que surgiu a Bíblia? Qual a sua mensagem e como é que a gente faz para descobri-la? Como agente deve ler este Livro Sagrado que a Igreja coloca em nossas mãos? Quais as regras de sua interpretação? A Palavra de Deus encontra-se tão somente na Bíblia ou também na sua vida? Como entender esta convicção tão profunda de nossa fé de que, quando leio a Bíblia, estou lendo ou ouvindo a Palavra de Deus para nós?

São muitas as perguntas! Neste texto vamos procurar dar uma resposta. Mas uma pessoa sozinha não dá conta de encontrar a resposta total para tudo!

O máximo que eu posso fazer é provocar um começo de conversa e sugerir algumas pistas de reflexão. Depois, nas reuniões da Fraternidade, vocês procuram aprofundar o assunto, a partir das experiências que vocês mesmos têm da Bíblia e da vida.

O importante é agente não se acomodar, ficando satisfeito com o que acabamos de ler nesse texto. Pois, as coisas escritas aqui não devem ser ponto de chegada, mas sim ponto de partida para começar a ler a Bíblia com olhos novos e chegar, assim, a uma compreensão melhor da palavra de Deus que está na Bíblia e na vida.

Livro da caminhada do Povo de Deus

A Bíblia não caiu pronta do céu. Ela surgiu da terra, da vida do Povo de Deus. Surgiu como fruto da inspiração divina e do esforço humano.

Quem escreveu foram homens e mulheres como nós. Eles escreveram o que estava no seu coração. A maior parte deles não tinha consciência de estar falando ou escrevendo a Palavra de Deus. Estavam só querendo prestar um serviço aos irmãos em nome de Deus. Eles eram pessoas que faziam parte de uma comunidade, de um povo em formação, onde a fé em Deus e a prática da justiça eram ou deviam ser o eixo da vida.

Preocupados em animar esta fé e em promover esta justiça, eles falavam e argumentavam para instruir os irmãos, para criticar abusos, para denunciar desvios, para lembrar a caminhada já feita e apontar novos rumos. Alguns deles chegaram a escrever, eles mesmos, as suas palavras ao povo. Outros nem sabiam escrever. Só sabiam falar e animar a fé pelo seu testemunho. As palavras destes últimos foram transmitidas oralmente, de boca em boca, durante muitos anos. Só bem mais tarde, outras pessoas decidiram fixá-las por escrito.

As palavras faladas ou escritas de todos estes homens e mulheres contribuíram muito para formar e organizar o Povo de Deus. Por isso, o povo delas se lembrou e por ela se interessou. Não permitiu que caíssem no esquecimento. Fez questão de distingui-las das palavras e das atitudes de tantos outros que em nada contribuíram para a formação do povo, nem para a animação da fé e nem para a prática da justiça.

Tudo isso não se fez num dia só. Foi um longo processo que durou séculos. Muita gente colaborou. O povo todo se interessou.

Ora, a bíblia foi surgindo do esforço comunitário de toda essa gente. Surgiu aos poucos, misturada com a história do próprio Povo de Deus.

A Bíblia nasceu sem nome e sem rótulo. Só mais tarde, o próprio povo descobriu aí dentro a expressão da vontade de Deus e a presença real de sua Palavra Santa. Deus estava trabalhando e inspirando desde o começo, mas eles o descobriram só no fim. A gente só conhece totalmente uma flor, depois que o botão se abre e que as pétalas são visíveis a luz do sol. O botão da Bíblia abriu foi na ressurreição de Jesus.

Livro inspirado por Deus

Como é que um livro que surge da vida e da caminhada do povo pode ser, ao mesmo tempo, a palavra de Deus ?

Um agricultor resumiu a resposta nesta frase: "Deus fala misturado nas coisas: os olhos da gente percebem só as coisas, mas a fé enxerga Deus que aí nos fala !"

A Bíblia é fruto, ao mesmo tempo, do céu e da terra, da ação gratuita de Deus e do esforço suado dos homens. É a palavra do Deus do povo e do povo de Deus!

A Bíblia é fruto do vento invisível de Deus que moveu os homens a agir, a falar ou a escrever.

Até hoje, quando lemos a Bíblia, o Espírito de Deus nos atinge. Ele nos ajuda a ouvir e a praticar a Palavra Deus. Sem ele, não é possível descobrir o sentido que a Bíblia tem para nós (João 16,12-13: 14,26).

A lista dos livros inspirados

Para ter uma ajuda e uma orientação na sua vontade de ser fiel a Deus e a si mesmo, o povo foi fazendo uma seleção daqueles escritos considerados por todos de grande importância para a sua vida, e que mais o ajudaram na sua caminhada. Assim surgiu a lista de livros ou de escritos, reconhecidos por todos como sendo a expressão de sua fé, das suas convicções, da sua história, das suas leis, do seu culto, dos seus cantos, da sua missão.

Lidos e relidos nas reuniões e nas celebrações do povo, os livros desta lista foram adquirindo, aos poucos, uma grande autoridade. Eram o patrimônio sagrado do povo, porque lhe revelavam a vontade de Deus. Daí vem a expressão Escritura Sagrada.

Usamos a palavra **lista**. Eles usavam uma palavra grega e diziam **cânon**. A palavra **cânon** quer dizer **lista** ou **norma**. Por isso, até hoje, se fala em **livros canônicos** para indicar os livros daquela lista (cânon). Os livros canônicos eram a norma da fé e da vida do povo de Deus. Ora, esta lista de livros sagrados recebeu mais tarde o nome de Bíblia.

Portanto, a Bíblia é o resultado final de uma longa caminhada, fruto da ação de Deus que quer o bem dos homens e das mulheres, e do esforço daqueles que querem conhecer e praticar a vontade de Deus. Ou seja, a Bíblia é o fruto de um mutirão prolongado do povo que procurava descobrir, praticar, escrever e transmitir aos outros e a nós a Palavra de Deus presente na vida.

Quem escreveu a Bíblia?

Não foi um única pessoa que escreveu a Bíblia. Muita gente deu a sua contribuição: homens e mulheres; jovens e velhos; pais e mães de família; agricultores, pescadores e operários de várias profissões; gente instruída que sabia ler e escrever e gente simples que só sabia contar histórias; gente viajada e gente que nunca saiu de casa; sacerdotes e profetas, reis e pastores, apóstolos e evangelistas.

Era gente de todas as classes, mas todos convertidos e unidos na mesma preocupação de construir um povo irmão, onde reinasse a fé

e a justiça, o amor e a fraternidade, a verdade e a felicidade, e onde não houvesse opressor nem oprimido.

Todos deram a sua colaboração, cada um do seu jeito. Todos foram professores e alunos uns dos outros. Mas aqui e acolá, a gente ainda percebe que nem sempre foi fácil. Alguns, às vezes, puxavam a brasa para o seu lado.

Quando foi escrita a Bíblia?

A Bíblia não foi escrita de uma só vez. Levou tempo, muito tempo, mais de mil anos. Começou em torno do ano 1250 antes de Cristo, e o ponto final só foi colocado cem anos depois do nascimento de Jesus.

Aliás é muito difícil saber exatamente quando foi que começaram a escrever a Bíblia. Pois, antes de ser escrita, a Bíblia foi narrada e contada nas rodas de conversa e nas celebrações do povo. E antes de ser narrada e contada, ela foi vivida por muitas gerações num esforço teimoso e fiel de colocar Deus na vida e de organizar a vida de acordo com a justiça.

No começo, o povo não fazia muita distinção entre contar e escrever. O importante era expressar e transmitir aos outros a nova consciência do povo, nascida neles a partir do contato com Deus. Faziam isto lembrando aos filhos a história do passado e contando-lhes os fatos mais importantes da sua caminhada.

Como nós hoje decoramos a letra dos cânticos, assim eles decoravam e transmitiam as histórias, as leis, as profecias, os salmos, os provérbios e tantas outras coisas que, depois, foram escritas na Bíblia.

A Bíblia saiu da memória do povo. Nasceu da preocupação de não esquecer o passado.

Onde foi escrita a Bíblia?

A Bíblia não foi escrita no mesmo lugar, mas em muitos lugares e países diferentes. A maior parte do Antigo e do Novo Testamento foi escrita na Palestina, a terra onde o povo vivia, por onde Jesus andou e onde nasceu a Igreja.

Algumas partes do Antigo Testamento foram escritas na Babilônia, onde o povo viveu no cativeiro, no século sexto antes de Cristo. Outras partes do Antigo Testamento foram escritas no Egito, para onde muita gente tinha emigrado depois do cativeiro.

O Novo Testamento tem partes que foram escritas na Síria, na Ásia Menor, na Grécia e na Itália, onde havia muitas comunidades, fundadas ou visitadas pelo Apóstolo São Paulo.

Ora, os costumes, a cultura, a religião, a situação econômica, social e política de todos estes povos deixaram marcas na Bíblia e

tiveram a sua influência na maneira de a Bíblia apresentar a mensagem de Deus aos homens.

Em que língua a Bíblia foi escrita?

A Bíblia não foi escrita numa única língua, mas em três línguas diferentes. A maior parte do Antigo Testamento foi escrita em hebraico. Era a língua que se falava na Palestina antes do cativeiro.

Depois do cativeiro, o povo da Palestina começou a falar aramaico. Mas a Bíblia continuava a ser escrita, copiada e lida em hebraico. E assim aconteceu que muita gente já não entendia mais a Escritura Sagrada. Por isso, para que o povo pudesse ter acesso a Bíblia, foram criadas escolas em todas as comunidades e povoados. Jesus, quando menino, deve ter freqüentado a escola de Nazaré, para aprender o hebraico e assim poder entender a Bíblia.

Só uma parte bem pequena do Antigo Testamento foi escrita em aramaico. Apenas um único livro do Antigo Testamento, o livro da Sabedoria, e todo o Novo Testamento foram escritos em grego. O grego era a nova língua do comércio que invadiu o mundo daquele tempo, depois das conquistas de Alexandre Magno, no século quarto antes de Cristo.

Assim, no tempo de Jesus, o povo da Palestina falava aramaico em casa, usava o hebraico na leitura da Bíblia, e o grego no comércio e na política. Neste mesmo tempo de Jesus, ainda não existia o escrito do Novo Testamento. Só existia o Antigo. O Novo Testamento estava sendo vivido e preparado lá em Nazaré.

Aconteceu ainda o seguinte. Os judeus que, depois do cativeiro, tinham emigrado da Palestina para o Egito, foram esquecendo a língua materna. Já não entendiam mais o hebraico nem o aramaico. Só entendiam o grego, a língua da Grécia, que era falada até no Egito. Por isso, no século terceiro antes de Cristo, um grupo de pessoas resolveu traduzir o Antigo Testamento do hebraico para o grego. Foi a primeira tradução da Bíblia. Esta tradução grega é chamada **Septuaginta** ou **Setenta**.

Quando mais tarde, depois da morte e ressurreição de Jesus, os apóstolos saíram da Palestina para pregar o Evangelho a outros povos que falavam o grego, eles adotaram esta tradução grega dos **Setenta** e a espalharam pelo mundo.

Na época em que foi feita a tradução grega dos **Setenta**, a lista (cânion) dos livros sagrados ainda não estava concluída. E assim aconteceu que a lista dos livros desta tradução grega ficou mais comprida do que a lista dos livros da Bíblia hebraica.

Ora, a diferença entre a Bíblia dos protestantes e a dos católicos vem desta diferença entre a Bíblia hebraica da Palestina e a Bíblia grega do Egito. Os protestantes preferiram a lista mais curta e mais antiga da

Bíblia hebraica, e os católicos, seguindo o exemplo dos apóstolos, ficaram com a lista mais comprida da tradução grega dos **Setenta**.

Há sete livros a menos na edição da Bíblia dos protestantes: Tobias, Judite, Baruc, Eclesiástico, Sabedoria, algumas partes do livro de Daniel e algumas partes do livro de Ester. Este sete livros são chamados "deuterocanônicos", isto é, são da segunda (deutero) lista (cânon).

Como ler com proveito a Bíblia

Interpretar a Bíblia sem olhar a realidade da vida de ontem e de hoje, é o mesmo que manter o sal fora da comida, a semente fora da terra, a luz debaixo da mesa. É como galho sem tronco, olhos sem cabeça, rio sem leito.

Por que a realidade da vida é tão importante para a gente poder entender a Bíblia? É porque a Bíblia não é o primeiro livro que Deus escreveu para nós, nem o mais importante. O primeiro livro é a natureza, criada pela Palavra de Deus; são os fatos, os acontecimentos, a história, tudo que existe e acontece na vida do povo; é a realidade que nos envolve; é a vida que vivemos. Deus quer comunicar-se conosco através da realidade da vida. Por meio dela, ele nos transmite a sua mensagem de amor e de justiça.

Mas nós, homens e mulheres, por causa dos nossos pecados, organizamos o mundo de tal maneira e criamos uma sociedade tão torta, que já não é mais possível perceber claramente o apelo de Deus que existe dentro da vida que vivemos. Por isso, Deus escreveu um segundo livro que é a Bíblia!

Ora, o segundo livro não veio substituir o primeiro. A Bíblia não veio ocupar o lugar da vida. É o contrário! A Bíblia foi escrita para nos ajudar a entender melhor o sentido da vida que vivemos, e a perceber mais claramente a presença da Palavra de Deus dentro da nossa realidade.

Por isso, quem lê e estuda a Bíblia, mas não olha a realidade do povo oprimido de ontem e de hoje, nem luta pela justiça e pela fraternidade, é infiel à Palavra de Deus e não imita Jesus Cristo. É semelhante aos fariseus que conheciam a Bíblia de cor, mas não a praticavam.

O estudo da Bíblia deve ser feito com muita seriedade e disciplina. Considere a leitura que você faz da Bíblia como uma conversa sua com Deus. A gente deve ser generoso e nunca avarento na interpretação da Bíblia. Isto quer dizer: ler não só nas linhas, mas também nas entrelinhas. Em todos os textos sempre tem duas coisas: as coisas ditas abertamente nas linhas, e as coisas ditas veladamente nas entrelinhas. As duas vêm do autor do texto, e as duas são igualmente importantes!

Como descobrir o que o autor diz nas entrelinhas? Usando a inteligência, o coração e a imaginação, perguntando sempre:

- 1) Quem é que está falando no texto e a quem?
- 2) O que ele está querendo dizer e por que?
- 3) Em que situação ele está falando ou escrevendo?
- 4) Qual o jeito que ele usa para dar o seu recado?
- 5) De que lado ele está e qual o interesse que ele defende?

Estas e outras perguntas ajudam a gente a puxar a cortina e a perceber o que existe nas entrelinhas do texto bíblico. E isto exige estudo e não depende só da nossa boa vontade.

As introduções de cada livro da Bíblia, as notas ao pé das páginas, as referências para outros textos bíblicos, os mapas geográficos, que você encontra na sua Bíblia, foram feitos para ajudá-lo na descoberta do sentido certo e exato que existe nas linhas e nas entrelinhas do texto da Bíblia.

Convém lembrar ainda o seguinte: nadar se aprende nadando. O conhecimento da Bíblia se adquire através de uma prática constante de leitura, se possível diária.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

BOFF, L. *Nova Era : A Civilização Planetária*. São Paulo: Ática, 1994.

COMPÊNDIO DO VATICANO II, *Constituições, Decretos, Declarações*.
26ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CNBB. *Juventude Caminho Aberto, Campanha da Fraternidade*. Brasília:
Editora Salesiana Dom Bosco, 1992.

_____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*.
Brasília: 1995.

MESTERS, C. *Um Projeto de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. *Bíblia Livro Feito em Mutirão*. São Paulo: Paulinas, 1982.

TONUCCI, P. *Das Comunidades de Ontem às Comunidades de Hoje*.
São Paulo: Paulinas, 1990.

CONHECIMENTO SÓCIO-POLÍTICO

1. ESTRUTURA DOS SISTEMAS ECONÔMICOS, POLÍTICOS E SOCIAIS

Existem hoje no mundo diferentes sistemas econômicos, políticos e sociais. A rigor, cada sociedade tem sua forma particular de organização, que é resultado da interação sociedade-natureza dentro de um contexto geo-político.

Sem falar das sociedades mais simples, pequenas e geralmente organizadas em tribos, que ainda existem em algumas partes do planeta.

Citaremos aqui apenas alguns sistemas econômicos, políticos e sociais mais conhecidos:

ANARQUISMO

É um conjunto de doutrinas que defende a organização de uma sociedade sem nenhuma forma de autoridade imposta. Considera o Estado uma força de repressão que impede os indivíduos usufruir da liberdade plena. A concepção moderna e anarquismo nasce com as Revoluções Industrial e Francesa.

No século XIX surgem duas correntes principais de anarquismo. A primeira, encabeçada pelo francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), afirma que a sociedade deve organizar sua produção e seu consumo em pequenas associações baseadas no auxílio mútuo entre as pessoas. Segundo essa teoria, as mudanças sociais são feitas com base na fraternidade e na cooperação. O russo Mikhail Bakúnin (1814-1876) é um dos principais teóricos da outra corrente, também chamada de coletivismo. Defende a utilização de meios mais violentos nos processos de transformação da sociedade e propõe a revolução universal baseada no campesinato. Afirma que as reformas só podem ocorrer depois que a estrutura social existente for destruída. O russo Peter Kropótkin (1842-1876) é considerado o sucessor de Bakúnin. Sua teoria é conhecida como anarco-comunismo e se baseia na abolição de todas as formas de governo em favor de uma sociedade comunista regulada pela ajuda mútua e cooperação, em vez de instituições governamentais.

COMUNISMO

Doutrina e sistema econômico e social baseados na propriedade coletiva dos meios de produção. Tem como ideal a primazia do interesse comum da sociedade sobre o do indivíduo isolado.

A noção de comunismo surge na Antigüidade com Platão filósofo grego. Em *A República*, defende a propriedade comum dos bens para

anular o conflito entre o interesse privado e o do Estado. Mas é no pensamento cristão que surgem os primeiros ideais comunistas para toda a população. Esses ideais acompanham a civilização cristã na Idade Média e no Renascimento. Nos séculos XVI e XVII surgem as grandes utopias sobre o comunismo.

Comunismo marxista: O *Manifesto Comunista* (1848), dos pensadores alemães Karl Marx e Friedrich Engels (1820-1895), afirma que o comunismo seria o estágio final da organização político-econômica humana. A sociedade viveria em um coletivismo, sem divisão de classes nem a presença de um Estado repressivo. Para chegar ao comunismo, os marxistas prevêem um estágio intermediário de organização, o Socialismo, que instaura uma ditadura do proletariado (trabalhador) para garantir a transição.

SOCIALISMO

Corrente de pensamento que se desenvolve a partir do século XIX em oposição ao Liberalismo e ao Capitalismo. Propõe uma organização social na qual são abolidas a propriedade privada dos meios de produção e a sociedade de classes. Há diferentes formas de socialismo. Algumas doutrinas pregam o controle rigoroso e autoritário do Estado na economia e na sociedade, enquanto outras permitem maior descentralização.

Socialismo utópico: O pensamento socialista é primeiramente formulado por Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837), Louis Blanc (1811-1822) e Robert Owen (1771-1858), que criam o chamado socialismo utópico. A denominação vem do fato de seus teóricos exporem os princípios de uma sociedade ideal sem indicar os meios para alcançá-la. Defendem a socialização dos meios de produção, a supressão da herança, a proteção do indivíduo, a abolição da moeda, a produção sem fins lucrativos e o ensino para todos.

Socialismo científico: Karl Marx e Friedrich Engels desenvolvem a teoria do socialismo científico. É denominado assim por não se apresentar mais como um ideal, mas como uma necessidade histórica que deriva da crise do capitalismo. Está fundamentado numa análise científica da sociedade capitalista, baseada na concepção materialista da história (o modo de produção determina as relações sociais).

Marx e Engels criticam os partidários do socialismo utópico e defendem a organização da classe trabalhadora como força revolucionária. Em 1848, Marx e Engels lançam *O Manifesto Comunista*, que analisa a história como o resultado da luta entre as classes – burguesas e proletários – e instiga o proletariado (trabalhadores) de todo o mundo a se unir para tomar o poder.

CAPITALISMO

Sistema econômico e social que se caracteriza pela propriedade privada dos meios de produção, pelo trabalho livre assalariado e pela acumulação de capital. Consiste também na racionalização dos meios de produção e na exploração de oportunidades de mercado para obter lucro.

Na Europa, essas características aparecem desde a Baixa Idade Média, do século XI ao século XV, com a transferência do centro da vida econômica, social e política dos feudos para as cidades. Nas regiões mais desenvolvidas, como Itália e Flandres, já há bancos, letras de câmbio, intensa atividade de comércio e divisão de trabalho – cada trabalhador executa a penas uma parte da produção.

Na Idade Moderna, do século XV ao século XVIII, os reis absolutistas expandem o comércio por meio do *mercantilismo*. O Estado controla a economia e busca colônias para incentivar o enriquecimento das metrópoles. Esse enriquecimento favorece a burguesia, que passa a contestar o poder dos reis, resultando na crise do sistema absolutista.

A partir da Segunda metade do século XVIII, com a *Revolução Industrial*, inicia-se um processo ininterrupto de produção coletiva em massa, geração de lucro e acúmulo de capital. Na Europa Ocidental, a burguesia industrial assume o controle econômico e político. As sociedades passam a rejeitar o tradicional privilégio da aristocracia – baseado na distinção pelo nascimento – e a força do capital se impõe. Surgem as primeiras teorias econômicas, a fisiocracia, que defendem a não-interferência do Estado na Economia.

No Século XX, após a crise econômica de 1929, o Estado passa a interferir nas atividades econômicas em muitos países. Nos Estados Unidos, por exemplo, o presidente Franklin Roosevelt implementa, em 1933, o New Deal (Novo Acordo), um programa econômico e social que introduz, entre outros benefícios, o subsídio ao desemprego e projetos de obras públicas.

A partir da década de 60, o *Neoliberalismo* recomenda a atuação mínima do Estado no campo social (previdência, saúde e educação) e a sua não interferência nos processos econômicos. Nos anos 80 e 90, muitos países neoliberais põem fim ao sistema de estatização dos meios de produção e abrem caminho à *privatização*, à formação dos *blocos econômicos* e à *globalização* da economia.

O NEOLIBERALISMO é a expressão usada para designar as políticas econômicas com ênfase no livre mercado. Os neoliberais acreditam que a vida econômica é regida por leis naturais resultantes da livre associação entre os indivíduos. Portanto, é preciso limitar o tamanho e as funções do Estado para permitir maior autonomia ao setor privado nacional e internacional. No neoliberalismo, o papel do Estado restringe-se a disciplinar o mercado com o objetivo de combater os

excessos da livre concorrência e, dessa forma, garantir sua sobrevivência.

As políticas neoliberais enfatizam a abertura da economia por meio da liberalização financeira e comercial e da eliminação de barreiras aos investimentos estrangeiros diretos: a estabilização econômica obtida pela disciplina fiscal, pela reforma tributária, pela estabilidade da taxa de câmbio e pelo redirecionamento dos gastos do Estado, dando prioridade à saúde, educação e infra-estrutura; e a diminuição da participação do Estado na economia por meio dos programas de privatização e da desregulamentação, por exemplo, do preço de alguns produtos antes controlado pelo Estado.

A GLOBALIZAÇÃO é a crescente integração das economias em um mercado global intensificada nas últimas décadas do século XX. Os Estados vêm abandonando gradativamente as barreiras tarifárias que protegem sua produção de concorrência estrangeira e se abrem ao fluxo internacional de mercadorias e capitais. Essa unificação tem sido facilitada pela revolução nas tecnologias da informação.

A globalização é um processo antigo que remonta aos séculos XV e XVI. Nessa época, os Estados europeus dão início à *expansão marítima* e comercial, conquistando e explorando novos territórios fora do continente.

Outro grande salto na difusão do comércio e dos investimentos é dado pela *Revolução Industrial* nos séculos XVIII e XIX. A interdependência econômica prossegue em ritmo crescente até a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, sendo retomado com intensidade no bloco capitalista após a II Guerra Mundial. Com o encerramento da Guerra Fria, no fim dos anos 80, inaugura-se um novo estágio da globalização: as trocas mundiais incrementam-se ainda mais em virtude da adesão das ex-nações comunistas à economia de mercado e ao fortalecimento dos blocos econômicos regionais.

A Expansão do Comércio, estimulado pela queda de barreiras – decorrente, em grande parte, das políticas liberalizantes postas em prática pelo Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt) -, o volume das trocas mundiais aumenta 12 vezes desde a última guerra mundial. Para a próxima década é esperado um crescimento anual em torno de 6%. A expansão do comércio tem superado o crescimento da produção mundial.

A Explosão dos Investimentos acontece pelo crescimento dos fluxos de capital que tem sido ainda maior. Esse aumento se deve à maior abertura dos países ao capital estrangeiro, à sofisticação do mercado financeiro e à fantástica velocidade das transações, possibilitada pelas inovações nas telecomunicações e na informática.

A globalização também é marcada pela rápida difusão das corporações transnacionais pelo mundo. A cadeia de fast food McDonald's, por exemplo, possui 18 mil restaurantes em 91 países. Essas corporações exercem papel decisivo na economia mundial. O

Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) da ONU afirma que, das cem maiores riquezas do mundo, metade são Estados e metade mega empresas.

A rápida evolução e popularização das tecnologias da informação (computador, telefone e televisor) têm sido fundamentais para agilizar o comércio, o fluxo de investimentos e a atuação das transnacionais.

A expansão dos fluxos econômicos globais tem ocorrido de forma desigual entre as regiões. Relatório da ONU mostra que os países subdesenvolvidos, apesar de concentrar 10% da população, respondem por apenas 0,3% do comércio mundial. E mais da metade das nações em desenvolvimento estão à margem dos investimentos estrangeiros diretos.

De acordo com economistas, a globalização e a revolução tecnocientífica – responsável pela progressiva automação da produção – vêm provocando, nas últimas décadas o aumento do desemprego.

PARA REFLETIR:

- 1) Quais os sistemas econômicos, político e sociais predominante no mundo?
- 2) Qual o sistema predominante no Brasil?
- 3) De acordo com a espiritualidade franciscana, qual é o sistema ideal?
- 4) E para você qual é o sistema ideal?

2. CONHECIMENTO DA REALIDADE BRASILEIRA

Enquanto a economia mundial caminha a passos largos para a sua internacionalização, o Brasil – assim como todo o Terceiro Mundo – enfrenta ainda problemas básicos, como a fome, a educação ineficiente, a saúde precária e a falta de habitação.

Os desequilíbrios sociais e outros problemas que afetam o Brasil deverão começar a ser solucionados ainda nesse final de século, caso contrário nosso país ficará para trás cada vez mais. O Mercosul (Mercado Comum do Sul), reunindo as economias do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, é uma tentativa de buscar uma solução para esses problemas.

O empobrecimento do Estado e a queda do poder aquisitivo repercutiram de modo negativo no padrão de vida da população.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria dos brasileiros consome uma quantidade de calorias diárias inferior àquela

necessária a seu bom desenvolvimento físico e mental. Além disso, vive em moradias precárias, carentes de saneamento básico.

Embora o número de domicílios com rede de esgotos, água encanada e sistema de coleta de lixo tenha aumentado, em relação à década anterior, as condições de saneamento no Brasil continuam insatisfatórias.

O Estado não tem cumprido com seu papel, determinado na Constituição, de proporcionar à população um nível satisfatório de ensino básico. A falta de investimentos públicos na educação resulta na má conservação das escolas, na má remuneração e na baixa qualificação dos professores.

Tal situação contribuiu para que em 1996, apenas 40% dos alunos matriculados na rede pública concluíssem o primeiro grau. Dados referentes a 1997 são um pouco mais alentadores: o índice de analfabeto caiu em todo o país em relação a 1996, refletindo uma melhoria nos níveis gerais de escolarização.

No mercado de trabalho, as condições estão igualmente degradadas. Cerca de 45 milhões de brasileiros oscilam entre o desemprego e o subemprego, pois 40% não têm registro em carteira de trabalho. Essas dificuldades enfrentadas pela população carente, particularmente na periferia das grandes cidades, vêm provocando o aumento da violência e do banditismo.

A devastação ambiental é outro sinal do subdesenvolvimento do país, que tem chamado a atenção da opinião pública internacional. A ocupação da Amazônia iniciada na década de 1970 e intensificada nas décadas seguintes, vem atendendo a interesses de lucro imediato por parte de poderosos grupos econômicos - inclusive estrangeiro - em prejuízo da flora, da fauna e dos habitantes locais. O censo do IBGE de 1996 mostra que o ritmo de crescimento da população brasileira tem sido menor nesse final de século. Entre 1970 e 1980, a população nas principais capitais do país cresceu em 10,7 milhões de habitantes; entre os anos 1980 e 1990, esse crescimento ficou em torno dos 8,3 milhões. A taxa de crescimento demográfico caiu de 2,4% na década de 1970 para 1,9% na década de 1980. A desaceleração do crescimento populacional deve-se à difusão dos métodos anticoncepcionais.

A participação feminina ampliou-se na política. Nas eleições de 1994, foi eleita, no Estado do Maranhão, a primeira mulher para o cargo de governador. Foram eleitas também, pela primeira vez, duas senadoras: uma pelo Estado do Acre e outra pelo Estado do Rio de Janeiro. Além disso, várias mulheres se elegeram como deputadas federais e estaduais.

A queda contínua dos salários desde a década de 1980, o desemprego em alta, o consumo e a produção em baixa, além da precariedade das condições de vida, não são contudo, problemas exclusivos do Brasil. Seus vizinhos latino-americanos também compartilham dessa dura realidade.

Nem mesmo os países centrais do capitalismo – os da Europa, os da América do Norte ou do Extremo Oriente – escapam, hoje, ao problema do desemprego. Calcula-se em mais de um bilhão o número de pessoa que vive em condições de miséria absoluta no planeta. Trata-se, portanto, de um problema de ordem mundial.

O mundo hoje vive uma guerra comercial, que opõe entre si as multinacionais, disputando o mercado mundial, concentrando um volume cada vez maior de capitais e desenvolvendo tecnologias avançadas para aprimorar a produção, sobretudo nas áreas de micro eletrônica e informática. O resultado é que máquinas e robôres têm substituído um número crescente de trabalhadores com mais eficiência, rapidez e menores custos.

Se até mesmo os governos dos países poderosos encontram dificuldades para proteger-se da guerra de concorrência promovida pelas multinacionais, dificuldades ainda maiores enfrentam os países periféricos, como o Brasil, mais fracos porque mais dependentes.

O governo brasileiro vem procurando controlar a inflação para poder crescer e participar da economia que cada vez mais se internacionaliza; abre suas fronteiras às importações; facilita a instalação de empresas estrangeiras em seu próprio território; e até dirige a sua produção às necessidades externas, para poder participar desse comércio internacional.

Por fim, a questão da globalização suscita a questão dramática que pede uma solução urgente: como criar uma satisfação societária mínima em nível pessoal, comunitário e nacional que mantenha a sociedade unida e não dê vazão a guerras de sobrevivência da maioria pobre do país; até o momento ou marginalizados e excluídos dos imensos logros tecnológicos e que não aceitam pacificamente o veredito de morte que pesa sobre eles? Como fazer?

PARA REFLETIR:

- 1) Qual a realidade brasileira atual?
- 2) Quais as causas dos problemas da realidade brasileira?
- 3) O que podemos fazer para melhorar essa realidade?

3. MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Queremos dar ao conceito *comunicação* o sentido mais amplo possível: entrar em relação, estabelecer laços, colocar algo em comum.

E aí usar todos os recursos possíveis: desde a Internet, a TV, o rádio, o vídeo, o cinema, o jornal, a revista, o boletim, o livro, até a comunicação direta: no relacionamento pessoal, via pregação, catequese, liturgia e os mais diferentes grupos, onde se dá a partilha da palavra com intuito de comunicar e evangelizar.

Os comunicadores têm, ou deveriam ter, consciência de que trabalham com recursos técnicos poderosíssimos, que são capazes de atingir instantaneamente milhares de pessoas e de exercer influência decisiva sobre suas vidas. A comunicação tem o poder de enriquecer ou empobrecer culturalmente, na medida em que se *rouba* ou se desenvolve a capacidade de pensar, de escolher e de decidir; na medida em que se *faz a cabeça* do receptor ou se desenvolve seu espírito crítico. Ela pode ser um serviço de superação de injustiças sociais, como pode servir à promoção duma sociedade de consumo, de individualismo. Não somos injustos quando afirmamos que não poucas vezes os meios de comunicação sociais (MCS) são usados para explorar paixões, sentimentos, violência, o sexo; de que são usados para manipular as mensagens de acordo com interesses setoriais, onde passam sua visão interesseira de mundo, sua crença e sua cultura. Quem sabe, ligue sua televisão e preste atenção... São verdadeiras empresas comerciais, onde poucos têm oportunidade, voz e vez, mesmo num país que se diz democrático. Produz-se, não poucas vezes, a destruição de valores do povo, até porque grande parte da programação é estrangeira. E onde só uma pessoa domina o conteúdo, o código e o meio, não há comunicação.

Numa real comunicação, os interesses devem ser comuns. A comunicação humana é essencialmente dialogal. Comunicar é reconhecer e considerar o produtor e o receptor da mensagem. O comunicador isolado e desligado é massificador. Neste sentido, estão aparecendo centenas de *rádios comunitárias*, como formas alternativas de comunicação, também chamado *setor informal de comunicação*. Além disso, a produção de vídeos está em pleno desenvolvimento. A partir destes campos de comunicação popular e comunitária, se presta um apoio importante ao desenvolvimento das identidades culturais próprias e se utiliza a comunicação social como uma ferramenta para a reivindicação política, econômica e social dos grupos locais e pequenas comunidades. Estas experiências cresceram enormemente na América Latina toda, apoiadas em grande parte pela Igreja Católica e por outras comunidades e grupos cristãos. Os MCS abrem as portas da família para dela participar. Com efeito, estas pessoas que entram na família pela TV, rádio, jornal, etc., são mais que simples visitantes, são quase membros da família. Anunciadores, locutores, apresentadores, atores, entram em casa com toda uma bagagem ideológica, simbólica, capaz até de mudar comportamentos, *modas*. Atuam com enorme poder, na estruturação da personalidade das crianças e dos jovens. As crianças são, talvez, as mais atingidas, porque em defesas diante do mundo veiculado pelos

MCS. Elas têm a capacidade de estimular e impressionar a imaginação, a fantasia e o emotivo da personalidade em formação. Quem, em última análise, veste a roupa, o sapato, o tênis; quem cria a linguagem, expressões e comportamentos, é o MCS ao qual nos escravizamos. E como fica a educação dos pais nesta história?

Neste sentido, Jesus Cristo é o comunicador por excelência, porque se identifica com a pessoa humana para revelar-lhe as coisas do Pai. Ele é a Palavra de Deus que se fez carne para falar de dentro da realidade. Ele realiza um diálogo com os homens e mulheres. A sua vida foi escutar os apelos dos oprimidos para amplificá-los até o Pai-nosso. A comunicação que Deus estabeleceu em Jesus Cristo com a humanidade busca a libertação dos pobres e a construção da fraternidade humana. Ele se comunica a través de parábolas, partindo de fatos da vida, para transmitir a mensagem, despertar a adesão e provocar a transformação da realidade.

Este diálogo iniciado por Deus é que deve continuar hoje no mundo pela Igreja e os meios de comunicação que ela possui. Ela só poderá prestar um real serviço ao povo de Deus, na medida em que estiver profundamente inserida dentro da vida do povo; na medida em que mergulhar no povo, na sua cultura, nos seus fracassos, nas suas lutas e nas suas esperanças; na medida em que ela se identifica com os anseios populares.

Por enquanto, persistem no Brasil as estruturas autoritárias e monopolizadoras dos MCS. O que significa a democratização dos MCS?

Não existe só o monopólio sobre a propriedade privada da terra, sobre os meios de produção, nem existe só o exercício do poder político como instrumento de dominação; existe também o monopólio dos MCS, a serviço da dominação ideológica social. A TV, o rádio, a imprensa, forjam novos mestres da verdade e da moralidade. o desafio sério e urgente é perceber como o cristão se relaciona com estes meios. A formação da consciência crítica das pessoas, capacitadas em interpretar a informação, a mensagem; de desvendar suas intenções ideológicas. Parece ser ministério e tarefa da Igreja também.

Se de um lado existe a comunicação social, de outro lado existe cada vez mais a incomunicação. O desenvolvimento dos MCS e de suas técnicas sempre mais sofisticadas não corresponde à experiência humana da comunicação mais profunda e interpessoal; não aproximam, mas distanciam.

O (a) comunicador (a) não pode desprezar os avanços da ciência das comunicações. Seria um erro apostar demasiadamente no Espírito Santo como força que corrige as falhas ou que completam o nosso discurso. A Palavra de Deus está em nossas mãos e quer ser anunciada a partir das mediações humanas, que ultrapassar as distâncias entre as pessoas a partir daqueles recursos que a inteligência humana foi descobrindo como úteis para melhor se comunicar. E para promover tudo isso, queremos usar os meios e recursos que estão ao

nosso alcance, desde o pequeno grupo de base, até os meios mais sofisticados de comunicação.

PARA REFLETIR:

- 1) Quais os principais meios de comunicação social?
- 2) Quem detém os principais meios de comunicação social?
- 3) Qual a influência dos meios de comunicação na família?
- 4) Como utilizar a comunicação para construção de uma sociedade mais fraterna?

4. DIMENSÃO SOCIAL DO EVANGELHO

O Evangelho de Jesus tem uma dimensão social tão profunda que, deixá-la de lado ou negá-la, significa desfigurar completamente o anúncio e a prática de Jesus Cristo, razão de nossa fé. Fazer uma opção de fé cristã sem assumir um compromisso social na linha da busca da justiça, da solidariedade, da supressão das situações de miséria, da justa distribuição dos bens, da defesa da vida, da opção pelos pobres, da organização dos trabalhadores em defesa dos seus direitos fundamentais, é uma opção de fé incompleta, capenga, insuficiente. Fazer uma opção de fé e colocar-se contra este compromisso é uma opção de fé falsa. É uma idolatria.

É por isso que, ao longo dos anos a Igreja, em todas as suas instâncias (desde as pequenas comunidades até o Papa), vem refletindo, elaborando e publicando um Ensino ou Doutrina Social da Igreja. Este Ensino social é um esforço para ligar a vivência do Evangelho com os problemas sociais concretos vividos pelos homens, especialmente pelos pobres e oprimidos. É a aplicação da Palavra de Deus na realidade concreta dos homens. É o esforço da Igreja para iluminar com a luz do Evangelho as situações vividas na e pela sociedade. O Ensino Social da Igreja não é apenas uma teoria, uma interpretação. Ele oferece princípios de reflexão, critérios de julgamento e diretrizes de ação.

Os princípios de reflexão nos ajudam a olhar a realidade concreta em que vivemos. Olhamos e analisamos a realidade com os olhos da fé, a partir da vida concreta da pessoa humana, como filho de Deus e centro da criação, orientados pela busca da verdade.

Os critérios de julgamento nos ajudam a distinguir e clarear qual é a vontade de Deus, qual o julgamento cristão diante desta realidade. O Projeto do Reino de Deus é o grande critério de julgamento, detalhado nos princípios do Ensino Social da Igreja. Aqui, o cristão confronta a realidade concreta com a proposta do Reino. A fome, a miséria, a

concentração da renda e da terra, a exploração do homem pelo homem estão de acordo com o Projeto de Deus? Estes critérios de julgamento ajudam a ver o que há de graça e desgraça na vida concreta das pessoas na sociedade.

Mas não fica por aí. Não se pode ficar de braços cruzados. É preciso partir para ação concreta, colocar as *mãos na massa*. Trabalhar para construir uma sociedade justa, humana e fraterna. Por isso há diretrizes de ação. É o já conhecido método Ver, Julgar e Agir. Muitos cristão preferem nem ver. Outros usam o ver, julgar e adiar. O momento da prática nunca chega... *Soou a hora da ação: estão em jogo a sobrevivência de tantas crianças inocentes, o acesso a uma condição humana de tantas famílias infelizes, a paz do mundo e o futuro da civilização (Papa Paulo VI – Populorum Progressio, nº 80).*

O DESAFIO ÀS FRATERNIDADES

E Jesus perguntou aos apóstolos:

Quantos pães vocês têm?

E acrescentou:

Vão ver!

Os apóstolos foram e encontraram cinco pães e dois peixes. Era o que o povo tinha. Fruto do trabalho suado e sofrido daqueles pescadores que tiravam dos lagos o peixe para o sustento. Daqueles pequenos agricultores que tiravam da terra o trigo para o pão. Pão e peixe, produto do trabalho dos pobres que ali estavam sem ter o que comer.

Jesus mandou que todos se sentassem na grama, em pequenos grupos.

Já não era uma multidão sem rosto. Era um pequeno povo organizado, tomando nas mãos o produto do seu trabalho.

Jesus toma o pão e pede a bênção do Pai. Esta profunda comunhão faz acontecer o milagre da partilha.

Este é o principal desafio às nossas fraternidades. Fazer acontecer a partilha e a solidariedade numa sociedade dilacerada pela acumulação, pela injustiça e pela fome.

Para as fraternidades que aceitam este desafio lançado por Jesus no Evangelho de Marcos e que procuram organizar-se diante dos problemas sociais concretos que sentem e enfrentam o Ensino Social da Igreja pode dar uma importante contribuição:

1. Ajudando a fundamentar e a enriquecer as suas lutas e organizações. As comunidades percebem, no contato com o Ensino Social da Igreja, que sua luta e sua organização para construir estruturas sociais justas são verdadeiro caminho da Igreja. Conseguem uma capacidade muito maior para ligar o

Evangelho e a Tradição da Igreja com a sua prática do dia-a-dia no campo social, nos movimentos populares, na luta sindical e política por melhores salários, por terra, saúde, etc. Estudando o Ensino Social da Igreja, as comunidades encontram no Evangelho a luz que torna mais firme as suas lutas e organizações.

2. Ajudando a conscientizar que a dimensão social não pode faltar na vida dos cristãos. O que está no Ensino Social da Igreja é o mínimo que se exige de um cristão no campo social. Divulgar o Ensino Social da Igreja nas comunidades tem o objetivo de deixar claro, a todos os cristãos, que não se pode viver a fé cristã à margem de uma prática social inspirada no Evangelho.
3. Ajudando as fraternidades a Ter uma visão mais ampla em suas lutas concretas. Da um sentido de solidariedade que ultrapassa os limites da fraternidade, da própria região, do próprio país. Tem-se uma visão da conjuntura mundial e das estruturas de injustiças que se organizam a nível internacional. E, também, da necessidade dos oprimidos se organizarem solidariamente, em dimensões cada vez mais amplas, para vencerem estas estruturas. Ao mesmo tempo, o cristão que se engaja na luta concreta de sua comunidade encontra um sentido de comunhão com todos os que se empenham pelos mesmos objetivos em qualquer parte do mundo.
4. Ajudando as fraternidades a se capacitarem para a ação no campo social. O Ensino Social da Igreja é orientado para prática. Desafia os cristão e as fraternidades a se prepararem para atuar de maneira eficaz, transformando as estruturas que contradizem o Evangelho. Capacitar as fraternidades para isto, tanto do ponto de vista teórico como prático, é o desafio do Ensino Social da Igreja.

PARA REFLETIR:

- 1) O que é dimensão social do Evangelho?
- 2) A ação de Jesus, Francisco e Clara era uma ação social? Por que?
- 3) Devemos assumir uma prática social? Por que?

TEXTOS COMPLEMENTARES

1. O MUNDO EM QUE VIVEMOS

Vivemos num mundo cheio de grandes contrastes. De um lado, vemos o entusiasmo diante das fantásticas conquistas da inteligência humana. De outro lado, vemos os graves problemas que crescem a cada dia. Estamos num mundo que traz consigo valores e problemas, angústias e esperanças, conquistas e fracassos. (GS 4/205-206; Chistifideles laici, n. 3).

a) CARACTERÍSTICAS DO MUNDO EM QUE VIVEMOS

1. Mudanças rápidas e profundas. Vivemos num mundo no qual os mais diversos setores da sociedade passam por rápidas e profundas transformações. Atualmente, progride-se mais em dez anos do que antigamente em cem anos. As ciências e a técnica progridem com grande rapidez, trazendo para humanidade invenções sempre mais aperfeiçoadas. Os meios de comunicação social (radio, televisão, telefone...) evoluíram tanto que transformaram o mundo numa pequena vila: ficamos informados no mesmo instante em que acontecem os fatos.

Hoje, tudo acontece com grande rapidez: o transporte, a comunicação, a produção e o próprio ritmo da vida. Todas estas conquistas, trouxeram grandes benefícios para a humanidade. Por outro lado, trouxeram grandes problemas: o homem sente grande dificuldade de acompanhar essa corrida louca. Vive sempre com pressa, não tem tempo para pensar e refletir sobre os fatos e sobre a própria vida. Porque não há tempo para refletir e aprofundar, habitua-se a uma vida superficial. (GS 5-7/210-220).

2. Sociedade de consumo. Vivemos numa sociedade que se baseia no econômico. A grande meta desse tipo de sociedade é a exploração dos recursos naturais da terra para aumentar a riqueza e o consumo. A ciência e a técnica estão a serviço e colaboram para alcançar esta meta.

Eis o que acontece: Surgem grandes indústrias. As máquinas estão montadas. É preciso produzir. Produzindo, é preciso consumir. Produzindo muito, é preciso consumir muito. Como fazer para aumentar o consumo? Aí vem a propaganda para criar a necessidade de consumo! O pior é que se produz e se consome coisas desnecessárias e as vezes prejudiciais. A sociedade de consumo apoia-se em outros "valores" que a sustentam. Eis alguns deles:

- a) **lucro.** Não basta produzir e consumir. É preciso ter lucro. Maior o lucro, tanto melhor! Assim, a sociedade de consumo colocou o lucro como centro de sua atividade, e não o

serviço a humanidade. A busca do lucro sem medidas, leva ao egoísmo, abafa os sentimentos humanos, elimina a bondade da ação e não deixa espaço para a generosidade e espírito de serviço. Tudo fica sujeito a interesses: só se produz tendo em vista o lucro. Não se produz o que é mais necessário, mas o que dá mais lucro.

- b) **A concorrência.** À primeira vista, a concorrência se apresenta como um meio necessário para o bom funcionamento da sociedade: incentiva a melhoria dos produtos, evita os abusos e a exploração de uns sobre os outros, os mercados se obrigam mutuamente a vender coisas melhores por menores preços. Mas, nisto que se apresenta como bom ao consumidor, esconde-se o grande perigo: é a guerra da concorrência, na qual o peixe grande come o pequeno, as grandes firmas sufocam e eliminam as pequenas firmas. A guerra da concorrência se torna a luta pela sobrevivência, a luta de uns contra os outros. O outro se torna um concorrente e não um irmão.
- c) **Esbanjamento.** A sociedade de consumo é a sociedade do esbanjamento, do "use e jogue fora". Tudo é feito para durar pouco e ser substituído por um novo. Assim, se usa e abusa dos recursos da natureza, como se não tivessem fim. Vemos nos arredores da cidade montanhas de lixo, tantas coisas jogadas fora e que poderiam ser reaproveitadas. Trata-se de esbanjamentos, sem distinguir o necessário do supérfluo. Ao usar e abusar dos bens da natureza, não se pensa que irão fazer falta a gerações futuras. Pior ainda: ao lado dos esbanjamentos fabulosos e inúteis, há gente vivendo na pobreza, passando fome e morrendo de fome !

3. Concentração dos bens. Vivemos em uma sociedade em que os bens se acumulam nas mãos do capital e não do trabalho. Assim, os que têm enriquecem cada vez mais, e os que trabalham, empobrecem cada vez mais. A riqueza se acumula nas mãos de cada vez menos, e a pobreza nas mãos de cada vez mais. Os ricos se tornam cada vez mais ricos, e os pobres cada vez mais pobres. (CNBB, Igreja: comunhão e missão, Doc. 40, n. 136). Junto à pobreza, encontram-se os problemas de saúde, higiene, habitação e condições de trabalho. Esta situação, diz o Documento de Puebla, é causada por "situações e estruturas injustas". (Puebla nn. 16 e 1155; João Paulo II, Sollicitudo rei socialis, nn 13 a 19).

Existem mecanismos econômicos, financeiros e sociais que geram a riqueza de uns e a pobreza de outros. Esta situação aumenta sempre mais. Portanto, há algo de errado. É preciso concertar o quanto

antes para que a humanidade não se condene ao suicídio ! (João Paulo II, Sollicitudo rei socialis, n. 16, 3º; n. 14; Puebla, nn. 30 e 1264).

4. Violência. Vivemos num mundo violento e gerador de sempre novas formas de violência. Pois a violência gera violência, o ódio gera ódio. Usa-se a violência, e não o diálogo, como método para resolver problemas. Podemos dividir a violência em três níveis: nível social, grupal e individual.

- a) **Violência em nível social.** Este nível de violência deriva da própria estrutura da sociedade. A estrutura social, política e econômica é injusta e, por isso, é geradora de violência (Puebla, n. 509).
- b) **Violência em nível grupal.** É a violência que acontece entre grupos humanos: Racismo entre brancos e negros, negando o direito de trabalho e a possibilidade de viver por causa da cor da pele; bandos de delinquentes, que roubam, assaltam e matam; e mais: terroristas e seqüestradores, etc.
- c) **Violência em nível individual.** É a violência física contra as pessoas e a propriedade, crimes sexuais como estupro, maus tratos a mulheres e crianças, etc. Diz o Papa Paulo VI: "A violência não é nem cristã e nem evangélica" (Evangelii nuntiande, n. 37).

Diante de toda essa violência, somos convidados a restabelecer a justiça e a renunciar ao emprego da violência. Exige-se, para isso, educar para a justiça e para a paz. (Medellin, n. 14).

Começemos esse trabalho educativo em casa e em cada um de nós, através de uma vida de amor, de caridade, que nos leve a amar e respeitar o próximo, promovendo a justiça e a paz e evitando todo tipo de injustiça e violência.

PARA REFLETIR:

- 1) Quais são os "valores" que sustentam a sociedade de consumo?
- 2) Por que existe a riqueza e o esbanjamento de uns e a pobreza de outros?
- 3) Existe violência em nossa região? Que tipo de violência existe?
- 4) Como poderemos melhorar esta situação?

2. O HOMEM É UM SER SOCIAL

Para certas pessoas, o assunto política não desperta interesse e mesmo não gostam de falar disso. Constata-se também que falta uma melhor compreensão de política e de uma maior atuação na política, por parte de todos. Ao sabermos disso, não há como negar, e devemos reconhecer isso, a participação na política é da mais alta importância para definir os rumos da sociedade.

Ao afirmar que o homem é um ser social, queremos dizer que é próprio do ser humano viver em sociedade ou viver com os outros. Viver em sociedade constitui uma característica fundamental da pessoa humana.

Desde os tempos mais antigos, os homens se reúnem em grupos para caçar e descobrir um modo de sobreviver. Além de sobreviver, a pessoa precisa desenvolver-se como gente. Em companhia de outras pessoas, o homem desenvolve o sentimento de amizade, o amor, a simpatia, a estima, a colaboração, etc. Em companhia de gente, a pessoa se torna gente. Diz o Concílio Vaticano II: O homem é, com efeito, por sua natureza íntima, um ser social. Sem relações com os outros, não pode nem viver nem desenvolver suas qualidades. (GS 12/238).

1) *Organização da sociedade*

Com estas palavras do Concílio, percebemos que o homem só poderá realizar-se vivendo em comunhão, em sociedade com outros homens. A partir da necessidade que o homem tem de viver com os outros, surgem : a família, o grupo e a sociedade organizada.

- a) **Família.** A família é o primeiro, o mais importante e fundamental grupo social a que pertencemos. Nela nascemos e nela aprendemos a viver em sociedade. A família é o grupo social formado pela mãe, o pai e os filhos.
- b) **Grupos.** A necessidade de viver com os outros, leva-nos a conhecer outras pessoas: parentes, padrinhos, amigos, os amigos, dos pais, os vizinhos... É o grupo formado por pessoas com relação de parentesco, de vizinhança e de amizade. Passamos, a seguir, a participar de grupos um pouco maiores: o time de futebol, a escola, a capela, a paróquia... Estes são: o grupo recreativo, o grupo escolar, o grupo religioso...
- c) **Sociedade organizada.** Ainda devido à necessidade de viver com outros, e para que todos os grupos pudessem viver em paz, na justiça e na ordem, as pessoas criaram uma

"sociedade organizada" : o bairro, o Município, o Estado, a Nação...

Esta comunidade maior ou essa "sociedade organizada" é a "sociedade política": tem por fim garantir a paz, a justiça, a ordem, o progresso... A sociedade política se incumbem do bem-comum, necessário a todas as pessoas e grupos. O centro da sociedade política é o Estado (a Nação).

2) O Estado

O Estado é formado por todos aqueles que possuem poder e autoridade na sociedade política e pelas organizações e serviços em favor do bem-comum.

- a) **Direitos e deveres do Estado.** O dever fundamental do Estado consiste em promover e assegurar o bem-comum a todos os cidadãos; promover e assegurar todas aquelas condições concretas, materiais e espirituais, de que todos os seres humanos necessitam, para realizar-se como pessoa humana. Por isso, é dever do Estado: garantir os direitos a educação, moradia, trabalho, justo salário, saúde, higiene, justiça e lazer, etc. Como membros do Estado, temos também deveres: pagar os impostos, votar, respeitar a todos e cobrar das autoridades do Estado os seus deveres, etc.
- b) **Direitos e deveres do povo.** Todas as pessoas tem direitos e deveres. Todos nós temos o dever de trabalhar, de socorrer o próximo, de defender o fraco e injustiçado. Todos nós temos o direito de ganhar o suficiente sem precisar fazer horas extras, de reclamar das más condições de trabalho, de exigir melhores transportes. Temos o dever de participar na política e de reconhecer os que foram legitimamente eleitos... Estado, por sua vez, não podem criar deveres que ferem os direitos do povo, como seja: proibir sindicatos de lutar em favor do trabalhador; cobrar impostos acima das possibilidades do povo; impedir aos cidadãos de escolherem seus legítimos representantes.

3) O bem-comum

- a) **que é o bem-comum.** O bem-comum é o bem do povo. bem-comum são todas aquelas condições concretas, materiais e espirituais, necessárias para que as pessoas que formam a sociedade possam viver de acordo com a dignidade humana. O bem-comum é o conjunto de tudo que

a pessoa precisa para viver como gente. Por exemplo: ter casa decente, boa alimentação, roupa escola trabalho com justo salário, condução tempo livre para descanso, assistência médica e dentária, etc. Chama-se bem-comum, porque a distribuição desses bens deve ser justa para todos. Não se pode deixar ninguém de fora. Todos devem ter as mesmas oportunidades de melhorar as condições de vida.

- b) **Responsáveis pelo bem-comum.** São responsáveis pelo bem comum: cada um de nós e todas as organizações: a família, a escola, o centro comunitário, o sindicato o partido político, o governo, o Estado... O papel do Governo é animar a todas as pessoas, organizações e instituições a participarem nas decisões que favorecem o bem-comum, o bem de todos. O Governo não pode favorecer certos grupos ou instituições só porque são do seu partido.
- c) **Excluídos do bem-comum.** Os marginalizados. Não há bem-comum onde existe gente marginalizada, colocada à margem da sociedade, como se não tivessem direito a vida. Ser marginalizado: é receber salário injusto; é não poder frequentar a escola; é morar em barracos; é passar fome; é não ter um pedaço de terra para morar e plantar; é não participar das decisões da sociedade. Ser marginalizado é, principalmente, não querer se libertar dessas condições ou situações.

As causas da marginalização são muitas. Quando as grandes decisões são tomadas para beneficiar os grupos dominantes, sem levar em conta os interesses do povo, está se criando uma situação de marginalização do povo.

São responsáveis para corrigir os males da marginalização, em vista do bem-comum: Todos nós, as organizações, as instituições, o Governo, etc. Todos nós devemos colaborar na construção de uma sociedade justa, que leve em consideração o bem de todos.

PARA REFLETIR:

- 1) O que se entende por "sociedade política" ? Qual a sua finalidade?
- 2) Você sabia que o direito da pessoa são anteriores ao direito do Estado? Que conseqüências podemos tirar disso? (Pense e fale !).
- 3) O que é mais importante na sua comunidade o bem-comum ou o bem particular?

3. O HOMEM É UM SER POLÍTICO

Quando se afirma que "o homem é um ser político", é a mesma coisa que afirmar que "o homem é um ser social", que vive em sociedade junto com outros.

Com bastante freqüência ouve-se dizer: "Eu não gosto de política". Mas, política não é questão de gosto. Talvez falte entender melhor o que é política. Política quer dizer: a nossa vida dentro da sociedade organizada, onde há quem manda e quem obedece, onde as leis podem e devem ser mais humanas.

O exercício da política, portanto, é uma questão de vida ou de morte para o nosso Município, nosso Estado e nosso País. Por isso, queiramos ou não o homem é um ser político!

1) O que é política:

A política constitui a busca dos meios para conseguir o bem-comum. na política, a decisão em torno das medidas a serem adotadas e sobre o que deve ser feito não é individual, mas é uma decisão social. Ora, a sociedade é composta de muitas pessoas. Portanto, todos devem querer fundamentalmente o bem-comum, assim como cada pessoa deve querer sua realização pessoal.

Quem faz política.

Dois significados de política.

O Documento de Puebla apresenta dois significados ou dois conceitos de política :

- a) **Política é a busca do bem-comum.** Neste primeiro conceito, por política se entende o "bem-comum". Neste sentido, atuar na política significa definir *o que interessa a todos* e definir *os meios corretos* que levam a atingir este objetivo.

De acordo com este conceito, "todos os cidadãos atuam ou deveriam atuar na política", pois todos devem interessar-se pelo bem-comum. Neste sentido, a política interessa também à Igreja. Por isso, a Igreja se esforça em lutar pela busca do bem-comum, pela prática da justiça, pelo respeito aos direitos fundamentais da pessoa humana. Este serviço que a igreja presta à sociedade, para que haja mais justiça, constitui parte de sua missão, pois ela não pode ser indiferente à justiça ou injustiça de uma causa; não podemos silenciar diante de situações de exploração do povo. (Puebla, nn. 521-522; CNBB, Igreja: comunhão e missão (1988), Doc. 40, n. 209).

b) **Política de partido.** Este segundo conceito de política se refere ao "partido político", ou seja, àqueles que se inscrevem num partido e concorrem em campanhas para serem eleitos e exercerem o poder. A filiação num partido e a atuação político-partidária é campo próprio dos leigos e dos que se engajam em Partidos Políticos.

Neste segundo conceito, política tem um sentido bem determinado: tem por objetivo a atividade que se destina ao exercício do poder, sua conquista ou conservação. Por isso, compete à condição de leigos constituir e organizar partidos políticos para alcançar seus legítimos fins. (Puebla, nn. 523-524; CNBB, Igreja: comunhão e missão (1988), Doc. 40, nn. 210-211).

A Igreja, neste segundo conceito de política, não tem um papel a desempenhar, na política partidária. A missão da Igreja não é meter-se na política partidária, nem mudar o regime político de um país, nem formar um partido ou dirigir as eleições. A Igreja não tem ambições nem pretensões político-partidárias. Também não tem nenhuma intenção de aproveitar-se da força de sua palavra para promoção política de seus líderes e nem para a defesa de interesses ou privilégios. A Igreja não é intérprete de aspirações partidárias nem mediadora de partidos político. Isto não quer dizer que a Igreja não tenha nada a ver com política! (CNBB, Reflexão cristã sobre a conjuntura política (1981), Doc. 22, nn. 213-227).

Pertence à missão da Igreja: anunciar o bem e denunciar o mal, mesmo na política; formar a consciência de seus fiéis para que possa tornar a sociedade em que vivem mais justa segundo o Evangelho.

2) Partidos políticos:

Os partidos políticos têm como fim buscar o bem-comum. Na busca dos meios para conseguir o bem-comum, nem todos têm os mesmos pontos de vista. O mesmo acontece quanto à maneira de governar o país. A existência de vários partidos representa as opiniões dos eleitores e facilita o debate em torno dos problemas nacionais. São os partidos que escolhem os candidatos e os eleitores podem votar nos candidatos e nos partidos que quiserem.

Etapas do processo eleitoral

Existem várias etapas no processo eleitoral:

a. **Inscrição no partido.** Em cada município existem as sedes dos Diretórios dos partidos, nos quais todo cidadão eleitor pode se inscrever ou filiar.

- b. **Convenção partidária.** É a reunião do partido, momento importante para a política, pois é na convenção que são escolhidos os nomes dos candidatos.
- c. **Indicação dos candidatos.** Os partidos, através de seus delegados, indicam os candidatos aos cargos públicos. Na indicação dos candidatos, muitas vezes se fazem manobras a serviço de interesses particulares.
- d. **Campanha eleitoral.** É o tempo destinado à propaganda, para que o povo conheça os candidatos, seus planos de governo, seus projetos de trabalho em favor do bem-comum.
- e. **Eleição e posse.** É o momento mais sério e responsável do processo político. Ao votar, a gente transfere ou delega para os candidatos o poder para decidir em favor do bem-comum. A posse dos cargos deveria ser um ato consciente do compromisso com esse bem-comum.

A igreja espera que, como leigos, os Franciscanos Seculares atuem na sociedade e na política, afim de renovar esta sociedade e imbuí-la de espírito cristão.

Por isso, as Fraternidades promovam e prestigiem as votações políticas, permitindo que os irmãos gozem da liberdade de pertencer a qualquer partido político; que se respeite os preceitos cristãos. Os que militam na política, embora em partidos diversos, encontrem na Fraternidade, ambiente para se respeitarem como irmãos e, juntos, se empenhem para o bem-comum.

3) Participação na política:

- a. **Importância da participação.** Como membros de uma comunidade ou de um grupo que se reúne, sabemos por experiência que quando todos participam e colaboram, as coisas andam e tudo vai bem.

Um projeto é mais facilmente aceito por todos, quando todos (ou a maioria ou muitos) têm a oportunidade de dar a sua opinião. Todos se sentem responsáveis pelo que foi debatido e aprovado. O projeto debatido por todos é melhor assumido. Portanto, uma das formas de participar é a discussão leal e aberta dos grandes problemas locais e nacionais, dentro de um clima democrático.

A participação na sociedade e, por isso, na política, constitui um dos elementos essenciais do bem-comum. A participação política é uma das formas mais nobres do compromisso a serviço dos outros e do bem-comum.

São muitas as formas de participação hoje, como leigos, na vida política do nosso país. Uma dessas formas, é "educar-nos para a política", entendida no bom sentido da palavra.

b) **Educação política.** Um povo educado politicamente é um povo que participa ativa e conscientemente na política. A participação depende da educação do povo.

A nossa educação é muito individualista, interesseira e competitiva. Também a política é vista muitas vezes como competição, como triunfo e poder. Tudo fica preso no "eu", no "meu" : o "meu partido", o "meu negócio", o "meu problema"... Falta a dimensão do "nós", tão própria da vida cristã: o eu e o outro, a caridade fraterna, a doação, o serviço. . .

Por outro lado, a falta de educação política reduz o cidadão a simples espectador. deixa-se que a classe política faça e desfaça como lhe agrada e segundo seus próprios interesses, e não segundo os interesses do povo. (CNNBB, Exigências cristãs de uma ordem política. (1977), Doc. 10, nn. 25-32).

Educar-nos para a política

Quatro coisas são necessárias para "educar-nos para a política" :

- a. Conhecer a realidade política do país e seus problemas.
- b. Estudar as exigências cristãs de uma ordem política.
- c. Confrontar aquela realidade com o Evangelho, para ver o que de cristão ou anticristão se encontra na realidade que está aí, nas soluções que são dadas.
- d. Lutar para tornar mais humana e mais cristã a nossa sociedade.

Esse é o ideal. Mas se nem todos têm condições para discutir os grandes problemas nacionais, no entanto, todos podem participar de modo indireto: usando conscientemente o direito ao voto! Assim, essa discussão se fará através de nossos representantes na Câmara de Vereadores, na Assembléia Legislativa, na Câmara Federal e no Senado.

Participação pelo voto

Durante a campanha política ouve-se com freqüência a afirmação: "Vou votar em branco". Esta afirmação pode significar: o desgosto pela situação política e protesto contra ela; pode significar a decepção a respeito do seu candidato votado... Mas, além disso, votar em branco quer dizer que nos falta educação política, nos falta consciência política. Por isso, não queremos participar na promoção do bem-comum.

a) Votar é delegar o poder

O artigo 1º da Constituição Brasileira afirma: "Todo o poder emana do povo e em seu nome é exercido". Esta afirmação quer dizer que o poder exercido pelo Governo, e a autoridade que ele tem, vem de nós, de mim e de você; quer dizer que, ao votar num candidato, estamos delegando o poder que reside em cada um de nós.

Ao afirmar que é exercido em nome do povo, está dizendo que tudo o que se decide na vida do país, tudo o que é votado e decretado pelos vereadores, deputados e senadores, é votado e decretado em nome do povo.

Portanto, os assuntos votados e decretados devem corresponder às necessidades e aspirações do povo, de todos aqueles que delegaram o seu poder; tudo o que for decidido deve favorecer a todos, a maioria, e não apenas a algumas pessoas. Se isto não acontece, a culpa é nossa, é do povo, dos que votam, por falta de interesse ou por falta de educação política.

Daí a necessidade de votar livre e conscientemente: escolher os candidatos que pensam como nós, que têm as nossas idéias, as nossas aspirações, as nossas opiniões e princípios morais.

Quando o voto não é livre e consciente, ou quando vendemos o voto a troco de favores, o voto não serve para o bem-comum. Não se pode vender ou trocar o voto por favores! Também não se pode votar em branco, porque precisamos ser representados, de fato, e assim participar da vida nacional.

b) Como votar

Votar é dar a outro o direito de governar. Por isso, é importante pensar bastante antes de votar num candidato. O candidato, no qual vamos votar, deve estar preocupado pelo bem de todos. Não podemos votar em candidato que se preocupa com seus próprios interesses, nem que se preocupa em arrumar empregos para seus parentes, compadres e amigos.

Três perigos levam a não votar bem:

1º) **O medo.** Medo de perder o emprego se não votar no patrão, que é candidato ou chefe político. Medo de ser perseguido... Não precisa ter medo, pois o voto é secreto e a lei protege você. Diz o artigo 234 da lei eleitoral: "Ninguém poderá impedir ou embaraçar o exercício do sufrágio".

2º) **O interesse pessoal.** Você gostaria de votar naquele candidato, mas um outro candidato lhe prometeu um emprego. Você acha que aquele candidato no qual gostaria de votar é melhor do que aquele que lhe prometeu o emprego. Aqui está a tentação de votar

naquele que lhe fez promessa, mesmo não sendo o melhor candidato. Reaja! Não caia na tentação! Não venda e nem troque o seu voto! Voto é para o bem de todos.

3º) A amizade. Pode acontecer que você recebeu o apelo do candidato, uma visita ou uma carta dizendo: "conto com o amigo". Neste caso, se o candidato, seu amigo, tiver qualidades, já demonstrou ser um bom político e você sabe que ele vai trabalhar mesmo, então, ótimo, pode votar nele. Do contrário, vale o que se diz de negócios: "Amigo, política á parte!"

c) Em quem votar

Para votar num candidato, é preciso ver se ele tem qualidades para ser um bom político. Vejamos algumas qualidades que deve apresentar o candidato a um cargo político.

Qualidades do candidato:

1ª) Ter uma certa cultura. Não precisa ser doutor. Pessoas que estudaram pouco deram ótimos políticos e até se formaram depois de eleitos. Para tudo se exige um certo preparo e concurso. O político não pode ser uma exceção.

2ª) Ter senso prático. Alguém que sabe onde pisar, que conhece os problemas atuais e é capaz de enxergar de longe possíveis soluções.

3ª) Ser um servidor da comunidade. Ser político é colocar-se a serviço dos outros e procurar o bem de todos. Quem nunca se interessou pelos outros, nunca colaborou nas iniciativas e nas promoções da comunidade, em vista de uma causa comum, não vai mudar pelo fato de ser candidato. Aquele político, já eleito, que não se preocupa mais com os problemas da base eleitoral e faz visitas só em tempo de eleição, mostrou que não serve para ser reeleito.

4ª) Ser honesto no trabalho. Quem é honesto nas coisas pequenas, será também nas grandes. Quem faz trapaças, continuará fazendo e não vai mudar pelo fato de ser eleito.

5ª) Ser preocupado pelo bem-comum. Deve saber que o bem-comum é mais importante que o bem particular. Deve saber que está na política não para ter poder, mas para colocar o poder a serviço do bem-comum. Não pode esquecer que recebeu um mandato do povo. E colocar-se do lado dos mais fracos e menos protegidos. Fazer isso com dedicação, amor mesmo, sem explorar ninguém.

6ª) **Saber sentir e interpretar os "sinais dos tempos", isto é:** aquilo que os acontecimentos revelam. Saber perceber aqueles fatos e atitudes que revelam justas reivindicações e justas aspirações do povo. Percebendo isto, procure a causa e a solução. Por exemplo: diante da violência, procurar descobrir o porquê existe violência e encontrar uma solução... Em resumo, que seja aberto para uma nova ordem social, mais humana e mais cristã.

7ª) **Ser sensível aos problemas prioritários.** São muitos os problemas que o político encontra em sua vida pública: uns são mais importantes, outros menos importantes. O autêntico político é aquele que vai ao fundo do problema e não fica em questões superficiais. Ai estão muitos problemas clamando por solução. Os problemas sociais são mais prioritários que os problemas físicos. Vamos dar alguns exemplos: os problemas do pequeno proprietário rural, problema das terras, a reforma agrária, a luta pelos sem-terra, as favelas; a saúde, a higiene, o ensino, etc.

O autêntico político aborda esses problemas sociais graves e urgentes, ao invés de prometer a construção de uma "ponte"! Além disso, o candidato deve ser claro a respeito de suas idéias sobre assuntos tão importantes como divórcio, aborto, eutanásia, pena de morte, etc. A gente não pode dar o direito de decidir, de governar a quem vai decidir e governar contra os nossos princípios, as nossas crenças e convicções.

PARA REFLETIR:

- 1) O que se entende por política?
- 2) A Igreja pode envolver-se em política? Explique!
- 3) Como podemos influir na vida ou no andamento da comunidade?
- 4) O que é necessário para que haja uma educação política?
- 5) Está certo ou errado vender o voto ou trocá-lo por favores? Por quê?
- 6) Qual o valor do seu voto?
- 7) Para votar num candidato, e votar bem, o que devemos ter presente em relação à sua pessoa?

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

ALMANAQUE ABRIL 98. São Paulo: Abril. 1998.

MÜLLER, N. Frei. *Areópagos da Modernidade*, in *Cadernos Franciscanos n° 12 O Franciscano e a Terra*. Petrópolis: Vozes/FFB. 1998, p. 101-106.

GUIMARÃES, R. M. Pe.; GÖRGEN, S. Frei. *Ensino Social da Igreja Desafios às Comunidades*. Petrópolis: Vozes. 1992.

PRIMIERY, S. Frei. *OFS Formar para a nova sociedade*. Garibaldi: São Miguel. 1992. p. 63; 95-104.

APÊNDICE

ESTATUTO DA ASSISTÊNCIA FRATERNA À JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL (JUFRA)

CAPÍTULO I: Dos Princípios Gerais

Art. 1º - A Ordem Franciscana Secular (OFS) tem estreita comunhão com a Juventude Franciscana do Brasil (JUFRA) porque ambas são chamadas ao seguimento de Jesus Cristo, à maneira de São Francisco de Assis.

Entre nós, seculares, existe de fato e deve desenvolver-se sempre mais a reciprocidade vital exigida para pertencer à mesma família, ainda que com características e metodologias próprias (cf. CCGG 96,2).

Art. 2º - A estreita comunhão entre a OFS e a JUFRA compromete os membros da OFS a assistirem os jufristas na vivência do carisma franciscano no mundo (cf. CCGG 97,3).

Art. 3º - A OFS procurará os meios mais oportunos para promover a vitalidade e a difusão da JUFRA; estará junto dos jovens para os encorajar e procurar os meios que os possam ajudar a progredir em seu caminho de desenvolvimento humano e espiritual (cf. CCGG 97,1).

Art. 4º - A JUVENTUDE FRANCISCANA se articula em Fraternidades de vários níveis. Sendo eles: Local, Regional e Nacional. A Assistência Fraterna deverá adaptar-se à organização própria da JUFRA.

CAPÍTULO II: Dos Objetivos

Art. 5º - A Assistência Fraterna tem por objetivos:

- I. Testemunhar a Espiritualidade Franciscana e o amor fraterno para com a JUFRA e a perfeita comunhão entre os FRANCISCANOS;
- II. Acompanhar o jufrista no seu processo de formação;
- III. Incentivar o jufrista para uma vida cristã alimentada através do serviço pastoral e sacramental.

Art. 6º - A Assistência Fraterna será exercida, segundo o presente Estatuto, por todas as Fraternidades da OFS do Brasil, mediante a presença de um(a) irmão(ã) secular na Fraternidade de JUFRA, em cada um de seus níveis.

Art. 7º - Constitui a Assistência Fraterna uma valiosa ajuda à JUFRA, porém não substitui a Assistência Espiritual e Pastoral, exercida pela

Ordem I e TOR, e não diminui as responsabilidades do Secretariado Fraterno da JUFRA e suas Funções.

CAPÍTULO III : Do Assistente Fraterno e sua Função

Art. 8º - O Assistente Fraterno da OFS juntamente com o Assistente Espiritual tem a responsabilidade de garantir a JUFRA:

- I. A fidelidade ao carisma franciscano;
- II. A comunhão com a OFS e com a Igreja;
- III. A união com toda a família Franciscana.

Art. 9º - O Assistente Fraterno deve ser um Franciscano Secular, professo, ativo em sua Fraternidade, para ser o elo entre a OFS e JUFRA (cf. CCGG 97,3).

Art. 10º - O Assistente Fraterno é nomeado por escrito pela Fraternidade da OFS, nos diversos níveis, em comum acordo com a JUFRA.

1º - O Secretariado Fraterno da JUFRA, nos diversos níveis, deve solicitar, por escrito, a Assistência Fraterna.

2º - O Secretariado Fraterno da JUFRA, em qualquer nível, apresentará ao respectivo Conselho da OFS de seu nível 04 (quatro) nomes de sua preferência, cabendo a esse órgão a escolha de um dos quatro para exercer o serviço e, na impossibilidade dos apresentados, indicar outro franciscano secular para a função.

3º - Os Assistentes Fraternos nomeados para a função deverão receber dos Conselhos da OFS formação adequada para seu serviço.

Art. 11 - É vedada a Assistência Fraterna a mais de 02 (duas) Fraternidades locais da JUFRA, exercida pelo mesmo franciscano secular. Havendo necessidade, o Conselho da OFS e Secretariado Fraterno da JUFRA devem avaliar, em conjunto, a situação.

Art. 12 - No serviço de Assistência Fraterna, o franciscano secular:

- I. deve colaborar no preparo e formação específica de futuros Assistentes Fraternos;
- II. deve participar e cooperar nos encontros oficiais e na elaboração e execução do programa de formação;
- III. deve ser membro ativo do Conselho da OFS e do Secretariado Fraterno da JUFRA nos respectivos níveis;
- IV. deve respeitar as funções e responsabilidades dos membros da JUFRA;

- V. deve realizar visitas fraternas à JUFRA;
- VI. só terá direito a voto nos Congressos e Encontros da JUFRA, quando este for do mesmo nível de sua Assistência ou imediatamente superior.

Art. 13 - O Cargo de Assistente Fraterno é temporário. A nomeação é por tempo limitado, não podendo ser superior a 02 (dois) mandatos do Secretariado Fraterno da JUFRA.

SEÇÃO I : Do Assistente Fraterno Nacional

Art. 14 - O Assistente Fraterno Nacional é o vínculo de ligação entre o Conselho Nacional da OFS e o Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA.

Art. 15 - É membro ativo do Conselho Nacional da OFS e do Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA.

Art. 16 - Compete ao Assistente Fraterno Nacional:

- I. Colaborar com o Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA na apostolicidade e na preparação do programa de formação do jufrista;
- II. Acompanhar o Secretariado Fraterno Nacional da JUFRA nas visitas fraternas aos Secretariados Regionais da JUFRA e estar presente também nos Congressos Nacionais e Regionais;
- III. Promover e incentivar o programa da formação para Assistentes Fraternos Regionais;
- IV. Promover e incentivar o interesse dos jufristas pelos planos e ações apostólicas da Igreja e da OFS.

Art. 17 - Se o número de Assistentes Fraternos for superior a 01 (um), formar-se-á uma Conferência, na qual um deles desempenhará a função de Coordenador, segundo o Regimento Interno próprio.

SEÇÃO II : Do Assistente Fraterno Regional

Art. 18 - O Assistente Fraterno Regional é o vínculo de comunhão entre o Conselho Regional da OFS e o Secretariado Fraterno Regional da JUFRA.

Art. 19 - É membro ativo do Conselho Regional da OFS e do Secretariado Fraterno Regional da JUFRA.

Art. 20 - Compete ao Assistente Fraterno Regional:

- I. Colaborar com o Secretariado Fraterno Regional da JUFRA na preparação e execução do programa da formação do Jufrista;

- II. Coordenar, a nível Regional, o serviço de Assistência Fraterna, promovendo o interesse dos franciscanos seculares pela JUFRA;
- III. Fazer visitas fraternas, junto com o Secretariado Fraterno Regional, aos Distritos e fraternidades locais, estando presente também nos Congressos Nacionais, Regionais e Distritais da JUFRA;
- IV. Participar na preparação e execução dos encontros oficiais das Fraternidades locais da JUFRA;
- V. Promover e incentivar o programa da formação de Assistentes Fraternos locais e a comunhão entre eles;
- VI. Promover e incentivar o interesse do Jufrista pelos planos e ações comunitárias.

SEÇÃO III : Do Assistente Fraterno Local

Art. 21 - O Assistente Fraterno local é o vínculo de comunhão entre a Fraternidade local da OFS e a JUFRA.

Art. 22 - O Assistente Fraterno local está vitalmente ligado com a JUFRA local, célula primeira da Fraternidade.

Art. 23 - O Assistente Fraterno local é membro ativo do Conselho local da OFS e do Secretariado Fraterno local da JUFRA.

Art. 24 - O Assistente Fraterno local é co-responsável pelo crescimento e manutenção do carisma franciscano entre os Jufristas, cativando-os para uma vida evangélica, a exemplo de São Francisco de Assis.

Art. 25 - Compete ao Assistente Fraterno local:

- I. Participar das reuniões do conselho local da OFS e do Secretariado Fraterno local da JUFRA e, sempre que possível, das reuniões da fraternidade local;
- II. Participar na elaboração e execução do programa de formação do Jufrista;
- III. Incentivar o Jufrista a participar das ações comunitárias e ação apostólica da Igreja e da OFS;
- IV. Manter relações fraternas e constantes com os Assistentes Fraternos Locais, Regionais e Nacionais.

CAPÍTULO IV : Da OFS e a Assistência Fraterna à JUFRA

Art. 26 - A assistência Fraterna à JUFRA é confiada a Ordem Franciscana Secular, haja vista ser a JUVENTUDE FRANCISCANA fruto de renovação do espírito franciscano secular.

Art. 27 - Relativo à OFS, o Assistente Fraterno é responsável de:

- I. Promover o interesse dos franciscanos seculares pelos Jufristas;

II. Promover a comunhão fraterna da OFS com a JUFRA.

Art. 28 - O Conselho da OFS, em seus diversos níveis, deve:

- I. Garantir a Assistência Fraterna à JUFRA;
- II. Cuidar para que os Assistentes Fraternos tenham carinho especial pelos Jufristas;
- III. Zelar para que os irmãos indicados à Assistência Fraterna sejam idôneos, tenham afinidade com os jovens e que preparem-se para dar assistência afetiva e efetiva;
- IV. Providenciar formação adequada para os Assistentes Fraternos;
- V. Assegurar que a Assistência Fraterna respeite a organização específica da JUFRA;
- VI. Por ocasião das Visitas Fraternas informar o Conselho de nível superior o serviço do Assistente Fraterno.

CAPÍTULO V : Disposições Finais

Art. 29 - O presente Estatuto disciplina, de modo unitário e concreto, o serviço da Assistência Fraterna à JUVENTUDE FRANCISCANA.

Art. 30 - Após ouvido o Secretariado Executivo Nacional da JUFRA, as normas expressas neste Estatuto, foram aprovadas pelo Conselho da Ordem Franciscana Secular do Brasil, reunido ordinariamente nos dias 15, 16, 17/11/96 em São Paulo (SP). Aprovação esta, AD EXPERIMENTUM, até o Capítulo Nacional da ORDEM FRANCISCANA SECULAR DO BRASIL, a quem compete o direito de modificá-las e de interpretá-las.

Art. 31 - As disposições em contrário ficam revogadas pelo presente Estatuto.

ROTEIRO PARA ELEIÇÃO DO SECRETARIADO FRATERO LOCAL

O Secretário Fraterno e os demais membros do Secretariado são eleitos pelos irmãos da fraternidade, no Encontro Inicial da Formação Básica, quando o prazo de seu serviço estiver expirado, ou o atual pedir demissão. A eleição é feita preferencialmente por voto secreto, exigindo-se, para tanto, em primeiro ou segundo escrutínio, que o eleito alcance pelo menos a maioria absoluta dos votos (metade mais um). Não conseguindo maioria absoluta em primeiro ou segundo escrutínio, faz-se um terceiro, em que será considerado eleito aquele que conseguir maioria relativa ou simples.

O processo de eleição acontece da seguinte forma:

- 1) O dirigente faz um pequeno comentário sobre a importância da eleição, do seu significado, de cada serviço e da responsabilidade de votar nas pessoas certas para o serviço certo.
- 2) Escolhe dois irmãos da fraternidade para escrutinadores.
- 3) Solicita que os escrutinadores contem o número de votantes. Depois de contado, pede para que ninguém se ausente da sala sem comunicar.
- 4) O dirigente pede que os irmãos indiquem alguns nomes de candidatos ao serviço de Secretário Fraterno.
- 5) Indicados os candidatos, pergunta-se aos mesmos se eles aceitam o serviço se forem eleitos. Em seguida, passa-se ao processo de votação secreta e apuração dos votos.
- 6) Anuncia-se o resultado, declarando o eleito e quantos votos.
- 7) Segue o mesmo processo (a partir do item 4) para todos os outros serviços necessários do Secretariado Fraterno Local, até o final da eleição.

RITUAL PARA CELEBRAÇÃO DO COMPROMISSO DO JUFRISTA NA MISSA

INTRODUÇÃO

1. *O Rito, que se descreve realiza-se dentro da missa, de acordo com a liturgia do dia.*
 2. *Preparem-se todas as coisas necessárias para a Celebração Eucarística e para o Rito do Compromisso do Jufrista.*
 3. *Reunido o povo e a Comunidade dos irmãos e irmãs, e tudo devidamente preparado, far-se-á entrada em solene procissão. Durante a procissão de entrada entoa-se um canto apropriado. Começa, então a Missa, como de costume.*
- P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.
- T. Amém.
- P. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.
- T. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.
4. *Depois da saudação do celebrante, um irmão da OFS, JUFRA ou o próprio Sacerdote faz uma exortação por estas palavras ou outras semelhantes:*

Reunimo-nos em Fraternidade para participar do Sacrifício Eucarístico. Nesta celebração, vão fazer o Compromisso de Jufrista a vida evangélica, na Juventude Franciscana, os irmãos e irmãs (*mencionar os nomes*): Na ação de graças a ser elevada hoje ao Pai, por Cristo, temos este novo motivo de gratidão:

O dom que Ele concede a estes jovens,
chamando-os a viver, no meio do mundo,
o espírito das bem-aventuranças,
e o dom que ele nos faz,
enriquecendo a Fraternidade com novos membros.
Chamados a seguir a Cristo, que se ofereceu ao Pai como hóstia
viva para a vida do mundo,
Somos instantaneamente convidados, e hoje de um modo especial,
A unir a nossa oferta à oblação de Cristo.

5. *A Missa segue como de costume. Porém, o Ato penitencial pode*

realizar-se com maior amplitude. Pode-se fazer utilizando alguma simbologia.

6. Canto de louvor.

7. LITURGIA DA PALAVRA

Na Liturgia da Palavra, tudo se faz como habitualmente, exceto:

- a) A primeira leitura pode ser tomada da Missa do dia.
- b) Salmo pode ser cantado ou rezado.
- c) Evangelho pode ser tomado da missa do dia ou Marcos 1, 14-20, que fala da vocação dos primeiros apóstolos.
- d) O padre faz a homilia e ao final inicia-se o Rito de Compromisso do Jufrista.

8. RITO DE COMPROMISSO DO JUFRISTA

O Ministro da OFS, ou seu representante, pede que os jovens aspirantes, um por um, se apresentem, dizendo o seu nome:

Ministro: Apresentem-se os jovens que desejam realizar o Compromisso de Jufrista.

Jufristas: Eu, N. N. ; desejo viver na JUFRA, o Evangelho de Jesus Cristo e o Ideal Franciscano de Vida.

Em seguida um dos Jufristas anuncia o compromisso assumido pela fraternidade.

Ministro: Sejam bem-vindos entre nós. Eu os confio à orientação de um Formador que coordenará seus encontros fraternos de estudo e oração.

Em seguida, o Sacerdote abençoa os Taus que serão entregues a cada Jufrista.

Pode-se saudar a cada um. Durante a saudação, pode-se cantar um canto de Fraternidade ou a Oração de São Francisco.

Segue a Missa como de costume até o final.

9. PROFISSÃO DE FÉ.

10. ORAÇÃO DOS FIÉIS.

11. LITURGIA EUCARÍSTICA

12. RITOS FINAIS.

RITUAL DO COMPROMISSO DO JUFRISTA NUMA CELEBRAÇÃO DA PALAVRA

1. Ao final do Encontro Inicial da Formação Básica da JUFRA, não havendo a possibilidade de realizar uma celebração eucarística para o compromisso do Jufrista, convém que se faça uma Celebração da Palavra. O Presidente da Celebração, se puder ser o Padre Assistente, seja, de preferência, o (a) Ministro (a) da Fraternidade de OFS ou seu representante.

Preparem-se todas as coisas necessárias para a Celebração da Palavra e para o Rito do Compromisso do Jufrista.

Reunido o povo e a Comunidade dos irmãos e irmãs, e tudo devidamente preparado, far-se-á entrada em solene procissão. Durante a procissão de entrada entoa-se um canto apropriado.

Esta celebração poderá seguir o seguinte esquema

2. O Presidente:

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

T. Amém.

P. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam conosco.

T. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3. Depois da saudação do Presidente, um irmão da OFS, JUFRA ou o próprio Presidente faz uma exortação por estas palavras ou outras semelhantes:

Reunimo-nos em Fraternidade para participar da Celebração da Palavra. Nesta celebração, vão fazer o Compromisso de Jufrista à vida evangélica, na Juventude Franciscana, os irmãos e irmãs (*mencionar os nomes*):

Nessa celebração queremos dar graças a Deus
pelo dom que Ele concede a estes jovens,
chamando-os a viver, no meio do mundo,
o espírito das bem-aventuranças,
e o dom que ele nos faz,
enriquecendo a Fraternidade com novos membros.

4. *Pode haver um Ato Penitencial realizado com maior amplitude. Pode-se fazê-lo utilizando, alguma simbologia.*
5. *Leitura dos Escritos de São Francisco (O Anônimo Perusino 6,25-27).*
6. *Salmo de Meditação (cantado ou rezado).*
7. *Canto de Aclamação ao Evangelho.*
8. *O Evangelho pode ser Marcos 1, 14-20, que fala da vocação dos primeiros apóstolos. Lucas 10, 1-9, "Ide. Eu vos envio" ou João 15, 1-8, "Meu Pai será glorificado, se derdes muito fruto".*
9. *O padre faz a homilia e na ausência dele quem preside faz uma explanação sobre a Palavra proclamada e ao final inicia-se o Rito de Compromisso do Jufrista.*

10. RITO DE COMPROMISSO DO JUFRISTA

O Ministro da OFS, ou seu representante, pede que os jovens aspirantes, um por um, se apresentem, dizendo o seu nome:

Ministro: Apresentem-se os jovens que desejam realizar o Compromisso de Jufrista.

Jufristas: Eu, N. N. ; desejo viver na JUFRA, o Evangelho de Jesus Cristo e o Ideal Franciscano de Vida.

Em seguida, um dos Jufristas anuncia o compromisso assumido pela fraternidade.

Ministro: Sejam bem-vindos entre nós. Eu os confio à orientação de um Formador que coordenará seus encontros fraternos de estudo e oração.

Em seguida, o Presidente abençoa os Taus que serão entregues a cada Jufrista.

Pode-se saudar a cada um. Durante a saudação, pode-se cantar um canto de Fraternidade ou a Oração de São Francisco.

Segue a Celebração como de costume até o final.

11. *Preces terminando com o Pai-nosso*

12. *Presidente: Rezemos, agora, a oração que o Senhor Jesus nos ensinou.*

T. Pai nosso . . .

P. Invoquenos também a proteção de Maria.

T. Ave Maria . . .

P. Glória ao Pai . . .

P. *Rito da Paz: todos se saúdam com a saudação franciscana paz e bem durante a saudação pode-se cantar a oração de São Francisco.*

13. *Oração Conclusiva:*

P. Onipotente, santíssimo, altíssimo e soberano Deus
que sois todo o bem, o sumo bem, a plenitude do bem,
que só Vós sois bom,
nós vos tributamos todo louvor,
toda a glória e toda a ação de graças,
toda exaltação e todo o bem.

T. Assim seja! Assim seja! Amém!

14. *O presidente encerra a celebração, invocando a bênção de Deus.*

P. O Senhor nos abençoe e nos guarde. Amém!
Nos mostre a sua face e tenha compaixão de nós. Amém!
Volte para nós o seu rosto e nos dê a paz. Amém!
O Senhor nos abençoe e nos conduza à vida eterna. Amém!

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!

Paz e Bem!

16. *Canto final e abraço fraterno.*

MODELO DE ATA DE FUNDAÇÃO DA FRATERNIDADE

Nas Atas todos os números são escritos por extenso.

Há somente o parágrafo inicial. Tudo o mais é escrito sem parágrafo, e mesmo o parágrafo inicial deve ser precedido de uma pequena linha. Isto deve ser feito porque em atas não pode haver espaços em branco.

Deixam-se apenas umas quatro linhas de espaço entre uma ata e outra. Em caso de erro usar a palavra *digo* e continuar.

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL – JUFRA

SECRETARIADO FRATERO NACIONAL

ATA DE FUNDAÇÃO

Nome da fraternidade: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado _____

Aos _____ dias do mês de _____ do ano de _____

no (a) _____ da cidade e paróquia de _____

_____ presidindo A

CELEBRAÇÃO o (a) _____

foi oficialmente fundada a FRATERNIDADE DE JUVENTUDE FRANCISCANA, conforme o Estatuto da JUFRA do Brasil e ainda em conformidade com o Diretório das Mútuas Relações Entre a OFS e a JUFRA do Brasil. A fraternidade de JUFRA, que está situada no âmbito da fraternidade da OFS, funcionando com autonomia de organização e métodos próprios de formação, oferece ao Jufriستا a oportunidade e as condições para que ele possa aprofundar e discernir a sua VOCAÇÃO para a vivência da Espiritualidade Franciscana Secular; para tanto o JUFRIСТА e a FRATERNIDADE DE JUFRA adotam a REGRA E VIDA DA OFS, como DOCUMENTO DE INSPIRAÇÃO para a vida Espiritual Secular.

Deus e o seráfico Pai São Francisco, pedimos nos ajudem no cumprimento da promessa feita.

_____ de _____ de _____

Assina a Equipe Regional e os demais Jufristas ora admitidos a fraternidade de JUFRA.



ServGrafica
& COPIADORA

FONE: (0**84) 221-1065 - 222-9337

FRN-00